COLECÇÃO «CRITÉRIO»

SEVERIN LAMPING, O.F.M.

Homens QUE REGRESSAM À IGREJA

CULTURA RELIGIOSA

http://www.obrascatolicas.com/

COLECÇÃO
«CRITÉRIO»

1. **A Limitação da Natalidade**
por *Dr. Guchteneere*
(2.ª edição)
248 págs. — 20$00

2. **Monte Parnaso Monte Carmelo**
por *João Mendes. S. J.*
213 págs. — 12$50

3. **S. Tomás de Aquino**
por *Chesterton*
(2.ª edição)
234 págs. — 20$00

4. **Manuel de Llanos artista e mártir**
(2.ª edição)
220 págs. — 15$00

5. **Vivei a Vida**
por *M. M. Arami*
(5.ª edição)
308 págs. — 20$00

6/7. **Inácio de Azevedo**
O Homem e o Mártir da Civilização do Brasil
por *M. G. da Costa, S. J.*
514 págs. — 30$00

8. **Tu e Ela**
por *Joaquim Azpiázu*
(2.ª edição)
180 págs. — 15$00

9/10. **Vernei e a Filosofia Portuguesa**
por *A. A. de Andrade*
Vol. duplo — 25$00

11. **Magnificat**
por *René Bazin*
327 págs. — 20$00

12. **O Governo de si mesmo**
por *Antonino Eymieu*
(2.ª edição)
357 págs. — 25$00

13. **Oréstia** por *Ésquilo*
210 pags. — 20$00

14. **Convicção Religiosa e Dignidade Humana**
por *E. Guerrero, S. J.*
282 págs. — 20$00

Rui Pinto da
Silva
Lieczkowski

http://www.obrascatolicas.com/

Homens que regressam à igreja

http://www.obrascatolicas.com/

COLECÇÃO "CRITÉRIO"

Volume 15

SÉRIE DE CULTURA RELIGIOSA

http://www.obrascatolicas.com/

SEVERIN LAMPING, O. F. M.

Homens que regressam à igreja

TESTEMUNHOS DE HOMENS
DE VINTE E DUAS NAÇÕES,
QUE NOS NOSSOS DIAS
BUSCARAM A DEUS.

Tradução de A. MORAIS

2.ª EDIÇÃO

http://www.obrascatolicas.com/

O ORIGINAL QUE SERVIU PARA ESTA TRADUÇÃO É DO 6.º MILHAR ALEMÃO, E TEM POR TÍTULO: **MENSCHEN DIE ZUR KIRCHE KAMEN**

NIHIL OBSTAT.
A. Soares Pinheiro, S. J.

IMPRIMATUR.
Bracarae, 19 Martii 1952
† *Antonius, Archiepiscopus Bracarensis.*

Todos os direitos reservados em língua portuguesa

http://www.obrascatolicas.com/

INTRODUÇÃO

Verdades — não se fabricam artificialmente. Muito pelo contrário, surgem-nos pela frente como dados irrefragáveis. Podemos desconhecê-las por ignorância ou maldade, mas não as podemos recusar nem alterar na sua existência e maneira de ser. A verdade há-de sempre manter-se vitoriosa em face de todas as tentativas de desfiguração e obscurecimento, mesmo que sobre ela passem os séculos.

A grande fatalidade da humanidade moderna consistiu e consiste no facto de ela acreditar, ou pelo menos orientar a vida como se a verdade dependesse do homem, e não o homem da verdade. Deparam-se-nos em muitas Universidades professores, que nas suas prelecções reivindicam para si o direito de anunciarem uma nova mundividência, e a cada passo encontramos um pregador de nova seita, que se crê chamado a estabelecer fundamentos de uma nova religião. Quantas vezes, no passado e no presente, não têm absurdas teorias sido proclamadas como princípios vitais!

A vida tornou-se tão precária como o pensamento. Não se reconhecem verdades eternas. Esta auto-glorificação da humanidade originou crises espirituais como jamais o mundo conhecera. Despertou uma luta espiritual, uma busca e tenteio de valores e padrões eternos, num mundo agitado e convulsionado pelas mais opostas e fre-

http://www.obrascatolicas.com/

quentemente mais disparatadas opiniões humanas. Nunca os homens se sentiram mais desnorteados do que hoje em face dos problemas da vida, mas também nunca a humanidade exigiu mais imperiosamente que se mudasse de rumo, do que no terrível caos mental da época presente.

Através da confusa visão do mundo dos tempos modernos, voltam já a surgir, felizmente, os vincados contornos das verdades eternas, daquelas verdades que são os pilares do grande edifício da Igreja Católica. A Igreja Católica é a única potência objectiva que se eleva neste mundo. É o fenómeno histórico mais vasto e universal. A sua mundividência estriba-se em bases eternas. Por isso, não é de surpreender que modernamente, e ainda nos tempos mais recentes, se estabelecesse em todos os países civilizados, sobretudo entre as pessoas cultas, um movimento de regresso à Igreja Católica. Todos aqueles que no meio do caos actual conseguiram manter um juízo objectivo, reconhecem cada vez mais que não é possível edificar duradoiramente uma vida sobre opiniões, mas sobre dogmas, principalmente se a existência deve ter algum sentido.

Por isso, muitos volvem hoje da descrença, da heterodoxia e da dúvida ao seio da Santa Madre Igreja, «coluna e fundamento da verdade», (Tim. 3, 15). *Não há religião que possa exibir tantos e tão notáveis convertidos como a católica, e seriam necessárias longas listas para reunir apenas os nomes de conhecidas personalidades que nos últimos decénios se fizeram católicas! Por certo, demonstrações numéricas são susceptíveis de apreciação vária, mas quando adeptos de outras religiões se tornam*

http://www.obrascatolicas.com/

católicos após longos estudos e debaixo dos maiores sacrifícios pessoais, isso constitui indubitàvelmente uma poderosa apologia da verdade católica.

Na Inglaterra contam-se anualmente cerca de 11.000 a 12.000 conversões à Igreja Católica, e nos últimos anos excedeu mesmo o número dos 12.000. Desde a morte do célebre convertido anglicano, mais tarde cardeal, John Henry (1890), voltaram à Igreja, só na Inglaterra, cerca de 900 pastores protestantes. Destes, organizou o convertido inglês Burges-Bayly uma lista que será em breve publicada sob a forma de livro. Entre os escritores ingleses tornou-se quase moda a «catolização», se é lícito o emprego do vocábulo. O talentoso e conhecido escritor inglês Gilbert Keith Chesterton, igualmente convertido, chega mesmo a afirmar que aceitar o Catolicismo é uma questão de solidez de pensamento.

Na Alemanha o número de indivíduos que se convertem sobe de contínuo. Contam-se anualmente de 10 a 11.000. Eis alguns dos nomes actuais mais conhecidos: o filósofo da cultura Teodoro Haecker, o capelão Fashel, o dominicano Benedito Momme Nissen, o franciscano Expedito Sschmidt, o ex-professor universitário protestante Dr. Eurico Peterson, Dr. Carlos Thieme, o poeta Godofredo Hasenkamp, a poetisa Gertrudes von Le Fort, a poetisa Rute Schumann, etc. Pode encontrar-se uma extensa lista de convertidos alemães antigos e recentes no livro do Dr. Hans Rost — «Die Kulturkraft des Katholizismus», 2.ª ed., Paderborn, 1930, pág. 411-418.

É necessário conhecer-se o caminho seguido por estes convertidos para se saber a força com que a verdade cató-

http://www.obrascatolicas.com/

lica lhes surgiu perante a alma. O Dr. Eurico Peterson escreveu, após a conversão, ao seu amigo Karl Barth: «Tenho agora 40 anos de idade. Renunciei à família, profissão e posição social. Durante vinte anos dei-me a estudos de teologia. Aquilo que fiz, fi-lo obrigado pela minha consciência — para não ser reprovado por Deus. Quem agora me quiser julgar, saiba que da sua sentença hei-de apelar para o tribunal de Deus» (Theologische Blätter, 1931, Nr. 2, Sp. 60).

Nos Estados Unidos o número de convertidos sobe anualmente a cerca de 40.000 Os últimos dois anos (1) *bateram o recorde com 50.000. Segundo uma comunicação da revista «The Lamp« (1934, pág. 363), de 3.000 convertidos americanos* (2) *que em determinada altura se tornaram católicos, 372 eram eclesiásticos protestantes, 135 dos quais se tornaram sacerdotes católicos. Dos leigos, 115 eram médicos, 126 advogados, 45 membros do Congresso, antigos e actuais, 12 governadores ou ex-governadores, 180 oficiais do exército e da marinha, 206 escritores, músicos e outras personalidades notáveis no campo cultural.*

Dos convertidos não-alemães mundialmente conhecidos, citaremos ainda o almirante americano Shephard Benson, o P.e Jón Svensson, S. I., natural da Islândia e conhecido pelos seus «Nonni Bucher», a escritora norueguesa, agraciada com o prémio Nobel, Sigrid Undset, o

---

(1) Advirta-se que o Autor escreve em 1935. (N. do T.).

(2) Trata-se de uma selecção de indivíduos das classes mais elevadas.

http://www.obrascatolicas.com/

conde russo Alexandre Wolkonsky, o filósofo da cultura Vladimiro Solovjev, também russo, o embaixador francês Paulo Claudel, o escritor italiano Giovanni Papini, o arcebispo cismático indiano, Mar Ivanios, o antigo chefe do governo chinês, e actualmente beneditino, Celestino Lou, e o contra-almirante japonês Shinjiro Yamamoto.

Por certo não ignoramos que, particularmente no após-guerra, o número dos que abandonaram a Igreja é maior que o daqueles que a ela voltaram. O racionalismo e o materialismo, as convulsões espirituais da grande guerra, a miséria social das massas, a satânica propaganda do socialismo e comunismo dirigida contra a Igreja, impulsionaram fortemente o movimento de abandono.

Mas este abandono não pode ser levado em linha de conta como argumento contra a verdade católica, porque em primeiro lugar, a Igreja Católica demonstrou, mesmo neste movimento de abandono, possuir uma força interna de resistência relativamente grande. Diz o «Kirchliche Handbuch» (Bachem-Koln, 1933/34, pág. 283): Enquanto a população católica da Alemanha se comporta para a evangélica na proporção de 1:2, encontram-se em ambas os movimentos de apostasia na proporção de 1:7». E em segundo lugar, o abandono da Igreja não apresenta, na maior parte dos casos, exigências espirituais e morais tão grandes como a conversão à Igreja. É muito problemático que a grande maioria dos que voltaram costas à Igreja fosse, de um modo geral, capaz de um juízo independente sobre a essência do Cristianismo e da Igreja. O que é curioso é o facto de milhares deles, mudadas as circunstâncias, reencontrarem o caminho que os reconduziu à

http://www.obrascatolicas.com/

Igreja. Em Viena, por exemplo, esse número subiu a 20.000 no curto lapso de três meses, e numa paróquia de Francfort-sobre-o-Meno, (S. Gallus) a 2.000, no decorrer de um ano. Isso prova que o abandono atrás citado não representa, por via de regra, nenhum facto em que a reflexão haja desempenhado grande papel.

Mas não é só entre a classe agitada dos trabalhadores, como também entre as pessoas cultas, que a ignorância em coisas religiosas constitui frequentemente uma das causas de apostasia. É uma vergonha o facto de muitos europeus estarem mais bem informados sobre o Budismo do que sobre o Catolicismo que, todavia, foi quem criou a unidade cultural do Ocidente. Há ainda a acrescentar a circunstância de que os homens, quanto a espírito de sacrifício, se entregam de bom grado a ilusões. As modernas expressões de «nobreza de carácter» e de um «cristianismo segundo a raça», bem como a afirmação, ainda não demonstrada, de que «todas as religiões são igualmente boas», constituem, por certo, uma maneira muito cómoda de buscar a Deus, mas não a mais honesta. A religião católica está longe de ser «uma religião como as outras», o Homem-Deus Jesus Cristo, «um fundador de religiões como os demais». A frase, desprovida de significado — «sou de facto cristão, mas independente de qualquer igreja» — nada mais implica do que afastamento covarde das exigências da religião cristã. Aqueles porém que, 1900 anos após o nascimento de Cristo, a si mesmos se designam conscientemente como pagãos, e não reconhecem nenhum deus pessoal, desonram afinal os pagãos da antiguidade. Sigrid Undset, a grande escritora nórdica,

http://www.obrascatolicas.com/

evidencia no seu livro «Encontros e Separações» a diferença entre o velho e o novo paganismo. «O velho paganismo», escreve justamente, «era um cântico de amor dirigido a um deus que se mantinha oculto, uma tentativa de penetração no divino que se pressentia próximo, enquanto o novo paganismo não passa de uma declaração de guerra contra Deus que se revelou».

Um processo muito em voga para diminuir a grandeza da Igreja consiste em falar na sua «poderosa organização», e nas «ocultas manobras de Roma», como se com isso se encontrasse explicado o milagre do Catolicismo. Por que «poderio» ou «manobras» se converteram então ao Catolicismo 6.000.000 de pagãos desde o pontificado de Pio XI? E os convertidos que nos falam neste livro? Para todos os homens libertos de preconceitos, a Igreja permanece como a revelação universal da graça e do poder de Deus.

A infantil afirmação de ser o cristianismo «estranho à raça» não provém daqueles que estudaram história, mas dos que se aproximam da história com ideias preconcebidas. Estes nem sequer sabem que não pode pronunciar-se a palavra cultura, sem nomear ao mesmo tempo a Igreja Católica. A esses, reclama com todo o direito o insigne alemão e simultâneamente grande católico, José Görres: «Onde quer que escaveis na terra, aqui ou além, neste século ou naquele, por toda a parte brota ao vosso encontro, das rochas primitivas, a linfa generosa do Catolicismo. Por cima sobressai o granito em blocos, e por baixo ele forma as camadas mais profundas, proporcionando, assim, um ponto de apoio a todas as edificações

http://www.obrascatolicas.com/

ulteriores, que nele acharam a sua base. A unidade católica, encontrai-la em todos os vossos caminhos; por mais que vos esforceis para a integrardes a ela, mãe de todos os números, na comunidade dos outros números, sempre ela se vos escapará e tomará ao centro o lugar que lhe cabe. Reconhecei, pois, este facto! Volvei para ela o vosso rosto. Reconhecei nela a formação basilar sobre que vos apoiais em tudo aquilo em que estais de acordo» (Kirche und Staat, Weissenburg, a. S. 1842, pág. 220).

Não é notável o facto de Júlio Langbehn, o «Rembrandt alemão» e arauto do homem nórdico, se converter ao Catolicismo? Ninguém sentia as coisas tanto à maneira nórdica como ele, e todavia é ele que escreve que, devido à religião católica, a sua vida expandiu-se como a flor.

Poder-se-ia objectar: se o Catolicismo é tão evidente, por que razão não se torna maior o número de convertidos, vindos de outras religiões? A resposta é esta: porque os preconceitos contra a Igreja Católica são descomunalmente grandes. Quem conhece, mesmo ao de leve, a literatura respeitante aos convertidos e trata com adeptos de outras crenças, sabe bem como é grande a sua ignorância do Catolicismo, em questões de doutrina e costumes. Parece incrível que existam histórias tão disparatadas e haja quem nelas acredite.

O beneditino americano Ambrósio Reger refere-nos no seu recente livro «Alias Oves Habeo» — (Pustet, Nova-Iorque e Cincinnati, 1928, pág. 122-153), nos capítulos «Bygotry and Ignorance, Bygotry and Malice» (Intolerância e Ignorância, Intolerância e Malícia), casos da sua própria vida e experiência. O que ali se afirma dos Esta-

http://www.obrascatolicas.com/

dos Unidos vale também para outros países. Semelhantes histórias são muito divertidas, mas involuntàriamente perguntamos a nós mesmos: se os adeptos de outras religiões estivessem na posse da verdade, teriam necessidade de fazer da Igreja Católica uma imagem tão caricatural? Por que razão seguem sempre os não-católicos o princípio de que não devem ler-se livros católicos? A maior parte dos convertidos foi obrigada a atravessar um amontoado de preconceitos antes de lhe ser possível atingir a verdade. O «Rembrandt alemão» afirmou um dia: «Estou firme e profundamente convencido de que nove por cento dos protestantes e não crentes, que ainda tenham qualquer valor, se tornariam imediatamente católicos, se conhecessem a essência do Catolicismo».

O segundo obstáculo para a conversão à fé é o mau exemplo de católicos tíbios e infiéis. Poucos homens há que consigam distinguir entre verdade e pessoa, e por isso, não nos devemos admirar se os não-católicos são levados, pelo mau exemplo de muitos, a conclusões erradas na valoração do Catolicismo. Quantos católicos não há que ousam cognominar-se de cristãos, sem possuírem a coragem de o ser! Ibsen caracteriza-os, com justeza, no «Incêndio»:

Basta ires ao longo dos caminhos,
E observares de porta em porta,
Para notares como os cristãos
De tudo são um pouco e nada ao mesmo tempo.
Seriedade — um pouco em dias solenes,

http://www.obrascatolicas.com/

Piedade — um pouco também por tradição;
E um pouco dados a orgias,
Porque seus pais também foram assim.

Tem a seguir a palavra, em matizada sucessão (1), *convertidos de ambos os sexos, e de todos os continentes. Alguns são-no em sentido lato, isto é, católicos que se perderam na descrença, e que mais tarde reencontraram na fé da sua infância. Não são espíritos fracos nem homens dominados pelo sentimento, os que aqui tomam a palavra. De resto, foi com grande resistência que a maior parte deles se declarou pronta a escrever a história da sua conversão. Decidiram-se finalmente, para louvar a misericórdia divina e ajudar os espíritos que buscam. A eles se deve, neste lugar, cordial reconhecimento. «Guardar o segredo do rei é coisa boa», reza a Sagrada Escritura, mas é honroso anunciar e louvar as obras de Deus»* (Tob. 12, 7).

Evidentemente, seria impossível recolher nesta colectânea de vivências pessoais todos os relatos de interesse: em primeiro lugar, não estavam todos ao nosso alcance; em segundo, nem todos estavam dispostos a escrever; em terceiro lugar, não seria possível coligir tudo, sem que o livro ficasse excessivamente volumoso. Por este motivo pusemos de parte algumas nações. É por conseguinte inú-

(1) A série começa pelo círculo cultural germânico. Segue-se-lhe o românico e outros povos europeus; por último, os do Extremo Oriente e Sul.

http://www.obrascatolicas.com/

til protestar: este ou aquele deveria também encontrar-se aqui representado.

Convirá ainda registar que, excepto Knute Rockne, morto em consequência de um desastre de aviação, pouco tempo depois de se converter, todos os convertidos que colaboraram nesta colectânea viviam ainda ao imprimir-se o livro. Que se recolhessem relatos de indivíduos de diferentes raças, ninguém deve estranhar, desde que possua sentimentos cristãos. O grande apóstolo das gentes, S. Paulo, escreve na sua carta, aos Gálatas: «Pela fé em Jesus Cristo todos vós sois filhos de Deus. Porque todos os que fostes baptizados em Cristo, revestiste-vos de Cristo. Já não há judeu nem pagão, escravo nem livre, homem nem mulher; porque todos vós sois um só em Jesus Cristo» (Gál. 3, 26).

Começando pela «Apologia pro vita sua» (Londres, 1865) do célebre convertido Newman, até à publicação do perito financeiro norte-americano John Moody — «My Long Way Home» (The Macmillan Co., Nova Iorque, 1933), há na maior parte dos países inúmeras publicações de convertidos, ou sobre eles, como por exemplo, a colectânea alemã de D. A. Rosenthal «Konvertitenbilder aus dem 19. Jahrhundert» (Manz-Regensburg, 1889, 1892, 1902), o recente livro de C. Adrian-Werbury, «The Wege nach Rom» (Schöningh-Paderborn, 1929), e os numerosos relatos da conhecida revista «Die Friedensstadt» (Paderborn), e da revista «Der Eucharistische Völkerbund» (Viena).

De entre os jornais ou revistas de outros países com relatos sobre conversões, registem-se, por exemplo, o ór-

http://www.obrascatolicas.com/

gão oficioso do Vaticano «Osservatore Romano» (Roma), os jornais espanhóis «El Debate» (Madrid) e «El Siglo Futuro (Madrid); a colectânea francesa «Les Témoins du Renouveau Catholique», e «Le Témoignáge des Apostats (ambas de Paris); as revistas holandesas «Het Schild» (Hertogenbosch) e «Apologetisch Leven» (Driebergen); o semanário nórdico «Nordisk Ugeblad» (Copenhague); o «Schõnere Zukunft» (Viena); o jornal inglês «The Universe» (Londres); as revistas americanas «The Commonweal» (Nova Iorque), e «The Lamp» (Peekskill N. 1.); e também a revista do arcebispo de Agram (Jugoslávia), «Katolicki List», etc.

Uma colectânea de relatos de judeus convertidos apareceu em 1924, em Nova Iorque, com o título «Why Jews become Catholics» (edição própria). Em Londres publicou-se em 1933 um livro semelhante; «Conversions to the Catholic Church», por M. Leahy (Oates & Washbourn, Londres 1933). Um livro em que convertidos de todas as partes do mundo descrevem o caminho por eles mesmos seguido, não o conhecíamos.

Os testemunhos que se seguem, não os alteramos, e os que foram escritos em língua estranha, traduziram-se o mais literalmente possível. Roga-se portanto indulgência para os tradutores, porquanto o seu principal objectivo não foi apresentar narrações com valor literário. Também não deve esperar-se neste lugar qualquer estimativa psicológica dos relatos. A tentativa de uma interpretação psicológica dos variados motivos das conversões, dei-

http://www.obrascatolicas.com/

xamo-la aos psicólogos. Neste livro são os relatos que falarão por si mesmos.

A todos os que me auxiliaram, quer fornecendo-me indicações de moradas, quer auxiliando-nos na tradução ou em qualquer outra coisa, — um muito cordial «Deus lhes pague!»

Como é óbvio, os relatos que afinal espelham mais os sucessos exteriores do que a evolução íntima, não têm a veleidade de se apresentarem completos na explicação do fenómeno sobrenatural que denominamos conversão. Uma conversão é mais que uma conclusão lógica. É uma acção misteriosa da graça divina. Se os convertidos que aparecem neste livro, ajuizaram sempre devidamente das suas acções e motivos, é questão que ficará em aberto, pois os acontecimentos passados sofrem fàcilmente, ao serem de novo examinados debaixo de outro aspecto, diversa interpretação e valoração. Com isto não se pretende naturalmente dizer que, por tal motivo, os relatos sejam menos verdadeiros. No entanto, muita coisa há-de parecer ao leitor mais fácil do que na realidade foi.

Algumas expressões fortes poderiam dar a impressão de condenar os outros sistemas religiosos. Na rejeição das outras doutrinas de modo algum se inclui a condenação dos seus adeptos. A conhecida afirmação de S. Cipriano — «extra ecclesiam nulla salus»: fora da Igreja não há salvação — não significa que, segundo a doutrina católica, se percam todos aqueles que se encontrem fora do seio da Igreja. Afirma apenas que, continuando Cristo a viver na Santa Igreja Católica, ela é, com o seu conteúdo de verdade e com os seus meios de graça, o caminho

http://www.obrascatolicas.com/

desejado por Deus para a salvação eterna. Um não-católico, que não conheça a Igreja, e cumpra, de boa fé, as suas obrigações religiosas, pertence, se não exteriormente, pelo menos interiormente à verdadeira Igreja; comparticipa mesmo até certo ponto, do seu tesouro de graça, por meio da qual pode salvar-se. A expressão «única Igreja que salva» não deve por conseguinte ser mal interpretada. Há muitos heterodoxos que aos olhos de Deus estão mais altos do que muitos católicos. A Igreja não os recebe, por conseguinte, como pecadores arrependidos. mas como filhos transviados que reencontraram o caminho da casa paterna. Com que cuidado e amor a Igreja Católica pensa nos irmãos e irmãs que andam afastados, provam-no as encíclicas do Papa Pio IX (1854 e 1863), bem como a mensagem do Papa Leão XII aos bispos americanos «Longinqui Oceani», de 1895.

A tragédia da cisão religiosa do Ocidente ninguém a sente tão dolorosamente como os católicos. Até o próprio Adolfo von Harnack, um dos teólogos protestantes mais notáveis da sua época, escreveu: «Parece-me poder afirmar: O verdadeiro católico sente mais vivamente a bênção de uma grande comunidade cristã, mais dolorosamente a cisão da Cristandade, mais conscienciosamente a missão que se impõe a todos os crentes, do que nós, os protestantes» (Reden und Aufsätze, II, Giessen, 1906, pág. 252).

Possa este livro despertar, em todos os nossos amados irmãos e irmãs, que andam afastados, uma profunda ânsia de regresso à Santa Madre Igreja! A Igreja Católica é, na verdade, a mãe de todos os povos, mãe ainda

http://www.obrascatolicas.com/

mais do que invencível heroína de Deus. Não foi só por necessidades de luta e de defesa que ela se edificou sobre a rocha, mas sim para que os seus benefícios, a sua protecção, a sua obra de salvação e felicidade não cessem nunca.

Possa este livro fortalecer e multiplicar em todos os católicos e, sobretudo, na juventude católica, que cheia de admiração contempla este castelo do Santo Graal que é a Igreja; possa este livro fortalecer e multiplicar a fé na vitória da Igreja e o amor por todos os irmãos e irmãs que andam afastados.

Na antiguidade havia sete monumentos e obras de arte que se tinham como as sete maravilhas do mundo. Todas elas se reduziram a cinza e pó. Quem hoje pretender contemplar uma maravilha, que pela sua magnitude e extensão, pela sua íntima beleza, e pela sua indestrutibilidade tem excitado a admiração de todos os séculos — que volva os seus olhares para a Igreja Católica! Há uma só maravilha no mundo; essa maravilha é a Igreja, Una, Santa, Católica e Apostólica!

A sua fé é a nossa fé!

A sua vitória, a nossa vitória!

http://www.obrascatolicas.com/

AUTORIDADE CONTRA SUBJECTIVISMO

Dr. Expedito Schmidt, o. f. m.
ALEMANHA

Dettelbach A. M.. Notável como crítico literário e teatral. Dos seus livros são dignos de menção: «Vom Lutheraner zum Franziskaner» (De Luterano a Franciscano); «Die Buhnenverhätnisse des deutschen Schurdramas im 16. Jahrhundert» (As condições cénicas do teatro escolar alemão do século XVI); «Literarische Fremdherrschaft in Deutschland» (Domínio literário estrangeiro na Alemanha); «Faust, Goethes Menschheitsdichtung» (O Fausto, criação humana de Goethe), etc. O P. Expedito notabilizou-se, além disso, com a eidção de obras completas de Otto Ludwig. Em 1933 foi nomeado director artístico do Teatro Regional Bávaro.

Fico um pouco embaraçado, se tenho de responder à pergunta — quando é que pela primeira vez comecei a sentir certa insatisfação com a religião protestante, que recebi dos meus antepassados. Desde que me libertei da piedade infantil, baseada no sentimento, transmitida por uma mãe piedosa e profundamente crente, que, ao mesmo tempo, era muito superior ao vulgar nível espiritual, não consigo recordar-me de jamais me ter sentido religiosamente satisfeito. Pode ser que a leitura de revistas e livros de vulgarização científica, que no sétimo e oitavo decénio do século passado se encontravam impregnados

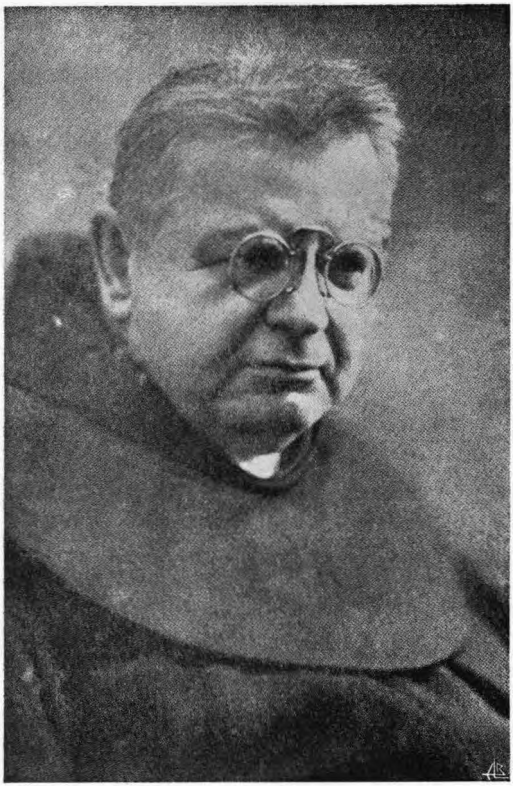
http://www.obrascatolicas.com/

do espírito dos Moleschott e Buchner, não fosse muito adequada a fortificar a minha fé; mas também não encontrei nela as armas para resistir com eficácia a essas influências.

A instrução religiosa recebida no Liceu não colocou à minha disposição aquilo por que a minha alma ansiava. O que ouvíamos sobre a vontade salvífica de Deus parecia-me arbitrário, sem convincente conexão interna. Hoje eu diria: possuíamos «as partes, mas carecíamos infelizmente do laço espiritual». Não pretendo, com isto, lançar qualquer censura aos meus antigos professores; faziam o melhor que podiam. Mas quando um deles (com o qual, aliás, me encontrei mais tarde em relações científicas muito amistosas), dizia: «A nossa religião é, em todo o caso, a mais verdadeira», indicava assim apenas um valor sumamente relativo, e eu ansiava por conclusões convincentes.

Que eu pudesse encontrar na Igreja Católica o que me faltava, era coisa que nem a mim nem aos meus condiscípulos nos passava pela cabeça. Ela era, segundo os preconceitos do nosso modo de ver, uma igreja para nobres de espírito que necessitavam de exterioridades, uma modalidade de Cristianismo já antiquada. Éramos, como a grande maioria dos protestantes cultos, inconscientemente hegelianos, para quem o que uma vez fora superado pelo processo dialéctico, ficava para sempre suprimido. Também na nossa instrução de confirmandos se tratava a Igreja Católica como coisa absolutamente secundária, e era posta de lado com breves palavras pronunciadas de alto e fugitivamente. Pelo contrário, toda a cólera luterana

http://www.obrascatolicas.com/



Dr. P. Expeditus Schmidt OFM.

http://www.obrascatolicas.com/

do nosso mestre, de resto um homem pessoalmente muito respeitável, se voltava contra Zuínglio e Calvino, companheiros do reformador de Vitemberg, os quais ensinaram doutrinas diferentes das dele. Foi isso, todavia, o que precisamente criou em mim certas hesitações: quem destes três teria razão? quem me descobriria qual deles estava na posse da autoridade divina? Evidentemente, que a resposta a este ponto em parte alguma se encontrava; e uma vez que eu ignorava em qual destes homens deveria confiar e acreditar, fui levado a não acreditar nem confiar em nenhum deles.

Assim, o resultado da minha instrução de confirmando foi apenas uma incredulidade expressa. Quando, como é usual na confirmação, se fez em coro a profissão de fé, — mantive-me em silêncio. Declarar a minha fé era impossível, e mentir não desejava. Se a minha querida mãe não se encontrasse, já nessa altura, muitíssimo doente (morreu nove meses depois), e assim eu não tive coragem de lhe dar este desgosto, ter-me-ia rebelado contra a confirmação. Por causa da doença de minha mãe, deixei tudo correr, mas sem qualquer comparticipação íntima. No meu espírito toda a crença se encontrava morta, e quanto a orações, não as tinha descuidado pouco, como tanta vez acontece, mas sim abandonado em certo dia, claramente consciente da resolução tomada, porque, no ponto em que me encontrava, tinha fatalmente de as considerar destituídas de qualquer sentido. Evidentemente, não falei a ninguém da evolução que em mim se operava; também mal a teriam notado à minha volta, pois quer nas nossas relações familiares mais íntimas,

http://www.obrascatolicas.com/

quer nas mais afastadas, dificilmente se encontraria alguém, a não ser minha mãe, que levasse uma vida funda de oração. No entanto, o meu interesse por questões religiosas manteve-se absolutamente vivo, muito embora, como é compreensível, se manifestasse negativamente na maioria dos casos.

Quatro anos mais tarde, a reviravolta operada chegou a uma situação sèriamente crítica. De novo se me apresentavam pensamentos à volta de Deus, sem que eu, todavia, me pudesse decidir à oração. Não consegui resolver-me a visitar uma igreja protestante, a cuja porta já me encontrava. Afastei-me e fui cair, quase sem o suspeitar, num templo católico, ùnicamente porque as suas portas se encontravam convidativamente abertas de par em par. E aqui ouvi uma prática, feita de um modo totalmente invulgar, sobre o evangelho da pesca milagrosa de S. Pedro. Não se tratava de nenhuma obra-prima de oratória. Mas encerrava qualquer coisa em si, que actuava de modo tão impessoal e objectivo, que pressenti que ali era outro espírito que falava. Voltei outra vez, e assisti também à Santa Missa, naturalmente sem a compreender e sem rezar, apenas como silencioso observador.

Alguns dias mais tarde dirigi-me à residência paroquial e falei da inclinação que sentia para a Igreja Católica, mas recebi uma recusa tão formal, que tudo quanto nos tinham dito acerca dos métodos seguidos pelos católicos para arrebanhar almas e conquistar prosélitos perdeu, de repente, todo e qualquer significado: «Não temos assim tanta pressa de fazer os outros católicos». Mas isso precisamente é que exerceu influência em mim, e des-

http://www.obrascatolicas.com/

pertou o desejo ardente de conhecer a fundo aquela Igreja, que òbviamente era muito diferente daquilo que nos mostravam, mesmo que tivesse de aderir a ela. Voltei ainda mais vezes à residência paroquial, e ofereceram-me por fim um pequeno catecismo católico, que estudei com a maior diligência. Ali se me deparou a plena e incondicionada auto-consciência da Igreja Católica, que se sente coluna e fundamento da verdade. De início, pareceu-me isso uma exigência exorbitante, porque eu tinha concebido o Catolicismo como sendo uma religião idêntica às outras. Mas impressionou-me, contudo, porque se pressentia aqui um outro espírito, muito diferente do do protestantismo, no qual nunca se podia saber qual dos chamados reformadores tinha afinal razão. Seja como for, considerei-me obrigado a estudar a fundo esta Igreja. À oração, ainda não pudera decidir-me; só mais tarde, num hospital católico, onde se orava em comum, é que a retomei.

Deus usou da sua bondade comigo, e conduziu-me — vistas as coisas sob um aspecto terreno — por caminhos nem sempre muito suaves, às mãos de um padre católico que veio a ser o meu introdutor na Igreja. Muito mais tarde, ouvi contar a outras pessoas que tinham tomado conhecimento da minha preparação, quão obstinadamente eu insistira em ver demonstrada claramente a autoridade divina da Igreja. Depois, tudo veio por si mesmo. A lógica da doutrina católica levou-me ao seio da Igreja, como a falta de lógica do protestantismo me levou a abandoná-lo. Tinha eu então 19 anos de idade, e nunca mais me arrependi, nem um segundo, de ter seguido aquela lógica.

http://www.obrascatolicas.com/

RATIONABILE OBSEQUIUM

Dr. Carlos Thieme
ALEMANHA

Professor universitário. Fez estudos sobre filosofia, história, germanística e teologia evangélica. Exerceu de 1927 a 1930 o cargo de professor de história e instrução cívica na Escola Superior de Ciências Políticas de Berlim, e de 1931 a 1933 na Academia Pedagógica de Elbing. Em 1926 ingressou na Associação Episcopal-Ecuménica e quase ao mesmo tempo na União de Socialistas Cristãos da Alemanha (últimamente desempenhou funções de presidente interino da Associação Regional Prussiana). Editou a revsita trimestral interconfessional «Religiöse Besinnung», e publicou em 1934 «Das alte Wahre. Eine Bildungeschichte des Abendlandes» (A verdade antiga. História da Formação do Ocidente), bem como «Deutsche evangelische Christen auf dem Wege zur katholischen Kirche» (Cristãos evangélicos alemães a caminho da Igreja Católica).

À pergunta porque me tornei católico, posso responder com esta frase: porque Deus me deu a conhecer que apenas no seio da Igreja Católica romana se conservou e pode anunciar-se todo o evangelho de Jesus Cristo, a pura e clara palavra de Deus. O cristão, a quem foi dado o conhecimento desse facto, tem de encetar o regresso à Santa Madre Igreja, e só terá motivos de agradecimento se ela o recolher.

http://www.obrascatolicas.com/

À pergunta como é que cheguei a esse conhecimento, já não se responde tão depressa nem tão fàcilmente. Ela origina uma questão prévia, absolutamente decisiva: como é que me decidi a «querer ser cristão sèriamente». Mas não posso responder aqui a esta questão, porquanto apenas seria explicável a partir das mais profundas vivências da minha vida pessoal, visto ligar-se a razões «existenciais» que não dizem respeito a este lugar. Em todo o caso, sei muito bem que jamais teria atingido o meu *conhecimento* actual da necessidade da Igreja para a salvação se me não fosse prèviamente concedida a fé em Jesus Cristo, se me não tivesse sido indicado o caminho que a Ele conduz, representado nas suas palavras (do Evangelho de S. João, 7,17): «Se alguém quiser fazer a vontade de Deus, reconhecerá se a minha doutrina vem d'Ele ou se falo de mim mesmo». Assim, tive ensejo de verificar a sabedoria contida na divisa de Santo Anselmo: «Credo ut intelligam!» — creio para ser capaz de entender. Só muito brevemente, me é possível expor neste lugar como se desenvolveu esta inteligência enquanto tal.

De certo modo, ela não se tinha sequer esboçado em 1919, quando eu, finalista do Liceu em Leipzig, tinha mais ou menos o mesmo horizonte espiritual em que se encontra aquele que é para mim, ainda hoje, o mais simpático de entre os meus condiscípulos, quer pelo carácter quer no aspecto pròpriamente humano, o qual — sem, contudo, se encontrar filiado em qualquer partido político — me declarou ao encontrarmo-nos de novo, há uns meses, que o «Mito» de Rosenberg era a sua Bíblia. Teria sido também a minha se alguém, naquela altura, me tivesse colocado esse livro

http://www.obrascatolicas.com/

nas mãos. Eu tinha realmente a opinião de que era impossível tratar com católicos, visto serem demasiado destituídos de inteligência. E muito embora o meu primeiro e único «drama de finalista fosse dedicado precisamente a S. Tomás More, foi-o porque me atraía o problema de como seria possível ao homem mais progressivo do seu tempo ter morrido pela superstição mais atrasada. A minha solução era a seguinte: por meio de grosseiras patranhas, haviam-no enganado com falsos «milagres»; «só no cárcere a sua razão se desenvolveu a ponto de ver a impossibilidade essencial deles; mas julgava ao mesmo tempo ter atingido um ponto tal de perfeição que já não sentia desejo de continuar a viver, e morreu sereno como um sábio antigo.

Quando hoje ouço falar em certas obras de teatro sensacionais, que levantam grande poeira, penso sempre nesse meu drama e sinto em mim certa indulgência para com os pobres homens que, mesmo adultos, ainda não sabem o que fazem. Grande parte do ódio à Igreja provém apenas de uma ignorância total. Nada seria mais errado do que odiar os que assim odeiam. Mas também o seria pretender trazê-los à razão por meio de pressões autoritárias! Pelo contrário, deve-se deixá-los entregues, desde que as coisas chegaram a este ponto, a si mesmos e à misericórdia divina, e procurar ùnicamente preservar as nossas novas gerações do contágio daquela epidemia espiritual. Porque nem toda a gente que a contraiu na sua mocidade possui a necessária robustez mental para a dominar.

Sete anos mais tarde, em 1926, já eu de certo modo

http://www.obrascatolicas.com/

me tinha curado. Por meio do estudo da Igreja primitiva, do pensamento da Igreja oriental, e da *Ciência da Vida* de Luís Klages, tinha-me libertado radicalmente não só da interpretação histórica como da concepção do universo próprias da «ciência» liberal. Esta, como «material» (a utilizar com cautela) para a verificação de factos isolados, conservou para mim certo significado; como «construção», apenas a podia achar ridícula; mais ou menos tão ridícula como os «heilige Hallen» de Sarastro na «Zauberflöte» dos dois franco-mações Mozart e Schikaneder. E nunca mais pude compreender como é que esta «ciência» conseguiu impor-se tão sèriamente a tanta gente da velha geração.

Se desde então se me tornar claro que a teologia é a legítima rainha de toda a verdadeira ciência e que as «ciências modernas perante ela, se comportam como carreteiros revoltados, também mais tarde a filosofia, não a do «idealismo», que tudo coloca na cabeça, e de que era partidário ainda em 1923, quando modifiquei a Goethe — «ser kantiano, mesmo em último lugar, é sempre belo» — mas sim a de Platão (realista, e não nominalista), que lhe é precisamente oposta, se me tornou um elemento de vida espiritual, e a partir dela foi que se me abriu o caminho para a escolástica.

Antes disso, todavia, tive de restabelecer-me da segunda epidemia espiritual dos tempos modernos. Depois da crença supersticiosa na ciência incondicionada, fui obrigado a travar conhecimento com outra ainda mais desvairada, que frequentíssimas vezes suplantou a anterior: a crença no condicionalismo histórico (ou mesmo

http://www.obrascatolicas.com/

geográfico, biológico) da «verdade»: o moderno historicismo. Na sua forma grosseira, expressa mais ou menos em frases como «é impossível hoje na Alemanha acreditarmos no mesmo Deus em que os judeus acreditaram há três mil anos na Palestina» — o historicismo é apenas possível em camadas não-cristãs. No seu aspecto mais delicado, porém, depara-se-nos mesmo em muitos católicos, quando, por exemplo, E. Michel nos fala da «completa subordinação, inclusivamente do espírito, à situação» (subordinação que naturalmente aqui tem de ser incorporada na «responsabilidade perante Deus»; mas que nos resta, se qualquer «reflexão sobre o conteúdo da religião cristã» é condenada como «pseudo-cristã»?)

Na realidade libertei-me do historicismo, em cujas mãos, caí totalmente, a despeito de toda a minha vontade de ser cristão, graças a certas experiências evidentes da minha vida, das quais, como já disse, nada posso referir neste lugar. Estas ensinaram-me que os mandamentos divinos foram outorgados de uma vez para sempre, e que quem os viola, mesmo julgando-se dentro da ortodoxia, deve sentir-se particularmente grato se Deus o castigar logo a tempo ainda de poder regressar ao bom caminho. Em suma: visto toda a minha existência ter sossobrado ao tentar viver segundo uma interpretação «actualizada» dos mandamentos eternos de Deus, libertei-me pràticamente — e mais tarde por fim teòricamente — do meu historicismo.

E, na verdade, só alguns anos depois de ter chegado ao reconhecimento fundamental da exclusiva legitimidade da Igreja Católica Romana como Igreja de Jesus Cristo.

http://www.obrascatolicas.com/

Em si, este reconhecimento nada significava então para a minha própria vida — precisamente porque era ainda historicista. Reconhecia a Igreja como mãe de todos os cristãos, mas eu pessoalmente sentia-me pessoa de maioridade, que já não necessita de se deixar governar por esta mãe. (Deve registar-se a propósito que a minha idade ainda não atingira então os 30 anos, e que, portanto, no sentido romano, não era ainda homem mas *iuvenis!* Mas só quando se ultrapassam os 30 anos é que hoje em dia se começa a notar quão jovem se é ainda, e quão forte é a necessidade de aprender. E também há quem nem sequer o note nessa altura...)

Mesmo quando me curei do historicismo, e compreendi pouco a pouco, a validade eterna da «verdade» antiga (em muito maior amplitude que a de aquela a que, por decisões do magistério eclesiástico todos os católicos são obrigados!), estava ainda longe de pensar em me pôr a caminho da Igreja Católica, como indivíduo isolado. Visto ter sido baptizado na igreja evangélica luterana da Saxónia, sentia-me, como ocasionalmente declarei, obrigado a actuar dentro da Igreja Evangélica, e integrado no Alto Movimento Eclesiástico, do qual fazia parte desde 1926, e na União dos Socialistas Cristãos, onde a minha actividade era particularmente intensa, mas não dentro da minha carreira de professor — sentia-me obrigado a actuar no sentido da recuperação da verdade católica e da restauração da herança paterna, perdida entre escombros, esperando que tal actuação produziria mais tarde os seus frutos e preparando a nova união com a Igreja-mãe dos vários ramos separados. Contava «nunca ser obrigado

http://www.obrascatolicas.com/

a converter-me». Os acontecimentos e as reflexões que deles resultaram, e que me levaram em 1933 à convicção de que soara a hora para aquela nova união, expu-los bastante pormenorizadamente em vários artigos, agora coligidos na publicação «Cristãos evangélicos alemães a caminho da Igreja Católica»; não é necessário tratar aqui novamente do assunto.

Posso apenas acrescentar que, desde que li em «Hochland» (XXX, 1, pág. III ss, Novembro de 1932) a correspondência que Adolfo Harnack dirigiu a Eurico Peterson, o maior teólogo alemão ainda vivo — e não só segundo a minha opinião — se me começou a tornar clara a posição insustentável da igreja protestante, em face da dissolução do terreno confessional.

Ainda antes — a princípio «existencialmente» e depois também lògicamente — não sem a clarificante influência da «Deutsche Bauhute» (pág. 50 ss. «A tragédia alemã), a publicação genial do primeiro grande pensador post-protestante de língua alemã, (se bem que ainda não conscientemente católico) *Florens Christian Rang,* e da «Origem da tragédia alemã» de *Walter Benjamim,* influenciada por aquele, se me tornou palpável a total insustentabilidade e sobretudo o horrível influxo corruptor da doutrina luterana acerca da completa abjecção da natureza humana após o pecado original. Embora eu apoiasse (e apoio) o tema luterano — «sòmente Cristo» — tinha já então plena consciência de que o significado por mim atribuído a essa expressão era diferente do de Lutero; de que não pode de modo algum continuar a acompanhar a parcialidade herética a que ele se tinha deixado arrastar na luta contra

http://www.obrascatolicas.com/

certos abusos dos fins da Idade Média, já de há muito ultrapassados na Igreja Católica.

Ao mesmo tempo pude verificar, com nitidez cada vez mais forte, que a própria teologia evangélica já não conseguia delimitar-se unânimemente a si mesma, em face da verdade católica, nem quanto à importantíssima — segundo a sua própria opinião — doutrina diferencial. Ou que deverá dizer-se, por exemplo, se por um lado os barthianos — sob o aspecto teológico, os que devem ser tomados mais a sério — admitem que a Contra-Reforma (portanto, não sòmente a apreciada «Igreja pre-tridentina!») «incorporou» de modo esplêndido no seu sistema teológico a doutrina evangélica da justificação, valendo-se do tomismo - agostiniano» (Gerlach, em « Evangelische Theologie», I, 11, pág. 446, Fevereiro de 1935), e se por outro lado, pessoas como *Gogarten* e *Brunner* são declarados (pelo próprio Carlos Barth na sua espectaculosa polémica do Monte Píncio, em «Não! Resposta a Emílio Brunner», pág. 32 e ss.) são simplesmente declarados semi-católicos, por sustentarem de algum modo que ainda depois do pecado original, a semelhança com Deus, impressa no homem pelo Verbo eterno, por Cristo, não se apagou sem deixar qualquer «resto», mas se conservou pelo menos formalmente? E por outro lado, escreve um notável conhecedor da teologia reformista, Walter Köhler (para não falar de concepções idênticas de outros, como Wobbermin e Schlemmer, menos importantes em assuntos teológicos), que precisamente o pensamento fundamental de Barth, a sua ideia da revelação é agostiniana-medieval, mas não reformista», e que Brunner, pelo

http://www.obrascatolicas.com/

contrário, «se separou do Catolicismo devido à negação radical da ideia do mérito!» (Basler Nachrichten, de 5 de Janeiro de 1935).

Então ninguém vê que se movem aqui num círculo vicioso? Que quando se pretendesse abstrair de certos escândalos dos fins da Idade Média para examinar as coisas em si mesmas, se quisermos permanecer cristãos, todas as tentativas de delimitação, em relação à verdade católica, vão dar ao absurdo, como sucede reconhecidamente em Lutero e Barth, ou a uma reprodução caricatural da doutrina católica, como Barth demonstra a respeito de Brunner (e poderia também demonstrar a respeito de Köhler?) — Ah! não são poucos os que o notam como eu já há muito notei; mas com esse facto ainda estão longe, como eu estive, do regresso lógico à Santa Madre Igreja, a única que ensina toda a verdade católica. Sim. As dificuldades psicológicas começam pròpriamente aqui. Não é a doutrina católica que mantém inúmeras pessoas, que querem ser verdadeiramente cristãs, afastadas da Igreja, mas sim determinada característica do catolicismo, que lhes torna enormemente difícil, em parte mesmo impossível, o confessar sem reservas a evidência incondicional, a absoluta verdade da doutrina católica, e o prestar-lhe aquela obediência, de modo algum paradoxal ou absurda, mas sim aquele *rationabile obsequium* que o próprio Apóstolo da Fé, S. Paulo (Rom. 12,1), nos manifestou como exigido por Deus.

Essa característica do catolicismo, que entre nós, na Alemanha, encontrou um terreno fértil sobre o qual — activamente cultivado pela parte interessada — pôde

http://www.obrascatolicas.com/

desenvolver-se um «sentimento anti-romano», constituiu também para mim o último obstáculo, e subjectivamente o mais difícil, que se me deparou no caminho para a Igreja. Por isso, faltaria a este relato o essencial se eu não referisse, com a maior franqueza, como é que me deixei invadir pelo que eu chamava o meu «preconceito anti-romano» e como — em Roma — me curei dele. Trata-se de acontecimentos absolutamente concretos, que me pareceram sintomáticos, e por isso devem ser aqui mencionados pelo menos em parte. Sobretudo o «caso Wittig». Por ocasião da primeira visita que fiz a um convento, durante uma viagem pelo sul da Alemanha, no Verão de 1924, recomendou-me um sacerdote, com quem eu tivera uma pequena conversa sobre assuntos religiosos, que procurasse obter uma imagem da fé católica viva por meio da leitura do «Herrgottswissen an Wegrain und Strafe», de José Wittig. Apesar do livrito não ter exercido sobre mim grande impressão, a inclusão de Wittig no índex, em 1925, foi motivo para me ocupar mais detidamente dos seus escritos. E então passou-se uma coisa curiosa: quanto mais minuciosamente estudava o caso, desde o ano de 1925 a 1930, nos mesmos livros de Wittig, que durante este tempo se foram publicando — desde «*Erlösten*» até *Höregott* — tanto mais decididamente me afastava da primitiva parcialidade por Wittig, até chegar primeiro, à compreensão da justeza objectiva da sua inclusão no índex, o que em si nenhuma condenação significava, e depois da sua excomunhão. Nunca pude compreender como é que ele, sacerdote católico, se poderia recusar a

http://www.obrascatolicas.com/

prestar o juramento que repetidamente lhe havia sido exigido pelos seus superiores.

Pareceram-me uma confirmação terrível da própria condenação daquele que se separa do corpo de Cristo, as palavras de Martinho Rade, que li na publicação evangélica «Christliche Welt», de 19 de Janeiro de 1935, sobre Wittig: «Ela relata-nos — no prefácio para uma nova edição popular da sua *Vida de Jesus* — como no índex romano dos livros proibidos, esta sua *Vida de Jesus* está precisamente colocada ao lado do *Mito do século XX* de Rosenberg. Como se contemplarão mùtuamente os dois livros?... Pela noite fora conversam um com o outro». E atreve-se, a despeito de tudo, a dizer uma coisa de positivo: «Ambos pretendem mostrar o divino homem alemão e no povo alemão». Sem Wittig, dificilmente será possível um tal contacto íntimo». — Deste modo, tinha de ser esse o fim!

Mas não é tudo: precisamente por isso não pude, nem posso ainda hoje, concordar com a *forma* como se tomaram a seu tempo as decisões contra Wittig, justas *no fundo*. Não digo isto para justificação da sua culpa e ainda menos para ventilar de novo uma questão já decidida definitivamente, mas sim porque sei que as dificuldades mais íntimas, e subjectivamente mais profundas, para a reincorporação na Igreja dos cristãos transviados, procedem da «consciência ferida». As chagas desta voltam a sangrar constantemente, devido à infeliz combinação dos esforços precipitados de certos centros oficiais, movidos por espíritos excessivamente solícitos, e o automatismo da burocracia impessoal em assuntos eclesiás-

http://www.obrascatolicas.com/

ticos. É o que necessàriamente resulta de tais esforços, como poderá verificar-se no caso «Wittig».

Porque, assim é evidente para todas as pessoas de são entendimento, a necessidade prática de instituições como o índex dos livros proibidos (já Platão exigia com o maior empenho coisa semelhante), assim também deveria ser claro que se faz tudo para evitar até a simples impressão de que a um teólogo ao princípio bem intencionado, nenhuma possibilidade se deixou de reconhecer e corrigir os desvios em que caiu. Esta impressão avassalou-me, então, apesar de eu haver lido não só os livros de Wittig (1), como também jornais e revistas católicas (desde 1925, o «Rhein-Mainische-Volkszeitung, e o «Hochland»).

Por este motivo escrevi — muito embora, compreendesse perfeitamente em princípio, que não é lícito a ninguém, por mais profundos e mais lamentáveis que sejam os erros humanos, afastar-se da Igreja visível, Una e Santa, fundada por Deus e que d'Ele recebeu plenos poderes — escrevi algumas palavras excessivamente duras, expressão do «preconceito anti-romano», no meu trabalho dado à luz em «Religiöse Besinnung». Precisamente depois de ter exprimido sinceramente aquele meu preconceito, e *apesar disso* ter sido recebido por autoridades competentes com a maior benevolência e sem preconceito algum, o que me encheu de satisfação, desapareceram os meus derradeiros obstáculos: se a Igreja está pronta a

(1) Sobre Wittig, cf. E. Krebs, «Joseph Wittigs Weg aus der kirchlichen Gemeinschaft», Munique, 1928. (Nota do editor).

http://www.obrascatolicas.com/

receber aquele que a ela se dirige como homem íntegro e livre, sem no seu coração ver apenas um antro de assassinos, que razão haveria ainda para me conservar afastado dela, em face do evidente auto-aniquilamento da Igreja protestante? Todo aquele que reconhecia a verdadeira situação da Igreja protestante e não se encontrava obrigado pela sua posição e responsabilidades, a permanecer nela, nenhum maior serviço poderia prestar aos seus membros do que precedê-los na única saída possível para fugir à sua miséria confessional — o caminho para Roma.

Quando encetei fìsicamente este caminho, depois de já o ter percorrido espiritualmente pela minha conversão, que se deu a 30 de Janeiro de 1934 na Igreja de Nossa Senhora de Leipzig-Lindenau, foi-me concedido, além de tudo o mais, libertar-me, pelo caminho da razão, do meu preconceito anti-romano.

Em inolvidáveis conversas que tive no Colégio da Igreja Nacional Alemã em Roma, Santa Maria dell'Anima, tornou-se-me evidente que nós, os alemães, é que somos os principais culpados dos acontecimentos que costumam despertar o nosso «sentimento anti-romano». Não é Roma que pretende imiscuir-se no governo de tudo o que nos diz respeito, mas somos nós que, por exibição de princípios, contìnuamente obrigamos as autoridades romanas a toda a espécie de decisões, nas quais elas pessoalmente não têm o menor interesse. O nosso pensamento burocratizado, a nossa aversão à responsabilidade, que nada se atreve a resolver se não está apoiado «de cima»; a nossa falta de valor civil, contra a qual já Bismark dirigiu palavras tão sarcásticas; — e, de modo algum em último lugar, a

http://www.obrascatolicas.com/

nossa tendência para lutarmos contra opiniões contrárias, não em controvérsia franca e honesta, mas denunciando os nossos adversários ao seus superiores, esta tendência que já tantas declarações públicas das autoridades do novo Estado têm censurado, eis as franquezas — felizmente como tais reconhecidas e combatidas — do nosso próprio carácter nacional. As suas inevitáveis repercussões têm como consequência certos fenómenos em razão dos quais acabamos de formar um complexo anti-romano. De modo semelhante, certo liberalismo promovia entre nós um complexo anti-estadual, que ele mesmo tinha sido o primeiro a cultivar, relegando toda a responsabilidade para cima do Estado.

O nosso sentimento contra «Roma» é, na verdade, uma reacção do nosso mau humor, causado pela nossa própria falta de independência interna. Não é Roma que tem de modificar-se para que desapareça esse sentimento; nós mesmos é que nos devemos curar espiritualmente. O Catolicismo alemão deve procurar restaurar-se do seu sentimento de inferioridade, que o tem fortemente prejudicado, desde a Reforma, e sobretudo nos últimos decénios. Graças a Deus que na actual juventude católica isso já desapareceu em grande parte. E o facto de me ter sido possível essa verificação, constituiu o complemento positivo daquelas conversas de Roma, pelas quais desapareceu na maior parte aquilo que em mim restava do «preconceito anti-romano», quanto a certas preocupações sobre o futuro da Igreja na Alemanha.

Porque a geração cuja juventude está dominada pelo heróico combate espiritual que a Igreja desenvolve, com

http://www.obrascatolicas.com/

uma superioridade absoluta contra o neo-paganismo, esta geração já não é tentada a contemplar cheia de inveja, as riquezas espirtuais que alguns pretendem ser maiores fora da Igreja, nem receia ver seduzida a juventude por esses encantos; também não pede a Roma disposições contra tais seduções, nem se queixa da severidade romana nas limitações que põe às suas ovelhas, em face do mundo espiritual externo. Para a juventude católica de hoje, Roma não é o «polícia» a quem se pede para encarcerar os desordeiros, mas cujas disposições legais pessoalmente não se acatam. (Também não foi este o caso, evidentemente, de grande número de pessoas da geração passada, ou pelo menos, não o foi em primeira linha). Roma é antes o pai, sob cuja protecção, que representa a do Pai celestial, nos sentimos resguardados, quanto é possível na terra; o Santo Padre, que na sua inolvidável mensagem da Páscoa de 1934 assim falou à juventude: «As vossas preocupações são as nossas preocupações». E com isto está dito tudo.

Se a verdadeira Roma — não a que nós, os alemães, criamos em nossa fantasia! — deveria reformar-se sob certos aspectos, isso é problema que apenas aqui afloro para dizer que — tanto quanto é possível afirmá-lo sob o nosso ponto de vista — o antigo espírito imperial, tal como o nosso Santo Padre o incarna pessoalmente de modo notabilíssimo, nas decisões da Cúria, deveria mostrar-se ainda mais. Desde que já não existe nenhum Estado da Igreja, no velho sentido do termo, só a calúnia mal intencionada poderia querer ver no governo pontifício, ocupado exclusivamente do reinado espiritual de Cristo-Rei, uma

http://www.obrascatolicas.com/

orientação no sentido do domínio político-temporal. Em todo o caso, nunca a juventude católica alemã se deixaria impressionar com semelhantes coisas. Foi esta a maravilhosa verificação que — depois de haver decidido submeter-me a Roma pela obediência da fé — me foi concedida.

Também pude verificar pessoalmente contra o que pretendem os heterodoxos, que de modo algum é proibido, aos católicos e muito menos aos convertidos, possuir e exteriorizar a sua honesta opinião sobre a parte humana e terrena da Igreja. Com pouquíssimas excepções, pelo contrário, encontrei, para cada proposta prática de remodelação, para toda a crítica positiva derivada da fé, e não originada negativamente em pontos de vista da «actualidade» ou coisa semelhante, uma aceitação tão pronta, uma tal ânsia de aprender capaz de envergonhar até quem se sentisse verdadeiramente consciente da sua própria insuficiência. Em vista disso, frequentemente recordava a prontidão com que a Igreja antiga recebia, cheia de especial alegria, os que haviam sido chamados em último lugar — desde S. Paulo a S. Agostinho, para só falar dos maiores — tal como o Pai celestial ao filho pródigo, de regresso à casa paterna.

Creio poder esperar que estas explicações não serão mal compreendidas, no sentido de louvores infundados, como por vezes fazem muitos convertidos a tudo quanto é católico, com prejuízo da sua credibilidade. Quem conhecer as minhas outras publicações e possìvelmente também a crítica suscitada por elas, em parte devido à incompreensão dos seus objectivos fundamentais que, em última análise, eram apenas afirmativos, sabe que nada se en-

http://www.obrascatolicas.com/

contra mais longe de mim do que semelhante adulação. Pelo contrário, se corro algum perigo, é o de exteriorizar com excessiva rudeza os meus reparos contra certos aspectos terrenos da Santa Igreja (não contra ela mesma!), quando isso me parece necessário para conservar pura a sua missão divina.

Se é certo que, em casos semelhantes, peso cuidadosamente todas as palavras, pensando sobretudo nos fracos aos quais não deve dar-se nenhum motivo de escândalo, não é menos certo que de modo algum me estribo apenas na minha opinião, pois submeto toda e qualquer publicação desse género à aprovação de católicos experimentados e dignos de confiança. Apesar disso, sei que se o próprio estilo e a clara firmeza das minhas declarações são pedagògicamente muito eficazes, como de contínuo se verifica, também em muitos casos, devido à aparência de segurança orgulhosa, provocam certas irritações. (Tem, todavia, de existir homens que ousem dizer «uma palavra apaixonadamente livre», quando se nos depara qualquer coisa cheia de dificuldades para muitos. «Guarda-freios» há-os sempre e bastantes — e não só entre os católicos, mas em todos os campos). E precisamente o facto de ter encontrado para esta minha maneira de pensar tão excepcional compreensão, e ter deparado, contra tudo quanto me haviam predito, tão grande espaço na Igreja para a liberdade cristã, hoje como em todas as grandes épocas da sua história, constituiu a ditosa realidade que me foi dado verificar — e que pode verificar todo aquele que levantar a sua voz com espírito de absoluta e filial obediência a essa Mãe infalível e também com inteligência.

http://www.obrascatolicas.com/

Assim, neste relato que infelizmente teve de ser demasiado concentrado devido à falta de espaço, apenas uma coisa fica ainda por dizer que me parece particularmente importante: pertenço aos convertidos que entraram na Igreja levados ùnicamente pelo conhecimento objectivo da obediência que deviam a Cristo, e não por ter sentido a necessidade pessoal de pertencer a ela. Quero dizer que compreendi a minha incondicional dependência de Cristo, para poder viver espiritualmente, mas acreditava que pessoalmente podia conseguir passar, sem pertencer à Igreja visível. Só ulteriormente reconheci o meu erro. Só por meio da Igreja aprendi que também eu necessitava — ai de mim! — de impregnação plena da sua torrente de graças, e necessitava urgentemente, se na realidade queria tomar a sério os mandamentos divinos e não pretendia torná-los arbitràriamente fáceis!

Porque não é, como muita vez pensam alguns protestantes sèriamente crentes, que se «torna mais fácil» aos católicos ser bons cristãos aos olhos da Igreja, do que aos protestantes. (A verdade é apenas que muitos — católicos e protestantes — tornam-no a si mesmos muito fácil). Quanto à Igreja, a verdade é que impõe aos católicos exigências muito grandes, mas também lhes coloca à disposição auxílios incomparàvelmente maiores. E assim todos confessamos a nós mesmos, ao meditarmos nessas exigências, que elas são realmente justas, e que foram impostas pelo próprio Deus através da Igreja. E mesmo se nos reconhecemos depois demasiadamente fracos para as cumprirmos, encontramo-nos, pelo menos, em estado de verificar com toda a clareza esta nossa franqueza real

http://www.obrascatolicas.com/

e a necessidade da graça (não a luterana, que é de carácter geral, e na verdade cómoda demasiado para a maior parte dos homens!) Assim nos encontramos, pelo menos, libertos do perigo terrível de fazer dos nossos defeitos virtudes, e de declararmos verdes as uvas suspensas da latada demasiado alta, desprezando as «boas obras» por nos serem muito difíceis.

Se é certo que tive de combater muito pela minha fé cristã e pela sua informação pelo amor, também é certo que mais liberto de lutas espirituais, de dúvidas e recaídas foi o meu caminho para a Igreja de Cristo!

Sinto-me grato por esse caminho não me ter custado nenhum esforço especial; pelo contrário, foi-me dada tal energia que pude consagrar-me, sem desfalecimento e com o maior denodo, à luta empenhada em favor da Igreja. Que Deus abençoe com a sua graça esta luta que é de nós todos!

http://www.obrascatolicas.com/

UMA FÉ EM DESARMONIA CONSIGO MESMA

Prof. Ernesto Roloff
ALEMANHA

Berlim. Conselheiro de Estado, editor do «Lexikon der Pädagogik, (1912-1917) em cinco volumes. Dos seus livros são dignos de menção: «Ägypten einst und jetzt» (O Egipto, outrora e na actualidade); «In zwei Welten, Debeuserivuerunferi» (Em dois mundos, memórias da minha vida); «Im Lande der Bibel» (No país da Bíblia); «Ägypten von der Römerrherrsschaft bis zur Gegenwart» (O Egipto, desde o domínio Romano à actualidade). O Professor Roloff foi também um dos editores do «Herders Konversationslexikon» (1903-1910).

Na minha vida vi-me tantas vezes, sem querer, imiscuído nas lutas religiosas dos que me cercavam, que estaria em condições de escrever um volumoso livro de conclusões sobre os variadíssimos motivos, e muitas vezes estranhos, que tanto conduziriam à fé como à descrença.

Ao abarcar hoje, já quase com 67 anos, a minha evolução confessional, sou forçado a reconhecer a sua célula primitiva no seguinte acontecimento. Quando jovem estudante de teologia evangélica, passei os meus dois primeiros semestres em Leipzig, e frequentava, como se fora a minha própria, a casa do cónego Prof. Dr. Cristóvão Ernesto Luthardt, inteligente e autoritário chefe do lute-

http://www.obrascatolicas.com/

ranismo ortodoxo de então (a chamada escola de Erlanger). Como ele se dignou distinguir-me, permitindo-me colaborar na sua influente «Allgemeine evang. — lutherischen Kirchenzeitung», pude também assistir ocasionalmente às eruditas conversas que regularmente mantinha com os seus colegas, o Dr. Francisco Delitzsch, o judeu mais notável do seu tempo, genial tradutor para hebraico do Novo Testamento (para efeitos de missão judaica), e o multímodo Dr. Gustavo Adolfo Frick. Durante uma dessas conversas surgiu um problema teológico, cujo objecto é indiferente para esta narrativa, mas que deu origem às mais vincadas divergências de opinião. Então Luthardt tirou das suas estantes um livro já um tanto ou quanto gasto pela leitura, folheou-o durante uns momentos e leu uma pequena frase de Lutero. Imediatamente se aplacaram as altas vagas da discussão, e se obteve a concórdia. Atravessou-me, porém, o espírito, a seguinte ideia: como é que Lutero possui tal autoridade, que a mais de quatro séculos de distância, uma palavra sua pode actuar como sentença bíblica? E mal o pensei, imediatamente o exprimi, com a minha natural vivacidade. Surgiu espontâneamente um grande espanto, acompanhado de olhares reprovadores, e por fim, uma graça qualquer, bem intencionada, do meu protector Luthardt. Assim se liquidou a questão para os outros; quanto a mim, todavia, tornou-se o ponto de partida para uma maneira totalmente nova de considerar as coisas.

Tal como aqui, também nas subtis conferências de Luthardt não recebi, infelizmente, uma única resposta a todos os ardentes e angustiosos problemas que em mim

http://www.obrascatolicas.com/

se haviam levantado, devido à leitura da «Vida de Jesus» de Bernardo Weiss (1882) e Willibald Beyskhlag (1885), publicadas pouco antes, ambas com objectivos racionalistas. O resultado dos meus dois semestres passados em Leipzig, sob o aspecto teológico, foi uma desilusão sem limites. Estudara, com zelo ardente, o luteranismo puro, na sua sede clássica, e não conquistara nem alegria nem estímulo. Por último, o meu desânimo deu origem à momentosa resolução de me transladar com um amigo para Berlim porque então despertava em mim, pela primeira vez, um pouco do significativo reconhecimento de que não era a ortodoxia luterana, mas sim o protestantismo na sua feição mais moderna que representava a evolução lógica da Reforma.

Precisamente naquelas semanas, depois de larga disputa de opiniões, à qual pôs termo uma inabalável decisão do jovem Kaiser, tinha sido chamado de Marburgo para Berlim, o revolucionário Adolfo Harnack. Depois da sua primeira prelecção universitária (fins de Outubro de 1888), quase nunca faltei a nenhuma, a não ser por motivo que a isso me forçasse. Uma oposição maior que a existente entre Luthardt e Harnack, seria quase inimaginável. No primeiro, uma benigna, para não dizer compassiva omissão das objecções do adversário; no segundo, um inovador de primeira e da mais perigosa grandeza, que tudo investigava criticamente, sem quaisquer limitações prévias.

Deixei-me irremediàvelmente prender pelos seus encantos, e desfrutei nomeadamente as relações pessoais com ele. Sobretudo, atraíam-me as suas prelecções sobre

http://www.obrascatolicas.com/

a história dos dogmas, e em breve chegou a ocasião em que li o seu célebre «Manual da história dos dogmas», que estudei diligentemente, e cujo terceiro volume apareceu justamente no fim do terceiro ano da minha vida académica em Berlim. Fiz essas leituras com os olhos racionalizantes do professor de teologia de Estrasburgo, Henrique Haltzmann, que via nessa obra a «exposição não raras vezes impressionante e comovente da evolução sofrida, através de um milénio, pelo mundo de ideias do Novo Testamento, depois de haver desaguado nas correntes turvas do helenismo popular».

E todavia, no mais íntimo de mim, permanecia sempre vivo um resto de fortíssima resistência a esta nova orientação. O meu pensamento filosófico arripiava-se perante a aceitação do carácter inatingível de toda a verdade transcendente, e não se resignava a ver um perigo em toda a especulação metafísica, como se nada se pudesse dizer de preciso sobre Deus e sobre Cristo. Não me satisfazia contemplar em Cristo uma grandeza do passado, e considerar as verdades e realidades do Cristianismo puramente como fenómenos da consciência subjectiva, ou actos da vontade humana. Quando o professor de Harnack, Alberto Ritschl, negando todo o dogma, baseava a religião única e simplesmente no lado prático da vida espiritual do homem, e realmente conservava do Cristianismo, apenas «o fiel cumprimento do dever na esfera de cada pessoa, santificada pela fé na Providência divina, a qual, por si mesma, e sem a morte satisfatória dum Mediador, nos concede o perdão dos pecados cometidos na ignorância» — compreendi já então, com

http://www.obrascatolicas.com/

toda a evidência, que isto não me poderia satisfazer muito tempo.

Também em mim tomou corpo, antecipadamente, aquilo que em 1892 havia de agitar toda a opinião pública com o «Apostolikumstreit»; senti já naquela altura, o mais vivamente possível, a contradição entre a teoria teológica de Ritschl-Harnack, e o exercício da profissão eclesiástica e mesmo pedagógica. Como me poderia eu sentir ligado, na minha actuação profissional, à confissão apostólica da fé, se ela, segundo a convicção dos dois homens já citados, era inconciliável com a primitiva doutrina de Cristo? Como abandonar este beco sem saída? Regressar a Lutero, era-me absolutamente impossível, visto que com o decorrer dos anos a sua autoridade fora desaparecendo cada vez mais para mim. Na Igreja Católica, nem de longe pensava então. Assim me embrenhei cada vez mais na negação, e tive de abandonar Berlim, aonde acorrera, confiado e alegre, com a convicção de que não encontrara ali a sólida formação que esperava; pelo contrário atirara aos quatro ventos as minhas ocnvicções dogmáticas. Triste e amarga sorte!

Para de certo modo dominar as dificuldades que ante mim contìnuamente se amontoavam, estudara, o que então era ainda bastante possível, filologia clássica a par da teologia, e muito pouco depois do primeiro exame de teologia, fiz o exame de estado de filosofia. Que não ocuparia nenhum cargo eclesiástico, era evidente para mim, dada a minha posição negativa em face do dogma. Por isso dediquei-me durante dois anos e meio a dar lições como professor particular numa casa distinta de Neumark. Uma

http://www.obrascatolicas.com/

função de culto que eu ali estabeleci para cerca de 60 crianças de ambos os sexos, seguindo o exemplo da igreja de Nossa Senhora de Berlim, teve sem dúvida um grande êxito externo, mas ìntimamente lauçou-me em novas e constantes dificuldades.

Facto idêntico se passou no ensino oficial, por eu ser obrigado, como antigo teólogo, a dar as aulas de religião, e por sinal em todos os cursos. Preparava-me de modo particularmente profundo, porquanto já de muito jovem tinha consciência de que as aulas de religião devem ser dadas de modo tão perfeito que ela se torne uma disciplina realmente amada pelas crianças; de outro modo, darão origem a uma geração que a combaterá e por fim a abolirá totalmente. Além disso, instituí para os alunos maiores dos cursos superiores aulas especiais de discussão, que foram activamente frequentadas. Depois pedi-lhes que expusessem, para ser discutidos, todos os problemas que os atormentassem; sabia muito bem, do meu tempo de estudante, a importância que a possibilidade de tal debate poderia ter. Mas em que dificuldades me vi, no decorrer do tempo, precisamente devido a estes debates! No entanto, teria sido uma falta de consciência iniciar aqueles jovens na minha própria desorientação espiritual!

Esta, porém, seguia obscuramente o seu caminho durante todos estes anos. Como areia seca haviam-se-me varrido das mãos todos os princípios da fé; e vi-me perante um vácuo que me fez estremecer. Cheguei finalmente a um ponto em que apenas consegui conservar uma convicção religiosa: a crença na inexcedibilidade da «filosofia moral do sermão da montanha!» Muito doloroso

http://www.obrascatolicas.com/

era, com tudo isto, o facto de me não abrir com niguém. Apenas minha mãe, que viveu comigo durante cinco anos, quando eu dirigia a escola municipal de Lebus, sabia do meu tormento e sofria comigo, como o meu mais fiel amigo. Após a sua morte (Outubro de 1896), que ela sofreu como uma santa da Igreja católica — nela se mostrou a verdade da afirmação de Santo Agostinho, ao dizer que muitos que parecem estar fora da Igreja se encontram dentro dela, e inversamente — fiquei completamente só. O valor da troca de impressões nas minhas circunstâncias, sabia-o pelos meus colegas de estudo em Berlim, que contìnuamente me remetiam: «Que interessam estas negações teológicas à tua fé? Não é ela, em toda a sua essência, independente da ciência?» — Confesso na minha simplicidade, que ainda hoje continuo a pensar que a fé terá de sossobrar se a teologia lhe destruir os fundamentos.

Naturalmente não posso, no limitado espaço que me foi concedido, entrar em pormenores de teologia; teria, indubitàvelmente, de me alargar por toda a dogmática ou apologética. Mas passemos ao ponto crítico da minha triste situação. Durante o estado espiritual, já referido, em que me encontrava, visitou-me um amigo do sul da Alemanha, companheiro de estudos de Berlim. Médico que era, notou imediatamente a mudança operada em mim, e desejou saber o motivo. Naturalmente não me foi fácil manifestar-lhe a ele, católico, toda a minha bancarrota religiosa. E quando me queixei de ter examinado sem resultado todas as correntes protestantes, fez-me a seguinte pergunta: «Leste, porventura, algum livro católico bom?» Não, nunca, nem sequer em sonhos me surgira

http://www.obrascatolicas.com/

semelhante pensamento. Além disso, a ideia de católico anda demasiado misturada, no protestante de nível médio, com a ideia de decadência. Todavia, senti ao mesmo tempo o disparate e o a-científico de semelhante afastamento de uma confissão religiosa, à qual devíamos Miguel Ângelo, Rafael, Mozart, Haydn, Beethoven, Eichendorff, Bruckner, Pasteur, etc. Por isso, não hesitei em perguntar que livro me poderia ele recomendar. Falou-me no «Symbolik», de Adão Möhler, e prometeu enviar-me este livro no seu regresso de Berlim. Engolfei-me neste livro clássico com ansiosa avidez, e descobri nele uma obra que, em profundidade científica, não temia comparação com os melhores livros protestantes similares, e em serenidade e acabamento, ultrapassara a maior parte deles.

Não se imagine, todavia, a minha evolução, como se esta «Symbolik» me tivesse tornado imediatamente católico. Mas abrira-se o caminho, e outros livros católicos depressa me vieram parar às mãos. Particularmente importante para a sua escolha foi a revista de ciência e prática eclesiástica «Pastor Bonus», fundada em 1889 pelo professor Dr. Einig. Com este auxílio familiarizei-me ràpidamente com a biografia católica, que, até então, constituíra para mim uma região totalmente inexplorada. O que me surpreendia em todas estas obras era a sua maravilhosa unidade, e o alicerce e terreno inabalàvelmente sólidos em que todas elas assentavam. Depois do ilimitado subjectivismo das publicações neo-protestantes, depois da completa anarquia dos modernos sistemas filosóficos, estas obras católicas permitiram-me sentir de

http://www.obrascatolicas.com/

novo um pouco da paz que eu possuía outrora, e em Berlim tinha perdido.

Assim consegui dominar o abatimento da minha derrota e voltar a erguer-me, pouco a pouco, em silencioso estudo de anos. O meu paternal amigo, o virtuosíssimo padre franciscano Inácio Jeiler, residente em Quaracchi, perto de Florença, em cuja casa eu mais tarde permaneci alguns meses como hóspede, e cuja célebre edição das obras de S. Boaventura o próprio Harnack qualificou de obra clássica, declarou, volvidos anos, que a minha evolução confessional tinha sido a mais calma e lógica que ele poderia imaginar. Eu mesmo me regosijo da linha *recta* que vem desde a harmonia da minha piedosa casa paterna, até à minha situação actual.

Todavia, muitas dificuldades havia ainda a vencer. Uma, relativamente pequena, era a necessidade, que se me impunha como absolutamente natural, de trocar regularmente impressões com católicos cultos. Mas não havia possibilidade, no meu ambiente exclusivamente evangélico. Uma única vez, em Braunschweig, um dos lugares onde exercia a minha actividade, fui de manhã e em segredo, assistir à missa na igreja católica de Sandwege. Imediatamente fui denunciado ao meu superior, que me exprimiu a sua «enorme estranheza» por este incompreensível procedimento.

Mas o que aumentou incomparàvelmente a minha angústia foram as já referidas aulas de discussão com os alunos. Visto serem, primeiro que tudo, destinadas a problemas filosóficos relativos a concepções do mundo, fàcilmente se pode compreender quantos embaraços me

http://www.obrascatolicas.com/

proporcionaram. A minha tensão espiritual tornou-se por último tão grande que me originou crises de insónia, e um antigo sofrimento de garganta piorou de tal modo, que durante certo tempo estive quase afónico, e só com grande dificuldade conseguia desempenhar as minhas funções. Que não seria capaz de sair desta dificuldade sem tomar amplas e especiais providências, via-o cada vez mais claro. Mas como? Até que um dia chegou, qual mensageira divina, uma carta do meu amigo Dr. Weser, Pastor em Berlim, perguntando se eu desejaria encarregar-me, por certo tempo, de representar a direcção da escola alemã no Cairo. Era justamente o que eu precisava. Aceitei logo, depois de ser autorizado pelos meus superiores, e pude surpreender a todos os meus conhecidos com a notícia de que ia transferir-me para o Egipto.

No Cairo, travei conhecimento com uma série de notáveis religiosos católicos. Sentia-me particularmente atraído pelos filhos de S. Francisco, já de há muito por mim venerado especialmente. Estes iam em toda a minha vida ulterior desempenhar um notável papel. Também na Palestina, onde durante as férias permaneci largo tempo, entregue a estudos, cuja expressão religiosa constituiu o meu livro «Im Lande der Bibel» (Berlim, 1922) travei relações, que duraram largos anos, com franciscanos distintos, e senti-me dominado por uma satisfação religiosa, como raras vezes experimentei. Por esta altura chegara ao seu termo a minha evolução confessional, e eu tinha a impressão de que me faltava encontrar uma pessoa que tomasse em suas mãos o meu destino e o conduzisse para o devido objectivo.

http://www.obrascatolicas.com/

Este homem chegou na devida altura, de maneira quase lendária. Quando do meu regresso à Europa, encontrando-me no porto de Alexandria, a bordo do «Semiramis», divisei, entre os que subiam a escada do navio, um franciscano cheio de cãs, o qual produziu em mim uma profunda impressão que nem eu soube explicar. «É este quem tu esperas», segredou uma voz, com toda a clareza, no meu interior. Este religioso, figurava na lista de bordo apenas como «Padre Bernardo de Roma». Logo à primeira refeição, fixaram o seu lugar junto de mim, pelo que em breve nos tornámos conhecidos. Nos três dias de viagem até Brindisi, onde ele tomou o combóio para Roma, convivi exclusivamente com este douto religioso, que, como Visitador, tinha percorrido os conventos franciscanos do Egipto e Palestina — e, diga-se de passagem, foi no ano seguinte nomeado bispo de Nepi e Sutri, junto de Roma. Quando à meia noite se despediu de mim, no cais de Brindisi, deu-me na obscuridade o seu cartão, e convidou-me a fazer-lhe em breve uma visita em Roma. Eu continuava até Veneza para, durante algumas semanas no norte da Itália, me habituar de novo ao clima europeu. Um Abril invulgarmente frio levou-me, porém, volvidos apenas alguns dias, para Florença. E visto que assim, contra a minha vontade, me aproximara tanto de Roma, decidi-me a viajar para o sul durante mais cinco horas de rápido, para voltar a ver o P.e Bernardo e expor-lhe a minha crise religiosa, sobre a qual, a bordo, não se pronunciara uma única palavra.

Mas eis que tinha perdido, de uma maneira que ainda hoje não consigo explicar, o seu cartão de visita, e assim

http://www.obrascatolicas.com/

não lhe sabia sequer o nome. Depois de uma busca durante vários dias, quase à aventura, encontrei finalmente esse franciscano no convento de S.to Isidoro, dos Irlandeses, no Píncio. Tratava-se do P.e Bernardo Döbling, nascido em Munster, na Westfália. Grande foi a sua alegria, mas maior ainda foi a sua surpresa quando soube que eu era protestante. Após uma hora de conversa, condensou o seu juízo sobre mim nestas palavras: «Se está firmemente convencido de tudo isso, então o senhor é católico, e deve proceder como tal». Todavia, procurou adiar o mais possível a minha entrada na Igreja Católica, coisa em que me fixei expressamente, visto ser opinião geral entre os heterodoxos que para os católicos nunca a pressa é bastante, ao apanharem uma presa semelhante. Desfrutei ainda durante quatro meses completos das suas sábias instruções, até que em 29 de Julho de 1899, na pequena capela da Casa dos Conversos, na presença ùnicamente do P.e Döbling, do seu amigo o arcebispo Constantini, e o director da Casa mons. Onesti, fiz a minha profissão de fé católica, e recebi pela primeira vez a sagrada comunhão.

A convite dos franciscanos irlandeses, com quem travara grande amizade, fiquei por então a viver em S.to Isidoro, onde prestei os meus serviços como organista, e assim me fui introduzindo, muito mais ràpidamente do que de outro modo sucederia, na maravilhosa beleza da liturgia católica. Ali vivi em voluntária e severa clausura, não abandonando o convento uma única vez durante quatro semanas. Não escrevia cartas. Após a agitação dos últi-

http://www.obrascatolicas.com/

mos meses e anos, desejava apenas desfrutar dos bens tão dificilmente alcançados.

Quanta vez sentira, já antes, a falta da confissão privada! O próprio Goethe a considera como uma das coisas «que não nos devia ter sido tirada». Lutero chama-lhe, nos últimos tempos, «excelente, preciosa e consoladora». Agora eu tinha-a à minha disposição tantas vezes quantas quisesse. Por outro lado, comovia-me a possibilidade, ao meu alcance, da comunhão frequente, mesmo diária, que constitui um dos maiores privilégios dos católicos. Inestimável foi também o facto de ter podido penetrar rápida e profundamente na vida católica, graças ao amigável convívio dos religiosos de S.to Isidoro, na sua maioria mais novos do que eu. Já nessa altura via com absoluta clareza que, pelo acto da conversão, apenas tinha dado o primeiro passo; agora teria necessàriamente de vir, como ponto capital, a compenetração com a vida católica.

Enquanto em S.to Isidoro, retirado do mundo, levava uma vida completamente interior, na minha longínqua pátria, os jornais encontravam-se por minha causa em viva excitação. Nm daqueles indiscretos correspondentes, que são capazes até de ouvir crescer a erva, adivinhou o meu segredo divino, e, sem trocar comigo uma única palavra, transmitiu-o aos jornais de Berlim, mas de uma forma totalmente desfigurada. Soube-o através de inumeráveis cartas de amigos, conhecidos e alunos. É doloroso ver a pouca compreensão que têm, mesmo os mais bem intencionados, para tudo quanto diga respeito ao Catolicismo, isto para não falar dos que desprezam toda a religião positiva. A razão principal deste fenómeno é o des-

http://www.obrascatolicas.com/

conhecimento e ilimitada ignorância das coisas católicas. Respondi pacientemente a todas as cartas recebidas, muitas das quais vinham repletas de uma pena sincera e comovente. Das três modalidades de convertidos — loucos varridos («Isso é de a gente se fazer católico!», diz o berlinense quando se irrita), calculistas ambiciosos e visionários românticos — eu fui incluído na última. Chegou a falar-se numa bela e rica sobrinha do cardeal, que teria desempenhado em tudo isto um papel importante. Mas que um homem considerado até então como muito sério fosse levado à Igreja Católica através de dez anos de labor científico, e que esta, por conseguinte, devesse ser muito diferente do que vulgarmente se dizia — eis um pensamento que não veio a ninguém!

Mais tarde, todos sem excepção, voltaram a dedicar-me a sua amizade.

Muitas das objecções que me apresentaram eram tão superficiais que sem dificuldade se refutavam. Assim, por exemplo, a seguinte: «não se muda de fé como de camisa!» Por certo que não. Apenas indivíduos miseráveis são capazes de proceder desse modo. Mas é igualmente certo e seguro que aqueles que se agarram obstinada e caprichosamente a uma opinião não são os mais perspicazes e nobres. Desse modo, todo o progresso cultural cessaria, e a própria Reforma não se teria realizado. Quanto à censura, continuamente repetida, duma quebra da tradição familiar, ocorreu-me felizmente a bela frase do conde Frederico Leopoldo de Stolberg. Quando Frederico Guilherme III da Prússia lhe lançou em rosto um dia: «não gosto de quem é infiel à crença dos seus pais», repli-

http://www.obrascatolicas.com/

cou-lhe o convertido prontamente: «nem eu, Majestade; por isso voltei à religião de meus pais!» — Oh! a tradição familiar, em questões de convicção religiosa! O conhecido historiador W. H. Riehl teve a coragem de responder à pergunta: «Porque é que sou protestante? — dizendo: «Porque os meus pais eram protestantes!» Aqui se aplica a sentença de Confúcio: Conhecer o bem e não o praticar, *é falta de valor!*»

Pertencendo à classe média, encontro-me na invulgar situação de poder seguir documentalmente a minha árvore genealógica até 1483, e sinto-me feliz por saber que volto a unir-me aos meus antepassados nas minhas práticas religiosas. Por certo que sofri muito por causa disso, até da parte de alguns católicos. Mas que Deus seja louvado por tudo, e designadamente por muitíssimas outras coisas que não posso referir aqui. Busquei a felicidade por detrás de muitos montes, sem nunca supor encontrá-la onde finalmente a encontrei. Andar por caminhos soalhentos e direitos é comum; mas surgir da escuridão para veredas radiantes de luz, e orar de alma jubilosa ao Pai das luzes, isso é a verdadeira e duradoira felicidade. Dou graças ao meu Criador, por permitir que eu a gozasse em abundância, e por ter querido que os grandes problemas, que enchem mundos e eternidades, se tornassem sal da minha própria vida!

http://www.obrascatolicas.com/

CIÊNCIA E SOCIEDADE SEM FÉ

Dr.ª Fany Imle
ALEMANHA

Paderborn. Publicou numerosos trabalhos sobre cultura do espírito, entre os quais «Die Arbeitslosenunterstützazung in den deutschen Gewerkschaften» (Proiecção aos desempregados nos sindicatos alemães); «Franziskus, ein heiliger Lebenskünstler» (Francisco, um Santo artista da vida); «Nachtgedanken über Gott den Dreieinigen» (Pensamentos nocturnos sobre Deus Trino e Uno); «Geist und Gott» (Espírito e Deus). Além disso, traduziu com o P.e Dr. Julião Kaup, O. F. M., o «Breviloquium» de S. Boaventura.

Como herança paterna, foi-me legado um amor pela verdade orientado em sentido fortemente abstracto, e um vivo interesse, manifestado desde os tempos de criança, pelas matérias do conhecimento supra-sensível. Já na escola ,sentia-me atraída pelas disciplinas abstractas, e não pelas de carácter concreto. Na casa paterna esse interesse pelo abstracto foi alimentado pela literatura filosófica, e transitòriamente pelo ensino religioso protestante que sob o aspecto teórico se encontrava muito florescente na minha cidade natal. Religiosamente, nem a minha família era ortodoxa, nem eu sentia qualquer necessidade nesse sentido. A instrução religiosa tinha para mim o mesmo valor que a exposição de qualquer

http://www.obrascatolicas.com/

filosofia notável. Era capaz de me absorver, durante horas e horas, na consideração dos atributos de Deus, dos mistérios da Santíssima Trindade e da doutrina da graça, mas a aplicação moral das verdades dogmáticas, e sobretudo a consequente piedade sentimental dos evangélicos causavam-me repugnância. Esta chegou ao extremo num pensionato protestante, da seita de Herrnhut, para onde fui enviada seguindo uma velha tradição de família.

Foi ali também que pela primeira vez tomei dolorosamente consciência da desordem doutrinal do protestantismo. Quando me preparava para a confirmação e para a primeira sagrada ceia, caí numa grande desorientação espiritual e intelectual, pois foram-nos expostas todas as concepções heréticas e as numerosas doutrinas protestantes sobre o sacramento do altar, mas não nos foi dada qualquer instrução positiva sobre a maneira como nós o devíamos entender. E assim, o desejo de união com Deus, que tantas vezes desperta na alma infantil, foi abafado por um criticismo precoce. Quase com relutância deixei-me levar até à mesa do Senhor, pela primeira e última vez na minha mocidade externamente protestante. Esforcei-me por tomar esse acto como cerimónia incómoda, necessária como passagem da meninice para a juventude, e imediatamente após a confirmação compreendi que a primeira das minhas acções independentes deveria consistir na elaboração de uma concepção do universo própria, a qual eu imaginava então para além de qualquer confissão cristã ou mesmo teísta.

Ao contrário das minhas condiscípulas, eu conhecia alguma coisa do Catolicismo. No trato com sacerdotes

http://www.obrascatolicas.com/

católicos, ficara a conhecer esta doutrina e forma de vida sob o seu melhor aspecto, e chegara a entusiasmar-me infantilmente por ela, durante algum tempo. Frequentes vezes assistira, sem ser autorizada, à instrução religiosa numa escola católica da cidade. O que de aí me ficou na memória, parecia-me, de facto, mais coerente e integral, mas nem sequer me surgiu a ideia de que pudesse servir de base à mundividência de uma pessoa culta, jovem e livre de preconceitos. As belezas externas da liturgia, que ordinàriamente produzem sobre os heterodoxos tão atraente impressão, permaneciam pintadas a vivas cores, na minha memória, mas eu já então desprezava o esteticismo vazio de conceitos, e nunca na escolha da minha religião ou mundividência pediria conselho ao gosto, enquanto ligado aos sentidos e dependente do sentimento.

Assim, entrei na vida, com a ânsia ardente de conhecer e a nobre vontade de produzir qualquer coisa de bom, mas ignorante em matéria religiosa, e quase sem lei no campo da moral.

Esta para mim reduzia-se ao princípio de cumprir sempre fiel e desinteressadamente aquilo que se me afigurasse verdadeiro e justo, e portanto não sacrificar nunca ao inferior, menos ainda ao vulgar, o mais nobre e o mais alto. Tratava-se daquele idealismo capaz de bons resultados, mas também fàcilmente sujeito a extraviar-se, próprio da melhor mocidade de então.

Como estudo, apenas me interessava a filosofia, tanto mais que sentia grande antipatia pela actividade docente, e não necessitava de me dedicar a nenhuma profissão prática. Queria instruir-me de acordo com as minhas

http://www.obrascatolicas.com/

inclinações e faculdades e pôr mais tarde à disposição dos outros, em âmbito restrito e privadamente, o que tivesse aprendido. As ciências exactamente históricas não deixavam de me inspirar interesse, dada a minha tendência especulativa, mas bastante secundária. Por isso, todas as minhas esperanças de verdade pu-las na filosofia dos grandes pensadores do passado e do presente, e de aqui veio a primeira desilusão amarga da minha juventude.

Surgiu, então, nas universidades uma corrente filosófica quase ingènuamente empírica, a qual originou um breve florescimento da psicologia experimental, com o orgulhoso menosprezo de toda a especulação desligada da matéria. Tudo quanto ultrapassava os limites da experiência material e biológica, para penetrar em região de pensamentos mais elevados, e buscar o absoluto para além do transitório e mutável, rejeitava-se como um vestido fora de moda.

Eu não acompanhei a mudança de moda na minha Faculdade. Com vigoroso impulso dediquei-me à sociologia, à economia política e à filosofia do direito. Estas disciplinas abriram-me o caminho para a vida prática e para as massas trabalhadoras. A profunda miséria, e mais ainda a grandeza humilde, e sobretudo a urgente necessidade de cultura das classes trabalhadoras impressionaram-me até me arrastar a entusiasmos de estudante pela revolução social, próprios da época e da profissão. É possível que eu tomasse tudo isto mais a sério do que muitos dos meus colegas. Seja como for, durante alguns anos busquei nessas actividades um substituto da religião, sem por isso sentir de qualquer modo satisfeita a

http://www.obrascatolicas.com/

minha ânsia de verdade. O panteísmo, superficial na sua afirmação de vida, mas que entusiasmava o nosso meio, actuava estimulantemente em mim, como uma canção ou poesia; e apreciava-o como mundividência para uso caseiro de uma mocidade contente de viver e cansada de preconceitos, mas filosòficamente não me satisfazia de modo nenhum. Pensava eu então que a verdade superior era e continuaria a ser a dolorosa paixão da minha vida, mas que tinha de afastá-la do cérebro, por momentos, a fim de gozar como os outros, produzir alguma coisa de prático, e contribuir para a felicidade alheia.

O estudo profundo do marxismo deu satisfação transitória às minhas necessidades de pensamento abstracto e de conclusões lógicas. O materialismo histórico que serve de base a este sistema, achava-o fàcilmente compreensível e desculpável como reacção contra a altiva ignorância das realidades económico-sociais, e das tendências evolutivas; mas é certo que me horrorizava também como a mais pobre e mais limitada de todas as concepções do universo. A que profundidade deveria um povo ter caído, que grave deveria ter sido contra ele o pecado da classe dominante, para que tais mutilações do pensamento humano se pudessem tornar um substitutivo da religião!

Como eu daria de bom grado a este povo uma religião melhor, e me sacrificaria como sua apóstolo, se eu mesma não fosse, a este respeito, uma pobre de pedir! Que me aproveitava, no contacto com homens de luta, toda a minha ciência escolar de assuntos filosóficos, se não possuía o sistema, a base profunda e o remate final, e assim não merecia que me acreditassem? Ia vendo todos os dias,

http://www.obrascatolicas.com/

e de modo cada vez mais nítido, com o que pràticamente verificava sobre a minha própria insuficiência e dos meus semelhantes, que a ciência se deve unir à fé se quisermos chegar a uma explicação satisfatória do mundo, e a uma ética normativa da vida. Reconheci-o com implacável agudeza, quando confusos destinos pessoais, tirando-me da grata esfera do idealismo de estudante, me patentearam o lado nocturno da vida. Contemplei a existência com o seu semblante duro, de todos os dias. Também via agora a alma do povo, que juvenilmente idealizara, naquela desvantajosa proximidade que fàcilmente nos torna incapazes de apreciar a verdadeira grandeza, levando-nos a exagerar as pequenas deficiências. Era tão pobre como eu. A ambas nos faltava o sentido e objectivo da existência, um refúgio espiritual para além do transitório — a fé. Mas em que deveríamos nós acreditar, e a quem?

Essa foi a minha segunda e amarga desilusão. Ocupada em trabalhos sociais práticos, e a escrever sobre economia política, voltei a consagrar-me ao mesmo tempo, e com nova intensidade, já depois de transpostos os meus vinte anos, a problemas puramente filosóficos. Já não me impelia a esses estudos apenas o interesse intelectual do investigador, mas a desorientação religiosa e moral de quem deseja solucionar para si e para o seu povo questões vitais, descobrir rumos objectivos, e sobretudo libertar forças morais. As investigações de ordem social puseram-me nesta época em ligação com grupos de trabalhadores cristãos, e especialmente católicos. Não posso afirmar que o seu modo de pensar e proceder me tivesse causado maior impressão que o dos descrentes; pelo

http://www.obrascatolicas.com/

contrário, encontrei até maior carência de conhecimentos positivos, e frequentemente maior deficiência de sentimentos e incerteza de espírito. O que eu invejava nessa gente simples e de coração fiel era a sua unanimidade espiritual e harmonia moral, apoiadas na autoridade doutrinal, sublime quando não fosse divina, da Igreja. Antes, porém, de me inclinar a submeter o meu espírito crítico a essa autoridade, que se dizia agraciada pelo espírito divino com verdades sobrenaturais, e imune de erro, era preciso conhecer o conteúdo dos seus dogmas, objectivamente e sem preconceitos, tal como fizera com as ideias de tantos filósofos.

Mais serenamente e com mais frieza pessoal do que eu, jamais alguém que buscasse a verdade se terá aproximado das doutrinas da revelação católica. Devo até confessar que, mesmo depois de me sentir subjugada pela sua grandeza espiritual e objectiva, pela sua sistemática e lógica, manteve-se em mim, durante largo tempo, uma certa antipatia pessoal contra o Catolicismo, e especialmente contra a piedade católica. Mas isto não podia obstar a que me aproximasse da Igreja, como também nenhuma simpatia sentimental seria capaz de me conduzir até ela.

No entanto, para nos tornarmos católicos requere-se alguma coisa mais do que o conhecimento do conteúdo doutrinal, e a sua aceitação, alguma coisa mais do que factores de inteligência e até mais do que a criatura pode conseguir por si mesma. Requere-se o dom imerecido da graça cooperante.

Cada vez se tornou mais claro que no catolicismo existia uma harmonia sem igual, inatingível mesmo à

http://www.obrascatolicas.com/

razão humana, quanto à explicação do universo; uma superação maravilhosa daquelas antinomias, que a inteligência, entregue a si mesma, jamais resolverá; uma sublime orientação que dignifica as almas, e uma misteriosa aproximação da Divindade, pela doutrina e pelos sacramentos. Neste amplo e excelso horizonte da dogmática, apresentava-se-me também a eucaristia sob um aspecto totalmente diverso, e confesso que frequentemente sentia desejos de fruir dela.

Compreendi também claramente que, de si, no corpo místico de Cristo se devia viver dum modo divino, e portanto qualquer progresso social devia ser encarado com toda a seriedade. Por isso declarei publicamente, embora distante ainda da conversão, que só um Cristianismo, com sólida estruturação dogmática podia oferecer as ideias-mestras, vindas da revelação, e as forças propulsoras, fornecidas pela graça, capazes de realizar um progresso social verdadeiramente elevado.

Poderia eu furtar-me, por muito tempo, a esse influxo espiritual e aos efeitos dos sacramentos sobre o meu ser, tendo-as já reconhecido, para os outros e para todo o povo, como únicas fontes de verdade e nobreza? Poderia eu (foi esta, transitòriamente, a minha inclinação) adoptar o Catolicismo como filosofia privada, e conservar-me longe da Igreja? Nestas condições, a conversão tornou-se finalmente a consequência prática e inevitável do que eu teòricamente admitia. Não compreendo, então, que era a graça que a isso me obrigava, e tomei-o como simples exigência do meu amor à verdade e da rectidão desinteressada da minha vontade.

http://www.obrascatolicas.com/

Deus não me mimoseou com doces sentimentos ao dar este passo decisivo. E precisamente esse foi para mim o caminho apropriado. A sua sabedoria soube ter em vista a maneira de ser com que a sua omnipotência me criara. Tiveram de passar ainda alguns anos para eu, que cheguei com certa rapidez à certeza sobrenatural do conhecimento, sentir também na minha alma o gozo da fé, e olhar como coisa própria a« comunhão dos santos». Por sempre me ter ligado mais às doutrinas dogmáticas do que à piedade popular, mal cheguei a encontrar qualquer coisa que me originasse dificuldades intelectuais, ao contrário do que sucede com tantos convertidos académicos. Mas quando me pareceu um dever de amor à verdade a profissão pública do Catolicismo e a minha incorporação pessoal no seu organismo de graça, não imaginava ainda os tesouros inesgotáveis da emoção espiritual, de enriquecimento científico e iluminação divina que nele me reservara a bondade de Deus. Posso, portanto, incluir-me entre aqueles cujas esperanças, mesmo no campo científico-religioso e dogmático, foram altamente superadas.

http://www.obrascatolicas.com/

ATRAVÉS DA HISTÓRIA DAS ORDENS RELIGIOSAS

Hans Carl Wendlandt
ALEMANHA

Potsdam. Publicou, ainda estudante de teologia evangélica, a obra: «Die weiblichen Orden und Kongregationem der Katholischen Kirche und hire Virksamkeit in Preussen von 1818 bis 1918» (As Ordens e Congregações femininas da Igreja Católica e a sua actividade na Prússia, de 1818 a 1918).

Devo a graça da santa fé católica, logo depois de Deus e sua Mãe santíssima, medianeira de todas as graças, ao reconhecimento de que a religião católica é por excelência verdade e amor.

Nasci em 1898 em Sanssouci (Potsdam), último filho do pregador protestante da corte, Frederico Wendlant, que de 1891 a 1918 desempenhou, ao serviço do último rei da Prússia, as funções de pároco da Frievenskirche, edificada por Frederico Guilherme IV segundo a tradição dos velhos cristãos. A maravilhosa situação da casa de meus pais, cujos arredores, naturalmente belos, tinham sido realçados com um cunho particular de carácter intelectual e religioso, graças às criações artísticas desse romântico que ocupava o trono, e à basílica com os seus claustros — eis a primeira e duradoira impressão que a minha alma recebeu, e nunca mais perderá. Os meus bons

http://www.obrascatolicas.com/

pais, que, por meio de educação cuidadosa e profundo amor, tornaram alegre e feliz a juventude do seu filho, eram amados e respeitados por todos. Meu pai, um piedoso, caritativo e sincero paladino da fé na divindade de Cristo, manteve-se inabalável na luta com os adversários liberais e fiel ao rei «até à medula», a despeito de certas ingratidões: humilde, justo e prudente; minha mãe, mulher que interiormente se esforçava por conseguir a perfeição, contìnuamente preocupada das virtudes próprias duma dona de casa, era circunspecta, de juízo claro e sereno. Um amplo círculo de parentes e amigos que, juntamente com outras personalidades mais conhecidas (o cirurgião Ernesto von Bergmann; o que, mais tarde, foi chanceler do Reich, von Bethmann Hollweg, o pregador da corte Bernardo Rogge, etc.), frequentavam a casa de meus pais, alargou depressa o meu horizonte de criança. Com gratidão, evoco também os meus primeiros estudos no Real Viktoriagymnasium, de Potsdam, que abandonei em 1917 depois das últimas provas, para me dedicar ao estudo científico da história das Ordens católicas. Já como aluno sentira um interesse crescente, primeiro pelas Ordens religiosas da Idade Média, depois também pelas novas Congregações da Igreja Católica. Meus pais não se opuseram a este trabalho, e eu cada vez me sentia mais atraído para ele, dada a variedade destas instituições religiosas, sobre as quais os meus correligionários protestantes pouco sabiam, e quase sempre em desfavor. Consultei obras católicas rigorosas, e encontrei as ligações entre o passado e o presente, entre a história das Ordens e todos os campos científicos imagináveis,

http://www.obrascatolicas.com/

entre a essência das Ordens como instituições religiosas e a essência da Igreja. Penetrei deste modo naquilo que aos não-católicos se oculta, ou pelo menos, lhes é desconhecido.

Com este conhecimento sempre crescente, o protestantismo perdeu definitivamente para mim todo o valor, enquanto que repele a autoridade da Igreja e os conselhos evangélicos. Continuei a acreditar, todavia, na possibilidade do princípio protestante, relativamente a uma igreja invisível como complemento da visível, isto é, da romano-católica.

Meu pai, que fora adversário declarado do culto de Lutero e da União Evangélica, apenas pôde assistir ao início da minha orientação católica; morreu em Abril de 1918, vítima do seu amor ao próximo. Que a sua alma descanse em paz!

Durante os anos de estudante em Berlim (1919-1922), os meus estudos despertaram vivo interesse no maior teólogo protestante depois de Leibniz, Adolfo von Harnack, e mereceram o mais cordial estímulo do pregador-mor da Corte, Ernesto von Dryander. Este disse-me uma vez: «estou pronto a ajudá-lo; mas, evidentemente, só o poderei fazer enquanto o senhor se não converter!» E Harnack (após a minha conversão!): «quando é que os meus correligionários assegurarão, de modo duradoiro, o seu grande trabalho?»

Harnack aconselhou-me a apresentar à Faculdade teológica como tese de licenciatura, protestante, um amplo estudo sobre as Ordens e Congregações femininas na Prússia, no qual eu trabalhava desde 1918. Assim fiz;

http://www.obrascatolicas.com/

mas a Faculdade rejeitou o trabalho «apesar do invulgar esforço que ele representava», quando Harnack perdeu o posto e voz no conselho universitário, devido às disposições legais sobre limite de idade. Retirei por isso a minha matrícula, e aprontei a obra para a imprensa, enquanto ia ganhando a vida com aulas particulares. Em 1924, foi dada à publicidade, com licença eclesiástica e o maior apoio do Santo Padre gloriosamente reinante. Editou-o a casa F. Schôningh-Paderborn.

Depois de abandonar a Universidade, dediquei-me mais intensamente aos estudos sobre a história das Ordens e pude, graças ao auxílio de muitos conventos da Alemanha e Holanda, nos quais residi largo tempo, ver com os meus próprios olhos a vida e a actividade dos religiosos. Nunca acreditara nos tolos e disparatados preconceitos que correm acerca dos conventos, e até são repetidos por católicos inconscientes. Quando, porém, fui testemunha da realidade do espírito religioso que, mesmo dos mais afastados conventos de clausura, envia as suas ondas até aos mais remotos sectores do povo católico; quando as ideias, débeis até aí, da adoração, da penitência, da pobreza evangélica, do amor do próximo por Deus, da missão, da escola cristã, ganharam força e vida diante dos meus olhos, começou o protestantismo da «igreja invisível» a reduzir-se para mim a simples frase. Pude, então, dizer como S. Paulo: «agora conheço (a verdade) por partes, mas depois conhecerei como eu mesmo sou conhecido!»

Seguiram-se ainda anos de pesadas lutas interiores. Quando já a minha mãe e os meus amigos protestantes

http://www.obrascatolicas.com/

contavam com a minha conversão iminente, eu sentia-me contìnuamente manietado pela ideia de que Deus não me pedia com a devida claridade que desse o passo decisivo; parecia-me que o meu conhecimento era, em última análise, puramente racional, e não sobrenatural. Orava implorando luz, e pedia a outros que orassem por mim.

Durante dez anos fui repelindo, embora ùnicamente por escrúpulos, o chamamento que a graça de Deus me fazia sentir por meio da luz da inteligência; no mês de Maria de 1927, porém, surgiu a decisão. No princípio desse mês, numa carta a um amigo católico atormentado por dúvidas contra a fé, procurei descrever a beleza e profundidade das invocações da ladainha lauretana. Então, pela primeira vez, tive clara consciência de ser já católico, no meu coração. Uns dias mais tarde, por ocasião de uma viagem a Magdeburgo, senti nìtidamente que uma força misteriosa me colocava perante a alternativa de ser católico, ou de me perder para sempre. Apenas decidi converter-me, inundou-me a alma tão grande felicidade, como se uma nova vida tivesse despontado para mim. E a verdade do amor divino nos santos e almas consagradas a Deus, que eu já conhecera externamente, foi-me agora revelada no mais íntimo do coração: «Ipse enim Pater amat vos, quia vos me amastis et credidistis».

Em 1927, na véspera da festa do Corpo de Deus, na capela do hospital de S. José, de Potsdam, fui recebido na Igreja de Deus.

No estudo da vida religiosa, da única Igreja salvadora, encontrei verdade e amor — forças invencíveis do reinado de Jesus Cristo, sinal dos seus verdadeiros discípulos.

http://www.obrascatolicas.com/

PELO WANDERVOGEL [1] E AS CIÊNCIAS DA NATUREZA

Médico Eduardo Schaeffer
ALEMANHA

A seu pedido, não publicamos nenhuma nota biográfica especial a respeito de seis personalidades que narram a sua conversão neste livro.

Criei-me numa cidadezinha rural, alegre e clara, quase toda protestante, pertencente ao antigo Condado de Ravensberg. Era o quinto filho de uma família de numerosa descendência, e satisfeita com a sua fecundidade. A morte precoce do nosso querido pai levou nossa mãe a vender a propriedade e a mudar-se para a cidade próxima, em benefício da nossa educação. Na nova residência, uma cidade industrial que se desenvolvia ràpidamente, a educação e a instrução recebidas na escola primária e no liceu foram cuidadosamente protestantes, e nos cursos médios, convincentes mesmo.

Os lamentáveis preconceitos contra a Igreja Católica, que no protestantismo são transmitidos de geração em geração, foram-nos em breve inoculados nos corações.

---

(1) Associação cujo nome significa: ave de arribação, — N. do T.

http://www.obrascatolicas.com/

A impressão geral a que os jovens chegavam sobre a Igreja era a de que não passava de uma instituição já velha, com muitas ideias e costumes supersticiosos. Este mesmo juízo, segundo a experiência mostra, domina até muitos protestantes que se conservam afastados da sua religião, e explica o facto de estes, quando perdem a fé, não pensarem logo em procurar a verdade na Igreja Católica.

Quanto mais avançávamos no curso liceal, tanto mais diminuía em importância e número de aulas a instrução religiosa. Das mãos de piedosos professores primários passamos às aulas de eruditos especialistas, na sua maioria de ideias liberais. A leitura dos clássicos alemães também não era de molde a fortalecer uma fé vacilante. Quando eu, no segundo ano, procurava nas poesias de Schiller inspiração para os meus temas, não deixei de notar afirmações como esta: «Rousseau, que transformou os cristãos em homens!» Ou ainda a poesia: «Quando vós regíeis ainda este belo mundo».

Mas o mais forte abalo para a nossa fé veio do conhecimento da teoria da descendência. Durante anos inteiros, sendo aluno dos cursos superiores, debati-me com os problemas que suscitou em mim. A minha conclusão, por fim, foi a de que o homem, se durante milhões de anos se tinha formado de seres unicelulares, vermes, etc., apenas se poderia diferenciar deles em grau e não segundo a espécie; por conseguinte estava tão longe como eles de possuir uma alma imortal. O opúsculo de Dennert Godes-

http://www.obrascatolicas.com/

berg — «Vom Sterbelager des Darwinismus» (1) não me valeu de muito, visto refutar e combater apenas o princípio mecanicista da selecção e não a teoria da descendência em si.

Uma doutrina mais perigosa ainda está contida na hipótese de que, assim como os organismos superiores se teriam desenvolvido automàticamente dos inferiores, também a evolução do homem e da humanidade se há-de operar automàticamente mediante a luta pela vida, até atingir um aperfeiçoamento imprevisto. Porque é o falseamento do conceito de progresso que explica a falta de compreensão por parte dos modernos neo-pagãos, daquilo que o homem devia realmente ser, e da necessidade de redenção.

Devo confessar, com a maior franqueza, que a ideia dum progresso mal entendido me perturbou e a muitos outros estudantes. E eu teria possìvelmente sucumbido às nocivas influências a que me expunha a preparação para a carreira médica, se a vida me não tivesse oferecido uma compensação num movimento juvenil que acabava de despertar.

No Ginásio de Steglitz surgira, pelo ano 19, o *Wandervogel,* movimento a que me juntei com alegria. Da estreiteza das salas de estudo saíamos para a natureza, libertos de insípidas convenções e etiquetas. Mais perto do homem simples, ao longo das estradas, mais perto dos camponeses, ao pernoitarmos nas aldeias, estávamos também mais perto das tradições históricas e artísticas da pátria, em contacto com os monumentos teutónicos dos

(1) Do leito de morte do Darvinismo.

http://www.obrascatolicas.com/

séculos passados e com as puras e autênticas canções populares, que procurávamos àvidamente captar.

Não pode afirmar-se que o *Wandervogel* possuísse uma especial concepção do mundo ou qualquer coisa parecida a uma religião. Sendo ainda estudantes, muito novos, ao passar por uma região católica, um haeckeliano radical exprimiu a opinião de que devíamos instruir enèrgicamente o povo num sentido filosófico-naturalista. Foi o meu amigo e chefe Hans Brener, caído em Verdun, que então replicou com aprumo e firmeza: «Deixemos as coisas como estão. Temos nós, porventura, alguma coisa melhor para lhes dar?» Esta atitude, quase diria humilde e piedosa, perante a religião tradicional do povo, foi a norma constante, durante a chefia de Hans Brener.

Foi o *Wandervogel* que me proporcionou as primeiras impressões agradáveis da religiosidade católica. Visto ter passado mais de metade do meu tempo de estudante no sul da Alemanha, tive também ensejo de observar as relações cordiais entre o povo, a natureza e a Igreja Católica. Uma procissão de preces, com estandartes flutuantes, na região bávara sub-alpina entre searas verdejantes; um bondoso monsenhor e pároco de aldeia, amigo da mocidade excursionista; a entrada durante o mês de Maio na igreja construída pelos irmãos Asam, no intervalo das aulas de medicina; tudo isso eram gratos motivos de atracção pela Igreja, espalhados ao longo da estrada da minha vida. Nal aldeias, porém, encontrava-me demasiado afastado do Cristianismo, e assim, apenas, destas impressões, me ficou como efeito o deixar de me comportar em face da Igreja Católica, de modo tão negativo e

http://www.obrascatolicas.com/

antipático como até aí. Quando os mais novos sócios do *Wandervogel* perguntavam se Hans Brener e eu éramos protestantes ou católicos, a resposta, breve e terminante, era: «Somos estudantes de medicina». Isto queria dizer: como estudantes das ciências da natureza, não pertencemos a nenhuma religião ou igreja.

Mas quando eu pensava no conjunto do universo físico-químico, no qual não há luz, nem cores, nem sons, mas apenas átomos que se entrecruzam confusamente; quando considerava a contradição entre o postulado da infinidade do espaço astronómico e a capacidade que temos de conceber apenas espaços limitados, dizia com Platão: «vivemos numa caverna em que entram sombras enigmáticas».

Nesta escuridão brilhava a fé num destino e num sentido de vida. Impôs-se ao meu espírito, através de penosas e difíceis situações, como estrela que aponta uma rota ao caminhante. Ainda não era uma luz clara e grande; indicava apenas a direcção; à direita e à esquerda do caminho tudo eram trevas. Também se encontrava demasiado distante para fazer sentir o seu calor, exactamente como a luz das estrelas, que não fazem *conhecer* o caminho e a meta, mas apenas *pressenti-los*.

Levava dois anos de médico assistente em Berlim, tendo casado há cerca de ano e meio, quando rebentou a grande guerra. A vivência da guerra mundial, que para muitos representou um abalo na fé e a perda da mesma, constituiu para mim o meio e o caminho para a religião cristã.

Profunda impressão me causou a figura e o semblante

http://www.obrascatolicas.com/

de um jovem sacerdote francês, que estava de pé diante da sua humilde residência paroquial, numa pequena aldeia do departamento do Mosa, que atravessava o nosso lazareto de campanha. O seu semblante irradiava, por assim dizer, uma beleza interior.

Quando algumas semanas mais tarde, a 13 de Setembro, depois da batalha do Marne, recebi ordem de ficar atrás, com 200 feridos alemães, travei relações com muitos padres «sac au dos», pertencentes ao pessoal sanitário francês e recordo ainda as boas narcoses que um deles me fazia, nas grandes operações.

Como conselheiro e intérprete tive o Dr. F., da Alsácia francesa. Tratou-me sempre com grande amabilidade, e fiquei a conhecer nele, pela primeira vez, um católico culto, que confessava alegremente a sua fé. Aluno dos jesuítas, interessara-se pela astronomia, e quando uma noite, em frente das barracas, procurávamos com um binóculo, os anéis de Saturno, contou-me com grande estranheza minha, que tivera sempre a maior simpatia e consideração por esses seus professores, e ainda a continuava a ter. De outra vez, assegurou-me insistentemente que todos os problemas sociais e conflitos dos povos se resolveriam de modo pacífico, desde que o mundo se fizesse cristão, e eu não pude contraditá-lo. Creio que o Dr. F., deve também ter rezado por mim, quando pela manhã assistia à missa no acampamento.

No Natal de 1914 fui trocado, por intermédio da Suíça, com um médico francês, e depois de breve estância com minha mulher e filha, voltei à «Champagne pouilleuse».

http://www.obrascatolicas.com/

Ao ruído da artilharia e fogo de barragem da batalha de Champagne, no Outono de 1915, veio-me a ideia de que deveria ser coisa bela, e aumentar a coragem natural, possuir-se uma fé sólida e clara. À batalha sucederam-se dias muito tranquilos, e eu sentava-me frequentemente à janela do meu pequeno quarto a meditar no sentido da existência. O meu íntimo assemelhava-se a um campo sulcado pelo arado da guerra, à espera da boa semente. O semeador que lançou às mãos cheias, os primeiros e desejados grãos foi o filósofo Max Scheler. O primeiro livro que dele conheci foi «O Génio da Guerra». Li-o cheio de entusiasmo, duas vezes seguidas, visto da primeira apenas o ter compreendido deficientemente. Depois obtive a colecção dos seus trabalhos, contida no livro «Vom Umsturz der Werte». Durante semanas não fui capaz de ler um único artigo de jornal, pois tudo me parecia insulso e trivial, em comparação de Scheler. Senti que se produziria uma reviravolta total no meu pensamento se o seguisse, mas vi-me obrigado a segui-lo, e de bom grado, deixei que a transformação se operasse.

Anos antes, tinha contemplado, com certo preságio, o quadro de Hans Memling «Cavaleiro e sacerdote», no qual o cavaleiro, de pé, apresenta traços sacerdotais; e o sacerdote, ajoelhado, ostenta virtudes militares. Scheler descrevia-me agora, no seu estilo magnífico, o espírito cavalheiresco e militar do Cristianismo. O paradoxo de Cristo — «amai os vossos inimigos» — não significava, portanto, como tanta vez erradamente se interpretou: nada de inimizades, reconciliação a todo o custo. O nobre

http://www.obrascatolicas.com/

general Tilly, que antes da batalha orava pelos seus inimigos, é um exemplo do soldado cristão.

Com Scheler aprendi também que os dogmas não foram dados aos cristãos para estes os roerem crìticamente com a inteligência, até que eles, como móveis carcomidos, se desfaçam de repente, perante o dono: mas devem considerar-se como mistérios revelados, dos quais Deus nos permite compartilhar e de onde contìnuamente se extraem, se neles mergulhamos, novos tesouros e riquezas mesmo para esta vida. Assim, por exemplo, o dogma da ressurreição da carne, quebra-cabeças das pessoas cultas, concede ao nosso corpo terreno uma nova e altíssima honra, e por assim dizer, uma glorificação personificada.

O tratado de Scheler sobre a ideia antiga do amor, e sobre a cristã, fez-me compreender claramente a grande transmformação de valores operada no mundo pelo Cristianismo. Absolutamente nova era também para mim a hierarquia dos valores, que partindo do útil e vital, e passando pelo nobre, o belo, o bom e o verdadeiro, sobe até ao santo; valores aos quais correspondem, aproximadamente, como tipos humanos, o prático, o vivedor, o cavaleiro, o artista, o filósofo e o santo. O homem não se define como um ser natural, mas espiritual. O seu destino supremo e último fim é louvar e servir conscientemente o seu Criador. Assim como a flor que não floresce e o rouxinol que não canta atraiçoam o seu último fim, também do homem se pode dizer: «*Homo non est homo nisi orans*».

As relações da alma com o corpo tornam-se mais cla-

http://www.obrascatolicas.com/

ras e compreensíveis por esta comparação: O corpo humano assemelha-se a um instrumento, a um órgão, por exemplo, que é tocado pelo espírito. A alma é o organista; o pensamento, as palavras, as resoluções e as obras formam a melodia. O teclado do órgão corresponde aos centros nervosos, do cérebro e coluna vertebral. Os canais em comunicação com a tubagem, representam os cordões de nervos; o motor que enche os foles, o coração.

A investigação científica da natureza, que eu, aderindo ao «Auch Einer» de Visher, considerava uma espécie de serviço divino, após o conhecimento da teoria dos valores, a que não pude furtar-me ficou relegada a um plano inferior. As ciências da natureza não atingem a essência das coisas. Conseguem apenas dominar as forças da matéria, ordenando-as, e produzindo assim valores úteis e vitais. Mas, por um lado, trabalham com reduções ideológicas; por outro, não fazem mais que obedecer ao mandamento divino: dominai a terra e submetei-a a vós.

Ao manifestar-me por meio de Scheler a riqueza ideológica do Cristianismo, verifiquei cheio de alegria, a sua conexão com a tradição multi-secular do meu povo. E como reacção natural, decidi voltar à fé da minha mocidade. Mas as publicações protestantes, que me vinham parar às mãos, eram de lamentável actualidade. Um tratado do teólogo Hermann de Marburgo, muito venerado pelos seus discípulos, pretendia demonstrar que os turcos, nossos aliados, pela assimilação do imperativo kantiano, estavam mais próximos de nós espiritualmente, do que os povos cristãos inimigos.

Uma nota da obra de Scheler chamou-me a atenção

http://www.obrascatolicas.com/

para o trabalho de Möhler — «Symbolik oder Darstellung der dogmatischen Gegensätze der Katholiken und Protestanten» (1). Que sorte foi possuir só para mim, como médico, quase durante toda a guerra de trincheiras, um pequeno refúgio ou quarto no sítio de acantonamento! Ali pude ler a «Simbólica» de Möhler, e por vezes também as disputas de Scheler com Kant.

Depois de ter assimilado Möhler, vi do alto da rocha de Pedro, e com os olhos da Igreja, que todas as arbitrariedades e deformações, e as terríveis negações do protestantismo liberal de fins do século, já tinham surgido de uma maneira ou de outra, embora combinadas de outro modo, nos arianos, maniqueus e muitas outras seitas. A explanação positiva de Möhler sobre o conceito católico da Igreja impressionou-me fortemente, e feita essa leitura, tinha passado o Rubicão: o objectivo a que se dirigiam agora o meu coração e inteligência, era a rocha de Pedro e a Igreja Católica.

Que é que me poderia ainda reter? Se, no decorrer dos séculos tinham existido entre leigos e clérigos, na sagrada instituição de Cristo, malvados e traidores, o inferno os devorara. O próprio Salvador, durante a sua vida terrena, não havia tolerado a Judas entre os seus discípulos mais chegados? Querer-se-á abolir a magistratura só porque tem havido maus juízes? Hão-de os sucessores de Pedro deixar de apascentar os seus rebanhos, só porque entre eles apareceram alguns mercená-

(1) «Simbólica ou exposição das diferenças dogmáticas entre católicos e protestantes.

http://www.obrascatolicas.com/

rios? Em contraposição, os trinta primeiros papas foram mártires, e deram a vida pelas suas ovelhas. E quantos homens veneráveis, grandes e santos, não existiram entre os papas ulteriores!

Quando me era possível nos lugares de acantonamento, frequentava as igrejas católicas, ouvindo por vezes algum sermão em francês, e mais tarde em Galízia, o de um pároco católico ruteno que evidentemente não compreendi. Maior proveito me veio de livros que encontrei em residências paroquiais católicas, de aldeias destruídas durante as ofensivas de 1917 e 1918. Em Galízia, fiquei assim a possuir um belo livro, escrito em alemão, sobre a devoção do rosário, se bem que os ortodoxos da Ucrânia não conhecem o rosário.

Todos os escritos de Scheler positivamente cristãos, tinha-os enviado a minha mulher em encomendas de campanha. Durante uns breves dias de licença, esforçamo-nos os dois por consolidar as bases do nosso desejo da fé cristã; depois, uma estadia na pátria durante seis semanas, num lazareto, deu-nos a feliz oportunidade de comentar em comum todo o livro de Möhler. Como sentíamos agora a necessidade dum apoio seguro para a nossa vida, a fim de a transmitirmos também aos três filhos que Deus nos tinha concedido! Scheler e Möhler, com a luz espiritual das suas obras, tinham-nos feito ver a beleza da Igreja, na noite da nossa peregrinação.

A retirada da França, a marchas forçadas, no Advento de 1918, e a desgraça da nossa pátria despertou ressonâncias religiosas nos oficiais da companhia. Quando, à noite, em Eifeldorf, nos deitávamos no chão sobre um

http://www.obrascatolicas.com/

pouco de palha, as conversas, giravam quase sempre à volta de assuntos religiosos, embora a um nível que eu pròpriamente já tinha ultrapassado.

No limitado círculo que rodeava a minha família, introduzira-se, entretanto, o cientismo, e como presente de boas-vindas ofereceram-me o grosso volume de Mother Mary, com o pedido insistente de que o estudasse convenientemente. Bastaram-me as primeiras páginas; não quis mais saber desta religião de sanatório, cheia de extravagantes erros maniqueus.

Finalmente, na Epifania de 1919, dois neo-pagãos batiam à porta da residência paroquial e pediam ao jovem sacerdote — não a admissão na Igreja, ainda não estávamos preparados, mas que nos orientasse no caminho empreendido. E quanto mais reservado a princípio o sacerdote se mostrou, tanto mais diligente foi depois em nos instruir e orar por nós, ao ver como era sério o nosso propósito.

A vidente vestfaliana Ana Catarina Emerick observa nas suas visões que os pagãos entram pela porta na basílica de S. Pedro, enquanto os protestantes, que regressam ao rebanho de Cristo, reentram através dos muros dela. Como se comprende esta visão? Lutero e os outros dissidentes construíram com pedras arrancadas à Igreja edifícios anexos a ela, e ali encerraram os seus prosélitos, impedindo-lhes o acesso à grande comunidade. É muito mais fácil converter pagãos do que protestantes. Os pagãos entram fàcilmente, de bom grado e em multidão, pela porta aberta. Mas quando se está enclausurado entre paredes, é difícil sair.

http://www.obrascatolicas.com/

Por isso, o nosso director espiritual, teve a princípio que usar martelo e cinzel, até nos conseguir libertar. Mas que duros são, ainda depois, os joelhos e a cerviz protestante! Desde que Deus concedeu ao homem a graça de vislumbrar as verdades divinas, e a razão se convenceu de que tudo na doutrina da Igreja está edificado sobre a palavra de Cristo, ordenado e desenvolvido orgânica e lògicamente, e de que muita coisa, por ser divina, ultrapassa o entendimento humano, é questão de vontade e uma espécie de livre adesão aceitar e confessar a fé. Depois de meio ano de instrução, decidimo-nos a dar esse passo, e tivemos a alegria de pronunciar o magnífico credo de Niceia na catedral veneranda, ante o nosso director espiritual. Desde há catorze anos que nos orgulhamos de ser membros da Santa Igreja que abarca o mundo inteiro. Ah! se todos os nossos irmãos encontrassem o caminho para sair da sua prisão, e através dos muros entrar na Igreja!

O poeta faz exclamar a Fausto cheio de nostalgia: «onde vos poderei encontrar, fontes da vida? Vós jorrais e dais de beber, e eu desfaleço aqui em vão!» Mas o Salvador responde: «em mim há torrentes de água viva; o que vem a mim nunca mais terá sede».

http://www.obrascatolicas.com/

KONNERSREUTH

Dr. Benno Karpeles
ÁUSTRIA

Viena. Foi outrora escritor socialista. É um dos fundadores da instituição de caridade, «Hammerbrotwerke».

A guerra e o após guerra fizeram-me vacilar na fé. Sérias tentativas para voltar a ela, falharam a princípio. O capelão berlinense Fahsel, a quem me dirigi por conselho do Dr. Seipel, falou um dia por acaso de Konnersreuth e contou-me algumas coisas sobre Teresa Neumann, em que me neguei terminantemente a acreditar. As notícias publicadas sobre o que se passava em Konnersreuth, nunca em mim despertaram qualquer interesse. Mas agora parecia abrir-se uma possibilidade de recuperar a fé perdida. O capelão Fahsel aplanou as dificuldades, e numa sexta-feira, com o pároco Naber e o capelão Fahsel, encontrava-me no pequeno e baixo aposento da casa de Neumann.

Teresa encontra-se no leito; o seu rosto está branco como a bata que veste, ou o lenço que lhe envolve a cabeça. Os olhos conserva-os fechados; da testa mana um largo fio de sangue que se vem unir sobre eles. No lenço da

http://www.obrascatolicas.com/

cabeça, oito grandes manchas de sangue, da coroa de espinhos; sobre o lado esquerdo do peito, outra grande mancha; nas mãos os estigmas. E eis que Teresa se senta no leito, os braços estendidos para a frente, e um curioso movimento de dedos e de traços fisionómicos que a maior actriz não poderia conseguir jamais: dor, agitação, tormento, júbilo, entusiasmo e outra vez dor, sucedem-se sem transição sobre este rosto; as mãos aproximam-se da cabeça para arrancar os espinhos; o sangue mana da fonte até às cavidades dos olhos: terrível espectáculo! Em 35 quadros Teresa Neumann contempla a história da paixão do Senhor.

Teresa sabia que eu havia de vir, pois me dera o consentimento, mas ignorava quando seria e que eu tivesse chegado. Os olhos mantinham-se fechados, cobertos de sangue. Não obstante, ao levantar-se, apontou para mim e disse: «Acolá está alguém que ainda não pertence ao Salvador, mas tem boa-vontade e por isso vou ajudá-lo. Tomarei sobre mim uma dor, e tudo correrá bem». Uma comoção indescritível me invadiu. Passada meia hora, não pude mais e retirei-me; voltei de novo às 12 horas, e vi durante cinco quartos de hora, em companhia do pároco Naber e do capelão Fahsel, como passavam diante dela as derradeiras cenas da Paixão. Então, caiu sobre as almofadas durante 20 minutos, em profunda inconsciência. Depois, o P.e Naber perguntou-lhe o que é que ela tinha visto. O P.e Fahsel aproximou-se e estendeu-lhe a mão. Apesar da completa inconsciência, sem conseguir ver, com os olhos cobertos de sangue coalhado, sabia muito bem quando tocava na mão do sacerdote. Em certa

http://www.obrascatolicas.com/

ocasião, um visitante disfarçado de sacerdote foi por ela desmascarado como impostor.

Quando o P.e Naber me perguntou se eu queria falar com ela enquanto se encontrava neste estado, Teresa interveio dizendo-me: «O Salvador quere-te muito». «Que devo eu fazer, Resi, perguntei, para voltar à fé?» Ela retorquiu: «Não te preocupes; tomei sobre mim uma dor para teu bem». Da parte de manhã, quando falou, referindo-se a mim pela primeira vez, rebentava-lhe debaixo da ferida do coração uma nova ferida: — «Tudo correrá bem; da tua parte, não precisas de fazer muito; basta que ames o Salvador».

Dominado pela mais funda emoção, abandonei a casa às duas horas da tarde.

No sábado, encontrei Teresa na residência do pároco. No dia anterior, uma terrível imagem do sofrimento; hoje, uma rapariga do povo, corada e sã, em quem se não pode reconhecer que vive há sete anos sem alimento. Durante uma conversa de duas horas, dirigiu-se três vezes à igreja que estava perto, a fim de examinar o arranjo das flores para a missão que os capuchinhos vinham dar. É como uma criança grande e desenvolvida, com maravilhosos olhos azuis, cheia de inteligência e de vida, em tudo semelhante à outra gente da região. Mas não é possível falar muito com ela sobre outros assuntos, pois volta de contínuo ao Salvador. À pergunta se rezava muito, respondeu graciosamente: «veja; enviam-me tantos livros de orações!... Folheio-os um pouco... hei-de pôr-me a ler a Nosso Senhor o que eles dizem? Bem sabe Nosso Senhor o que lá está escrito. Prefiro antes dizer: amo-vos, meu

http://www.obrascatolicas.com/

Salvador! Ou então: meu Deus, tenho confiança em Vós. — Para que será preciso mais?»

Desde o primeiro momento fiquei plenamente convencido de que esta mulher não me mentia. Em toda a minha vida jamais encontrei uma pessoa que levasse a verdade absoluta tão gravada no rosto como Teresa Neumann. O seu amor à verdade é tão profundo que já em criança não gostava de contos, por «não passarem de historietas mentirosas».

O que se passa em Konnersreuth não pode explicar-se naturalmente: é sobrenatural. Visitei Teresa Neumann ainda segunda, terceira e quarta vez, durante alguns dias, — sempre com autorização episcopal — e via-a nos mais diversos estados. Nos intervalos entre cada dois quadros da Paixão, permanecia em êxtase. Há estados em que responde às perguntas, não como Teresa Neumann, mas em nome de outra pessoa: fala por ela uma voz estranha, às vezes em tom autoritário. Se as suas respostas no estado de êxtase são já um milagre, o que ela diz, ou antes a voz estranha por seu meio, no estado de calma absoluta, deixa-nos totalmente assombrados.

Tinha resolvido converter-me e desejava ser baptizado em Konnersreuth. A pedido do Dr. Seipel, enviou-me o magistrado Dr. Wildenauer para Paris, livros católicos sobre religião. Antes de voltar a Viena para ser sujeito a exame, escrevi ao magistrado Wildenauer, pedindo-lhe que não fosse demasiado severo no exame, porque «tanto como o valido de Candace, que S. Filipe baptizou durante a viagem, também eu sabia». Ao chegar a Konnersreuth, encontrei Teresa no meio dos seus sofrimentos. Quando o

http://www.obrascatolicas.com/

P.e Naber lhe perguntou, num intervalo, o que tinha visto, ela contou com muitos mais pormenores do que se contêm nos Actos dos Apóstolos, a história do valido baptizado por S. Filipe. No dia seguinte, às cinco horas da manhã, fui baptizado em Konnersreuth, e Teresa foi a minha madrinha. Na santa missa que se seguiu, estive num genuflexório ao lado dela. No momento de o sacerdote pronunciar as palavras da consagração, Teresa entrou no estado de calma absoluta. Comovia ver como se sentia atraída, como desejaria levantar-se para ir ao encontro do sacerdote que elevava a hóstia.

Foi sob a impressão do que vi e vivi em Konnersreuth, e não do que li ou simplesmente ouvi, nem tão pouco daquilo que me contavam as pessoas que durante anos conviveram com Teresa, que encontrei o caminho para a Igreja e para a Fé. Sei que não sou o único; as trezentas a quinhentas cartas que todos os dias chegam a Konnersreuth são disso testemunho. Konnersreuth fortaleceu na fé a muitos milhares de pessoas, ou reconduziu-as a ela. Para mim Konnersreuth é uma prova de que Deus pretende de nós qualquer coisa de novo, e de que julgou chegada a hora de nos recordar palpàvelmente, que existe alguma coisa mais do que o pão de cada dia, do que os cuidados e prazeres de cada dia.

http://www.obrascatolicas.com/

DITOSO AMOR!

Irma di Lena
SUIÇA

Cfr. pág. 79

As primeiras causas da minha conversão do protestantismo ao Catolicismo devem buscar-se muito longe, nos anos da meninice, quase diria na altura do meu nascimento. Vi a luz do mundo numa grande cidade suíça, sendo o primeiro fruto de um matrimónio misto. Embora meu pai, que era protestante, concedesse a minha mãe, católica, plena liberdade em matéria religiosa, exigia que os filhos fossem baptizados na Igreja protestante. Por conseguinte, o meu baptismo foi protestante. Logo que comecei a falar, minha mãe ensinou-me as orações católicas e deu-me, tanto quanto possível, educação católica. Por isso ficava eu sempre toda contente quando, nos primeiros anos de escola, assistia à catequese católica, em companhia das alunas católicas, o que me era também permitido pelo sacerdote que então estava na localidade.

Foi pelo ano de 1910, quando as colegas que iam comigo à catequese chegaram à idade de fazer a primeira confissão, que se produziu uma reviravolta brusca e desfavorável na minha evolução religiosa. O sacerdote católico encarregado da Igreja a cuja circunscrição pertencia-

http://www.obrascatolicas.com/

mos, exigiu que eu fosse baptizada de novo, condicionalmente, antes de ser admitida àquele sacramento; esbarrou porém, com a inabalável oposição de meu pai. Em vez de tentar convencê-lo com calma e prudência, esse sacerdote deu origem, com as suas observações imprudentes, a que minha mãe deixasse também de ir à igreja, e assim, a partir desta altura, a minha educação foi completamente protestante.

Até bastante mais tarde, tive diferentes amigas católicas, que eu de quando em quando acompanhava aos actos de culto, nomeadamente às devoções da tarde em Maio e Outubro, que me enchiam de particular alegria, — mas também de pena por não poder tomar parte em tudo na Igreja, como católica. Mas as disposições divinas são por vezes maravilhosas, e o ano de 1923 devia marcar o início da minha conversão.

Por então, conheci o meu actual marido, que desenvolvia particular actividade como membro da Associação Católica; nunca deixava de assistir à santa missa aos domingos, e frequentava regularmente a sagrada comunhão. Com alegria e orgulho o via passar, aos domingos, por nossa casa, para assistir à missa cantada das oito horas. Ao mesmo tempo, porém, era-me doloroso não o poder acompanhar às funções religiosas. Da nossa íntima amizade, nasceram, em breve, relações sérias, e o meu noivo expôs-me claramente em que condições seria já possível o matrimónio entre nós.

O meu marido, que já então, pelas suas muitas viagens e estadias no estrangeiro, era em muitas coisas quase demasiado condescendente, prometeu que nunca exerceria

http://www.obrascatolicas.com/

violência ou pressão sobre mim em matéria religiosa. Apenas o casamento teria de ser católico, e os filhos seriam baptizados e educados catòlicamente. Concordei e prometi cuidar, quanto me fosse possível, da educação católica dos filhos. Em Outubro de 1924 casou-nos o Presidente regional da Associação Católica no santuário de Maria-Einsiedeln, na Suíça. As palavras de orientação na vida que nos dirigiu, foram belas e comovedoras.

Os primeiros anos de casados, passámo-los em diferentes lugares do estrangeiro, aoonde a profissão de meu marido nos levava. Sempre que se oferecia oportunidade, assistíamos juntos à santa missa, aos domingos, e quando na Páscoa, via o meu marido ir à sagrada comunhão, sentia como uma desgraça o não poder acompanhá-lo à mesa do Senhor. Meu marido cumpriu a palavra que me dera antes do matrimónio. Nunca surgiu entre nós qualquer discussão religiosa. Ele repetia-me sempre, que se eu me quisesse fazer católica, havia de o fazer por convicção, e não obrigada ou por consideração para com ele; não podia tomar sobre si essa enorme responsabilidade.

Em 1926, Deus concedeu-nos o primeiro filho, que foi baptizado catòlicamente. De novo saímos para o estrangeiro, onde sempre assistíamos à santa missa. O meu marido ajudava-me a educar catòlicamente o nosso filhinho. Nunca foi trabalhar ou descansar sem que ambos rezássemos devotamente a Deus, e visto eu conhecer, dos meus tempos de criança, as orações católicas, ensinava-as ao meu filho o melhor que podia. Quanto mais tempo passava sobre a nossa vida em comum, tanto mais amadurecia em mim a resolução de mudar de religião, sobretudo

http://www.obrascatolicas.com/

por, pouco a pouco, me ter convencido de que a religião católica é a única que conduz à felicidade eterna (1).

Em 1929 foi-me concedida finalmente e para sempre a dita da fé católica. Meu marido tinha, nessa altura, de se deslocar durante bastante tempo para o Egipto, e para ali o devia eu seguir pouco depois. Formei o plano de o surpreender, indo para junto dele já católica. Para isso entrei em contacto com o pároco da nossa localidade, que exigiu para a conversão um período de seis meses de instrução, o que ultrapassava a data destinada à minha partida. Por isso, depois da minha chegada ao Egipto, tratámos do assunto com um franciscano alemão que meu marido tinha conhecido. Recebi instrução várias vezes por semana, e após três meses, encontrava-me já em condições de ser admitida aos santos sacramentos. Como missionário muito experimentado, o P.e Ciríaco soube dar uma forma tão eficiente à instrução, que todas as minhas dúvidas desapareceram, e converti-me à religião católica absolutamente convencida.

No meio de um silêncio solene, fui baptizada condicionalmente nos princípios de Dezembro de 1929, na sacristia da igreja de S. José, no Cairo, com duas senhoras suíças por madrinhas. A seguir confessei-me pela primeira vez, e no dia seguinte foi-me concedida a imensa felicidade de participar da mesa do Senhor. Meu marido não quis perder a ocasião de comungar comigo, e eu não posso descrever a dita e alegria que me invadiu, no momento de receber com ele, o sacrossanto corpo do Senhor.

---

(1) O sentido destas palavras ficou explicado na Introdução.

http://www.obrascatolicas.com/

Quando pouco depois o bispo de Alexandria veio ao Cairo, recebi a confirmação, para ser constante na fé, como verdadeira católica.

Desde a minha conversão procurei manter-me sempre fiel às obrigações da religião católica, e sinto uma consolação especial e indescritível na oração, nomeadamente quando sei que o meu marido está exposto a perigo, nas suas numerosas viagens por terra e mar. Ele dá-me também a este respeito o melhor exemplo. Antes de cada viagem oramos juntos, e quando ela é por mar, mandamos dizer uma missa. Mesmo agora que por causa dos filhos já não posso acompanhar o meu esposo, estou absolutamente certa que ele, devido à sua fé católica, me é fiel no seu amor, o que me impele com novo ardor a permanecer sempre fiel à nossa fé, até à morte.

http://www.obrascatolicas.com/

COMO COMUNISTA PERANTE O TRIBUNAL MILITAR, E...

Francisca van Leer
HOLANDA

Amesterdão. Uma das convertidas, de raça judaica, mais notáveis da Europa. Realizou conferências, em público e em reuniões particulares, sobre a sua conversão e sobre a possibilidade de conversão dos judeus. Pronunciou essas conferências na Alemanha, Holanda, Bélgica, França, Inglaterra, Espanha, Itália, Polónia, Austria e Palestina. É autora de dois livros: «Harte, Histoire d'une âme» (Harte, história duma alma); e «De Vriend» (O Amigo).

«A Tora não me salvou; amaldiçoou-me ao fazer-me saber que peco» (Werfel, «Paulo entre os judeus»).

«Não vim destruir a lei e os profetas, mas cumpri-los» (Mat. 5. 17).

O meu caminho desde a sinagoga até à Igreja não é, rigorosamente, mais do que uma confirmação destas palavras de Cristo. Embora este caminho muitas vezes me levasse a becos sem saída, sempre a graça de Deus me tirou deles para que eu não perdesse o rumo.

Nasci em 1892 em Amsterdão, de pais judeus. Recebi desde pequena a instrução religiosa, e aprendi hebreu

http://www.obrascatolicas.com/

para compreender a Sagrada Escritura. Minha mãe era uma mulher piedosa. Educou-me severamente segundo as leis do Antigo Testamento. Aprendi os costumes, a liturgia, o culto religioso como a nossa fé o prescrevia, não só para os conhecer, mas para os seguir com amor e convicção.

Os livros de Moisés, que se liam aos sábados na sinagoga, constituíam para mim a história interessante e atractiva do meu povo, o povo escolhido de Deus. Minha mãe ensinou-me a alimentar sentimentos de gratidão pela minha ascendência e por pertencer a este povo.

Mais ainda do que os cinco livros de Moisés, gostava dos livros proféticos do Antigo Testamento, dos quais também se lia um excerto aos sábados e dias festivos. A descrição do reino de Deus sobre a terra, em que o Messias havia de governar como rei, «o cordeiro e o leão pastar juntos», e «os homens fundir as espadas em charruas», em que «povo algum jamais se levantaria contra outro» e «uma criança os havia de reger a todos» — esta descrição enchia a minha alma infantil de um profundo desejo da vinda do Messias.

Nas aulas de religião, e também em casa, perguntava frequentemente quando é que tudo isso se viria a realizar, mas ninguém conseguia dar-me resposta satisfatória. Comecei, sobretudo, a duvidar da verdade destas profecias, quando as respostas de meus pais e professores eram não só imprecisas mas se contradiziam directamente. Um dizia: «O Messias virá como juiz sobre as nuvens»; outro: «Nascerá como homem»; um terceiro: «Nem se

http://www.obrascatolicas.com/

trata dum homem, nem de Deus, mas duma época: quando a paz reinar sobre a terra, então veio o Messias».

Visto que a observância das severas leis moisaicas não parecia conduzir ao meu povo nem a mim ao reino do Messias, sacudi, aos dezoito anos, o jugo dos mandamentos para me tornar uma «pessoa livre». Abandonei a casa paterna para ganhar a vida no estrangeiro como estenotipista, em vez de frequentar a Universidade como desejava meu pai. Queria ser independente, fazer a minha vontade, seguir o meu caminho.

A vida desiludiu-me muito, mas eu era orgulhosa demais para o reconhecer. Com o fim de esquecer por algumas horas o meu sofrimento, ia muitas vezes ao teatro. Sobretudo as óperas de Wagner exerciam em mim profunda impressão, especialmente porque nelas se cantava, de modo diverso, é certo, o mesmo anseio de redenção que animava os profetas. Apareciam sempre nelas homens enredados no pecado, mas surgia sempre alguém a remi-los por meio do sacrifício. «No «Holländer» sacrificava-se Senta; no «Lohengrin», o «schwanenritter»; no «Tanhäuser», Isabel; no «Anel dos Nibelungos», visto ninguém se sacrificar, tinham os próprios deuses de tomar sobre si a expiação dos pecados. O auge desta vivência dava-mo o «Parsifal», a que assisti, muitas vezes, no decorrer de anos, e que me vinha ao espírito sempre que pensava no Messias.

Mas o abismo entre o homem e Deus, entre o dia-a-dia e a religião, a ciência e a fé, o mundo e a Igreja, parecia-me intransponível. Considerei, durante muito tempo, a arte como a única medianeira entre Deus e os homens,

http://www.obrascatolicas.com/

e durante anos inteiros consagrei-me ao serviço desta «medianeira». Como secretária de correntes artísticas modernas, procurei desvendar aos homens, pela palavra e pela escrita, a beleza da pintura, da plástica, da música e da arquitectura modernas. Entretanto a guerra, com todas as suas terríveis consequências, paralisou a minha capacidade de trabalho, a minha alegria criadora. Como poderia eu acreditar num Messias, num reino de Deus, num reino de paz, se o que se passava era precisamente o contrário daquilo que tinham prometido os «profetas, e o Parsifal»? Não eram as espadas que se fundiam em charruas, mas as charruas em espadas; mais ainda, até os próprios sinos das igrejas se convertiam em canhões.

Desejei curar feridas, fazer-me enfermeira. Mas não podia ver os homens sofrer; não tinha nenhuma resposta às desesperadas perguntas que surgiam na boca dos moribundos: «Por que razão este sofrimento? Por que razão a guerra? Por que razão a morte?»

Eu já não tinha fé nenhuma, e não podia dar esperança sem mentir.

Foi o que me levou à solidão. Li e estudei; devorei livros de todos os povos e épocas, para encontrar uma resposta às perguntas que nenhum acontecimento formulou ainda mais agudamente do que a grande guerra: «De onde vem o homem? Para onde vai? Para que existe ele à face da terra? Para quê a dor?»

Mas, em parte alguma, encontrei resposta satisfatória e completa. Eu bem via que os sábios de todos os tempos se tinham ocupado e torturado com estes pro-

http://www.obrascatolicas.com/

blemas. Um tentara resolvê-lo sob o aspecto religioso, outro sob o aspecto social, outro ainda sob o ponto de vista prático. Mas o «manto da verdade» tinha sido despedaçado, dividido; todos possuíam um farrapo; — mas, onde é que se encontrava «a túnica indivisa e inconsútil?»

Que um homem, há 1900 anos, tivesse já formulado a pergunta — «Que é a verdade?» — enquanto perante ele se encontrava a verdade — pessoa humana e divina, isso não o sabia eu, por desconhecer o Evangelho. Não me permitiram lê-lo em criança, e não o quis ler quando adulta, por julgar que não passava de uma lenda.

Assim caminhava às apalpadelas no meio das trevas da sabedoria da terra, e como os homens me não davam qualquer resposta às minhas perguntas, refugiei-me nas estrelas, na astrologia. Mas esta mostrou-me, apenas, a carranca de um destino implacável que exclui o livre arbítrio, a graça, a redenção.

Assim se foi avolumando a escuridão, em mim e à volta de mim, até que Deus fez que a luz brilhasse nas trevas, «a luz que ilumina a todo o homem que vem a este mundo», a luz que o meu povo desprezou há 1900 anos, na sua incompreensível cegueira, e até hoje não reconheceu.

*

A «Paixão segundo S. Mateus»! Muitas vezes tinha ouvido já esta grandiosa obra de Bach; muitas vezes tinha chorado por causa dos sofrimentos amorosos de Cristo, sem que Ele fosse para mim, mais do que uma figura lendária, semelhante ao Parsifal.

http://www.obrascatolicas.com/

Em 1918, li as obras de Tolstoi, especialmente os seus «Diários» e «O meu Evangelho». Cristo adquiriu para mim figura humana. Era de carne e sangue; pronunciava palavras de paz e amor, como nenhum homem antes dele. Assim, poderia servir-me de modelo, como Tolstoi aconselhava; mas não passava de um homem perfeito; não era Deus!

Oh! Quão vasto é o caminho entre a admiração de Cristo e a adoração de Cristo! Ninguém será capaz de o percorrer sem a graça de Deus! Que longe da fé me encontrava ainda!

Depois de ler Tolstoi, resolvi seguir à letra o Evangelho. Dei tudo quanto possuía e fui (como Tolstoi ensinava) para o campo, para casa de um lavrador, a fim de ganhar com o suor do meu rosto o pão de cada dia. De bom grado teria pregado e ensinado o Evangelho aos homens, mas ninguém me escutaria. Talvez bastasse o meu exemplo.

Mas fiquei só, e resolvi finalmente «intervir na história universal». Escrevi uma carta ao Kaiser pedindo-lhe uma entrevista; queria convencê-lo a obter a paz a todo o custo. Estávamos em Agosto de 1918. Para ter a certeza de que a carta chegaria ao seu destino, pedi a mediação duma princesa. Um telegrama do Kaiser para ela, delicado mas negativo, foi a única resposta. «Agora teremos a revolução», disse eu à princesa. Pessoalmente, eu não descortinava outra saída do caos. E a revolução estalou a 9 de Novembro. A princípio tomei os chefes revolucionários como redentores e mensageiros de paz, mas em breve tive de convencer-me, com grande desilusão minha,

http://www.obrascatolicas.com/

que eles não modificavam, nem os homens nem a história. Continuei, todavia, com a esperança de poder com o meu exemplo suavizar asperezas e promover o amor da paz e do próximo.

De nada serviu. Em Munique, onde eu exercia a minha actividade, assassinaram Eisner, e sobreveio, por breve tempo, o terrível domínio vermelho. Quando no princípio de Maio de 1919 as tropas brancas entraram em Munique para libertar a cidade, eu sabia que o meu procedimento me levaria irremediàvelmente à prisão. Tinha estado em ligação com os cabecilhas, haviam de considerar-me igualmente culpada. Fui de facto detida imediatamente e submetida a um interrogatório de cinco horas. Mas não sabiam que fazer de mim. Eu falava contìnuamente do Evangelho, da paz universal, do amor do próximo, do Parsifal, dos profetas. Um dos «juízes» perguntou-me porque é que me não fazia cristã, uma vez que estava convencida da verdade do Evangelho. Ri-me dele: «Meia dúzia de gotas de água no baptismo não mudam uma pessoa. Cristo era judeu como eu. Nunca serei cristã se não o sou já pelos meus sentimentos». Eram 10 horas da noite. Encerraram-me nos baixos do palácio, onde me tinham interrogado, por estarem repletas as prisões.

Foi a noite mais memorável da minha vida. Ainda não fora pronunciada qualquer sentença, mas as coisas não pareciam ir bem encaminhadas. As sentinelas falavam de mim e de que a minha sorte estava marcada: o fusilamento. Essa noite, considerei-a a derradeira da minha vida, e dei um balanço ao passado. Reconheci que não era

http://www.obrascatolicas.com/

uma pessoa completa, que não podia morrer porque ainda não encontrara a verdade, a paz, o reino de Deus. Mas onde buscar tudo isso? Como chegar até lá? No mais profundo desespero, lancei um ultimato ao céu: se era verdade que Deus existia, então não me devia deixar morrer antes de O encontrar. Se tinha de morrer no dia seguinte, ficava certa que não havia Deus, pois de contrário a minha vida não teria tido sentido, nem finalidade. Se, porém, me permitia viver e me punha em liberdade, ficaria a saber que Deus existia — e quisesse Ele revelar-me a sua vontade e o caminho, pois me entregaria a Ele «sem condições».

Na manhã seguinte, puseram-me em liberdade. As actas do meu curto processo nunca as vi, e por isso, não sei a que circunstâncias devo a minha rápida libertação. Mais importante do que as suas causas naturais é a consequência sobrenatural: a minha conversão.

É impossível descrever pormenorizadamente como Deus venceu a rebeldia da minha vontade, que se opunha ao baptismo. Tudo desejava fazer por Deus, excepto tornar-me católica. Não só mo impediam os preconceitos do meu passado de judia, mas também o desconhecimento de quanto dizia respeito à Igreja e à fé — e sobretudo uma incompreensão total dos conceitos de graça e redenção. Alguns dos livros do padre franciscano, Dr. Heriberto Holsapfel, mostraram-me, como lógica irredutível, a última consequência do Evangelho: o baptismo; pois «Cristo é Deus».

http://www.obrascatolicas.com/

★

No seu livro «Paulo entre os Judeus», faz Francisco Werfel responder do seguinte modo o apóstolo S. Paulo, à pergunta de Gamaliel sobre a maneira como tinha chegado à fé cristã: «Como poderei falar disso? Como poderei falar do momento em que a luz do céu irrompeu no meu sangue, em que eu penetrei cego num mundo novo? O meu coração despedaça-se só com pensar nessa ideia. Pode o homem falar do momento em que nasceu?»

As palavras humanas são impotentes para descrever a luz que de súbito irrompe na escuridão de uma alma errante em busca da verdade, essa luz a que a Igreja chama graça.

Parecer-me-ia uma profanação, querer descrever, como penetrou na minha alma o raio luminoso que me fez conhecer a divindade de Cristo. — Pedi ao P.e Holzapfel que me baptizasse imediatamente! Recusou, até que os meus conhecimentos fossem mais completos. Eu não queria esperar depois de ter reconhecido onde se encontrava a verdade e que a Igreja era o reino de Deus, há tanto tempo e tão ardentemente desejado, o qual se há-de estender por todos os países e povos, precisamente como os profetas o tinham anunciado. Fiquei desolada por ter que esperar. Mas a Providência veio em meu auxílio.

Como holandesa, fui expulsa da Alemanha. Todos os estrangeiros receberam então ordem de abandonar o país. Mas o regresso à Holanda significava para mim, o regresso ao ambiente judaico da minha casa paterna, onde a conversão se tornaria impossível. Por isso quis ser baptizada

http://www.obrascatolicas.com/

antes e receber os sacramentos. Depois, ninguém seria capaz de mos arrebatar.

Mas nada conseguia demover o experimentado e inteligente sacerdote a baptizar-me antes de estar devidamente preparada. Teria de regressar à Holanda sem o baptismo, e de me instruir lá.

No meu desespero corri à igreja do convento. Era de manhã cedo. Vi como davam a sagrada comunhão. «Saía d'Ele uma força que os curava a todos». Também a mim e ao meu coração fraco e doente! Via as pessoas dirigirem-se à mesa da comunhão, e invadiu-me a ânsia dessa «coisa branca», cujo nome e essência desconhecia, mas que se me revelava sem palavras e me atraía com força irreprimível. Eu queria também participar dessa «coisa branca». Corri ao convento, implorei ao religioso que me concedesse ao menos essa «coisa branca», uma vez que me não queria baptizar. Mostrou-se evidentemente inexorável, e instruiu-me sobre a eucaristia. A minha ânsia dela tornou-se ainda maior.

«Vou buscar-lhe um sacerdote holandês, um compatriota! Ele lhe dará a direcção de sacerdotes a quem poderá dirigir-se quando estiver na Holanda». — «Não, não; não preciso de nenhum compatriota! Traga-me o padre que distribuía aquela «coisa branca». Ele não me recusará essa graça». — Abanando a cabeça, o religioso abandonou o locutório para ir buscar o meu compatriota. De modo nenhum sabia a quem eu me referia. No convento habitavam muitos religiosos, e de quinze em quinze minutos, era sempre um diferente que distribuía a comu-

http://www.obrascatolicas.com/

nhão. De resto, quem me baptizaria sem eu estar preparada?

Mas novamente a Providência veio em meu auxílio. Quando a porta do locutório se abriu para deixar entrar o meu «compatriota», reconheci, com grande espanto, o sacerdote que eu vira distribuir a comunhão. Era o holandês. A nossa conversa foi breve. Quando me perguntou o que desejava, respondi: «O baptismo». Ele julgou que eu já tinha a necessária instrução, e que apenas desejava receber o baptismo das mãos de um compatriota. Sem pretender enganá-lo, ocultei-lhe que ainda não estava preparada, e a Providência permitiu que ele, sòmente dois dias após o meu baptismo, viesse a saber que eu ainda não conhecia a doutrina católica.

Tudo se teve de realizar ràpidamente. A 13 de Junho conheci o padre holandês Laetus Himmelreich; a 15 fui baptizada; a 16, em cumprimento da ordem de expulsão tive de abandonar a Alemanha.

Na festa da Santíssima Trindade (1919), cumpriu-se em mim o mandamento de Cristo no Evangelho do dia: «Ide e ensinai a todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo». Tornei-me filha da Igreja, do reino de Deus sobre a terra, que durante tanto tempo e tão dolorosamente procurava, e pude compartilhar dos sacramentos. Resplandecendo por sobre todas estas alegrias e graças, brilhava para mim o branco sol da Eucaristia, Cristo na sagrada hóstia. Ele, o Messias tão desconhecido e tão desejado, o Redentor, o Rei dos reis, o Deus de Israel!

Juntamente com uma oração de acção de graças que

http://www.obrascatolicas.com/

brotava do mais fundo da minha alma, subiu ao trono de Deus, nesse dia e em todos os seguintes, outra oração de súplica, que a Santa Igreja formula deste modo na sexta-feira santa:

«Omnipotente e eterno Deus, que nem aos infiéis judeus excluis da tua misericórdia, ouve as súplicas que te dirigimos pela cegueira daquele povo, a fim de que eles conheçam a luz da tua verdade, que é Cristo, e sejam arrancados das suas trevas».

http://www.obrascatolicas.com/

MAÇÃO CONVERTIDO

Cônsul **Einar Berrum**
NORUEGA

Cfr. pág. 79

«Vias tuas, Domine, demonstra mihi, et semitas tuas edoce me». O caminho que segui até entrar no seio da Igreja, é o de um caso vulgar, e nunca escreveria nada sobre este facto, se mo não tivessem pedido. Acedo, porém, de bom grado, na esperança de poder mostrar assim o meu amor e agradecimento à nossa Santa Madre Igreja.

Se bem que sou católico apenas há quatro anos, não me é fácil escrever sobre a minha conversão, por ter esquecido já muitas das circunstâncias que contribuíram para me trazer à Igreja. Acresce ainda o facto de ter de me exprimir numa língua estrangeira, difícil para um norueguês.

Nasci em Oslo em 1882 e tive a grande tida de ser educado no seio duma família cristã. Especialmente o meu pai era muito religioso, e a despeito dos seus 60 anos, empreendeu, em 1910, uma viagem à Terra Santa, para visitar os lugares onde o nosso Redentor viveu e padeceu. Durante a viagem permaneceu uma temporada em Roma,

http://www.obrascatolicas.com/

e falou sempre com o maior respeito da vida e costumes católicos daquela cidade.

Em 1899, recebi a confirmação com outros 200 jovens, mas nenhum influxo religioso pude notar em mim. Após uma breve conversa com o meu pároco, fui pela primeira vez à Ceia, segundo o rito protestante. Pouco depois terminava a minha vida escolar. Como meus irmãos, devia continuar a minha educação na Inglaterra, e assim passei a ser aluno da «St. Olave's School» em Iorque. Na escola norueguesa tinha recbido uma educação verdadeiramente protestante. Ao passo que Lutero era apresentado quase como um santo, sobre o Papado e a Igreja instilaram-nos todos os preconceitos possíveis. Estes preconceitos são tão conhecidos, que parece desnecessário deter-me neles. Entrei no mundo com o desprezo pela Igreja Católica arraigado em mim. Nunca esquecerei o meu primeiro domingo em Iorque. Aos domingos, éramos obrigados a ir três vezes à velha «St. Olave's Church», que tem por patrono este santo da nossa pátria, mas em que o culto divino se celebra segundo o rito anglicano.

A princípio, pouco percebi da linguagem litúrgica. Julguei mesmo ter entrado numa igreja católica, não obstante nunca ter visto nenhuma. Aprendi a ajoelhar-me, coisa que até aí nunca fizera. A beleza dos cânticos e a solenidade da música, bem como as numerosas cerimónias, para mim desconhecidas, causaram-me profunda impressão. Em vez de me aborrecer, interessei-me pelo culto divino e, passado algum tempo, sentia certa simpatia por esta igreja. Alegrava-me com a chegada dos domingos e particularmente com a função religiosa da tarde. Era

http://www.obrascatolicas.com/

http://www.obrascatolicas.com/

para mim coisa nova, e constituiu sem dúvida, a base da minha ulterior evolução religiosa.

Quando regressei a Oslo, para frequentar o Ginásio e a Escola de Guerra, ia sempre à igreja inglesa de Santo Edmundo. Mais tarde, tendo ido para Hamburgo, onde desempenhei o meu primeiro cargo, frequentava regularmente e de bom grado a «Church of England», em Zeughausmarkt. Até esta altura, quase não me tinha preocupado de assuntos religiosos. Ia à igreja inglesa simplesmente porque me atraía a beleza do culto divino. Mas isto deve ter representado mais do que um hábito, pois sentia certo impulso para a igreja, e ao mesmo tempo certa satisfação religiosa. Sobre Lutero, nada se ouvia na igreja inglesa. Não procurei fazer qualquer comparação entre a doutrina da Igreja anglicana e a da Igreja nacional norueguesa.

No ano difícil de 1905, quando a Noruega se separou da Suécia e quase se chegou à guerra, correu através do País, uma forte corrente religiosa, que também me abrangeu. No mesmo ano tomei conta da direcção da fábrica que ainda hoje dirijo. Era obrigado nesta altura, e nos anos que se lhe seguiram, a prestar serviço militar, cada Verão, como oficial de dragões. Aproveitava todas as oportunidades para assistir aos actos de culto dos militares. Ao restabelecer-se mais tarde a calma, afroixou também a minha vida religiosa, mas de um modo geral mantive sempre certo contacto com Deus.

Em 1908, passou-se um caso que gostaria de descrever minuciosamente. Meu pai ocupou um alto cargo na maçonaria. O seu maior desejo era que os filhos se tornassem

http://www.obrascatolicas.com/

também mações. A 24 de Abril eu e os meus dois irmãos, fomos admitidos na grande loja nacional dos mações da Noruega. Para mim, este dia foi importantíssimo. O que me faltava na igreja encontrei-o na loja.

Talvez os meus leitores católicos do estrangeiro se horrorizem de que eu fale assim da maçonaria. Desejaria dizer-lhes, sem revelar os segredos maçónicos, que as lojas, nos países escandinavos, se encontram a grande altura religiosa. Exige-se incondicionalmente fé em Cristo, a fidelidade à pátria e o cumprimento do mandamento: «Amarás o teu próximo como a ti mesmo». A loja ensina, além disso, que não pretende substituir a Igreja, e todos os irmãos são exortados a frequentar assìduamente a casa de Deus. Tornei-me em breve um zeloso maçon, e com o decorrer do tempo, alto funcionário da loja. Três anos antes da minha admissão na Igreja Católica, possuía o mais alto grau da ordem.

Em 1918, casei com uma senhora dinamarquesa, de Copenhague. Era muito religiosa, cheia de interesse por coisas de literatura, e continuou a cultivar as suas inclinações depois de mudar desta grande cidade para a pequena Fredrikstad. Para os protestantes, como é sabido, a pregação é o principal. Para simbolizar que o sermão (anunciação) está acima do sacramento, encontra-se nalgumas igrejas o púlpito em plano superior ao altar. Minha mulher, que estava habituada a ouvir em Copenhague pregadores de primeira categoria, procurou comigo alguma coisa semelhante nas igrejas de Fredrikstad. Visitámos não só as igrejas nacionais, mas as de toda a espécie de seitas: baptistas, metodistas e adventistas. Por último,

http://www.obrascatolicas.com/

desistimos e contentámo-nos com o culto religioso transmitido pela rádio.

Um domingo, à tardinha, na Quaresma de 1928, veio minha mulher para casa e contou entusiasmada que ouvira finalmente um pregador esplêndido na pequena igreja católica de Santa Brígida. Foi-me deveras desagradável que minha mulher tivesse estado numa igreja católica sem o meu conhecimento; contudo, à primeira visita seguiram-se muitas outras. Naturalmente passámos a conversar bastantes vezes sobre a religião católica. Tenho infelizmente de confessar que lutava firmemente contra as tendências católicas de minha mulher, não só em discussões, mas também servindo-me de livros e escritos anti-católicos, com que procurava desviá-la das suas tendências. Foi em vão.

Enquanto minha mulher se sentia cada vez mais atraída para a Santa Madre Igreja, eu isolava-me. Não se satisfazia ela com ir simplesmente à igreja, procurava penetrar na doutrina católica e na sua literatura. Neste ponto, devo referir que minha esposa se entregava ao mesmo tempo, à literatura das obras do célebre teólogo e filósofo protestante, Sören Kierkegaard. Em oposição à doutrina protestante da salvação sòmente pela fé, afirma ele a absoluta necessidade das boas obras. Escreveu com bastante severidade contra o clero protestante, o qual, segundo afirmava, não seguia as doutrinas de Cristo.

A 2 de Dezembro — primeiro domingo do Advento — devíamos celebrar em Oslo a confirmação de um sobrinho nosso. Depois de muitos esforços para me convencer, conseguiu minha mulher que em vez de irmos à igreja

http://www.obrascatolicas.com/

protestante, assistíssemos às funções religiosas nos dominicanos. Tive, de facto, certos escrúpulos, mas acompanhei-a, sentando-me num dos bancos mais recuados. Em vez de me sentir deslocado como esperava, senti-me tocado por uma singular disposição de espírito. A princípio, foi a mesma sensação de outrora, em criança, quando visitei pela primeira vez a «St. Olave's Church». Havia a acrescentar o facto de anteriormente nunca ter visto um monje real; mas agora via e ouvia um dominicano que, embora francês, pregava um brilhante sermão em norueguês correcto.

Evidentemente não me foi possível compreender os actos de culto, pois muitas coisas eram-me estranhas. O que logo de início me despertou interesse foi o prólogo do livrinho que se encontrava em todos os lugares da igreja, para explicar a missa aos protestantes. Li com grande atenção o seguinte: «Lembra-te que foi a Igreja Católica que converteu a tua pátria. Por ela morreu Santo Olavo e muitos outros. A fé dos teus antepassados era a fé católica, e os noruegueses não abandonaram a sua fé voluntàriamente, mas compelidos. A Igreja Católica, por isso, é igualmente a tua Mãe, que deves conhecer para dela fazeres parte, com a ajuda e graça de Deus. A tua fé só pode ser aquela que o próprio Jesus anunciou e legou à sua Igreja, para a ensinar a ti e a todos os homens».

Palavras dignas de meditação. Se o culto divino atraía a minha sensibilidade, o meu interesse, com estas palavras, encaminhou-se para o campo puramente histórico. Decidi-me a investigar logo que fosse possível, as relações da Igreja Católica com a história da minha pátria.

http://www.obrascatolicas.com/

A partir deste domingo, passei a ir regularmente à igreja católica, na companhia de minha mulher, que já tomava parte no coro. Creio ter sido um frequentador tão assíduo como qualquer católico. Ao mesmo tempo comecei a estudar imparcialmente a doutrina da Igreja, assim como a sua história no nosso país. Deparou-se-me um auxiliar excelente em minha esposa, que embora não tivesse recebido essa instrução, possuía notáveis conhecimentos sobre a doutrina da Igreja. Desconfiado como era, li a princípio apenas livros noruegueses. Todo o protestante aprendeu na escola, evidentemente, que em geral só é católica a gente do sul, apelidada injustamente de inculta. O Catolicismo é uma religião para analfabetos, que nós homens cultos, felizmente abandonámos.

Tudo isto, porém, o vi de maneira bem diferente, quando li as obras do ilustrado e célebre pastor convertido, Krogh Tonning, doutor em teologia. O seu livro «Recordações de um Convertido», está escrito com tal calor e clareza lógica, que todo o resto dos meus preconceitos se abateu como um castelo de cartas. Também no livro «Como chegamos dos preconceitos à verdade religiosa», do convertido norueguês, e mais tarde sacerdote católico, J. Stub, encontrei precioso auxílio. Devo ainda mencionar os livros maravilhosamente bem escritos do pastor protestante sueco, Nils Beskow. A doutrina destes era absolutamente católica, e há poucos anos também o seu autor ingressou na Santa Madre Igreja. Li também as obras internacionalmente conhecidas: «A Igreja de Cristo» do cardial Gibbons, e o «Edgar», de Hammerstein.

Levaria, porém, demasiado longe enumerar tudo

http://www.obrascatolicas.com/

quanto li, em busca da verdade; a minha biblioteca é disso testemunha. Nem o meu coração, nem a minha inteligência me separaram por mais tempo da Igreja. Do fundo da alma amei, desde então, a nossa pequena igreja católica. Dava-me uma maravilhosa sensação de segurança o saber que esta pequena igreja era um membro da grande e universal Igreja Católica, a qual, fundada pelo nosso mesmo Redentor, é dirigida pelos verdadeiros sucessores dos seus apóstolos. A minha razão dizia-me que para mim acabara o protestantismo, com as suas inconsequências e a sua tendência à formação de seitas e ao subjectivismo, cujo pior fruto é uma ampla e completa descristianização. Abandonar a Igreja nacional norueguesa não me seria, portanto, difícil. Mas na hipótese de me fazer católico, teria de abandonar imediatamente a loja maçónica, que me era indizìvelmente querida.

Ìntimamente considerava-me católico, tomava parte activa em todas as cerimónias religiosas, mas faltava-me o mais importante: continuava excluído dos santos sacramentos da Igreja. Minha esposa recebia, já desde algum tempo, instrução religiosa, e em Maio devia ser recebida no seio da Igreja. Entretanto lera a história de S. Francisco de Assis, e por veneração e amor a este santo, decidiu-se a dar esse passo sòmente em 4 de Outubro, dia da sua festa. Nunca esquecerei a impressão que me causou a conversão de minha mulher; a partir desse momento, sentia-me mais só do que nunca.

Tinha eu recebido já instrução religiosa, mas faltava-me a coragem necessária para dar o passo decisivo.

http://www.obrascatolicas.com/

Dizia frequentemente ao sacerdote que me instruía: «Tudo isto é verdadeiro e é bom, e só devemos acreditar no que a Igreja ensina, mas... mas...». Havia já alguns anos que deixara de tomar parte na Ceia protestante, e sentia um indizível desejo deste sacramento. Não queria voltar a comungar na igreja protestante, e a comunhão na Igreja Católica era-me ainda interdita. Por fim, a minha resistência cedeu e não consegui por mais tempo «resistir ao aguilhão». Uma terça-feira, 26 de Novembro de 1929, depois de uma luta comigo mesmo, que durou horas, enviei ao presidente da grande loja maçónica nacional da Noruega o meu ofício de demissão; no mesmo dia fui ter com o meu pároco e pedi-lhe que na quinta-feira à tarde me recebesse na Igreja.

É-me impossível descrever a felicidade que me inundou depois de tomar aquela decisão. A minha admissão na Igreja realizou-se na maior intimidade. Além da minha esposa, do meu padrinho e de algumas Irmãs do hospital local de S. José, ninguém se encontrava presente. Na manhã seguinte, dirigi-me para o convento dos dominicanos de Oslo, para ali passar alguns dias na maravilhosa paz do claustro. Foi aqui a minha primeira confissão, e pela primeira vez experimentei o gozo e paz indizíveis do sacramento da penitência. No domingo seguinte, durante a missa solene, recebi a minha primeira comunhão, juntamente com minha esposa, precisamente na mesma capela do convento em que eu, um ano antes, sentado nos últimos bancos, assistira pela primeira vez, ainda protestante, a um acto de culto católico.

http://www.obrascatolicas.com/

Este breve relato, encimei-o com uma parte do intróito do primeiro domingo do Advento, o domingo que foi de importância decisiva na minha vida. Quantas vezes não dirigi esta oração a Deus! E Deus Todo-Poderoso escutou-a! Deo gratias. Amen.

http://www.obrascatolicas.com/

COM A AJUDA DE SANTA TERESINHA

Leitora **Antónia Tiberg**
NORUEGA

Professora do liceu municipal de Oslo, para estudantes dos dois sexos. Além de duas biografias, publicou dois livros de exercícios de língua alemã.

Pouco sabemos acerca de tudo aquilo que é susceptível de criar raízes na alma humana. O que na minha cidade natal, em terras nórdicas, pude observar sobre o Catolicismo, contribuiu, por certo, para o facto de eu na Alemanha, visitar amiudadas vezes as igrejas católicas. Em Berlim, onde estudei durante um semestre, frequentava a igreja de S. Hedviges, e nunca nenhuma protestante.

Em 1913, obtive uma pequena bolsa de estudo, e meio ano de dispensa do serviço lectivo, para estudar na Alemanha. Desta vez evitei a Alemanha do norte e procurei conscientemente a Alemanha católica. Fiz uma viagem pelo Reno, desde Colónia até Mogúncia; visitei muitas igrejas, tomei parte num curso de férias em Friburgo de Brisgóvia e sentia-me ali rodeada de espírito católico, talvez mesmo influenciada. Mas as pessoas que encontrei nesta viagem eram na sua maioria católicos «afastados». Alguns regressaram à Igreja anós os difíceis anos da

http://www.obrascatolicas.com/

guerra. Uma mulher simples, que tinha passado por muitas provações, e estava firmemente arreigada na sua fé, causou-me profunda impressão. Todavia, regressei da viagem tão descrente como tinha partido. Em 1922, senti grande desejo de visitar Oberammergau. Voltei desiludida.

Por esta altura exercia a minha actividade profissional no liceu da pequena cidade de Hamar (três horas de comboio rápido ao norte de Oslo). Próximo da cidade, existem ruínas de uma velha catedral construída nos meados do século XII. Essas ruínas actuaram fortemente sobre mim, como um antigo relato da época em que o último bispo católico teve de abandonar a sua sede, para entrar prisioneiro nos cárceres dinamarqueses. Estas velhas ruínas são uma página triste da Reforma, mas talvez dêem frutos abençoados no futuro. Quando em 1923 fui transferida para Oslo, fiquei satisfeita por encontrar moradia dentro da paróquia de «Gamle-Aker». A igreja desta foi construída antes da Reforma, talvez até no tempo de S. Olavo.

Como qualquer protestante sabe, a diferença entre uma igreja católica e uma protestante é muito grande. E não ùnicamente por aquilo que uma vez se passou comigo em Mogúncia, quando, depois de visitar igrejas durante um dia inteiro, por último entrei numa onde me receberam com as palavras: «Faz obséquio: 40 pfénigues de entrada»: — Sabia-se logo onde se estava. Também o teria sabido sem tal saudação, porque essa igreja não vivia como vivem e respiram todas as igrejas pobres das aldeias,

http://www.obrascatolicas.com/

numa região católica, a tal ponto, que parece sentir-se-lhe o alento.

A igreja de Gamle Aker tornou-se protestante, mas há qualquer coisa que vive e palpita nos seus velhos muros. Há quarenta anos vivia lá um sacerdote chamado Krogh Tonning, combativo e lutador pela palavra e escritos, e mártir da sua fé. É pena que o seu livro «Recordações de um Convertido», publicado em 1907 em Tréveris, já de há muito esteja esgotado e não volte a reimprimir-se. Com ele, achava-se um capelão que continuava a pertencer à Igreja norueguesa, mas que não raras vezes se podia ver na igreja católica de S. Olavo, nas funções religiosas do mês de Maio. À paróquia Gamle Aker pertenceu o actual pároco da igreja de S. Olavo, Mons. Kjelstrup, antes da sua conversão.

Frequentemente me perguntei a mim mesma: que haverá concretamente nestas velhas paredes e igrejas, que tão grande impressão nos causam? Parece-me que a resposta será esta: sentimos ali a falta de muitas mais coisas do que encontramos. E aquilo cuja falta notamos origina inquietação, para falar como o P.e Willibrord Verkade: uma inquietação que tende para Deus. Nas paredes da abandonada casa de Deus, ressoa a nostalgia que se apodera dos homens que buscam, de tal modo que só poderão ter calma, depois de encontrar o que os muros do templo exigem: o Sacramento do Altar.

Neste ano também desenvolvi certa actividade literária: escrevi a biografia de algumas escritoras norueguesas. Especialmente na da primeira, que foi muito infeliz, notei como na realidade se sentia impelida para a

http://www.obrascatolicas.com/

Igreja Católica, sem ela mesma o compreender. (O seu filho tornou-se católico mais tarde). Também verifiquei como na literatura o livro se transforma frequentemente em confessionário, e como os autores clamam pela absolvição sem a encontrar.

Em 1924, converteu-se a nossa grande escritora Sigrid Undset. Durante muito tempo não pude compreender como ela dera este passo. É certo que os seus livros sobre a Idade-Média eram perfeitamente católicos, se bem que escritos numa época em que a autora permanecia ainda fora da Igreja. Depois veio o seu romance de convertidos — «Gymnadenia», uma nova desilusão para mim. Quase a tremer iniciei a sua leitura; o livro, porém, não me disse grande coisa. Sei agora porquê. A autora pretende reproduzir o imenso júbilo que o convertido aufere da liturgia. Ora isso é qualquer coisa de impossível; não pode transmitir-se, pois tem de ser vivido. Mas fiquei devendo muito ao livro de Sigrid Undset, pelo que, mais tarde, tive ensejo de lhe testemunhar o meu agradecimento. Mostrou-me que no nosso país protestante também temos vida católica.

Nos últimos anos tinha sofrido muito, física e moralmente. E ainda não encontrara um ponto de apoio. Em 1931, foi-me concedida uma bolsa para preparar um pequeno livro de texto. Com auxílio do meu editor, consegui ser dispensada da minha actividade docente durante meio ano. Devia trabalhar na Alemanha; mas, como na Áustria a vida era mais barata, pedi a conhecidos meus de Salzburgo que me arranjassem lá onde viver. Recomendaram-me o convento Goldenstein, perto de Salz-

http://www.obrascatolicas.com/

burgo. É muito sério para protestantes habitar num convento. Ainda acalentei outros planos, mas falharam todos. E assim fui para Goldenstein, onde trabalhei todo o Verão.

No primeiro domingo, depois do almoço, apeteceu-me ir até ao jardim. E eis que ouço uma voz atrás a dizer-me: «Faça favor, para a capela, é por aqui». Sei que de modo algum pretendiam obrigar-me a ir à capela; julgaram simplesmente que eu não sabia o caminho. Passei a ir sempre à missa cantada, embora sem compreender coisa alguma. Assistia também à adoração do Santíssimo, em que se rezava em alemão. Não falava com ninguém sobre assuntos religiosos. Nas festividades litúrgicas ia sempre à capela. Certa ocasião, uma das coristas emprestou-me um livro de missa. O que primeiro me impressionou foi a oração *Communicantes:* ali estava a «adoração dos santos», de que nos tinham falado! Resolvi conversar com uma das freiras sobre este assunto. Ouviu-me com espanto: «Mas nós não adoramos os santos!» Eu já o sabia. As freiras, porém, não tinham tempo para falar com tais hóspedes, e nem sequer licença par tentar converter ninguém.

Nesta altura, inaugurou-se em Salzburgo um forno crematório. Para ter ensejo de falar sobre coisas várias, disse certo dia a uma freira: «Agora posso ficar aqui até ao fim da minha vida, uma vez que também em Salzburgo já a gente pode ser queimada». Entabolamos uma pequena conversa por onde vim a saber que esta freira não fora enviada pela família para o convento, nem lá entrara devido a qualquer infelicidade amorosa. Desfrutara duma

http://www.obrascatolicas.com/

posição independente, e a família opusera-se imenso à sua entrada. Mas ela entrou por um amor feliz... E não tinha inveja nenhuma das que andavam pelo mundo em liberdade.

Era já o último hóspede de verão que ainda estava em Goldenstein. Tinha também de me retirar. Em Munique o tempo estava frio e de chuva. Senti a falta de vida conventual. Uma conhecida, que de resto já me achou um pouco «contagiada» de catolicismo, falou-me muito da Itália, mostrou-me fotografias das suas viagens, e segundo calculava, com o mesmo dinheiro que me custaria a pensão em Munique, podia fazer uma viagem à Itália e permanecer lá um mês. Ora nesse ano eu não tinha ainda tido férias de verão. Uma conhecida minha de Munique, com quem gostava de me encontrar, andava em viagem. Em suma, comprei bilhete para a Itália, e parti depois de ter assistido a uma missa cantada na igreja de S. Miguel. Sentia contudo, saudades de Goldenstein; escrevi para lá, pedi notícias e perguntei se, ao regressar da Itália, poderia passar lá quinze dias.

Não aconteceu nada de especial nos primeiros dias, a não ser o facto de me começar a ajoelhar nas igrejas... Saberá alguém, que não tenha sido educado num país protestante, quanto custa ajoelhar-se? Rezar, mal podia. A minha atitude era mais ou menos esta: «Falai, Senhor; estou pronta a ouvir-vos». Cheguei a Florença; era nos fins de Setembro. Num domingo, às 6 horas da tarde, dirigi-me para a catedral. A estas horas estão justamente a dar a bênção em Goldenstein, pensei. Vou entrar; talvez aqui também dêem a bênção. Mas a catedral en-

http://www.obrascatolicas.com/

contrava-se fechada. Pareceu-me impossível, mas não o era. Rodeei-a sem achar qualquer porta por onde entrar. Quando de novo me encontrei ao pé do campanário, veio ter comigo uma velhinha e deu-me um santinho. Disse qualquer coisa que não compreendi. Julguei que pedia uma esmola e procurei dinheiro trocado. Mas já se havia retirado. Segui-a. Não queria dinheiro, mas por fim sempre o aceitou, e disse ainda muita coisa que não percebi. Olhei para a imagem quando regressei ao hotel; tinha escrito: Santa Teresa do Menino Jesus. No verso encontrava-se uma oração que tentei traduzir por uma questão de exercício. Não conhecia então Santa Teresinha. Tinha tomado nota do dia de Santa Teresa de Ávila, porque tencionava enviar nessa data um cartão de parabéns a uma religiosa chamada Teresa.

Dirigi-me para Roma, onde vivi com as Irmãs da Santa Cruz, na *Clínica Quisisana*. Pedi lá a uma das Irmãs que me traduzisse a oração, e mostrei-lhe o santinho: «Já leu a vida de Santa Teresinha?» Eu não sabia sequer da sua existência. A Irmã trouxe-me o livro, que comecei a ler todos os dias. Algum tempo depois, chegou uma carta de Goldenstein, datada de 3 de Outubro. Lia-se nela: «Hoje é o meu dia onomástico. Conhece Santa Teresinha de Lisieux?... Leia um dia a *História de uma alma*. Pedi-lhe hoje de manhã que lhe ensinasse a si o caminho para mais ràpidamente chegar ao termo». Senti uma estranha impressão. Sou uma pessoa bastante instruída, pensava, mas aqui há qualquer coisa diferente em jogo.

Devo ter-me comportado bem entre as Irmãs, pois um dia perguntaram-me um tanto intrigadas: A senhora

http://www.obrascatolicas.com/

é protestante, não é verdade? Respondi-lhes que sim. Ia muitas vezes às igrejas e capelas. Permaneci largo tempo em frente da *Scala santa* a perguntar a mim mesma: «Atreves-te a subir estas escadas como crente, de joelhos e orando?» Não me atrevi. Receava, quase a toda a hora, ser irreverente com os lugares santos. Ajoelhava-me neles com frequência, e recordo-me que de uma vez chorei. Mas não me lembro se rezei.

O dinheiro diminuiu ràpidamente nestas semanas. Noutras circunstâncias teria talvez interrompido a viagem apressando-me a voltar para casa. Mas agora fiquei absolutamente tranquila, muito embora o dinheiro fosse acabando. Fiz as contas e verifiquei que não tinha dinheiro que chegasse até ao Natal. Mas segui o meu plano.

Depois de em Viena ter visitado algumas escolas, cheguei finalmente por ocasião de Todos os Santos a Goldenstein. Era um maravilhoso dia de Inverno. O Watzmann brilhava branco no horizonte azul, e as freiras receberam-me como a velha amiga. Passados alguns dias chegou carta de Munique, onde eu tinha deixado a minha bagagem, com a notícia de que a minha antiga pensão fora vendida. Disse então à Superiora de Goldenstein: «Parece-me que Deus quer que eu me demore aqui. Poderei conservar-me até ao Natal?» Fiquei. A superiora arranjou-me um belo quarto. A imagem de Santa Teresa de Lisieux ocupava nele um lugar de honra. Ninguém tentava influenciar-me.

Recordava muitas coisas da época em que o Dr. Krogh Tonning foi meu professor, mas não lera ainda a sua autobiografia. Escrevi ao então vigário apostólico da

http://www.obrascatolicas.com/

Noruega, o jovem sacerdote Irgens, que tinha sido meu aluno, e pedi-lhe que me arranjasse o livro. Recebi-o dentro em pouco, e li também nestas semanas o livro de Verkade «O Tormento de Deus». Todos os dias assistia à missa. Reinava no convento um ambiente pacífico e belo, que já no Verão muito me agradara. Com um hálito de oração, pressentia-se o odor do incenso nas escadas e corredores da casa. E eu amava a paz solene do silêncio.

Alguns sacerdotes, com quem falei, diziam: «O seu pensamento é absolutamente católico», e em breve me propôs o Prof. Adamer que entrasse na Igreja. Eu tinha consciência de me encontrar ainda muito atrasada, e pensava que teria de avançar muito, antes de dar o passo decisivo. O professor respondeu: «Não avançará enquanto não tiver os meios de graça da Igreja. Foi necessário algum tempo de luta e reflexão, antes de me decidir a procurar um sacerdote. Principiava agora cada um dos meus dias com esta jaculatória que me ensinou uma das religiosas: «Senhor, mostrai-me o meu caminho, e dai-me as forças necessárias para o seguir». No convento rezavam e ofereciam muitos sacrifícios por mim. Houve ainda várias coisas a solucionar, mas a 17 de Dezembro de 1931 fui admitida na Igreja, em Goldenstein, e recebi pela primeira vez os Santos Sacramentos: a penitência, a sagrada comunhão, e por fim, a confirmação. Foi muito para um único dia. Sòmente à tarde, ao despertar duma breve sesta, vi como as Irmãs tinham enfeitado o meu quarto, e senti-me invadida pela alegria de ter finalmente encontrado a paz, de tudo o que era velho ter passado, e tudo agora ser novo.

http://www.obrascatolicas.com/

No dia da minha conversão ofereceu-me a minha madrinha de crisma um santinho com o Bom Pastor, no qual escreveu: «Amei-te com amor eterno, e atraí-te a mim. Não foste tu que me escolheste, fui eu que te escolhi. Fui em tua procura e trouxe-te sobre os meus ombros para o redil. Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida eterna». Sempre que penso nelas, compreendo melhor como estas palavras são verdadeiras. Julguei em tempo, que eu era uma alma que buscava; sei agora, porém, que foi Deus quem me procurou em vão durante largo tempo, pois contìnuamente lhe fugia para ir em busca do mundo, da ciência e dos homens.

Porque é tão difícil encontrar a nossa casa? Em primeiro lugar, porque os protestantes não têm casa. Há várias seitas e, dentro da chamada Igreja norueguesa, diferentes orientações que se anatematizam mùtuamente. A qual devia eu dirigir-me? Num livro do escritor norueguês Arne Garborg, livre-pensador, o filho pródigo suspira por um confessor. Desesperado exclama: «Os protestantes apenas possuem teólogos». Mas os teólogos dão-nos pedras em vez de pão. Aquilo a que chamam o terceiro artigo da fé, não passa duma fórmula vã na boca deles: a Santa Madre Igreja universal não é reconhecida pelo protestantismo; a comunicação dos santos não se encontra nas suas doutrinas. Nunca descobri na Igreja protestante a tradição dos apóstolos. Também não existe nela uma autoridade. Que as boas acções não são necessárias, é mais um dogma do que uma crença. Mas é sem dúvida muito cómodo. Nada é talvez mais caluniado pelos protestantes

http://www.obrascatolicas.com/

do que o culto de Maria. E, todavia, quantos não sentem a nostalgia da Virgem, sem mácula, da mulher ideal!

O protestantismo nada tem que dar ao que nele se viu caído. Então procura-se a ciência, como se esta fosse capaz de resolver todos os problemas. Não leva, porém, muito tempo até que o homem de pensamento compreenda que a verdade científica é muito limitada. Os sistemas mudam com tamanha frequência que também neles se não encontra repouso. Anda-se arrastado. Qualquer vento pode alterar a direcção — e imaginar alguém que levado por ele é livre. Essa liberdade é o que de mais desesperado existe na terra: leva às margens do aniquilamento próprio. E até que o Bom Pastor a encontre, a ovelha andará errante por essas paragens...

http://www.obrascatolicas.com/

BOCÁCIO COMO INSPIRADOR DA FÉ

Nils E. Santesson
SUÉCIA

Estocolmo. Escultor de profissão.

Para um protestante que nasceu e vive numa terra quase exclusivamente protestante como é a Suécia, não é fácil estabelecer, de modo absolutamente exacto, quais os caminhos que percorreu para compreender que a Igreja Católica Romana é a verdadeiramente cristã. Mesmo depois deste conhecimento, é bastante difícil associar-se a esta comunidade de fé; de modo algum este passo é tão simples como muitos julgam, sobretudo porque a Igreja Católica na Suécia tem uma aparência exterior muito modesta, em perfeito contraste com a chamada Igreja nacional luterana.

Se bem que em casa nada nos faltasse sob o ponto de vista material, as relações familiares eram muito infelizes, e conduziram por fim ao divórcio de meus pais. Minha mãe caiu a princípio num estado de melancolia, depois numa religiosidade extrema, de natureza sombria e triste, como é geralmente a das seitas de aqui. Nós, os filhos, tínhamos aprendido muito cedo, quase a brincar e sob a direcção de amas, a ler e a escrever, e já sabíamos antes dos cinco anos aquilo que outras crianças aprendem geral-

http://www.obrascatolicas.com/

mente só muito mais tarde. Visto poder ler tudo o que quisesse, tive, à minha disposição, muito antes das outras crianças, livros que ultrapassavam a minha capacidade. Como outros jovens, passei também pelo meu período de Frederico Marryat, J. Fenimore Cooper, Júlio Verne, Daniel Defoe, Alexandre Dumas, etc., e li demasiado cedo Eugénio Sue, Emílio Zola, Bocácio e outros semelhantes. Teria 14 anos quando li o Decámeron. E por mais estranho que possa parecer, esta leitura impeliu-me fortemente ao estudo da doutrina católica. Das histórias obscenas de Bocácio nada me ficou na memória. De modo absolutamente espontâneo resolvi, mais tarde, nunca mais ler semelhantes coisas. A vida é demasiado breve para se perder assim o tempo. Basta ler meia dúzia de páginas de um livro desses para se conhecerem as restantes. Não é necessário beber um barril inteiro de vinagre para se saber o que ele contém. De resto, tinha confiança em mim como qualquer outro rapaz: são, alegre e animoso.

A respeito de Bocácio, o caso foi o seguinte: numa passagem do princípio do Decámeron, certa personagem conta a história de dois amigos de Paris. Um era piedoso israelita; o outro, cristão piedoso. O cristão mostrava-se inconsolável por o seu amigo judeu estar votado à condenação eterna se morria descrente. Pediu-lhe insistentemente que se instruísse e se convertesse à fé cristã. O piedoso judeu opôs-se largo tempo. Por último, declarou que partiria para Roma, a fim de conhecer a religião cristã mais de perto na capital da Cristandade. O outro ficou preocupado, porque sabia muito bem a vida que então levavam, na época da Renascença, o Papa e muitos

http://www.obrascatolicas.com/

cardiais e frades. E assim, procurou com toda a espécie de argumentos, convencer o israelita a ficar em Paris e a procurar instruir-se lá. Mas este insistiu que teria de ser em Roma, ou em mais parte nenhuma, e partiu. O outro ficou muito aflito, e a recear o pior. Passado bastante tempo, o judeu, regresou de Roma, abraçou o seu velho amigo e disse-lhe que podia agora saudar nele um cristão convicto e crente. Ante a estranheza do outro, retorquiu o judeu: «Sim, repara; logo que cheguei a Roma e observei a má vida que muitos altos dignitários da Igreja levavam, disse para mim mesmo: esta religião tem de provir de Deus, porque se fosse obra humana há muito haveria morrido.»

Esta conclusão lógica impressionou-me fortemente, sobretudo porque este modo de pensar estava em vivíssima oposição a quanto eu até aí tinha ouvido. Geração após geração, a juventude sueca é alimentada com os «Contos de um cirurgião castrense», de Zarchris Topelius, onde se fala constantemente de jesuítas e frades aduladores, pérfidos e assassinos. Infelizmente tem de se reconhecer que, de um modo geral, na Suécia cada um toma posição em face da Igreja Católica, orientado por romancistas como Z. Topelius, J. O. Aberg, Hermann Bjurstens. — Quem é que na França se atreveria a formar o seu juízo sobre a Igreja, apoiado nas fantasias de Eugénio Sue ou Alexandre Dumas? — Essas descrições novelescas do tempo de Gustavo Adolfo apresentam sempre a este rei da Suécia, indiscutìvelmente grande, como um herói do cristianismo, que se lançou pela Alemanha dentro, a defender a verdadeira fé contra as intrigas e abusos dos maus ca-

http://www.obrascatolicas.com/

tólicos. Na verdade fiquei admirado ao ver, nos livros de história, que os príncipes protestantes da Alemanha, entre outros o seu próprio cunhado, o príncipe eleitor de Brandeburgo, de modo algum o receberam como salvador e aliado mas, pelo contrário, fizeram tudo o que puderam para o impedir de entrar em solo alemão.

Nessa época lia eu imenso. Não conhecia nenhum católico. Aos 16 anos fui «confirmado» na actual paróquia protestante de Santa Clara, que nos tempos católicos da Suécia, era uma igreja conventual das Clarissas. Com o meu professor de religião, falara já com toda a franqueza. O pastor, que tínhamos no liceu, como mais tarde verifiquei, sentia-se muito atraído pelo catolicismo, e mandara mesmo uma filha ao estrangeiro educar-se catòlicamente. As suas aulas permitiam, em todo o caso, o exame livre.

Por meio de toda a espécie de leituras e pelo cantacto pessoal com os chefes das diversas orientações — unitários, teósofos, positivistas, etc., iniciei-me nos diferentes sistemas filosóficos. Li também abundante literatura budista. Até mesmo o Alcorão cheguei a estudar conscienciosamente naquele tempo. Pascal, Stalker, Dummond, Balfour eram-me familiares; li também Tomás de Kempis.

Pouco a pouco foi amadurecendo em mim a resolução de me tornar católico. Eu queria permanecer cristão. Segundo o processo usual na minha família, de ir directamente à última instância quando se pretende obter qualquer coisa, procurei o vigário apostólico, o bispo Alberto Bitter, e expus-lhe a minha situação sem que em casa soubessem de nada. Era uma Sexta-Feira Santa. Recebeu-me de modo muito amável, mas disse-me imediata-

http://www.obrascatolicas.com/

mente que, segundo a lei sueca, eu era demasiado novo para me poder converter sem autorização de meus pais. Convidou-me repetidas vezes a comer com ele. Trtava-me por tu, e chamava-me pelo primeiro nome, um hábito amável que conservou até à morte. Queria igualmente que eu, segundo o costume característico da Suécia, o tratasse por «Farbor», o que, atendendo à sua alta dignidade, era para mim muito honroso. Também passeávamos juntos. Estes encontros eram muito instrutivos para mim, mas ele nunca permitiu que falássemos sobre assuntos de religião. Isto causava-me estranheza, porque estes assuntos justamente, eram para mim o mais importante. Finalmente, chegou um dia em que não me pude conter mais: tinha de falar com meu pai. Contava então 19 anos.

Foi terrível. Meu pai, a quem recordo sempre com amor filial, não tinha uma atitude religiosa determinada e positiva. Como a maioria do povo sueco, era completamente indiferente em matéria religiosa. Mas que eu me quisesse fazer católico, «renegar a fé dos meus antepassados», isso não podia ser. Mandaram-me ter com o pastor da antiquíssima e outrora católica, igreja de S. Nicolau, que era a da minha circunscrição. Submeteu-me ele a longo interrogatório, durante o qual esteve sempre a escrever. Isto não me pareceu muito delicado, mas enfim ele era uma pessoa distinta, e eu um rapaz, um ninguém. Fiquei ainda mais admirado quando ele meteu as diversas folhas escritas dentro de um sobrescrito, lacrou-o, e disse-me que o entregasse a meu pai.

Com a carta de Urias voltei para casa. O que ela dizia nunca o soube, a não ser que eu me encontrava tão

http://www.obrascatolicas.com/

Ruy Pinto da Silva

corroído pelos erros católicos que nada havia já a fazer, e portanto meu pai deveria pôr-me fora de casa, retirar-me o seu auxílio, e outras coisas parecidas, segundo ele me contou anos depois. Como nada tinha feito de mau, recusei-me a sair. Começou então uma época difícil. Tudo sofri durante ano e meio, para me experimentar a mim mesmo. Finalmente recebi autorização episcopal para ser instruído na religião católica, do que se encarregou um padre da Companhia de Jesus. O P.e Eduardo Wessel, S.J., recebeu-me depois na Igreja Católica; foi o meu primeiro confessor, e mais tarde assistiu-me em horas bem difíceis.

Muito significativo é o seguinte facto. Quando contei ao meu antigo «mestre de confirmação» que me tinha convertido, ele apenas deduziu de aí — apesar de ser homem muito digno, e de eu ter frequentado assìduamente a sua casa durante algum tempo — que eu devia ter levado uma vida imoral «para me poder lançar assim nos braços da Igreja Católica».

Entretanto, cheguei à maioridade e consegui os meios necessários para ir ao estrangeiro e completar os meus estudos. Como a tantos rapazes convertidos, da Suécia, também a mim me quiseram educar para o Sacerdócio, mas sem resultado. A vida agitada, que depois tive, parece ter sido realmente inevitável. Será determinismo considerar como um enigma ter a gente feito aquilo que não devia nem queria fazer, e terem acontecido coisas que desejaríamos evitar?

Seja como for, dou sempre graças a Deus pela imerecida graça de ter sido precisamente eu, entre tantos milhões de homens, chamado à verdadeira fé.

Liczkowski

http://www.obrascatolicas.com/

DO HOMEM IDEAL, CRISTO, AO HOMEM-DEUS

Sigrid Swanbom
SUÉCIA

Estocolmo. Foi outrora directora, em Upsala, de um instituto e escola para crianças débeis mentais. Vive em Itália há vários anos.

A Igreja nacional sueca celebra todos os anos, no Outono, a chamada festa da Reforma. Por esta ocasião prega-se em todas as igrejas sobre a grande dádiva libertadora do espírito, que o protestantismo representa para o nosso povo. Nessa altura o Catolicismo serve frequentemente de sombrio pano de fundo, pintando-o com tintas mais ou menos cerregadas, para fazer ressaltar assim com viveza e claridade, a bênção da Reforma. Esta festa reformista despertava-me sempre profunda compaixão pelos católicos, e levava-me a orar por eles todos os dias durante algumas semanas depois da festa, para que Deus também lhes enviasse a Sua luz e a Sua verdade.

Em anos posteriores ofereceu-se-me ensejo de visitar um país católico. É evidente que procurei conhecer ali a realidade prática do Catolicismo. Desejar eu mesma ser católica, era coisa que eu julgava fora dos limites do possível. Sentia-me, pelo contrário, na possa duma doutrina

http://www.obrascatolicas.com/

superior. As minhas investigações e perguntas significavam apenas uma certa condescendência com aquela religião, que ainda se encontrava envolta nas sombras da Idade-Média.

Qual é a posição dos católicos ante a divindade de Cristo? Eis a primeira coisa que desejei saber, porque havia anos que eu sofria profundamente com a minha própria incerteza sobre este ponto decisivo. Ouvira muitos e magníficos sermões protestantes. Neles Jesus aparecia como o homem ideal. Numa pessoa que se encontra muito distante deste ideal e sente claramente que pelas suas próprias forças jamais conseguirá subir tão alto, o evangelho do homem ideal, só produz, com o tempo, efeitos destruidores e desesperadamente desmoralizadores. Qual não foi a minha surpresa e admiração por isso, ao ver que para o católico este difícil problema não existe, pois acredita firmemente e com a maior naturalidade na divindade de Cristo!

Já de há muito que o chamado movimento ecuménico tinha despertado em mim o mais vivo interesse, por verificar como na Suécia, devido à actividade de toda a espécie de seitas, se encontravam divididas não só paróquias inteiras, mas famílias particulares. Daí a segunda pergunta, para que desejei resposta: «Como é possível à Igreja Católica fugir a esta divisão?»

Na cidade italiana em que residia não se notava o mais leve vestígio de seitas. Esta unidade de fé era para mim um verdadeiro acontecimento. A resposta clara a esta pergunta exigiu um estudo longo e pormenorizado, que humilhou notàvelmente a minha superioridade protestante.

http://www.obrascatolicas.com/

Frequentava as igrejas católicas. Particularmente me falava ao coração a paz e o silêncio da missa rezada. Das pregações habilidosas que não nos dão nenhuma certeza, sentia-me totalmente enfastiada. Não obstante, amava a Igreja nacional sueca, e amo-a ainda, pela convicção de que dela se pode dizer: «Fez tudo quanto podia fazer».

Um dia, durante a santa missa, precisamente à elevação, recebi uma graça particular. Fiquei a saber, de repente, e com uma certeza íntima, absoluta: Aqui está Aquele que eu procuro. Desde então acudiam-me ao espírito com frequência as palavras de S. Pedro: «Senhor, está-se bem aqui». A Providência divina enviou-me também o auxílio dum sacerdote que estava retirado por motivos de saúde, e tinha por isso tempo para se ocupar de mim. Possuía uma invulgar dose de paciência... e ela era de facto verdadeiramente necessária. Nós os convertidos, em todas as nossas perguntas justas e injustas, submetemos a paciência dos outros a provas invulgarmente difíceis. Além disso, no meu caso, foi necessário que ele me explicasse o mesmo assunto duas e três vezes; a doutrina das indulgências teve de ma explicar pelo menos dez. Eu expunha ao meu instrutor espiritual, com a maior franqueza, todos os motivos que me afastavam da vida da Igreja, como por exemplo, a recitação do rosário, o facto de muitos católicos do povo manifestarem claramente maior amor a Maria e aos Santos do que a Cristo no Santíssimo Sacramento do Altar, e de parecerem regatear com Deus por causa dos seus «méritos». Nesta questão, as palavras do Padre Lippert foram para mim uma bené-

http://www.obrascatolicas.com/

fica libertação: «Mérito não significa senão que o nosso olhar bom e amoroso dirigido a Deus, faz com que Deus nos olhe, por sua vez, terna e amorosamente» («Von Wundern und Geheimmissen», pág. 167). O meu instrutor deu razão em muitos pontos às minhas críticas. Fiquei assim a saber que os próprios sacerdotes católicos lamentam, como abusos, algumas coisas que, no decorrer do tempo, nasceram da piedade popular, e que se esforçam por suprimir exclusivismos e exageros. Deu muita importância a que eu soubesse distinguir claramente entre a doutrina da Igreja e a sua história. A doutrina da Igreja é divina, e por isso infalível. Mas os seus membros na terra, sem exceptuar os chefes e dirigentes, são homens pecadores, e por isso surgem sempre, na história da Igreja, fraquezas e imperfeições humanas.

Desde o momento em que desejei conhecer o Catolicismo, até ao dia em que me foi dado transpor os umbrais da Igreja, decorreram vários anos. Naturalmente, durante este tempo, li, com assiduidade escritos católicos. Causaram-me impressão particularmente profunda o «S. Francisco» de João Jörgensen e «Imitação de Cristo» de Tomás de Kempis.

O grande anseio de unidade, que todos, católicos e protestantes, acalentam, há-de algum dia tornar-se realidade. Ele partiu do mesmo Salvador ao dar o mandamento sublime: «Que todos sejam um!». Nós, em quem arde a chama deste anseio, podemos apressar do modo mais seguro e eficaz, o momento da sua realização, orando uns pelos outros.

http://www.obrascatolicas.com/

O SUDÁRIO DE TURIM

P.e Jacob Olrik
DINAMARCA

Frederícia. Frequentou na juventude o liceu humanístico de Odense, estudou depois ciências jurídicas em Copenhague e exerceu algum tempo o cargo ae assessor em Koge. Depois estudou teologia em Paderborn, Innsbruck e Roma. Recebidas as ordens sagradas, foi nomeado vigário da igreja do Rosário de Copenhague, e depois secretário do bispo de Euch. Nessa qualidade, actuou como delegado dinamarquês para os prisioneiros de guerra na Sibéria (1917-18). Por morte do bispo de Euch, foi nomeado pro-vigário apostólico, e mais tarde pároco de Kolding e Frederícia. Em 1923 recebeu o título de camareiro honorário de Sua Santidade.

Meu pai era pastor da Igreja evangélico-luterana, que é chamada popular e tem o auxílio do Estado dinamarquês. A sua paróquia ficava em Funen, na península de Hindsholm, região amena e fértil, cheia de casas campesinas cobertas com palha de hortas, pequenos bosques e muitas colinas, e nas proximidades, o mar: Grande-Belt, Baía de Dalby, Categate e o Fiorde de Odense. A residência paroquial era grande e espaçosa, enobrecida interiormente pelo seu velho mobiliário, recebido de antepassados, e exteriormente coberta de heras, jasmins, rosas —

http://www.obrascatolicas.com/

brancas, amarelas e vermelhas; até esplêndidas vides, de pura cepa da Madeira, que quase todos os anos chegavam a amadurecer os cachos, adornavam a casa. A quinta que rodeava a residência era grande. Havia lá macieiras, pereiras e ameixoeiras, amoreiras, framboeseiros, groselheiras, uva espim e muitas outras árvores de fruto. As férias de Verão eram magníficas, com banhos, excursões em carro de cavalos, com hóspedes e bailes, jogos e canções. Mas também não faltava lá a piedade. Quem poderia pedir mais a Deus? — E no entanto, faltava-me alguma coisa, embora nem eu mesmo soubesse o que era.

Meu pai tinha a seu cargo duas antigas e veneráveis igrejas. Ambas provinham dos tempos católicos da Idade-Média. Ele não pertencia a nenhuma corrente religiosa especial, à Missão Interior ou ao «Grundtvigianismo», muito embora, por causa das suas tendências católicas, se aproximasse mais deste último. Meu pai, sendo ainda jovem, passara um Inverno em Roma, e recebera lá profundas impressões, porventura mais profundas do que ele mesmo dizia. Das paredes da nossa casa pendiam dezassete quadros de conteúdo especìficamente dogmático. Possuíam, é certo, valor artístico, mas indicavam também, como adornos domésticos, uma orientação espiritual determinada, embora inconsciente. Pràticamente, contudo, meu pai comportava-se de modo muito negativo em face da Igreja Católica.

Posso garantir que era uma pessoa justa, boa, clara e lógica. Mas precisamente por isso, a sua evolução espiritual caiu em breve num ponto morto, pois lógica e protestantismo não conseguem andar juntos muito tempo.

http://www.obrascatolicas.com/

Um teólogo luterano dinamarquês chegou mesmo a dizer: «Se se quiser ser lógico, tem de se endoidecer ou de se ser católico». Quando cheguei aos dezoito anos, meu pai adoeceu, caindo numa irritabilidade especial que tornava muito difícil sustentar uma conversa séria com ele.

Desejaria referir especialmente duas impressões da minha juventude. Meu pai tocava piano bastante bem, mas a sua voz não era extraordinária. Todavia, tocava e cantava com tal expressão e íntimo sentimento, que raras vezes ouvi coisa semelhante. Certo dia, estava sentado junto dele e contemplava pela janela o pôr do sol, através dum espaço que deixavam livre as árvores do jardim, e naquele poente pareceu-me representado o misterioso país da felicidade. — Mais tarde, numa noite de Natal, estando sentado ao lado de meu pai, contemplava eu, como ele também gostava de fazer, as sombras dos ramos da Árvore, que se desenhavam no tecto do aposento, esfumadas ou nítidas, consoante as velas se iam apagando. Posso bem dizer que numa noite dessas não me encontrava precisamente mal humorado. No entanto, dizia para comigo mesmo: «Não, não; não é esta a verdade; não é esta a vida autêntica».

Minha mãe era natural da Jutlândia, onde eu próprio nasci, na campina, e como bom jutlandês sempre senti forte aversão a ser ludibriado ou enganado. Passar por tolo no fim da vida — era coisa que não podia sofrer. Busquei sempre o céu com franca decisão. O inferno? Por nada deste mundo.

O meu primeiro contacto com a Igreja Católica deu-se em Odense, onde frequentava o Liceu. Da minha janela

http://www.obrascatolicas.com/

podia ver a escola católica, onde as irmãs de S. José ensinavam as crianças. Com o espelho reflectia-lhes os raios do sol para dentro da aula, fazendo com eles alegres cabriolas. Pura maldade! Como estudante de direito em Copenhague, ouvi mais tarde o jesuíta Breitung falar e discutir sobre o darwinismo, o que me inspirou certo respeito.

Uma particular moção divina, porém, veio-me através de um vulgar semanário ilustrado, que trazia uma gravura do sudário de Turim (1), e ao mesmo tempo a imagem do Senhor recentemente captada, mediante o negativo fotográfico. Compreendi imediatamente que esta imagem era qualquer coisa de extraordinário, e os conhecimentos anatómicos que adquirira, bem como os meus conhecimentos de pintura, provaram-me que de modo algum se poderia falar de falsificação. Não é aqui o lugar para tratar vagarosamente o problema da autenticidade desta imagem. Mas ela — falo ùnicamente da fotografia, e não das más cópias — foi a estrela que me conduziu à religião católica. Trata-se da fotografia tirada pelo Padre jesuíta Sana Soloro, a melhor de todas.

Só depois de alguns anos tive tempo e oportuniadde para me ocupar do sudário de Turim, o que me pôs em contacto com o secretário do bispo católico de Euch, Henrique Gamel. Uma coisa me surpreendeu nele: a segurança, a amabilidade e a naturalidade da sua maneira de ser. Isto despertou-me o desejo de conhecer pessoalmente

(1) Segundo uma velha tradição, foi no sudário de Turim que envolveram o corpo do Senhor antes de o sepultarem.

http://www.obrascatolicas.com/

o Catolicismo. Estava, é claro, acostumado a considerar o Catolicismo como um simples disparate. Quando alguém (dizia eu para comigo mesmo) é muito estúpido, pode, sem dúvida triunfar acidentalmente por meio dos seus bens e dinheiro, mas com o tempo hão-de as coisas correr-lhe mal, sobretudo se se encontra à frente de grandes empresas. Como é possível à Igreja Católica subsistir sempre? Isto constituía para mim um grande enigma, e para o solucionar, resolvi estudar a dogmática católica, na primeira oportunidade.

Outra coisa ainda me dispôs a aceitar a religião católica. Como protestante notava sempre em mim um desagradável sentimento de inferioridade, e frequentes vezes pensava como seria possível libertar-me dela. Sucessivas tentativas e esforços tinham produzido pequeno êxito. Não haveria nenhuma possibilidade de me ultrapassar a mim mesmo? Ùltimamente, a dúvida se a guerra, mesmo a defensiva, seria permitida a um cristão, levou-me a implorar fervorosamente a luz do Espírito Santo. Reconheci que pelos meus raciocínios, tanto podia chegar a uma conclusão justa como errada nesta matéria. Desejei então saber qual era a verdadeira religião, mas a única esperança de ser bem sucedido coloquei-a na oração. Se eu pedir sinceramente a Deus, com todo o coração, a verdade e força para a seguir, há-de ouvir-me, com certeza. Depositei confiança especial na assistência do Espírito Santo, e assim foi que o Espírito Santo se tornou mais tarde centro particular da minha piedade e adoração.

Quando cheguei a assessor, a amorosa providência de Deus levou-me à pequena cidade de Koge. Para ali fora

http://www.obrascatolicas.com/

transferido, também, havia pouco, o missionário P.e Maurer. Procurei-o, em parte, com a intenção de o embaraçar com as minhas perguntas. Mas, dentro em pouco, encontrei-me em face de enorme superioridade da teologia católica. Durante muito, muitíssimo tempo, tentei rebater a argumentação do P.e Maurer ou evitá-la, mas por último tive de me confessar vencido. Esperei ainda um ano inteiro, para ver se descobria qualquer ilusão, qualquer engano da doutrina católica, e se não seria possível abalar o edifício da fé da Igreja. Não obtive resultado. Por fim, ajudado pelas orações de muitos católicos piedosos, decidi-me à conversão. Percebi claramente que não poderia esperar mais tempo sem colocar em perigo a salvação da minha alma.

Entrei, então, no país da felicidade, cuja luz — sangue e ouro — me parecia ter vislumbrado nesse crepúsculo, por entre os ramos das árvores; desde então decorreram já 25 anos felizes. Não me enganei: Os estreitos limites, de facto muito estreitos, da nossa capacidade, podemos ampliá-los por meio da graça de Deus. A lógica da religião católica fez-me penetrar em profundidades maravilhosamente claras. Outrora a imagem do Cristo de Turim causara-me profunda impressão. Nunca mais pude esquecer esse rosto divino. Conceda-me o Senhor, na sua misericórdia, que eu também um dia o venha a contemplar face a face!

http://www.obrascatolicas.com/

POBREZA E CARIDADE FRATERNA DOS FRANCISCANOS

Baroneza Érica Rosenörn-Lehn
DINAMARCA

Roskilder. Traduziu para dinamarquês, encarregada pelo seu bispo, o Velho e o Novo Testamento. Um relato mais pormenorizado da sua conversão encontra-se no seu livro «Min Vandrebog».

Nasci e fui educada numa família protestante, sendo a mais nova de seis irmãs. Minha mãe, mulher muito temente a Deus, ensinou pessoalmente às filhas a religião, e lançou muito fundo no meu coração de criança a semente da religiosidade. Sendo filha de um diplomata, ela tinha passado a meninice em Francforte-sobre-o-Meno. Companheiros católicos, entre os quais o Príncipe Carlos Lõwenstein (que morreu sendo o Padre Raymundo, O. P.), com o qual minha mãe trocou correspondência até morrer, exerceram sobre ela um influxo inconsciente. Também as cerimónias católicas, a que assistiu, causaram-lhe uma impressão inolvidável.

As circunstâncias da vida, porém, afastaram-na, completamente, de tudo quanto fosse católico. Sòmente quando uma das suas filhas casadas, e o marido desta, se converteram, graças à acção do cardeal Mermillod, então bispo

http://www.obrascatolicas.com/

de Genebra, começou minha mãe a compulsar livros católicos. Na solidão rural do castelo de Hvidkilde, nossa terra natal, tinha ela tempo mais que suficiente para o estudo, e por ele chegou à conclusão de que a Igreja Católica era a verdadeira Igreja de Jesus Cristo. Meu pai não tinha pròpriamente nada a opor ao seu desejo de se fazer católica; ùnicamente pôs a condição que ela esperasse até que eu, então uma criança de cerca de 10 anos, fosse confirmada. Subtraíram-me desde esse momento à sua influência religiosa, e confiaram-me a um pregador protestante para que me instruísse.

Este era um homem muito bom e verdadeiramente piedoso. Tanto ele como as pessoas que me rodeavam e conheciam as simpatias católicas de minha mãe, fizeram tudo para me manterem firme na religião protestante. As coisas não melhoraram quando, após a minha confirmação, por volta dos 15 anos, tanto minha mãe como duas das minhas irmãs mais velhas ingressaram na Igreja Católica. Eu, que acreditava firmemente em todas as mentiras que contra esta Igreja se propalavam, fiquei muito triste com a perda de minha mãe e irmãs, que agora, na minha opinião, se tinham votado ao culto dos ídolos e a tudo quanto há de mau. Dez anos passaram entre contínuos sofrimentos de ambas as partes. Amávamo-nos; no entanto, espiritualmente vivíamos por completo separadas. Por último, não podendo aguentar mais, na Primavera de 1898, com 26 anos de idade, abandonei a pátria em direcção à Inglaterra, com o objectivo de estudar arqueologia clássica.

O meu espírito impressionou-se profundamente diante

http://www.obrascatolicas.com/

do culto divino da Igreja anglicana. Também me causou impressão o facto de na Inglaterra ninguém ter horror aos santos da Igreja Católica. Nesse momento, a minha fé nos «santos» protestantes — Martinho Lutero e Gustavo Adolfo — sucumbiu.

Por meio dos estudos históricos, sobretudo dos livros do professor anglicano de Oxford, Leighton Pullan, e com a leitura das «Confissões» de Santo Agostinho e das «Fioretti» de S. Francisco, foi-se abrindo a minha alma cada vez mais à ideia de que só havia uma Igreja. A minha oposição à Igreja Católica cedeu, mas continuava a pensar que se havia uma só Igreja tinha diversos ramos. Eu mesmo considerava-me anglicana, sem compreender que é impossível aderir a uma Igreja nacional sem pertencer a essa nação.

O Inverno de 1901-1902 passei-o, como estudante, na escola britânica de Arqueologia, em Atenas. A minha fiel companheira em todos os meus anos de peregrinação, a grande artista Sofia Holten, esteve também comigo na Grécia. Comunicávamos os nossos estudos e também o curso da nossa evolução religiosa. Foi ela que me propôs mandar rezar uma missa por minha mãe numa igreja católica. Quando o amável sacerdote a que me dirigi, me disse que rezaria também pela conversão da Dinamarca, senti-me ofendida e pensei: «Mas que presumidos estes católicos!» Todavia, poucos meses mais tarde, quando, durante a viagem visitámos o túmulo de S. Nicolau em Bari, dei ao sacerdote da localidade, uma moeda de ouro, e pedi-lhe que rezasse por mim.

A etapa seguinte da viagem era Áquila, onde se en-

http://www.obrascatolicas.com/

contra o túmulo de S. Bernardino de Sena. Desde criança que considerava S. Bernardino meio protestante, por ele venerar e anunciar o nome de Jesus. Cheia de interesse contemplei no edifício da Câmara a sua bela máscara mortuária, de expressão suave e sublime. Ao lusco-fusco chegámos junto ao seu túmulo. Sofia Holten afastou-se, com o franciscano que nos mostrava a igreja, para contemplar mais de perto algumas obras de arte. Fiquei sòzinha. Ajoelhei junto do túmulo e pedi, profundamente emocionada, que Deus Nosso Senhor me fizesse santa «como S. Bernardino». No mesmo momento senti, e até o disse a meia voz: «Mas isso exigirá um esforço terrível!» Senti vergonha logo a seguir e pedi a Deus, chorando, que perdoasse a minha covardia.

Passei a noite em oração, a preparar-me condignamente para a visita ao túmulo de S. Francisco, pois íamos agora para Assis. O que ali se passou nas nossas almas foi um tal milagre da graça, que toda a eternidade não seria bastante para o agradecer a Deus e a S. Francisco.

Das muitas coisas que, à maneira duma cadeia espiritual ou abençoada rede nos cativaram, quero apenas citar uma: a pobreza verdadeiramente evangélica e a caridade fraterna dos franciscanos.

No princípio de Setembro tive de partir para casa, por meu pai haver adoecido. Quando, ao sair dos países católicos, entrei nas regiões protestantes da Alemanha, senti instantâneamente o vazio e a frialdade das igrejas espalhadas em volta: não havia nelas o Sacramento do altar. Chegada a casa, falei com minha mãe como jamais o fizera, e contei-lhe quanto vira em Assis. Ela sem dúvida

http://www.obrascatolicas.com/

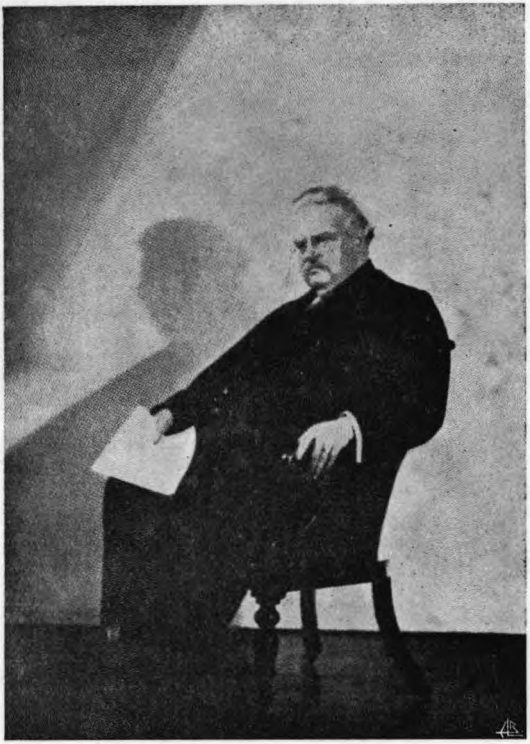
presentiu quão perto eu me encontrava já da Igreja. Entretanto, eu não o sabia ainda. Durante a minha ausência de Assis, os franciscanos rezaram por mim junto do túmulo do Santo. Na vigília da festa de S. Francisco, cheguei novamente a Assis durante as primeiras e solenes vésperas. Foi um regresso ao lar, no verdadeiro sentido da palavra. Na manhã seguinte, ao cantarem o credo, durante a missa celebrada na igreja que guarda o sepulcro, reconheci ao ouvir as palavras — «Et unam sanctam, catholicam et apostolicam Ecclesiam» — a plena e irradiante verdade da fé.

Durante todo o Verão tinha-me instruído, em conversas que duravam horas, com o P.e guardião Francisco dall'Olio. Mas faltava-me ainda o último impulso da graça. O momento tinha chegado. Para Sofia Holten foi mais difícil dar o último passo. Era filha de um pregador protestante, e oriunda de uma geração de pregadores. Parecia-lhe uma espécie de condenação da sua família ingressar na Igreja Católica. Mas as suas hesitações foram vencidas pela convicção da sua fé.

Em 19 de Novembro, festa de St.a Isabel, dia onomástico de minha mãe e aniversário de meu baptismo, fomos ambas recebidas no seio da Igreja, junto do túmulo de S. Francisco.

Deus seja eternamente louvado pelas suas misericórdias!

http://www.obrascatolicas.com/



http://www.obrascatolicas.com/

O QUE PRÒPRIAMENTE ME DEVERIA TER AFASTADO...

Gilberto Keith Chesterton
INGLATERRA

Beasconfield. Conhecido como jornalista, poeta, político, filósofo, orador e autor de importantes obras. Converteu-se em 1922, tornando-se defensor ardente da religião católica e da ortodoxia cristã. Já em 1908 publicou uma apologia em prosa da religião católica — «Orthodoxy» — e em 1910 o romance simbólico «The Ball and the Cross» (A Esfera e a Cruz). Chesterton é acérrimo adversário tanto do capitalismo como do socialismo. Por ocasião do seu 60.º aniversário, em Março de 1934, e em razão dos seus assinalados méritos, foi elevado pelo Papa Pio XI à dignidade de nobre da Igreja, pela concessão da Ordem de S. Gregório.

Ainda que católico apenas há alguns anos, reconheço no entanto que a pergunta — «Por que sou católico?» — é absolutamente diferente desta outra —«Por que me tornei católico?» — Há sempre mais razões na primeira, que se manifestam só quando um motivo inicial nos levou à execução. Tão numerosas, tão diferentes são elas, que por fim, o motivo original pode ficar suplantado, e pode aparecer quase reduzido a uma coisa secundária. Tanto no sentido real como no ritual pode a «confirmação» (que

http://www.obrascatolicas.com/

significa fortalecimento, consolidação) vir depois da conversão. Os argumentos para esta são inumeráveis, e frequentemente o convertido, mais tarde, não consegue determinar por que ordem apareceram. Mas em grande parte reduzem-se fàcilmente a um só.

Há agnósticos afeiçoados à arte que frequentemente examinam como coisa muito importante, aquilo que numa catedral é antigo e o que foi renovado; o católico dá importância sobretudo a saber se ela foi renovada de tal modo que pode continuar a ser utilizada como catedral. Assemelha-se a uma catedral todo o edifício da minha fé — demasiado grande para uma descrição pormenorizada. Depois, tenho até dificuldade em determinar a idade das diferentes pedras. Todavia, julgo poder afirmar que aquilo que primeiramente me atraiu para o Catolicismo, foi o que na realidade me deveria ter afastado dele. Muitos católicos devem os seus primeiros passos em direcção a Roma, creio eu, à amabilidade do falecido Sr. Kensit (1).

Lembro-me em particular de dois casos, em que as acusações de autores sérios fizeram que me parecesse desejável precisamente o que era condenado.

No primeiro caso, Horton e Hocking, se não me en-

(1) O sr. Kensit, pequeno livreiro da City, conhecido como protestante fanático, organizou em 1898 um bando que sistemàticamente penetrava nas igrejas ritualistas e perturbava o culto divino. Morreu em 1902, de feridas recebidas num daqueles assaltos. A opinião pública em breve se voltou contra ele. Com a designação de «Imprensa Kensítica» designam-se, na Inglaterra, as publicações religiosas mais ferozmente anti-católicas, a que falta toda a rázão e boa-vontade.

http://www.obrascatolicas.com/

gano, citavam tremendo de horror, uma terrível blasfémia que tinham encontrado num místico católico, a respeito da Santíssima Virgem: «Todas as outras criaturas devem tudo a Deus; mas a esta tem o mesmo Deus de estar agradecido». Eu, pelo contrário, estremeci como se tivesse ouvido o som duma trombeta e disse quase em voz alta: «Isto está dito maravilhosamente!» Pareceu-me que o milagre da Incarnação, se compreendermos bem o místico, dificilmente poderá exprimir-se melhor ou mais claramente.

No segundo caso, alguém do «Daily News» (nesse tempo eu era também dos do «Daily News) apresentou como exemplo típico do formalismo vazio do culto católico, ter certo bispo francês declarado a alguns soldados e trabalhadores, que só a muito custo e exaustos conseguiam ir de manhã cedo à igreja, que Deus se contentava com a sua presença corporal, e não lhes levaria a mal o cansaço e distracção. Voltei a dizer para mim mesmo: «Que admirável senso comum possui esta gente! Se alguém percorresse dez milhas para me dar uma prova de afecto, apreciá-lo-ia muitíssimo, mesmo que essa pessoa viesse a adormecer, logo na minha presença.»

Poderia citar ainda outros casos destes primeiros tempos em que os débeis movimentos da minha fé católica eram pràticamente alimentados só por escritos anti-católicos. Sobre aquilo que se seguiu a estes primeiros movimentos, não tenho a menor dúvida. É uma dívida que reconheci tanto mais quanto maiores foram os meus desejos de a saldar. Já antes de conhecer as duas notáveis personalidades, a que neste sentido tanto devo — o Rev.

http://www.obrascatolicas.com/

João O'Conor, de Bradford, e o sr. Hilário Belloc, tinha começado a caminhar nesta direcção, e isso debaixo da influência do meu tradicional liberalismo político, até mesmo dentro da cidadela do «Daily News».

Este primeiro impulso agradeço-o, depois de Deus, à história e à atitude do povo irlandês. Todavia, não há em mim uma gota de sangue irlandês; estive apenas duas vezes na Irlanda, e não possuo interesses neste país, nem estou influenciado pela sua ideologia. Mas cedo compreendi que a questão irlandesa era capaz de manter aglutinado o sistema de partidos, ùnicamente porque no fundo era uma realidade religiosa; e porque esta era um facto, concentrei-me totalmente nesta parte da política liberal. Fui assim vendo, com nitidez cada vez maior — instruído pela história e pala minha própria experiência — como esse povo cristão fora perseguido durante largo tempo por motivos inexplicáveis e continua a ser odiado ainda; de repente compreendi que isto tinha de ser assim mesmo, porque estes cristãos eram tão decididos e incómodos como os que outrora foram lançados por Nero aos leões.

Desta minha exposição, deduzem-se fàcilmente as razões de eu ser católico, razões que a partir de então se tornaram cada vez mais poderosas. Poderia ainda expor como fui verificando, cada vez mais claramente, que todos os grandes impérios que se separaram de Roma conseguiram precisamente aquilo que conseguem todos os homens, que desprezam as leis e a natureza: êxito fácil, de momento, e pouco depois a sensação de ter caído num laço, de se encontrar numa situação má, da qual não podem libertar-se por si mesmos. Na Prússia, não há quaisquer

http://www.obrascatolicas.com/

possibilidades de prussianismo, nem em Manchéster, de individualismo manchesteriano.

Todos sabem que essa velha terra de camponeses, cujas raízes se prendem à fé dos seus maiores, tem perante si um futuro amplo, ou pelo menos um mais simples e imediato.

Este método auto-biográfico seria em si mais fácil, mas também egoista em alto grau. E não obstante fico hesitante ao adoptar o outro método para expor brevemente, mas de um modo completo, o conteúdo essencial da minha persuasão: não por falta de matéria mas pela dificuldade de escolher a mais adequada. Tentemos, no entanto, assinalar aqui um ou dois pontos que me impressionaram de modo especial.

No mundo há mil e uma espécies de misticismo, capazes de fazer endoidecer um homem, mas só uma existe que o põe em estado normal. Não há dúvida que a humanidade não pode viver muito tempo sem mística. Até os primeiros e agudos sons da voz gelada de Voltaire encontraram eco em Cagliostro. Nos tempos de hoje espalham-se de novo entre nós a superstição e a credulidade com rapidez tão furiosa, que dentro em breve estarão muito próximos os católicos e os agnósticos. O católico será o único homem que terá direito a chamar-se racionalista. A mesma dança de mistérios se desencadeou nos fins da Roma pagã, a despeito de todos os «intermezzos» cépticos de Lucrécio e Lucano.

Ser materialista não é coisa natural, nem produz nenhuma impressão natural. Não é natural contentar-se com a natureza. O homem é místico. Nascido como místico,

http://www.obrascatolicas.com/

morre também quase sempre com místico, sobretudo quando é agnóstico. Mas, enquanto todas as sociedades humanas mais cedo ou mais tarde, sentem esta inclinação para as coisas extraordinárias, é-se forçado a confessar que apenas uma delas toma em consideração as coisas da vida ordinária. Todas as outras põem de parte o que é de todos os dias, e desprezam-no.

Um célebre escritor compôs um romance sobre a antinomia — «The Cloister and the Hearth» (O Convento e a Família). Porque naquele tempo, há 50 anos, podia efectivamente acreditar-se na Inglaterra que havia essa antinomia. Hoje sabe-se que essa pretensa antinomia é quase uma afinidade. Aqueles que antes exigiam em altas vozes a supressão dos conventos, esmagam hoje pùblicamente a família. Este é apenas um dos muitos factos que provam esta verdade: que só na religião católica os mais altos e, se assim se quiser, mais absurdos votos e profissões são, todavia, os amigos e protectores das coisas boas da vida ordinária.

Muitas correntes místicas abalaram o mundo; apenas uma se conservou: o santo está ao lado do homem simples; o peregrino mostra amor à família; o monje defende o matrimónio. Entre nós, o óptimo não é inimigo do bom. Entre nós, o óptimo é o melhor amigo do bom. Qualquer outra revelação visionária degenera por último numa ou noutra filosofia indigna do homem, em simplificações perturbadoras, em pessimismo, em optimismo, em fatalismo, em coisa nenhuma, em nada, em não-sentido, em absurdo.

Todas as religiões têm em si qualquer coisa de bom,

http://www.obrascatolicas.com/

mas o *bom*, a sua mesma realidade própria, a humildade e amor, e ardente gratidão a Deus, não se encontra nelas. Quanto mais profundamente as conhecemos, e até quanto maior reverência por elas sentimos, mais claramente o compreendemos. No mais profundo delas encontra-se qualquer outra coisa que não é o puro bem; encontra-se a dúvida metafísica acerca da matéria, ou a voz forte da natureza, ou, no melhor dos casos, o temor da lei e da divindade.

Se estas coisas se exageram, surge uma deformação que pode ir até à adoração do demónio. Tais religiões só são toleráveis enquanto passivas. Enquanto permanecem inertes, podemos respeitá-las como ao protestantismo vitoriano. Mas o entusiasmo mais ardente pela Santíssima Virgem, ou a mais ousada imitação de S. Francisco de Assis, serão sempre, na sua essência mais profunda, coisas meritórias e sãs; ninguém por isso negará a sua condição de homem nem desprezará o próximo; o que é bom nunca poderá ser bom demais. Esta é uma das características que me parecem únicas e universais ao mesmo tempo. Uma outra se segue.

Apenas a Igreja Católica pode salvar os homens da escravidão destruidora e rebaixante de ser filho da sua época. Bernardo Shaw exprimiu há pouco o íntimo desejo de que toda a gente pudesse viver 300 anos, numa época mais feliz. Isso caracteriza o modo como os *fabianos*, segundo a sua expressão, só querem reformas verdadeiramente práticas e objectivas. De resto, é muito fácil, pois estou firmemente convencido de que, se Bernardo Shaw tivesse vivido os últimos 300 anos, já há muito se teria

http://www.obrascatolicas.com/

convertido ao Catolicismo. Teria compreendido como o mundo se move num círculo, e como é pouco de confiar no seu pretendido progresso. Teria visto como a Igreja foi sacrificada a uma superstição bíblica, e a Bíblia a uma superstição darwinístico-anarquista, e teria sido o primeiro a combater contra isto. Seja como for, ele desejava a todos os homens uma experiência de 300 anos. Em contraste com todos os outros homens, possui o católico uma experiência de 19 séculos. Um homem que se torne católico fica, de repente, a ter a idade de 2.000 anos. Exprimindo-me de modo mais exacto, quero dizer: só então é que se desenvolve e chega à plenitude da sua humanidade. Julga as coisas da maneira como elas movem a humanidade nas diferentes épocas e países — e não segundo as últimas notícias dos jornais.

Quando um homem moderno nos vem dizer que a sua religião é o espiritismo ou o socialismo, mostra que vive no mais recente mundo dos partidos. O socialismo é uma reacção contra o capitalismo, contra a doentia acumulação de riqueza na nossa própria nação. Completamente diferente seria a sua política, se ele vivesse em qualquer outra parte, possìvelmente em Esparta ou no Tibete. O espiritismo não causaria tanta sensação, se não constituísse um protesto ardente contra o materialismo espalhado por toda a parte. Nunca a verdadeira ou falsa crença nos espíritos sobressaltou o mundo tanto como agora. O espiritismo seria impotente se o supra-sensível fosse reconhecido universalmente. Só depois de uma geração inteira haver afirmado, dogmática e definitivamente, que *não pode* haver espíritos, é que se deixou assustar por um mi-

http://www.obrascatolicas.com/

serável espiritozinho. Pode dizer-se, como desculpa, que tais coisas são invenções da própria época. Desde há muito que a Igreja Católica demonstrou que não é invenção da sua época. É obra do seu Criador, e, a despeito da idade, tão vigorosa ainda como na primeira juventude; até os seus inimigos renunciaram, no mais profundo da sua alma, à esperança de a verem morrer um dia.

http://www.obrascatolicas.com/

FRACASSO PRÁTICO DO ANGLICANISMO

Rev. Owen Francis Dudley
INGLATERRA

Londres. Foi eclesiástico anglicano. Depois da conversão, fez-se sacerdote católico.

O meu primeiro contacto com a Igreja Católica tive-o na escola, quando um rapaz católico me cuspiu nos olhos. Era maior do que eu, de forma que o deixei ir. Não esqueci, porém, que era católico-romano.

Mais tarde, voltei a ter contacto com a Igreja, por ocasião de uma conferência com projecções, a que minha mãe me levou. Durante a conferência apareceu na tela um homem velho, com um grande chapéu e longas vestes brancas. Perguntei a minha mãe quem era o homem, e obtive a curta resposta: «O Papa de Roma». Não sei como foi isso, mas ficou em mim a impressão de que havia qualquer coisa que não estava certa no «Papa de Roma».

Na escola, aprendi, na «História de Inglaterra» (da qual mais tarde fiquei a saber que nem era completamente inglesa nem completamente história) que não só no Papa de Roma, mas também em toda a Igreja do Papa havia qualquer coisa que não estava certa. Fiquei com a seguinte ideia: Durante mais de mil anos o Papa teve a Inglaterra toda em seu poder, e não só a Inglaterra mas

http://www.obrascatolicas.com/

toda a Europa. Durante este espaço de tempo, a Igreja «romana» ou «católico-romana» foi degenerando cada vez mais, até desaparecer por completo o primitivo Cristianismo fundado por Jesus Cristo. Adoravam-se ídolos em vez de Deus. A superstição triunfava em toda a parte. Educação e ciência, eram coisa que não existia. Tudo e todos se encontravam sob o domínio dos padres.

Depois li como surgira a «gloriosa Reforma»; como a luz da estrela matutina iluminou as trevas; como o jugo do Papa, com todas as suas intrigas e perversidades, foi repelido; como surgiu o triunfo da Reforma na Inglaterra; o restabelecimento das primitivas doutrinas de Cristo e do «evangelho puro»; o progresso e adiantamento após o reinado da «boa rainha Isabel» («good Queen Bess»); a libertação dos espíritos da escravidão de Roma.

Tudo isto recebi em mim como aluno de uma escola inglesa. E em tudo acreditei.

Depois fiz uma coisa que todos nós fazemos um dia. Comecei a crescer. E cresci, sem duvidar da verdade daquilo que tinha ouvido.

Mais tarde, resolvi tornar-me ministro da Igreja inglesa. Por este motivo ingressei num instituto teológico anglicano. Tenho, porém, de confessar que me encontrei ali um tanto desorientado, por não conseguir saber o que é que, afinal, como sacerdote anglicano, deveria ensinar. Mesmo ao meu jovem espírito era notório que os meus próprios professores se contradiziam em questões essenciais da doutrina cristã. Os meus condiscípulos disputavam ininterruptamente sobre as mais elementares verdades da fé. Abandonei por fim o instituto bastante desorien-

http://www.obrascatolicas.com/

tado. Tinha o vago pressentimento de que a Igreja inglesa não me havia ensinado teologia nenhuma. Mais tarde reconheci que ela não podia ensinar nenhuma teologia sistemática.

Foi durante os meus estudos teológicos, que, pela primeira vez, visitei Roma durante as férias. Ao chegar ali sucedeu encontrar-me precisamente com o «Papa de Roma». Era o Papa Pio X, que, na *sedia gestatoria,* era levado à catedral de S. Pedro. Passou muitíssimo perto de mim, e pude ver-lhe nìtidamente o rosto. Era o rosto de um santo. Depois daquilo que eu ouvira sobre os Papas, apenas me era lícito admitir que este Papa tinha, de qualquer modo, conseguido permanecer bom, apesar de ser o Papa de Roma. O acontecimento produziu em mim profunda impressão, mais profunda do que eu então imaginava.

Escrevia um diário de tudo aquilo que observava em Roma, e nele escrevi o seguinte: «Não estranharia nada que um jovem sensível se sentisse ofuscado por tudo isto e desejasse tornar-se católico-romano». Mas eu mesmo estava, segundo me parecia, imunizado contra todas as seduções da Igreja. Evidentemente.

Como clérigo anglicano, trabalhei primeiro numa paróquia rural. No fim de um ano, porém, tanto o meu vigário como eu chegámos à conclusão de que seria melhor separarmo-nos, uma vez que não estávamos de acordo sobre o que constituía pròpriamente a essência da religião cristã.

O meu campo de acção foi, a seguir, uma paróquia a leste de Londres, formada por colhedores de lúpulo e tra-

http://www.obrascatolicas.com/

balhadores do porto. Cheguei ali com o maior ardor, decidido a incendiar o mundo. Em breve, contudo, descobri que a grande massa dos habitantes dessa região não mostrava qualquer interesse pela religião que eu anunciava. Dos 6.000 paroquianos não apareciam na igreja mais de cem ou duzentos. Ao contrário, os estabelecimentos dos colhedores de lúpulo mantinham as suas salas de diversões sempre repletas. Havia magníficas noites com danças e canções, sob o ruído ensurdecedor das pianolas. Os colhedores de lúpulo eram extremamente amáveis e sociáveis. Todos os meses de Setembro nos divertíamos infatigàvelmente com eles nos campos de lúpulo de Kent. Representava isso um trabalho social; contudo, não conseguíamos aproximar o povo da religião.

Sob a influência do meu vigário, para quem eu era, a princípio, demasiado «protestante», «catolicizava» eu agora bastante fortemente. Não lhe agradava o chapéu que usava quando cheguei — grande e redondo — e depois de o cão da casa o ter feito em tiras, com os dentes, comprei outro novo, de forma «mais clerical».

Durante um ou dois anos tudo correu bem, e eu não sentia quaisquer remorsos por causa da religião anglicana. Até que ponto nesta altura me julgava honestamente convencido de que era «católico», difìcilmente o posso agora verificar. Em todo o caso era suficientemente «católico» para defender com vivacidade o meu ponto de vista em face dos «modernistas» e eclesiásticos da «Low Church». Pelo mesmo motivo me irritava quando uma senhora católico-romana me dizia, sempre que me encontrava — um franciscano, nas plantações de lúpulo, tinha-me dito a mesma

http://www.obrascatolicas.com/

coisa —, que rezava para que eu me convertesse à verdadeira Igreja. De bom grado lhes teria respondido que podiam rezar até rebentarem... Lembro-me também que, sempre que encontrava algum sacerdote católico-romano, me invadia um sentimento de inferioridade e a sensação de como se o meu sacerdócio não fosse verdadeiro, ou, pelo menos, de como se uma diferença inexplicável, mas essencial, existisse entre nós.

A primeira inquietação nasceu em mim quando não consegui afastar-me mais de certos factos desagradáveis, contra os quais combati na minha missão de cura de almas como pastor anglicano.

Um dia encontrava-me em casa de um trabalhador do porto, que morava justamente em frente da igreja, mas que nunca lá aparecia. Aproveitei a oportunidade para lhe perguntar: porque não? A resposta produziu em mim o efeito de um golpe de K. O. Retorquiu que não podia compreender por que razão devia acreditar mais na minha doutrina do que na que a «Low Church» anunciava no bairro mais próximo. Não consegui dar nenhuma resposta satisfatória a este desafio. Provàvelmente ele não acreditava nem em mim, nem no outro eclesiástico, mas em todo o caso meteu-me num chinelo. O meu colega e eu éramos ambos sacerdotes anglicanos, e cada um de nós ensinava precisamente o contrário daquilo que o outro pregava no seu púlpito.

Intimamente fiz-me esta pergunta: Mas porque é que hão-de acreditar naquilo que prego? E esta outra: Que autoridade acredita os meus sermões?

Pela primeira vez, comecei a examinar com verda-

http://www.obrascatolicas.com/

deira angústia, as pretensões da Igreja anglicana, e reconheci que não mais podia fechar os olhos a factos manifestos que até aí deixara passar despercebidos. A nova Igreja estava cheia de contradições e de partidos, cada um dos quais pretendia ser a Igreja, enquanto que todos punham em discussão, devido à sua atitude, a pretensão geral de constituirem uma parte da Igreja de Cristo. No respeitante à autoridade, podia acreditar-se em tudo ou em nada, sem que os chefes eclesiásticos se preocupassem com isso. Podia ser-se «anglo-católico» extremista, e seguir todas as doutrinas da Igreja Católica, excepto a incómoda da infalibilidade do Papa. Podia ser-se «modernista» extremo, e, mantendo as expressões cristãs, lançar pela borda fora todas as doutrinas do Cristianismo. Não havia um único bispo que a qualquer partido tivesse gritado um «sim» ou «não» categóricos. Os bispos andavam tão desunidos como os partidos, e, quando intervinham, eram ignorados pelo próprio clero. Se o Espírito Santo existia na Igreja inglesa, então, tinha-se de concluir lògicamente que era ele o autor da contradição, porque todos os partidos apelavam para a sua inspiração.

Estes factos mostraram-me o beco sem saída em que caíra e do qual não via processo de me afastar. As dificuldades que se amontoavam perante mim, pareciam intransponíveis, e eram-no de facto.

Mais tarde, após a minha conversão, perguntaram-me, frequentemente, como é que os sacerdotes anglicanos podem, nestas circunstâncias, permanecer em boa fé no seu posto. A isso sempre respondi: Estão de boa fé. Há um estado de cegueira mental que torna impossível a visão

http://www.obrascatolicas.com/

clara de certas realidadas lógicas. No meu caso, esperei mesmo mais de um ano, até agir de acordo com estas realidades reconhecidas. E estou convencido de que agia nessa altura com a maior sinceridade. Só aqueles que foram um dia protestantes sabem quão espesso é o véu tecido de preconceitos, receio e desconfiança em relação a «Roma», que impede todo o tatear à procura da verdade.

Mais ou menos por esta altura, caiu-me nas mãos um livro de um sacerdote católico, que fora outrora também pastor anglicano e teve de lutar com dificuldades idênticas às minhas, e que encontrou a solução para elas na Igreja Católica. «Mas a Igreja Católica não pode constituir a solução», disse comigo mesmo. Frente ao meu espírito levantou-se tudo quanto desde a minha meninice fora dito sobre ela: as suas falsas doutrinas, a sua adulteração da doutrina de Cristo. Por certo, a Igreja Católica abrangia, no presente e no passado, a maior parte da Cristandade. Se aquilo que me fora ensinado se estribava na verdade, então a grande maioria dos cristãos tinha estado, há quase dois mil anos, submergida no erro e no engano.

Poderia Cristo tolerar semelhante mentira, uma falsificação de tão enorme grandeza? E isto em seu nome? ou a Igreja Católica era uma falsificação ou...

Ou o quê?

Comprei livros católicos para estudar a doutrina católica, para ficar a conhecer a História do ponto de vista católico.

Chegou um dia em que me quedei pensativo e me perguntei a mim mesmo: «Será verdade o que o mundo afirma da Igreja Católica? Será verdade o que a Igreja

http://www.obrascatolicas.com/

Católica afirma de si mesma? Lutei eu porventura, em todos estes anos, contra um fantasma, alimentado, na minha imaginação, por meus preconceitos e ignorância?»

Comparei a unidade da Igreja com a multiplicidade que existia fora dela; a sua autoridade com a total carência de direcção autoritária na Igreja a que eu pertencia e cujo ministro era; os seus inflexíveis princípios morais com a vacilante moral oportunista do protestantismo inglês. Aquela Igreja aparecia-me cada vez mais como uma obra divina; a Igreja anglicana, pelo contrário, cada vez mais como uma obra humana.

Ao passar um dia pela catedral de Westminster, entrei e ajoelhei durante meia hora em frente do Santíssimo Sacramento do altar. Quando saí, o meu íntimo estava comovido até aos seus recessos mais profundos. É impossível descrevê-lo, mas, naquela curta meia hora, aquilo que até aí constituía para mim apenas um problema, tornara-se-me de súbito uma ordem. Um problema que tinha de ser solucionado, com o qual não era lícito brincar. Dentro daquelas quatro paredes surgia, ante o meu espírito, uma amplidão, uma realidade ilimitada, perante a qual tudo o mais desaparecia. Sim, esta Igreja era diferente daquela, de que eu era ministro.

Regressei a Ost-Ende, absolutamente alheado de tudo. Naquela noite senti-me como um estranho no meio dos colhedores de lúpulo.

Durante semanas andei num estado de incerteza; irresoluto comigo mesmo sobre se, em consciência, estaria obrigado a continuar para a frente ou não; abatido pela suposição de que o que «Roma» dizia podia ser verdadeiro;

http://www.obrascatolicas.com/

de que possìvelmente eu nem era sequer sacerdote; de que a minha «missa» não era talvez missa nenhuma; a minha «absolvição» talvez inútil. Quanto mais orava, tanto mais irreal me parecia o meu sacerdócio.

Por último decidi-me a procurar um colega que passava por ser muito «católico», e que eu considerava muito sincero, como de facto era, e muito piedoso. Tive com ele três ou quatro entrevistas, de que resultou ter ficado ainda mais desorientado do que nunca, embora sentisse certa tranquilidade; só depois de alguns meses reconheci que esta tranquilidade não era autêntica, e que não actuara por motivos racionais, mas sim por razões de ordem terrena. É que aquelas entrevistas tinham-me dado uma imagem do que no futuro poderia suceder, caso me passasse «para Roma»: a perda do meu cargo, dos meus rendimentos, dos meus amigos. Não só cortaria, com tal passo, todas as pontes lançadas atrás de mim, mas também feriria, o mais profundamente possível, meu pai e minha mãe. E para mais, era ainda duvidoso que «Roma» me aceitasse entre os seus sacerdotes. Em qualquer caso teria de começar novamente desde o princípio, talvez até pelo baptismo. E se a Igreja Católica me não quisesse aceitar entre os seus ministros, que aconteceria?

Todo o meu ser se sublevava contra tais considerações. Era impossível que se me exigisse tal coisa. Tinha-me deixado enganar pelos meus sentimentos. Era uma armadilha de Satanás. Eu não podia atraiçoar a Igreja em que me baptizara. Deus tinha-me colocado na Igreja inglesa. Ele abençoava os meus trabalhos como sendo do Seu serviço . Havia-me concedido infinitas graças.

http://www.obrascatolicas.com/

Submergi-me de novo no meu trabalho. E consegui durante certo tempo esquecer os meus pensamentos, ou pelo menos, abafar o receio que me torturava, até que uma casual observação de um fotógrafo, um incrédulo se me não engano, me mostrou a impossibilidade de defender, com consciência recta, a Igreja inglesa. A sua observação dizia mais ou menos que, se era certo o Cristianismo estribar-se na verdade, quem tinha razão era evidentemente a Igreja Católica com a sua autoridade. Eis o testemunho de um homem que não pertencia a nenhuma Igreja.

Quer tenha sido ou não devido ao fotógrafo, o facto é que o meu receio despertou novamente e resolvi-me desta vez a uma decisão enérgica, num sentido ou noutro, — sem atenção a quaisquer considerações terrenas ou materiais. O colega que eu procurara, tinha-me ajudado a ver claro, pelo menos numa coisa: a oposição entre Roma e Cantuária; o eixo do problema, consistia na pretensão de Roma a ser a instituição doutrinal dotada por Deus de infalibilidade, enquanto que Cantuária repelia esta pretensão. Todo o problema girava, pois, em torno da infalibilidade, e tudo o mais dependia daí.

Este problema, fi-lo objecto de um estudo conscienciosо. Estudei os Padres da Igreja e os Concílios, com as suas exposições da doutrina da Igreja à luz da razão. Após alguns meses, cheguei à conclusão de que a Igreja Católica, no respeitante à Sagrada Escritura, História e razão, podia brilhantemente provar o seu postulado de infalibilidade.

É difícil, após tantos anos, recordar-me exactamente de que maneira as provas, isoladamente consideradas, con-

http://www.obrascatolicas.com/

venceram a minha razão, mas eram argumentos contundentes comos que se apresentam a todo aquele que esteja pronto a pôr de parte todas as reservas e todos os preconceitos em relação à Igreja. Tentarei um breve resumo dos meus pensamentos.

A infalibilidade é a nossa única garantia da verdade na religião cristã. Com efeito, se eu neste momento não acreditasse em nenhuma instituição infalível criada por Deus, nada no mundo me levaria a acreditar na verdade da religião cristã. Se as doutrinas do Cristianismo, como acontece fora da Igreja Católica, dependem do juízo dos indivíduos e a religião cristã, por conseguinte, fica condicionada pelas opiniões dos homens, então não subsiste para ninguém a obrigação de acreditar. Por que motivo me deveria considerar obrigado pelas opiniões humanas? Quem repele a Igreja infalível, nenhum outro critério lhe fica já.

A infalibilidade significa, portanto, o seguinte: quando a Igreja Católica se pronuncia em matéria de fé ou de costumes, quando ela nos diz o que devemos acreditar e fazer, — então, e só então, a preserva Deus do erro, de forma que não ensine nada que não seja verdade. A Igreja é, por assim dizer, a boca de Deus, a sua voz. Seria possível que a voz de Deus nos não dissesse a verdade? O protestantismo, que pretende estar na posse do Espírito Santo, e nessa crença defende uma confusão de contradições, afirma «de facto» que Deus mente ao falar. Sòmente a cegueira da razão pode impedir aos seus partidários de reconhecerem isto e de confessarem esta desagradável realidade. O entendimento não deveria bastar para levar

http://www.obrascatolicas.com/

todos os homens que pensam, a deter-se um pouco perante o postulado da Igreja Católica?

É opinião geral que a sujeição, em matéria de fé, a uma autoridade infalível significa escravatura, e que os católicos não possuem independência de pensamento e cometem um suicídio espirtual. «Nenhum homem culto», diz-se, «pode aceitar os dogmas medievais da Igreja». À luz, porém, do entendimento humano, são e robusto, esta sabedoria dos «pensadores modernos» é desmascarada como uma estupidez, como um método irracional, e anti-científico, para manter as massas cegas em face das verdades católicas. Visto as doutrinas de fé serem hoje as mesmas que outrora, não tem qualquer sentido a afirmação: «Nenhum homem culto se pode subordinar àquilo que a Igreja Católica declare como infalìvelmente verdadeiro»; ou ainda: «Nenhum homem culto se pode sujeitar a uma infalibilidade em assuntos de fé». A crença num magistério infalível implica lògicamente a sujeição à Igreja que afirma esta sua infalibilidade.

Eis a resposta: «Em nome do são entendimento humano — por que não?» Por que não haveria o homem de sujeitar-se, se é certo que em todos os campos da vida ele se sujeita a verdades infalíveis? Será escravidão ou suicídio intelectual um homem reconhecer a lei da gravidade? Costumam os homens saltar de um rochedo, convencidos de que subirão, talvez na atmosfera, em vez de cairem para baixo? Poderia um cientista ser cientista se não acreditasse, como todos os cientistas, em certas leis naturais imutáveis, e as considerasse, de facto, infalíveis? Não acreditam todos os matemáticos na infalibilidade da

http://www.obrascatolicas.com/

tabuada, e nos princípios de Euclides? Não acreditam todos os homens de negócio em princípios certos e imutáveis, sem os quais a vida comercial se torna impossível? Se um homem de negócios se permitisse, no seu mister, aquilo que os chamados «modernos» se permitem em questões religiosas, abriria dentro em pouco bancarrota total, como os «modernos» abriram bancarrota naquilo que ainda designam como Cristianismo.

Poder-se-iam citar inúmeros exemplos para demonstrar que todos os seres pensantes se sujeitam, em todas as esferas da vida, a verdades infalíveis. Será racional ou absurdo o afirmar-se que um homem culto não deve subordinar-se a nenhuma verdade infalível, num só ponto, isto é, no da religião, quando o faz em 99 % dos outros casos?

É óbvio que a lógica está ao lado daqueles que se subordinam no centésimo caso, que é afinal o mais decisivo de todos. Será um sinal de cultura o subordinarmo-nos a opiniões humanas, e não à verdade revelada por Deus, que Ele mesmo desejava fosse anunciada e aceita, que só pode ser repelida sob pena de condenação eterna? Sê-lo-á o preferirmos o modernismo da negação dos dogmas da Igreja, que tem de ser infalível quando anuncia o Cristianismo, isto é, as verdades reveladas por Deus que tem de ser infalível quando ensina a verdade, visto a verdade ser infalível e imutável?

Quando me convenci de que este postulado de Roma, da qual tudo dependia, era racional, decidi-me a confiar as razões, que me tornavam impossível a permanência na Igreja inglesa, a um ou dois homens doutos do seu clero. Fi-lo, e tanto quanto me lembro, as suas «refutações» não

http://www.obrascatolicas.com/

me causaram qualquer impressão. Embora os dois, em erudição, me fossem muito superiores, possuía eu conhecimentos e lógica suficientes para reconhecer que, a despeito das citações de Santo Agostinho, S. Cipriano e outros, interpretados arbitràriamente, segundo o desejo do leitor e não segundo o sentido do autor, a grande cadeia de provas da Sagrada Escritura e da História a favor do ponto de vista católico não poderia ser quebrada. É inacreditável que sábios de renome se atrevam a combater com argumentos já gastos, como eles mesmo têm sinceramente de confessar, as maiores e mais eficientes provas.

O problema relativo à minha saída daquela Igreja, que, como era óbvio, devido às suas contradições, não possuía qualquer autoridade divina, não encontrou nenhuma resposta satisfatória. Exibiram-se todos os argumentos imagináveis «ad hominem»: «embotamento de sentimentos», «febre romana», «suicídio espiritual», «traição à Igreja que me baptizara», «a corrupção de Roma», etc. Eu já havia lido todas estas «objecções» e tinham-me parecido falsas. As grandes realidades da Igreja Católica mantinham-se inabaláveis.

E estas realidades pediam sujeição.

Desde que entrei para o Catolicismo, tem-me sido contìnuamente formulada a pergunta: por que razões abandonei a Igreja inglesa? e frequentemente, embora não fosse dito expressamente, com a insinuação de que as minhas razões não tinham sido, por certo, racionais. É uma opinião geral que os convertidos são «apanhados pelos sacerdotes romanos» ou «apresados» de qualquer maneira misteriosa. Desejaria, porém assegurar a todos os não-

http://www.obrascatolicas.com/

-católicos que lêem estas linhas que os convertidos não são «apresados» nem «apanhados». Em toda a minha vida mal teria antes falado nisto com um «sacerdote romano». Sòmente, quando já me encontrava convertido, visitei, por iniciativa própria, um oratoriano em Londres. E é verdade que eu sentia em mim certos sentimentos díspares, ao dirigir-me para a Igreja Católica, acreditando que eu era uma «rica presa» e que o sacerdote se alegraria grandemente por ter nas mãos um clérigo anglicano.

Nada disso. O sacerdote recebeu-me com a maior calma. Não mostrou a menor excitação. Não esfregou as mãos e não ficou nervoso. Mais ainda: deu mesmo a impressão de não me considerar nenhuma «presa» especial. Respondeu às minhas perguntas e pediu-me que o voltasse a procurar se assim o desejasse. Nada mais além disso. Quando parti, tive a impressão de ser um pequenino anão.

Aprendi muitíssimo com esta entrevista. Era muito diferente de uma conversa com sábios anglicanos. Para o sacerdote, o meu caso, em si, nada tinha de difícil. Pròpriamente «dificuldades», que somos obrigados a evitar com rodeios, não lhe causaram as minhas perguntas. Sim; parece-me até que a sua franqueza em relação ao que há de humano dentro da Igreja, me deixou absolutamente pasmado. Tudo aquilo que tão dolorosas e difíceis lutas me causara, pareceu-lhe tão claro que eu mesmo me admirava por não me haver parecido, também, assim sempre tão claro.

A entrevista fez-me ainda reconhecer que a passagem para a «Igreja Romana» representava ainda mais que o

http://www.obrascatolicas.com/

transbordo desde um pequeno barco para um gigantesco transatlântico. Seria um regresso ao reino de Deus sobre a terra, à Igreja Católica, representante deste reino. Não era eu que lhe conferia a ela qualquer distinção, mas sim ela a mim. Não era eu que me fazia católico, mas sim a Igreja que fazia um católico de mim. Uma certa instrução, um tempo de prova, seria na verdade necessário, e como acto final seguir-se-ia então a sujeição a uma autoridade viva, — à autoridade viva de Deus na terra.

Acerca disto, tenho a sensação, e oxalá me engane, de que há muitos que nunca se submeteram à Igreja, se encontravam na mesma situação em que eu espiritualmente me achava depois de me ter relacionado com o sacerdote; são aqueles que chegaram até à porta da Igreja, sobre a qual viram gravada a palavra « Sujeição » — e recuaram. Poderão jamais esquecer, em toda a sua vida, que contemplaram, frente a frente, a sua Mãe — e dela se afastaram?

Quando a razão se submete, depressa a vontade o fará também.

Depois do entendimento estar convencido, tudo depende do homem e da graça de Deus. Na realidade, a conversão significa a incondicional sujeição da vontade a Deus, e isso não é insignificância nenhuma para um protestante, cuja orientação espiritual está determinada por suas inclinações, e ele acostumado à sua religião, pouco difícil e susceptível de opiniões privadas, pelo que não pode suportar que lhe digam o que deve acreditar e fazer; em virtude da sua total atitude espiritual, conhece tudo o mais, excepto a sujeição incondicional em coisas religio-

http://www.obrascatolicas.com/

sas. Não é meu desejo ofender os sentimentos de ninguém, mas estou convencido de que a ideia de sujeição a uma Igreja, que a exija, está absolutamente longe da maioria dos anglicanos. Nisso deve encontrar-se, embora talvez inconscientemente, o principal obstáculo à conversão. Quando o anterior arcebispo de Cantuária declarou publicamente que nem ele nem os partidários da Igreja inglesa jamais entrariam numa porta, sobre a qual se encontrasse a palavra «sujeição», exprimia, de um modo geral, a atitude mental dos protestantes. Ele não suspeitava, por certo, que a sujeição à Igreja Católica encerra o mesmo significado que a sujeição a Deus.

A minha sujeição, não a considero mérito meu. Pelo contrário, tenho antes de me censurar por ter duvidado durante tanto tempo e por ter sido demasiado covarde antes de dar o passo decisivo.

Quando a graça divina me levou a tomar uma resolução, apenas me faltava uma coisa. Comuniquei ao meu vigário a minha decisão, emalei o que era meu e abandonei Ost-End. Recebi instrução no convento dos Oratorianos em Londres, e ali entrei mais tarde na Igreja.

Desejaria ainda referir que o meu vigário protestante, bem como o meu sucessor na paróquia, se tornaram posteriormente sacerdotes católicos.

«Bem — e que é que encontrou na Igreja?»

Aquilo que esperava encontrar.

Fora-me dito que os católicos antepunham a Igreja a Cristo, que vinha em segundo lugar. Achei, pelo contrário, que a Igreja me ligou tão intimamente a Cristo que, sem ela, não seria possível; — que Cristo é a substância da

http://www.obrascatolicas.com/

Igreja, a qual por ele e para ele vive, com o único empenho de colocar todos os homens em ligação viva com Ele.

Fora-me dito que, no caso de conversão, o meu espírito seria escravizado e violentado o meu entendimento, e que eu não mais poderia pensar de um modo independente. Foi, porém, o contrário que se me deparou. A Igreja coloca-me no terreno firme da verdade, no qual, apoiado o meu fraco entendimento, se pode elevar até às maiores alturas. Encontrei a verdade que faz livres os homens.

Fora-me dito que na Igreja Católica toda a vida se paraliza. Encontrei, porém, que a vida divina é perceptível nas pulsações do corpo místico de Cristo. Foi como se eu, saindo de um aposento escuro e pesado, chegasse ao alto de um monte, onde me rodeassem todas as brisas do céu. Encontrei a vida.

Em vez de uma pesada escravidão espiritual, como me fora profetizado, deparou-se-me uma mãe amorosa que se interessou por todas as minhas misérias humanas. Em vez de corrupção, uma imprevista santidade.

Certamente que também encontrei pecadores na Igreja. Porque a Igreja de Cristo não faz em pedaços a cana quebrada nem extingue o pavio que ainda fumega. Seguindo o exemplo de seu Mestre, procura salvar o que se encontrava perdido. Ela é suficientemente magnânima e compassiva para tolerar mesmo os pecadores no seu seio; se assim não fosse, ela mesma deixaria de ser a Igreja de Cristo.

Em vez de ódio, encontrei compaixão pelos irmãos transviados, — pelas ovelhas sem pastor, e quem me dera conseguir que todos eles penetrassem bem no coração de

http://www.obrascatolicas.com/

Aquele a que os homens chamam Papa, Pastor, Representante de Cristo; porque então veriam, não um autocrata ávido de mando e de domínio e preocupado com o poder mundano, mas sim um pai amantíssimo que é amado pelos seus filhos como o não é nenhum homem sobre a terra.

Encontrei na terra o reino dos céus, a cidade de Deus. «A cidade não carecia nem do sol nem da lua para a sua iluminação: porque a magnificência divina a iluminava, e a sua luz era o Cordeiro» (Ap., 21, 23).

http://www.obrascatolicas.com/

O CAMINHO DOS «ANGLO-CATÓLICOS»

A. R. Burges-Bayly
INGLATERRA

Leamington. Foi eclesiástico anglicano. Como resultado do estudo do movimento de conversões entre o clero protestante de Inglaterra, tenciona publicar um livro com o título « The Converts' Who's Who ». Nele mostra que desde o cardeal Newman passaram para o Catolicismo, na Inglaterra, cerca de 900 eclesiásticos protestantes. Em resposta à afirmação do bispo protestante de Londres (1932), de que nos últimos 30 anos sòmente «poucos» membros do clero protestante tinham ingressado na Igreja Católica, Burges-Bayly prova pelos diários que após a sua conversão (1910), entraram na Igreja Católica 285 eclesiásticos protestantes, dos quais por diversos motivos, doze voltaram de novo ao protestantismo.

Dois foram os acontecimentos da minha vida que, inconscientemente, determinaram a minha ulterior conversão. O primeiro passou-se na minha mocidade, quando eu frequentava a escola masculina de Westminster. Tinha então 16 anos, e recebera, havia pouco, a confirmação.

Juntamente com alguns outros jovens, recebera a instrução especial dos confirmandos.

Esta instrução, deixou, porém, tanto a desejar em

http://www.obrascatolicas.com/

clareza que eu, no dia da confirmação e da minha primeira comunhão, mal sabia e compreendia o que se passava.

Naquela altura a religião quase não exercia em mim influência alguma perceptível, se é que de um modo geral se pode falar em influência religiosa naqueles anos. Para ser franco, sentia-me aborrecido quando chegava o domingo. Durante o ano costumava comungar, com determinados intervalos, ao meio dia, não por qualquer impulso pessoal, mas porque era esse o costume. Surgiu, então, o acontecimento que teria como consequência uma atitude religiosa completamente nova.

Um dia — era nas férias — perguntou-me minha mãe, piedosa «anglicana», quando é que eu comungara pela última vez. Ao retorquir-lhe que fora no penúltimo domingo, ao meio dia, observou: «Não se comunga tão tarde. Deves fazê-lo sempre de manhã, antes de teres tomado qualquer coisa».

Esta observação, em si acidental, tornou-me pensativo. Porque deveria receber a comunhão antes de comer? Na escola nunca ouvira prescrição semelhante. Este dia significou o princípio da minha ulterior posição «anglo-católica».

Por esta altura, quando eu passava as férias, em Brighton, falava-se com frequência num vigário do bairro oposto da cidade, cuja igreja costumavam designar pelo nome familiar de «igrejinha do monte».

O citado vigário era, sem dúvida um homem notável e tinha fama de santidade. Mesmo agora, após muitos anos, lançando um olhar retrospectivo ao passado, não consigo lembrar-me de jamais ter encontrado um homem

http://www.obrascatolicas.com/

semelhante. Falei-lhe apenas uma vez, no seu leito de morte, quando, gravemente enfermo, lutava com a agonia, mas as poucas palavras que com ele troquei penetraram fundo na minha alma e tempo algum as apagará jamais. Às suas opiniões doutrinárias, e, sobretudo, ao seu exemplo, agradeço a minha posição católica de então. Foi na sua igreja que aprendi a fazer a minha primeira confissão, e foi ali que compreendi — se bem que não completamente ainda — o que a religião católica é, e o que de nós exige. Deus o tenha em sua santa glória! Que descanse em paz! Os seus desejos mais íntimos, satisfez-lhos Deus: morrer como o seu divino Mestre numa sexta-feira — entre as 12 e as 3 da tarde — e entre os da sua própria grei.

Mais tarde fui sagrado diácono por outro homem notável no seu género, o bispo King de Lincólnia. Também ele era um homem piedoso, amado por todos, quer pobres, quer ricos. Enquanto estudei em Lincólnia era a ele que costumava confessar-me. O bispo King tinha igualmente as suas opiniões religiosas. Tomara uma posição particular em relação a Cristo no Santíssimo Sacramento. De resto, recomendava a prática da confissão, e nas vésperas das ordenações era concedida aos ordenandos uma oportunidade para se confessarem. Fora disso, mostrava grande receio por tudo aquilo que passasse por declaradamente «católico». Conservo ainda bem na memória como ele me chamou na véspera da minha «ordenação sacerdotal» e se mostrou enérgico adversário da veneração dos santos. O facto do reitor daquela igreja, onde eu estava como diácono, ter mandado ali colocar uma imagem da Mãe de Deus, rodeada de velas, coisa que imediatamente

http://www.obrascatolicas.com/

lhe fora comunicada pelo arqui-diácono, levou o bispo a fazer-me esta admoestação.

O campo de acção que me foi assinalado a seguir estava em Cornualha, onde o ulterior bispo era o... meu vigário. Receava eu ser um espinho nos seus olhos. Porque, embora o serviço religioso na igreja paroquiana fosse severamente ritualista, tudo, porém, na igreja missionária de S. Leonardo se desenvolvia de modo totalmente «romano». Visto eu, como pregador, não ser nenhuma celebridade, dediquei-me com maior zelo à cura de almas nos domicílios, de acordo com o velho princípio: «atrás da visita às casas vêm as visitas à igreja». O meu trabalho em S. Leonardo confirmou a verdade deste velho provérbio, e, apesar da minha posição «romana», recebi, por causa da minha actividade, um louvor do bispo da diocese. Aquilo que, porém, me enchia quase ainda mais de satisfação, foi o cumprimento de uma velha mulher: «O nosso vigário está já fora da moda (= à romana), mas gostamos tanto dele que todos o acompanhamos nestas coisas antiquadas».

Após uma breve estância entre os mineiros de Yorkshire, fui transferido para um conhecida igreja «anglo-católica» num balneário de luxo. Ali, na igreja de S. João, florescia com toda a exuberância o «anglo-catolicismo». «Missas diárias», «missas cantadas» aos domingos, e confissões, faziam parte da actividade espiritual desta paróquia. O vigário era confessor muito procurado. Se eu tivesse alguma coisa a objectar, seria que tudo isso não era ainda, segundo o meu modo de sentir, suficientemente «católico».

Um dia fiz um sermão sobre a veneração da Mãe de

http://www.obrascatolicas.com/

Deus e a invocação dos Santos. Algumas senhoras escandalizaram-se com as minhas explicações, motivo porque o vigário muito paternalmente me admoestou. Ele mesmo, declarou, em relação à veneração dos santos, que costumava também praticar em casa, compartilhava plenamente do meu ponto de vista, mas este assunto não devia ser tratado do púlpito. Que diria agora, aquele vigário, que já morreu há alguns anos, se visse as actuais práticas religiosas! Porque agora a imagem da Mãe de Deus, como também a de S. João, tornou-se espectáculo quase vulgar nas igrejas «anglo-católicas»; e o costume de se rezar pùblicamente a «Avé-Maria» está na ordem do dia.

Mais ou menos por esta altura, fiquei a conhecer uma congregação feminina da Igreja inglesa, que se dera a si mesma o nome de «Beneditinas» e adquiria em West-Malling, em Kent, uma antiga abadia de beneditinos. Todos os anos, na festa do Corpo de Deus, costumavam alguns sacerdotes «anglo-católicos» das mais diversas regiões do país celebrar, em conjunto, esta festividade. De uma vez, convidaram-me também para a cerimónia, para assistir à «Missa» como sub-diácono. Na realidade, em Malling nada havia já de anglicanismo. Pelo contrário, de um extremo ao outro, tudo era confessadamente «romano».

O dia começou por uma série de «missas» na capela do edifício anexo, com a subsequente missa cantada, em latim, na Abadia. A seguir havia a «exposição» no «altar-mor» até à hora de vésperas de tarde. Depois organizava-se, com grande acompanhamento de povo, uma procissão com a «hóstia» nos terrenos da abadia, durante a

http://www.obrascatolicas.com/

qual as crianças espalhavam flores diante do baldaquim, seguindo-se depois as freiras, sob a direcção da abadessa com o báculo. Em 1913 toda a comunidade ingressou na Igreja Católica.

Chego agora ao último capítulo da minha evolução no caminho para o catolicismo. Durante os últimos dois anos da minha actividade de cura de almas, dirigi uma igreja missionária nos subúrbios de Londres, a «igreja de Santa Cruz». No nome desta igreja se encontravam expressas as provas que me esperavam; porque aqui é que deveriam surgir pròpriamente as dificuldades.

Sempre tinha acreditado no meu sacerdócio. Durante os últimos treze anos da minha actividade como cura de almas na Igreja inglesa, acreditei, sem a menor dúvida, no meu poder sacerdotal para oferecer o sacrifício da missa e para dar a absolvição; como qualquer sacerdote católico, igualmente julgava possuir o poder para consagrar.

Vivia, portanto, completamente em boa fé. Um dia, veio procurar-me um paroquiano meu, para me fazer uma pergunta sobre certo assunto. Este assunto dizia respeito a um dos 39 artigos de religião, aos quais todo o sacerdote anglicano deve aderir pùblicamente no púlpito, antes de iniciar as suas novas funções numa paróquia. Eis o conteúdo textual dessa profissão de fé:

«Eu, N. N., declaro solenemente que acato os 39 artigos de religião, o «Book of Common Prayer», a hierarquia dos bispos, sacerdotes e diáconos. Creio na doutrina da Igreja inglesa, tal como aí se encontra, e aceito-a como a palavra de Deus. Nas orações públicas, como na admi-

http://www.obrascatolicas.com/

tração dos sacramentos, obrigo-me a seguir as prescrições do Livro, a não ser que a autoridade competente determine de outra maneira».

A dificuldade do meu consulente, referia-se ao artigo 31, que trata da missa. Eis o que ele diz:

«O oferecimento do sacrifício da missa pelo sacerdote, oferecimento no qual, como se afirmou, Cristo é oferecido pelos vivos e pelos mortos, assim como a absolvição dos pecados e a remissão das penas, são fábulas blasfemas e enganos perigosos».

Isto soava como uma contundente condenação da nossa missa, mas eu conhecia a interpretação dada a este artigo pelos «anglo-católicos», que afirmam que esta condenação não se refere à maneira actual como se celebra a missa, mas sim a certos abusos que existiam no tempo da redacção do artigo.

Esta explicação parecia aceitável. Mas, seria verdadeira? Ao meu consulente, ela não satisfazia. Estaria eu próprio satisfeito com a explicação? Comecei a ficar pensativo. Quais as ideias que sobre a missa possuíam os que tinham redigido o artigo? Haviam acreditado sequer nela? Mergulhei-me nos seus escritos, e que descobri? Designavam a missa com as expressões mais blasfemas. Ainda mais! Confirmavam as suas opiniões com o seu procedimento. Derrubaram-se altares e puseram-se mesas em seu lugar. As pedras dos altares foram transformadas em pias e gamelas, ou colocadas às portas das igrejas para que os que entravam as profanassem com os pés.

A posição, pois, em relação à missa tornou-se, com isso, para mim, o ponto decisivo. A Igreja inglesa poderia

http://www.obrascatolicas.com/

ser ortodoxa no seu rito de baptismo ou na prática da confissão, mas a missa é que importava em última análise. Acreditava ela na missa? Era esta a questão principal.

Para ver as coisas de modo claro, procurei no «Book of Crommon Prayer» o rito da consagração. Poderia assim verificar como a Igreja inglesa se comportava em relação a estes assuntos. Fiz comparações com o pontifical da Igreja Católica. Em muita coisa aparecia certa concordância, mas sob vários aspectos havia também uma enorme diferença. No «Book of Common Prayer» foi posto de parte tudo aquilo que recordasse a ideia de sacrifício. Era uma coisa evidente que não podia negar-se: A Igreja inglesa não acreditava no sacrifício da missa. Sim, até o próprio bispo King de Lincólnia, com certas inclinações para o catolicismo, escreve no seu livro «Ecclesiastical Polity», que éramos obrigados a estudar para o nosso exame de ordenação: «O sacrifício não pertence ao culto eclesiástico, porque no Evangelho não encontramos nenhum sacrifício autêntico». «Todavia — continua — pode conservar-se, não obstante, a palavra «sacerdote», porque com ela os homens evocam tão pouco a ideia de sacrifício, como com a palavra «senador» a ideia de idade avançada.

Poderia esta atitude da Igreja inglesa ser mais bem ilustrada do que pelas palavras do arcebispo Cranmer, que, no quinto livro da sua obra «The Lord's Supper», escreve: «Quanto à leitura ou canto da missa, conforme era antigamente costume, deve dizer-se que não constituem um sacrifício de louvor, nem de acção de graças, nem de expiação, visto coisas semelhantes não serem permitidas perante Deus, e serem condenáveis e dignas de execração»?

http://www.obrascatolicas.com/

Por isso, o Papa Leão XIII, em 1896, declarou inválidas as consagrações anglicanas quer em relação «à forma», quer relativamente à «intenção». De tudo se concluía que, na Igreja inglesa, não era possível qualquer sacerdócio, porque não havia nenhum sacrifício. A partir daquele dia eu sabia e sentia que não era sacerdote.

Esse foi o ponto crucial da minha vida. Foi em 14 de Setembro, dia da exaltação da Cruz, nossa festa titular. Dois domingos mais tarde, separei-me da Igreja inglesa, isto é, depus, logo de começo, as minhas funções. Mas ninguém pressente a tortura de alma que estes dois domingos me trouxeram. Quando envergava os paramentos sacerdotais para, como de costume, oferecer o sacrifício que eu sempre considerara como verdadeiro, contìnuamente me surgia o pensamento: Tu não és sacerdote!

★

Pouco tempo depois entrei para a Igreja Católica, o que me afastou temporàriamente dos meus. Disseram-me que a minha entrada na Igreja era apenas um «súbito capricho», e que dentro de alguns meses reencontraria o caminho que de novo me levaria à Igreja inglesa. Outros ainda consideraram a minha passagem como uma traição, porque eu abandonara a «Igreja em que fora baptizado».

Amigos, de quem durante anos não tivera notícias, interessaram-se de súbito por mim. Um escreveu: «Como é de esperar, em breve regressarás às nossas fileiras. A Igreja inglesa é suficientemente grande para todos nós.

http://www.obrascatolicas.com/

Sinto que deste um passo em falso, mas é possível ainda remediá-lo, como tantas vezes acontece na vida».

O bispo diocesano referia-se ao facto numa amável carta ao meu vigário: «Isto é, na realidade, um pesado golpe; porque a partida de um homem, que produziu um bom trabalho e possuía uma grande influência, não ficará sem efeito. Isto e o afastamento de outro indivíduo, vizinho seu, significa um grande prejuízo para a nossa posição». Estes temores do bispo não eram sem fundamento. Precisamente dois anos mais tarde foi recebido o nosso último filho na Igreja Católica, e quatro meses depois minha mulher e os meus outros dois filhos. Dos habitantes da paróquia entraram até hoje, para a Igreja Católica, mais de quarenta.

Laus Deo semper!

http://www.obrascatolicas.com/

DESEJO DO VERDADEIRO SACRIFÍCIO DA MISSA

Mac Farlane-Borrow
ESCÓCIA

Owick. Foi outrora reitor da Igreja de Todos os Santos, em Glásgua e clérigo da Igreja episcopal escocesa. Converteu-se em 1928, e o próprio bispo escocês leu, do púlpito a notícia da conversão do pároco Mac Farlane-Barrow. A entrada no Catolicismo efectuou-se na Igreja de S. Luís, em Glásgua, com grande solenidade e concorrência do povo.

Pediu-me o Senhor uma pequena exposição dos motivos que originaram a minha conversão à Igreja Católica. Eu recearia escrever sobre a minha mudança de religião se não estivesse persuadido de que uma conversão não é assunto puramente particular, nem como tal deve ser considerado. Uma conversão é uma prova da liberal bondade de Deus Omnipotente, e por isso, e por mais nenhuma outra razão, deve ela ser considerada como uma coisa de interesse público. Por este motivo escrevo estas linhas, só para que Deus seja glorificado e o seu reino se espalhe sobre a terra.

Para dar o ambiente histórico da minha conversão, devo declarar desde já que me criei sob a influência

http://www.obrascatolicas.com/

do Movimento de Oxford. Por este Movimento — que talvez não seja conhecido de todos os leitores — entende-se aqui, no nosso país, aquele impulso para a verdade católica, que constituiu um rasgo característico da Igreja anglicana do século XIX, e conduziu muitos anglicanos, eclesiásticos e leigos, dos quais o Cardeal Newmann é o mais conhecido, ao seio da Igreja Católica.

Durante quase 18 anos desempenhei a minha actividade como cura de almas numa paróquia rural das terras altas da Escócia. Eu exercia as minhas funções de acordo com a doutrina da «Alta Igreja» (1), que, apoiando-se na sua jerarquia episcopal, considera o seu sacerdócio e o seu diaconado como realidades históricas de origem apostólica, nas quais também se acreditava. Ensinava aos meus paroquianos que a nossa comunhão era uma cerimónia de sacrifício, e pensava eu, como todos os outros sacerdotes anglicanos, que era sacerdote e oferecia aquele sacrifício. Acreditava na presença real de Nosso Senhor na sagrada comunhão; ensinava-o e ousava considerar a cerimónia da comunhão como uma «missa». Com algum êxito, procurava levar também os crentes a confessarem os seus pecados. Os católicos ficam geralmente surpreendidos ao verificarem que a Igreja anglicana também conhece a confissão e a absolvição por intermédio d. sacerdotes.

Para melhor compreensão, desejaria, por isso, referir conhece a confissão e a absolvição por intermédio de

(1) Entende-se por esta designação aquela parte da Igreja anglicana com tendências católicas. (N. do T.).

http://www.obrascatolicas.com/

derá como é relativamente fácil para um membro da «Alta Igreja», aceitar as doutrinas católicas ao ser recebido na Igreja Católica. Como exemplo pode servir o «Book of Common Prayer», que resume, única e exclusivamente, no seu conteúdo, a doutrina oficial do anglicanismo. Nas prescrições para a visita aos enfermos, encontra-se o seguinte:

«Aqui deve o doente, caso a sua consciência se encontre atormentada por coisas importantes, ser levado a confessar os seus pecados. Depois da confissão, deve o sacerdote absolver o doente, desde que este o deseje com humildade de coração e com as seguintes palavras: «Que Nosso Senhor Jesus Cristo, que concedeu à sua Igreja o poder de absolver todos os pecadores que verdadeiramente se arrependerem e creiam, te conceda, por sua grande misericórdia, o perdão dos teus pecados. E usando dos plenos poderes que Ele me concedeu, eu te declaro livre de todos eles, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amén».

Abstraindo mesmo desta disposição ritual para a visita aos enfermos, concede o bispo, na ordenação dos sacerdotes, expressamente, plenos poderes para perdoar pecados. Porque é que cito isto tão pormenorizadamente? Porque, por um lado, este facto pode facilitar a um membro da «Alta Igreja» a passagem para a Igreja Católica, enquanto que, por outro, em certas circunstâncias, a pode também, dificultar. O profundo desejo do coração humano de um perdão certo e amplo dos pecados é satisfeito pela Igreja anglicana, e por conseguinte diz o anglicano crente: Encontrei o que o meu coração deseja. Que mais me poderá Roma dar ainda?

http://www.obrascatolicas.com/

Sem dúvida que o ponto central da religiosidade de um anglicano convicto, é a Missa, embora nunca seja designada por este nome. Durante a minha longa actividade como cura de almas, crescia em mim contìnuamente o fervor ao celebrar o Santo Sacrifício, e foi assim que a graça de Deus me conduziu à verdade.

Durante os últimos doze meses desta actividade sofri grandemente em meu espírito, como muitos dos meus colegas, por causa das afirmações públicas do bispo anglicano Barnes de Birmingham (1). Contìnuamente perguntava a mim mesmo: Será possível continuar em comunhão com um bispo que, apesar dos seus discursos blasfemos, não é privado das funções? Por certo, os erros do bispo Barnes não podiam considerar-se como coisa rara; pois desde a fundação da Igreja sempre houve, em todos os séculos, dignitários eclesiásticos, que disseram e fizeram coisas que perturbaram os fiéis. Todavia, nunca nada me inquietou tanto como as declarações do bispo de Birmingham, e convenci-me de que não me seria de maneira nenhuma possível, continuar na Igreja anglicana. E assim o comuniquei ao meu superior, o bispo anglicano de Argyl e das Ilhas, pessoa amabilíssima e simpática, que me deu alguns livros que, segundo lhe parecia, teriam o condão de me tranquilizar. Entre eles estava o conhecido livro do bispo Gore, «Roman Catholic Claim» (Pretensões romano-católicas). O bispo Gore pertencia à «Alta Igreja», e eu tinha lido, com proveito, vários livros seus. Mas lia

(1) O bispo Barnes defendeu pùblicamente a limitação da natalidade.

http://www.obrascatolicas.com/

agora também, pela primeira vez, a «Apologia» do Cardeal Newman. Compreendi que a minha situação era semelhante à dele antes da sua conversão.

O obstáculo principal à minha conversão era a completa ignorância em relação à Igreja Católica. Quando rapaz, estivera de uma vez numa igreja católica, em Santa Gúdula, de Bruxelas, e havia pouco que assistira a uma cerimónia religiosa numa igreja de Glásgua. De resto, mal conhecia o interior de uma igreja católica. No respeitante às verdades da fé católica, julgava-me bem instruído, mas a doutrina da infalibilidade do Papa era-me odiosa por não conseguir compreendê-la. Também de modo algum me atraía a ideia de uma mudança de religião. Pelo contrário. Toda a minha natureza se rebelava ao pensar que, no caso de uma conversão, teria de deixar as minhas funções, visto que eu, como homem casado e com família, em caso algum poderia ser consagrado sacerdote. A isto acresciam ainda os preconceitos protestantes, transmitidos de geração em geração, e que me eram inatos. Tudo quanto outrora ouvira sobre a maneira de ser astuciosa e insidiosa dos católicos me inspirava certos receios, e eu temia uma mudança de religião como um salto para o desconhecido. A palavra «infiel» pairava qual espectro dia e noite ante o meu olhar. Provàvelmeunte terão outros convertidos passado também por coisas semelhantes, mas as fantasias que acerca da Igreja Católica se acumulavam na minha imaginação eram tão grotescas que a sua exposição em livro, forçosamente encontraria como uma realidade, um bom mercado. Todavia, não era caso para rir, quando o demónio, que sempre se irrita com qualquer con-

http://www.obrascatolicas.com/

versão, me procurava impedir por meio de torturas da pior espécie. São provas da fé, cujo feliz vencimento se deve, na realidade, agradecer a Deus.

De todas as insinuações diabólicas, causava-me a maior tortura o seguinte pensamento: Acreditaste até hoje na presença real de Cristo no Sacramento. Adoraste-o nele. Acaso considerarás isso agora como uma ilusão e um erro? Se abandonares esta crença, quem te dá a certeza de que podes acreditar na presença real de Cristo naquela Igreja à qual te queres agregar? Esta ideia, de que podia perder tudo quanto me era precioso, torturava-me terrìvelmente. A separação dos parentes era igualmente uma prova dolorosa, porque aqueles, com os quais se comungava numa mesma fé, depois da conversão, de ordinário se afastam do convertido e o olham como um estranho.

Por via de regra, os estudantes não costumam ler a vida dos santos. Uma vida de mortificação, como a levada pela maior parte dos católicos, é-lhes desconhecida. Mas lembro-me de que me encontrava na reitoria da localidade onde actuara como cura de almas, quando o meu bispo anunciou do púlpito, ao povo, a primeira notícia da minha demissão. Compreendi então, plenamente, que o reino de Deus exige sacrifício, e agarrei-me firmemente a este pensamento, embora tivesse, nessa altura, a sensação de que a vida se extinguia.

«Reinam as trevas na noite, mas a luz desponta ao amanhecer», reza um velho provério. Não posso terminar esta exposição sem observar que, nos cinco anos após a minha conversão, quatro dos meus amigos, em épocas

http://www.obrascatolicas.com/

diferentes e sem qualquer incitamento da minha parte, se passaram para a Igreja Católica. Um deles, também sacerdote anglicano, foi admitido na Igreja Católica o ano passado. Quando eu, seis meses após a minha conversão, lhe fiz uma visita de amizade, dizia-me ele bastante encolerizado: «És um Judas Iscariote». — Agora é também católico. Tão maravilhosamente actua a graça divina e tão poderosa é a intercessão dos Santos! Laus Deo! Deus seja louvado!

http://www.obrascatolicas.com/

O BECO SEM SAÍDA DA INCREDULIDADE

Professor Dr. W. P. Stockley
IRLANDA

Cork. Professor jubilado de lingua inglesa na Universidade de Cork. Escreveu, entre outras obras, «Commentary on Newman's Dream of Gerontius» (Comentário ao Sonho de Gerôncio de Newman) e «Shakespeare and his fighting King» (Shakespeare e o seu rei guerreiro), etc.

Alguns convertidos ao Catolicismo chegaram à convicção de que não foram eles, mas uma força superior, que os levou a dar esse passo. Assim aconteceu comigo, pois estou absolutamente convencido que uma voz íntima me falava de contínuo e me levou, por fim, a aderir à Igreja Católica. Ocupar-me com este acontecimento, constitui para mim, ainda hoje, após quarenta anos, um motivo de alegria. Uma profunda verdade, uma grande responsabilidade encerrava esta minha convicção: a segurança de um mundo sobrenatural que ante mim se abria, do qual me vinha a advertência divina de não recusar à Igreja a minha obediência. Mas este acontecimento não é apenas de natureza subjectiva.

O falecido Dr. Salmon, matemático de renome euro-

http://www.obrascatolicas.com/

peu, escreveu um livro destruidor: «A infalibilidade da Igreja». Os seus alunos costumavam dizer que este livro enterrava a fé na Igreja Católica, mas não exigia nenhuma outra em seu lugar. O Dr. Salmon foi eclesiástico protestante, e, em tempos, presidente do «Trinity College», em Dublim. Afirmava que a fé entusiástica de Newman na existência de Deus, só podia comparar-se com o ardor pietista que os antigos metodistas e pregadores ressurreccionistas tinham despertado nas suas vítimas e partidários. Esta afirmação esquece, naturalmente, todas as considerações filosóficas, sociais, históricas e morais que servem de base à fé e se dirigem ao entendimento, como a graça divna se dirige à alma.

É estranho que uma pessoa tão notável e perspicaz como o Dr. Salmon, seja incapaz — ou por indolência de pensamento ou por susceptibilidade de espírito — de formar um juízo justo sobre assuntos respeitantes ao Catolicismo. Nos seus escritos encontra-se, porém, esta afirmação: «Se os postulados da Igreja Católica fossem verdadeiros, todos os homens estariam obrigados a submeter-se a eles». O Dr. Salmon, pessoalmente era teísta, ao passo que houve outras cabeças ilustres que alardeavam o seu ateísmo.

Há inúmeros problemas difíceis. «Pelo que me diz respeito», refere o Dr. Newman, «não consigo, de facto, encontrar qualquer resposta para perguntas como a referente à existência do mal e às suas múltiplas manifestações no mundo», pensamento desconcertante e terrível, que continua a ser um problema, para o qual os homens não descobriram ainda solução. Nenhum teísta tem, po-

http://www.obrascatolicas.com/

rém, o direito de não acreditar, por não compreender. Para o Dr. Newman, o dogma da existência de Deus, fundamento e critério de todos os dogmas, era o mais difícil. Mas não devem medir-se pelo mesmo padrão o problema e a incredulidade. «*Difficulty and Doubt are incommensurable*», diz ele. Pelo contrário, a afirmação de que para os crentes não há ou não deve haver qualquer dificuldade, é disparatada e desnorteadora.

Há, de facto, naturezas simples que não se detêm diante dos problemas, nem encontram no seu caminho quaisquer dificuldades em matéria de fé. Lembro-me de um jovem sacerdote que, na América, se me dirigiu com estas palavras: «Que problemas são esses, senhor professor, que tanto preocupam as pessoas?» Para ele só na ética havia dificuldades fundamentais, e não conseguia abster-se do excesso na bebida. Possìvelmente, lutava contra isso, mas sem grande êxito.

Para mim, porém, como para muitos outros, era de um valor incalculável que Newmann soubesse tomar a sério a opinião do seu adversário, considerando-a como um modo de encarar os factos, justo em si mesmo, em vez de prescindir de muitos problemas e pretender talvez negar a sua existência.

Principalmente nas novas gerações, encontram-se pessoas com plena consciência das dificuldades intelectuais. Neste reconhecimento associam-se, frequentemente, a vaidade, o orgulho, e certa mania, que leva essas pessoas a revelarem-se despóticas, egoístas e duras. Mas nesses casos, não deve procurar-se a pura intelectualidade, mas sim o elemento moral. Parece-me que ninguém que queira

http://www.obrascatolicas.com/

ser sincero consigo mesmo, pode negar a exactidão do que acabo de dizer. Existem problemas. E é impossível negá-los. Mas a incredulidade, em si mesma, é já uma manifestação da vida sobrenatural; de nada servem aqui as ilusões do mundo, nem o seu favor ou desfavor. O mundo é capaz de não compreender estas coisas, e por isso não as pode julgar. O confessionário, sim.

Numa destas fases de louca incredulidade me encontrava, com muitos outros, sendo aluno da Universidade de Dublim, quando o Dr. Salmon era reitor. E o meu voo parecia-me elevado.

Educado por pessoas boas e piedosas na Igreja anglicana (ou antes, numa das numerosas formas do protestantismo anglicano), manifestei em breve um vivo interesse pelas controvérsias religiosas, dum modo geral por tudo o que é eclesiástico, e particularmente pela História da Igreja. O problema da possibilidade de organizar a Igreja protestante da Inglaterra «mais catòlicamente» preocupou-me bastante; e, neste esforço um tanto provinciano, perdi muito tempo. Contudo, esta investigação despertou em mim o interesse pelo belo, que, felizmente, nunca perdi.

Na minha mocidade, tive uma espécie de segunda mãe na nossa governanta, que, tendo vivido cinquenta anos na nossa família, sentia por mim um carinho particular. Era de espírito sereno, sério e profundamente católico. Sempre pronta a todos os sacrifícios, rezava contìnuamente. Lembro-me ainda muitas vezes do dia em que, com a minha vaidade anglicana, lhe disse: «Também nós somos católicos». «This lately come to ye then» (Lem-

http://www.obrascatolicas.com/

bras-te disto hoje, certamente, pela primeira vez), replicou-me ela no seu inglês característico da Irlanda. Tinha razão para falar assim. Que influência poderão ter exercido as suas orações sobre o meu afastamento do mau caminho? Até que ponto lhe estarei eu, inconscientemente, em dívida? Não há dúvida que o modo de ser desta velha mulher me atraía poderosamente. Parece-me que ainda agora a estou a ver sentada na minha camita, a ouvir o suave murmúrio do seu rosário.

Ainda jovem, fui nomeado professor numa Universidade da América. Fé positiva, há muito já que não possuía nenhuma. Mas continuava a conviver com pessoas de índole religiosa, e honrava-me com a amizade do bispo protestante, que era um verdadeiro erudito e traduzira um dos Padres da Igreja. A sua casa estava sempre aberta para mim. Todavia, há muito chegara à convicção de que era ridículo afirmar a identidade da Igreja protestante inglesa com a Igreja Católica, tal qual existia na Inglaterra antes da Reforma.

Casei-me. Durante os poucos meses do meu matrimónio, abismei-me — e porquê? — em todos os livros que pude alcançar, sobre temas anglicanos. Escrevi a um dos meus parentes, eclesiástico protestante, comunicando-lhe que tinha chegado à convicção de que, alguém que tivesse aceitado a doutrina cristã, nada mais poderia fazer que sujeitar-se à Igreja. Mas, provàvelmente, eu tratava esta questão a uma luz apenas teórica.

Não tinha ainda passado um ano quando fiquei viúvo. Comecei então a meditar sobre tudo, e a perguntar se haveria alguma coisa que tivesse um valor absoluto. Tudo

http://www.obrascatolicas.com/

referia a mim. Qual a minha origem, qual o meu destino, porque é que tudo era como era? No meio desta tremenda confusão, haveria acaso um ponto de apoio para o homem, sòzinho, em face do seu destino?

O que claramente compreendi foi que a vida não podia ser uma pura especulação. Não posso dizer até que ponto podem ter influído em mim as orações dos amigos. Sei, apenas, que nunca me senti tentado a revoltar-me contra a minha sorte ou a queixar-me de Deus por causa dela. Um sacerdote, a quem mais tarde fiz esta confidência, disse-me que considerava isto como uma graça extraordinária de Deus. Assim deve ter sido, efectivamente. Mas já muito antes chegara eu à convicção de que a Igreja Católica continha em si o verdadeiro Cristianismo. A ser cristão, teria de ser cristão católico.

Em 1894, recebeu-me na Igreja Católica o bondoso arcebispo de Montreal, Mons. Fabre, juntamente com um santo homem, o eclesiástico protestante Dr. Alexandre, com quem eu vivia desde que enviuvara. Amava ele a sua Inglaterra, mas dizia-me, frequentemente, que era apenas a cegueira do nacionalismo que separava da Igreja Católica os seus compatriotas. Este fidelíssimo amigo — o melhor de todos os amigos — há muito que morreu. Pertencia à Ordem Terceira e mandou que o enterrassem com o hábito de S. Francisco. *Sit anima mea cum illo.* Ria-se com frequência das minhas contínuas subtilezas acerca da distinção que eu fazia entre problemas difíceis e «dúvidas». Ele firmava-se em terreno mais firme. Queimou o manuscrito em que recolhera todos os seus sermões protestantes. Contudo, afirmava-me que não continham

http://www.obrascatolicas.com/

uma só palavra que não estivesse orientada para o Catolicismo.

Toda a sua vida parecia estar consagrada ao serviço de Deus e ao amor do próximo. A conversão dele à Igreja Católica foi a recompensa — se assim se pode dizer — de uma vida que imitava, com todas as suas energias, o modelo divino.

Talvez a oração dos justos, como já várias vezes indiquei, seja a única explicação para a conversão de tantas almas extraviadas e presas nas malhas do mundo.

Permitam-me umas palavras de advertência. Os católicos cometem um erro, quando julgam e condenam os que o não são: *Tot homines quot sententiae.* Cada homem vive e morre só. E raramente as coisas são o que aparentam. Porque será que este recebe a graça do conhecimento e aquele não? Quem o poderá dizer? Há-de ser sempre um enigma. Mas que muitos atraem sobre si uma grande culpa e uma grande responsabilidade, ao permanecerem afastados da Igreja, é um facto seguro e certo.

Pelo que me diz respeito, lamento não me lançar diàriamente de joelhos e poder desmascarar a heresia e a tirania dos homens. A natureza e a graça ensinam-nos que a verdade é *una.* A lei de Deus é imutável. Só a Igreja, cuja existência é a prova da sua origem divina, será sempre a defesa e a promulgadora da lei de Deus. A Igreja é Cristo ou não é nada. «A minha Igreja», «a tua Igreja», «a Igreja deste ou daquele país...» Que tumulto de infinitos credos de gerações transitórias! Talvez seja este o destino da humanidade. Mas não podemos deixar as coisas assim. E quem compreendeu uma vez que há ver-

http://www.obrascatolicas.com/

dade e mentira, justiça e injustiça, deveria reconhecer também a verdade da Igreja Católica e o erro de todas as outras pretensas Igrejas.

O facto, porém, de uma grande maioria dos homens ter de viver no erro é, sem dúvida, um terrível problema. Lembremo-nos de que a bandeira da Antiga Lei agrupava só um punhado de homens e que a pequena minoria daqueles que receberam a Lei Nova nunca se transformou em maioria durante os longos séculos da chamada era cristã.

Os livros lêem-se pelo seu valor, e não pelos seus defeitos. Quem compreender isto, compreenderá também o que diz Carlos Lamb ao falar da maldita crítica: Só um pequenino grão de verdade, quase imperceptível, sairá dela a limpo. É inconsequente revoltarmo-nos contra verdades que compreendemos, quando há outras verdades que serão sempre um livro selado para nós. Adoptar uma atitude negativa diante de conceitos objectivos, impede a nossa inteligência, e alimenta em nós a adoração, eternamente estéril, do subjectivo, e assim se destrói o verdadeiro critério.

A realidade da nossa existência força-nos, contudo, a crer no recto entendimento, inerente à humanidade, e na sua aceitação instintiva do bem absoluto.

http://www.obrascatolicas.com/

O ENCONTRO COM A LITURGIA

João Moody
ESTADOS UNIDOS

Nova Iorque. É director do «Moody's Investors Service». Entre outras obras escreveu: «The Baffled Business World» (O confuso mundo económico) e a história da sua conversão «My Long Road Home». João Moody é também vice-presidente da «National Catholic Converts League of New Iork» (Liga Nacional Católica de Convertidos, de Nova Iorque), que agora se denomina «Saint Paul's Guild» (Associação de S. Paulo).

«Farei qualquer coisa menos isso» costumava eu responder quando me diziam que este ou aquele se tinha feito católico. Era sempre este o meu modo de falar. Foi na Igreja episcopal que me criei, mas abandonei-a, ao chegar à maioridade. Ocupei-me, a princípio, em estudar as mais variadas formas do protestantismo. A seguir, virei-me para o panteísmo, porque eu, por natureza, inclinava-me para a filosofia. Aos trinta anos, já o panteísmo me não satisfazia, e dediquei-me, então, à filosofia. Travei conhecimento com Guilherme James e os seus adeptos. A partir dessa altura perdi a fé. Era, como costumávamos dizer, um modernista. Mas, com o decorrer do tempo, descobri aquilo que geralmente não escapa aos que meditam um

http://www.obrascatolicas.com/

pouco: que é impossível sermos felizes, sem, de quando em quando, reencontrarmos reproduzidos em outras pessoas os nossos próprios pensamentos. Em 1900, Herberto Spencer era o homem que me forneceu os alicerces para a minha concepção do mundo. Após ele, surgiu Guilherme James, em breve destronado por Jorge Santayama. Depois veio Bergson, e a seguir Freud com a sua psicanálise, que lançou pela borda fora todas as minhas mundividências anteriores.

Por volta de 1920 chegara ao ponto em que a filosofia moderna me dava o aspecto de uma obra vã. Não sabia em que acreditar. Não sabia que resposta dar à vida e encontrei-me naquela situação em que geralmente cai a maior parte dos homens que são, por natureza, críticos. Tem-se a impressão de se mover num círculo vicioso e que nunca chegará ao fim. O erro está, por certo, em que o homem vulgar, que não é nenhum especialista, se inclina demasiado a acreditar em autoridades que por si mesmas se arvoraram em tal. Lembro-me de que me declarei partidário do darwinismo, porque estes grandes homens afirmavam ser ele um sistema científico. De aí derivava também a minha confiança em Spencer. Mas, após algum tempo, dizia comigo mesmo: «Poderão estes homens sabê-lo?»

Um dia — foi, se me não engano, em 1922 — debatia eu neste tema com o meu professor universitário. «Porventura sei eu, disse-me ele, se isto é ou não verdade? De resto é uma autêntica fatalidade. Se os homens soubessem que não somos mais que traças! Porque, na realidade, nós não sabemos mais do que os outros, e mais cedo

http://www.obrascatolicas.com/

ou mais tarde ver-nos-emos comprometidos pelos nossos próprios pensamentos». Isto deu-me que pensar. Da época da minha actividade bancária, lembro-me de alguns grandes que eu venerava. Anos mais tarde, vi as fraquezas destes grandes de Wall Street. Reconheci que a maior parte deles, quer se ocupassem de política, quer de economia, mostravam mais cedo ou mais tarde que não eram mais que as tais «traças». E agora dizia-me o meu amigo a mesma coisa dos filósofos! Neste estado de espírito caiu-me nas mãos a «Ortodoxia» de Chesterton. Neste livro aprendi o ridículo da filosofia moderna. Mas pensava para mim: De qualquer modo deve haver uma resposta perante a vida. Onde encontrá-la? Compreendi que a resposta não podia encontrar-se nos diferentes sistemas religiosas, aos quais eu sucessivamente pertencera. Onde se encontrava então? Só me faltava procurá-la no Cristianismo. Porquê? Porque me encontrava repleto de preconceitos contra a Igreja Católica. Tinham-me ensinado que o Catolicismo era assunto que nunca nos deveria ocupar.

Assim ia passando o tempo e entretanto ultrapassara os cinquenta anos, desiludido com tudo quanto havia experimentado. Apesar disso continuei à procura de uma resposta a dar à vida, e em breve havia de recebê-la. As coisas começaram mais ou menos do seguinte modo: Em 1927 detive-me, devido a negócios, com um amigo em Viena. Visitámos banqueiros e conversámos, a maior parte do tempo, sobre questões comerciais. Um dia procurámos um banqueiro que, por razões imprevistas, não pôde receber-nos na hora marcada. Uma vez que tínhamos de espe-

http://www.obrascatolicas.com/

rar cerca de uma hora, propus uma visita à catedral de Santo Estêvão que ficava próxima. Foi a 15 de Agosto, e celebrava-se precisamente uma missa cantada. Na América, nunca antes entrara numa igreja católica. Assistia agora, pela vez primeira, a uma missa. Enorme multidão enchia a catedral e, como estávamos no centro, fomos empurrados até perto do presbitério. Compreendi que se tratava de uma missa extraordinária e tudo me parecia muito belo. De repente ouvimos uma campainha e todos caíram de joelhos. Não nos pudemos mover, tão apertados estávamos. Olhei para o meu amigo e disse: «Talvez seja melhor ajoelharmo-nos também». Assim fizemos, e permanecemos de joelhos enquanto a multidão assim esteve. Fiquei muito comovido, e tanto que resolvi assistir também às Vésperas, à tarde. Nos três dias seguintes assisti novamente à missa na catedral. Antes de abandonar Viena disse para mim mesmo: «O Catolicismo possui qualquer coisa em si que é realidade. Tenho de descobrir o que é».

Após o meu regresso a Nova Iorque falei sobre o assunto com minha mulher. Ela disse: «Sem que dês por isso, há-de apoderar-se de ti algum sacerdote e te converterá». «Não, não», retorqui, «se eu chegar a dar qualquer passo, hei-de fazê-lo voluntàriamente. Logo que se me ofereceu oportunidade, procurei bibliografia católica e — podem acreditar-me — levei bastante tempo a encontrá-la. Há muita gente na minha situação que anda à procura de livros católicos e não os encontram. Por fim caiu-me nas mãos o livro de Fulton Sheen: «Deus e a Razão».Encontrei nele, em primeiro lugar, uma análise da filosofia moderna, e era justamente o que eu precisava.

http://www.obrascatolicas.com/

Em segundo lugar, deparou-se-me uma exposição da filosofia de S. Tomás de Aquino. Até então, S. Tomás era para mim apenas um nome. A exposição da sua filosofia fascinou-me. Em breve comecei a organizar uma biblioteca de filosofia escolástica, enquanto punha em outro lugar os livros da senhora Eddy e outros semelhantes, para arranjar espaço para a filosofia tomista. Quando menos o esperava, encontrei-me a estudar Santo Agostinho e embrenhado na teologia. Por volta de 1931 possuía já cerca de seis estantes cheias de literatura católica. Nessa altura já eu sabia que me havia de fazer católico, mas tudo queria fazer com calma. Visitei ainda três pregadores cultos protestantes, e pedi-lhes que rebatessem as minhas objecções. Quando, por último, se viram impossibilitados de defesa, disseram-me: «O senhor pertence à Igreja Católica. Trate de entrar para ela o mais depressa possível». Não obstante, hesitava. Embrenhei-me ainda, mais uma vez, em Santayama e nos outros filósofos modernos. Sim, gastei um ano inteiro a percorrer novamente o caminho seguido pela minha vida, para verificar se teria deixado passar alguma coisa em claro, ou errado no caminho. Finalmente cheguei à conclusão de que sòmente a Igreja Católica era lugar próprio para mim.

Procurei um sacerdote, num círculo rural ao norte do Estado de Nova Iorque, e uma semana mais tarde fui admitido na Igreja Católica. O cardeal Hayes administrou-me a sagrada confirmação, e recebi o nome de Tomás. Se alguém perguntar como é que entrei para a Igreja Católica, responderei: «Por intermédio de S. Tomás». E, para terminar, ainda outra coisa: Apenas há nove meses que

http://www.obrascatolicas.com/

sou católico, mas posso dizer, em verdade, que tenho gozado nestes nove meses uma paz como jamais tinha conhecido. Estou plenamente convencido, e sempre o estarei, de que sòmente a Igreja Católica dá a resposta à nossa vida. Digo isto como um homem que, durante quarenta anos, experimentou toda a sorte de temas religiosos e filosóficos; volto a repetir que só na Igreja Católica se recebe uma resposta certa à nossa vida.

http://www.obrascatolicas.com/

DA SINAGOGA AO VERDADEIRO MESSIAS

Rosália Maria Levy
ESTADOS UNIDOS

Nova Iorque. Fez-se católica em 1912. Entre os seus livros devemos citar: «The Heavenly Road» (O caminho do céu), «Why Jews Become Catholics» (Porque é que os judeus se fazem católicos), e «Judaism and Catholicism» (Judaísmo e Catolicismo). No ano jubilar da Redenção de Nosso Senhor Jesus Cristo, em 1933, a Sr.ª Levy dirigiu um apelo a todos os judeus do mundo, exortando-os a reconhecerem o verdadeiro Messias.

Foi em 1912 que Deus me concedeu a graça de encontrar a fé no seu divino Filho e nas doutrinas da sua Igreja. Em testemunho de gratidão, escrevo este relato e espero com ele animar outras almas a buscar a verdade.

A minha terra natal é uma pequena cidade do Sul, nas proximidades de Nova-Orleans, onde íamos frequentemente, sobretudo no Carnaval. Éramos três raparigas e um rapaz. A mais velha morreu cedo. A nossa primeira instrução, recebêmo-la em casa, sob a orientação cuidadosa de minha mãe, que dirigia um colégio particular para meninas. Os meus pais eram israelitas, e educavam os filhos

http://www.obrascatolicas.com/

de acordo com os princípios da religião judaica. Enviaram-me para a escola sabática, onde aprendi as doutrinas confessionais judaicas, e frequentava com regularidade, às sextas à noite, sábados de manhã e em todos os dias de festa, o serviço religioso da sinagoga.

Já desde os primeiros anos que me sentia atraída por tudo quanto dissesse respeito ao Catolicismo, e às vezes acompanhava mesmo amigas católicas ao seu serviço religioso. Nada compreendia, na realidade, das cerimónias, mas gostava de assistir, porque tudo era muito impressionante e devoto. Contìnuamente ouvia minha mãe falar de como sua madrinha de casamento se fizera, uns anos mais tarde, católica. E muitas vezes me perguntava a mim mesma porque é que os judeus não acreditavam na divindade de Cristo, visto ser essa a fé de tantos milhões de cristãos. Como todos os meus correligionários, admitia eu também, conforme me tinham ensinado, que o Messias ainda não chegara. E todavia, pensava frequentemente que, se ele de facto já tivesse chegado, teria, então, de ser o Cristo do Novo Testamento, porque em bondade, amor e força atractiva, não podia ser ultrapassado.

Aos 14 anos entrei num pensionato em Nova Orleans, que não pertencia a nenhuma seita determinada. A directora, uma presbiteriana, era piedosa e de esmerada educação. Exigia de cada aluna que, no dia do Senhor, assistisse ao serviço religioso na Igreja a que os seus pais pertencessem. Assim, todos os sábados me dirigia à sinagoga. Mas aos domingos, ia às vezes, com algumas raparigas católicas, à santa missa. Todos os domingos à tardinha havia uma cerimónia religiosa no salão de estudo. Ini-

http://www.obrascatolicas.com/

ciava-a a directora com uma leitura do Novo Testamento. Das parábolas do Senhor as que mais impressão me causavam eram as das virgens loucas e prudentes e a do semeador. Gostava de acompanhar as canções religiosas. Por vezes meditava na sua letra, e nela encontrava consolação.

Certo dia, uma amiga católica contou-me que desejava, por um motivo especial, fazer uma novena a Santo António de Lisboa. «Gostaria que fizesses também outra por mim», disse eu, «porque muito desejaria receber uma graça especial». «Mas isso também tu o podes fazer, se quiseres», replicou, com grande agrado meu. «Bem — retorqui — farei a novena, mas tens de me indicar como é que se faz». A minha amiga deu-me uma pequena imagem de Santo António, e ensinou-me uma oração em sua honra. Comecei logo a novena, cheia de fervor. Com grande admiração minha e alegria, foi ouvido o meu pedido, e desde então senti uma grande veneração por Santo António.

No Outono de 1906 travei conhecimento com uma amiga de minha mãe, jovem viúva e católica fervorosa. Compreendíamo-nos muito bem e ficamos a ser amigas íntimas. Visto ela andar quase sempre adoentada, visitava-a com frequência. A sua paciência suave e resignação à vontade de Deus, com que ela suportava o seu sofrimento e abandono, comoveram-me profundamente e despertaram em mim muitos pensamentos sérios. Considerei-me especialmente obrigada a passar em casa dela as tardes dos domingos, e as horas de vésperas durante a Quaresma, quando todos de sua casa estavam na igreja. O serviço religioso judaico já me não satisfazia, e pare-

http://www.obrascatolicas.com/

cia-me tão frio — como se lhe faltasse qualquer coisa de essencial. Por isso, excepto em dias de festa, ia cada vez mais raramente à sinagoga. A minha amiga notou-o. Raramente falávamos sobre religião. Mas ela procurava convencer-me da necessidade de consagrar ao Senhor um dia por semana. Como me encontrava empregada num escritório e não podia guardar o sábado, o Sabbat judaico, insistiu em que eu devia guardar o domingo como dia do Senhor. Assim ia de vez em quando à igreja católica, que preferia a qualquer outra. A minha amiga conhecia a minha confiança na intercessão de Santo António e por isso explicou-me a devoção das «nove terças-feiras». Fiz também novenas em honra da Santíssima Virgem e de S. José.

Em Julho de 1909 realizaram dois padres de S. Vicente de Paulo uma missão na minha cidade natal. Uma amiga convidou minha mãe e a mim, a assistir às práticas da tarde. Acompanhámo-la várias vezes e escutámos com particular interesse as práticas do falecido P.e Lewis J. O'Hern, de Washington. A minha simpatia pela Igreja Católica aumentava. Eu não podia tolerar que outros a atacassem, e, sempre que se me deparava oportunidade, defendia-a o melhor que então me era possível. Mas não me surgira ainda a ideia de fazer-me católica.

Em 1910, dirigi-me para Washington, para ocupar um cargo do Estado. Na segunda noite depois da minha chegada, levaram-me a dar um passeio de carro. Ao descermos pela Avenida Pensilvânia para o Capitólio, suspenderam-se os meus olhos na iluminação eléctrica da «Central-Union-Mission», onde brilhavam as palavras «Jesus, luz do mundo». Causaram-me impressão profunda. Conti-

http://www.obrascatolicas.com/

nuei a ir à sinagoga, mas poucas vezes tomei ali parte no serviço religioso. O meu interesse por ele tinha desaparecido. Embora continuasse a seguir a doutrina de que o Messias ainda não aparecera, atormentavam-me por vezes, todavia, as dúvidas. Mas depositava uma grande confiança na oração, e frequentemente me dirigia sòzinha à Igreja Católica.

No domingo de Ramos, em 1911, assisti, com uma amiga não-católica, à missa solene na igreja de S. Paulo. Foi com grande dificuldade que conseguimos abrir caminho pela nave, tão densa era a multidão que enchia o espaçoso templo. Tivemos de estar de pé durante toda a missa. Embora não compreendêssemos as cerimónias, sentíamo-nos satisfeitas por nos encontrarmos naquele lugar: era tudo tão impressionante e piedoso! Quando divisei o altar-mor com as numerosas velas brilhantes e o suave brilho das luzes mais pequenas, os quadros, as imagens, e o maravilhoso aspecto arquitectónico do conjunto, fiquei profundamente comovida e apenas desejava poder compreender e crer como os demais. Mais tarde, fui bastantes vezes a S. Patrício, à missa, embora nunca me pudesse conformar a ajoelhar-me com os fiéis. Num domingo, uma senhora que eu conhecia, viu-me sair da igreja e veio ter comigo: «Oh, não sabia que era católica». «Não sou católica» ,repliquei, «mas gostaria de saber alguma coisa sobre a doutrina que a senhora professa». Ela pareceu ficar satisfeita e ofereceu-se para me levar às Irmãs de Notre Dame, a fim de eu receber a necessária instrução. A princípio hesitei, pois ainda não me encontrava completamente decidida a fazer-me católica, e não queria prender-me a

http://www.obrascatolicas.com/

um curso determinado. Mas ela tranquilizou-me, dizendo-me que eu não precisava de me fazer católica, se o não desejasse. E além disso não poderia ser recebida na Igreja antes de acreditar em todos os seus pontos doutrinários. Então concordei, e sem demora nos dirigimos às Irmãs. Passava-se isto em princípios de Maio de 1912.

Ali travei conhecimento com uma Irmã encarregada de instruir os que buscavam a verdade. Declarou-se pronta a fazer tudo quanto estivesse em sua mão para me ajudar. O valor da doutrina da Igreja sobre a intercessão dos Santos, tinha-se, no meu caso, mostrado de modo tão claro que era legítima a suposição de que todos os outros pontos doutrinários correspondessem à verdade. O estudo e a meditação convenceram-me de que Jesus Cristo era, com toda a certeza, o fundador da Igreja. Portanto, todas as doutrinas da Igreja deveriam ser verdadeiros, se ele fosse Deus. Mas seria isso certo? Eis a questão decisiva, para a qual necessitava de uma resposta. Era isso que anos e anos me tinha perseguido: «Será Cristo Deus? Será ele o Messias prometido?» Tudo expus a essa Irmã. Felizmente, e para meu grande alívio, descobri em breve que era coisa fácil para a Irmã experimentada e talentosa explicar-me e provar, por meio da Sagrada Escritura, esta grande e consoladora verdade. Pela minha parte, pedia fervorosamente a Deus que me concedesse a graça de conhecer a verdade, e me desse coragem de a confessar, por maiores que fossem as dificuldades que tivesse de enfrentar.

Referi a uma amiga católica que pensava em me fazer membro da sua Igreja. Caso curioso: mais do que encora-

http://www.obrascatolicas.com/

jar-me procurou desanimar-me. Chamou-me a atenção para o sofrimento que iria causar aos meus. Eu bem o compreendia, mas sentia que a minha primeira obrigação era obedecer a Deus, e encontrava-me disposta a fazer todos os sacrifícios para Lhe agradar. Contudo, pedi um sinal visível para que eu também tivesse a certeza de estar no caminho recto. Quando, de uma vez, me encontrava a orar perante o tabernáculo, lembrei-me das palavras de S. Tomé: «Se eu não vir nas suas mãos as feridas e não introduzir o meu dedo no lugar dos cravos e a minha mão no seu lado, não acreditarei». E tive a impressão de que era como se o Senhor falasse para mim como falara para S. Tomé por ocasião daquela memorável ocasião: «Porque me viste, creste. Bem-aventurados os que não viram e creram». Jesus falara-me do Tabernáculo, e infundira-me ânimo e paz.

Na vigília da Assunção de Nossa Senhora, em 1912, tornei-me, finalmente, filha da Igreja. E nessa mesma bela festa tive a dita de receber, pela vez primeira, a sagrada comunhão e o sacramento da confirmação, que Sua Eminência, o falecido cardeal Bonzano, então arcebispo e delegado apostólico, me outorgou na sua capela privada.

Não posso exprimir aqui como me sinto feliz desde que ingressei no seio da Santa Igreja. As minhas consolações foram muitas. Mas os primeiros tempos não passaram sem sofrimento. O que mais me custou foram as censuras de meus pais, que não podiam nem queriam compreender que eu tivesse abandonado a religião judaica para me lançar nos braços da Igreja Católica. Nenhuma finalidade há em demorar-me neste episódio doloroso.

http://www.obrascatolicas.com/

Eles não conseguiram vencer a firmeza do meu espírito, a convicção do meu coração e a extraordinária graça que me conduziu à verdadeira Igreja e me concedeu forças para aceitar a verdadeira fé.

Na persuasão de que muitas almas rectas seguiriam alegremente as pisadas do Salvador se lhes outorgasse a luz que a mim me concedeu como resposta à pergunta decisiva: «Cristo é Deus? É ele o Messias prometido?», tentei, num livrinho, intitulado «O Caminho do Céu» (editor e proprietário: Kloster «Unserer Lieben Frau vom Sion», Viena VII, Burggasse 37), demonstrar que a promessa de Deus acerca do Redentor se realizou, e que a sua Igreja é hoje uma realidade no mundo.

http://www.obrascatolicas.com/

«ANSHIM RITSUMEI» A PERFEITA HARMONIA DA ALMA

Takizaki San
ESTADOS UNIDOS

Seattle. Japonês. Recebeu o santo baptismo em 1933, em Seattle, Estados Unidos, com mais oito japoneses. Entre estes encontrava-se um ancião de 87 anos, que aos 17 partira do Japão para os Estados Unidos. No mesmo dia receberam 12 japoneses a primeira comunhão,

À pergunta «como e porque me fiz católico», responderia o seguinte: A causa principal foi, evidentemente, a graça de Deus. Era vontade de Deus que o curso da minha vida me conduzisse ao Catolicismo. Esta resposta contém já em si e por si toda a história da minha conversão. Apesar disso, quero indicar sucintamente as etapas principais do caminho que segui até chegar ao Catolicismo.

Quando, no Japão, ainda frequentava o Liceu e a Universidade, sentia mais inclinações para os problemas filosóficos do que para os meus livros escolares. O Cristianismo, fiquei a conhecê-lo por intermédio de um pregador protestante, e também pela minha própria tradução da Bíblia. De resto, toda a minha actividade se dirigiu, du-

http://www.obrascatolicas.com/

rante muitos anos, para coisas mundanas, para o dinheiro e para a ciência.

Depois de me ter estabelecido com minha família em Seattle, enviei os filhos para a Escola de Maryknoll, para aprenderem as verdades fundamentais da religião cristã. Alguns anos mais tarde foram também baptizados; mas eu, pessoalmente, não tinha preocupações religiosas. Mais; nem sequer conhecia a diferença entre catolicismo e protestantismo. Julgava que o protestantismo era o verdadeiro cristianismo, e não sabia que este está encorporado na Igreja Católica.

Num Verão, arrebatou-me a morte a minha filhinha de sete anos, vítima de um desastre de automóvel. As exéquias realizaram-se na igreja de Maryknoll, e pela primeira vez na minha vida encontrei-me numa igreja católica. As cerimónias que a meus olhos se desenrolaram impressionaram-me profundamente, e aproximaram-me da Igreja.

Ao tentar descobrir o sentido dessas cerimónias, revelou-se-me pouco a pouco a belaza da religião católica. Sob a direcção do Rev. João Murrett, comecei a instruir-me no catolicismo. Quanto mais estudava, mais caía na conta da minha ignorância. Reconheci que se tratava da única doutrina que pode trazer a perfeita paz de alma, e senti que não seria feliz antes de pertencer à comunidade da Igreja.

No Japão há homens, cheios de carácter, que têm como objectivo o «Ashin ritsumei», isto é, a total harmonia da alma, e a mais perfeita tranquilidade mesmo em face da morte. Muitos japoneses procuram atingir o «Ashin ritsu-

http://www.obrascatolicas.com/

mei», ingressando na seita Zen do Budismo. Outros ainda procuram alcançar a perfeita paz de alma por intermédio de um exercício desportivo japonês, o Kenjitsu, espécie de esgrima. Não creio, porém, que seja possível o «Ashin ritsumei» sem o conhecimento e a fé nas doutrinas de Jesus Cristo. Quando se recebe uma instrução perfeita sobre a religião católica, pode verificar-se fàcilmente que ela tem de ser a única verdadeira. Depois de tê-la conhecido, compreendi eu que nenhuma verdade humana, nem nenhum bem terreno, consegue trazer à alma a felicidade plena. Recebi, finalmente, o baptismo, e encontro-me agora, de facto, na posse plena do «Ashin ritsumei».

http://www.obrascatolicas.com/

UM NEGRO CAMPEÃO

Raúl H. Metcalfe
ESTADOS UNIDOS

Aluno da Universidade de Marquette, em Milwaukee. Alcançou o segundo lugar na corrida de 100 metros, nos jogos olímpicos de Los Angeles. Em 1933 ganhou o «record» mundial, percorrendo os 100 metros em 10,2 segundos. Em 1933 correu em Sttutgart e Dusseldorf.

Sente-se, de facto, uma grande satisfação quando, na pista, se alcança a vitória sobre os melhores corredores do mundo. É um momento feliz, esse em que se verifica que se alcançou, ou mesmo se bateu, o «record» na corrida. São gratas as alegrias que nos proporciona a competição desportiva com outros. Há lisonjeiros artigos de jornal que, evidentemente, gostamos de ler, embora lhes não devamos também ligar grande importância.

Mas nem isto, nem as honras e testemunhos de aplauso que me foram tributados, por eu ter tido, casualmente, sorte como corredor, podem ser comparados com a verdadeira alegria que senti quando, pela primeira vez, me encontrei no seio da Igreja. Encontrei na minha religião uma felicidade nova, e nas minhas orações uma consolação nunca suspeitada. A minha conversão foi, com toda a cer-

http://www.obrascatolicas.com/

teza, o passo mais importante de toda a minha vida, e de modo algum me arrependo desse passo.

Pode a muitos leitores, sobretudo nos Estados Unidos, parecer curioso ou invulgar que um negro se converta à verdadeira Igreja. A minha raça, porém, que sobressai com êxito sempre cada vez maior sob o aspecto cultural, seria uma rica messe para s missões no interior. O Catolicismo realizou notável trabalho entre os nossos. As igrejas e escolas para a população de cor, são prova disso.

Posso afirmar que não tive nenhuma dificuldade especial quando me converti ao Catolicismo. Não conheci os desgostos de tantos convertidos, aos quais, por parte de sua família, tantas dificuldades se levantaram. Minha mãe converteu-se ao Catolicismo mesmo antes de mim. Vivendo ela na nossa casa paterna em Chicago, algumas amigas suas, brancas e negras, que pertenciam à verdadeira fé, e cuja sinceridade, zelo e resignação na dor lhe causaram grande impressão, despertaram nela interesse pela Igreja.

Por esta altura, quando eu ainda frequentava o liceu, dirigia-se o meu interesse, mais do que incidentalmente, para a Igreja Católica. Foi esta uma das razões por que estudei na Universidade de Marquette, pois é Escola Superior dirigida por jesuítas.

A minha conversão não se realizou, como muitos dos meus amigos não-católicos a interpretaram, à força de impertinentes pressões dos jesuítas, nem tão pouco por intermédio dos meus amigos nos grupos desportivos, ou da escola. Já muito antes de frequentar a Universidade de Marquette, sentia eu, como já referi, interesse pela Igreja,

http://www.obrascatolicas.com/

Ralph H. Metcalfe

http://www.obrascatolicas.com/

e o que aqui observei, confirmou apenas as conclusões a que anteriormente tinha chegado.

Durante uma viagem com o grupo desportivo «Marquette», nos fins do Inverno de 1932, confiei o meu «grande pensamento» a um bom amigo. Todo entusiasmado, felicitou-me e aconselhou-me a que me instruísse imediatamente. Mas recusei com estas palavras: «Agora não tenho tempo. Tenho muito que estudar, e também demasiado treino desportivo. Quero aproximar-me do Catolicismo de olhos abertos». Mas, o meu amigo insistiu. Comunicou a novidade ao então director da Congregação masculina da Universidade, P.e João Markoe, S. J., que aos olhos de todos os estudantes era, no mais belo sentido da palavra, verdadeiramente um homem. Fui, pois, ter com ele.

Realmente eu não tinha inconveniente algum; mas o caso parecia-me um pouco forçado. O P.e Markoe sabia instruir-me do modo mais simples possível. Primeiro, mostrou-me qual era a verdadeira Igreja, e depois introduziu-me nas verdades da fé e nos costumes religiosos. Outros me dispensaram igualmente as maiores atenções. De um modo geral encontrei na Universidade, não só sob o aspecto religioso, mas também no trabalho científico em comum entre os estudantes e a Faculdade, um louvável espírito de comunidade. Isto é uma das razões porque me sinto aqui tão bem e tão feliz.

A minha entrada na Igreja efectuou-se há mais de dois anos. O dia da minha confirmação foi para mim um dia de alegria. Não menos alegre, porém, foi para mim o dia 8 de Dezembro de 1932, quando me receberam na Congregação Mariana.

http://www.obrascatolicas.com/

Frequento regularmente a igreja dos negros de S. Bento o Mouro, edificada nas proximidades da Universidade, e não raras vezes me acompanham outros estudantes negros não-católicos.

Foi o Catolicismo que me abriu os olhos. Concedeu-me uma nova alegria de viver, consolação e energia. No desporto e no estudo, nos meus esforços físicos e intelectuais, confio na oração. É desejo meu, e nesse sentido elevo as minhas preces, permanecer sempre fiel à Igreja.

http://www.obrascatolicas.com/

...E UM PROFISSIONAL DE FUTEBOL

Knute Rockne
ESTADOS UNIDOS

Foi o mais célebre treinador de futebol do seu tempo nos Estados Unidos. Estudou na Universidade de Nossa Senhora (Indiana). Morreu num desastre de avião, pouco depois de se ter convertido.

Causava-me sempre profunda impressão o verificar como os componentes da minha equipe se dirigiam, todas as manhãs, à sagrada comunhão, e resolvi, por fim, nos dias de jogo, assitir com eles à santa missa. Reconheci que não produzia no público uma acção muito edificante se eu, o capitão do grupo de futebol, depois de termos chegado todos a uma cidade estranha, me dirigisse ao hotel para me instalar cômodamente, enquanto o meu grupo, logo depois de abandonar o comboio, se dirigia à igreja. Resolvi, portanto, embora ùnicamente para não causar má impressão, assistir à missa, com os meus companheiros, nos dias de jogo.

Certa noite, antes de um grande desafio de futebol no Leste, encontrava-me nervoso e inquieto, preocupado com o resultado do jogo que ao outro dia se realizaria, e não consegui adormecer. E uma vez que o sono teimava em não vir, vesti-me e desci ao vestíbulo do hotel para, numa

http://www.obrascatolicas.com/

poltrona, me entregar por completo aos meus pensamentos. Seriam duas ou três horas da manhã quando cheguei ao vestíbulo deserto, e me deixei cair numa poltrona. Para afastar as minhas preocupações, encetei uma conversa com os ajudantes do criado, que andavam por ali.

Por volta das 5 ou 6 horas passeava eu no vestíbulo de um lado para o outro quando de repente dei com dois dos meus homens que se precipitavam pela porta fora. Perguntei-lhes onde é que iam tão cedo, se bem que já o adivinhasse. Retirei-me, após isso, para um canto do vestíbulo, onde, sem ser visto, podia ver todos aqueles que entravam e saíam. Pouco depois passavam os meus jogadores em grupos de dois ou três, e por fim, quando já quase todos tinham saído, voltei a aproximar-me da porta, para perguntar aos últimos aonde é que se dirigiam.

Após alguns momentos sairam os últimos apressadamente do elevador e encaminharam-se para a porta. Fi-los parar, informei-me se também iam à missa, e responderam-me que sim. Decidi imediatamente acompanhá-los. Provàvelmente não imaginavam estes jovens a profunda impressão que me causara o seu zelo e a sua piedade. Quando vi que todos eles se aproximavam da sagrada comunhão, e pensei que, por esse motivo, sacrificavam algumas horas de sono, compreendi, então, pela primeira vez, a grande força que a religião representava na vida destes jovens. Naquela hora ficou minha alma iluminada e vi o que pròpriamente sempre me tinha faltado na vida. Em breve tive a grande alegria de ajoelhar, com a minha equipa, à mesa da sagrada comunhão.

http://www.obrascatolicas.com/

DO RACIONALISMO À FÉ NOS MILAGRES

Dr. Sam Atkinson
CANADÁ

Toronto. Foi orador racionalista na América do Norte, e organizador socialista no Canadá. Pouco depois da conversão, descreveu-nos o caminho que o trouxe à Igreja, no livro «My Catholic Neighbours» (Os meus vizinhos católicos). Está a imprimir-se um novo livro seu, intitulado «If Columbus came back to America». (Se Colombo regressasse à América).

No meu livro «My Catholic Neighbours» «Os meus vizinhos católicos» (The Trinity Publishing Co., Toronto, 1934), descrevi a minha conversão e contei como, à luz da razão, submeti a doutrina da Igreja a um minucioso exame. O meu primeiro movimento de interesse pela Igreja Católica foi despertado pelo pedido de um sacerdote católico. Como orador e conferencista racionalista, dedicara-me ao estudo de quase todas as formas de religião. Um dia, este sacerdote, o P.e Finn, de Rockford (Illinois), ouviu uma conferência minha e convidou-me depois a tomar chá com ele. Após o chá, tivemos uma longa conversa, durante a qual o sacerdote disse: «Atkinson, parece que o senhor está familiarizado com todos os sistemas

http://www.obrascatolicas.com/

religiosos do mundo; apenas lhe ficou por conhecer o pensamento católico. Ignora, acaso, que nos Estados Unidos há 20.000.000 de católicos, e que, dos 10.000.000 de habitantes do Canadá, 4.000.000 são católicos? Para conhecer o Confucionismo, o senhor estuda as doutrinas de Confúcio. Porque é que não interroga os autores católicos, se quer documentar-se acerca do Catolicismo? Parece-me que V. tem para com seus vizinhos católicos, a dívida de procurar informar-se, com exactidão, sobre a sua fé, e para isso precisa de ler livros católicos. Não creio que o senhor pertença àqueles que conscientemente levantariam um falso testemunho ao seu próximo. Por isso, comprometo-me a dar-lhe uma lista de livros católicos, com o pedido de os ler».

Em consequência desta conversa, comecei a estudar a fundo a doutrina católica. Não posso referir neste lugar todos os livros que, li, ainda que não foi só a leitura que me conduziu à verdade.

Com a leitura de livros pseudo-científicos sobre o socialismo, cheguei a uma concepção histórica puramente materialista, e tornei-me um anarquista filosófico. Deus era para mim apenas uma ideia, e Jesus de Nazaré não passava de um grande mestre. A história da virgindade na maternidade, relegava-a para o reino das fábulas. Visto não acreditar na existência de Deus, a simples leitura de obras religiosas não podia levar-me à fé. Tentara desvendar os enigmas da vida, mas em vão. Ninguém pode desvendar estes grandes enigmas, se não tiver reconhecido, prèviamente, que a fé é uma graça de Deus.

A promessa de ler os livros, que me recomendou o

http://www.obrascatolicas.com/

P. Finn, mantive-a. Quando, porém, na primeira oportunidade, voltei a demorar-me em Rockford, com a intenção de o visitar, informaram-me que tinha falecido. O P. Whalen, da igreja de Nossa Senhora, que me anunciou a morte do P. Finn, convidou-me a visitá-lo, depois de uma conferência que eu tinha ainda de fazer na cidade. Aceitei com alegria. O P. Whalen era um inválido da guerra. Alguns meses após a minha visita, também ele foi chamado para o grande exército.

Aquela tardinha que passei com ele, ficar-me-à sempre na lembrança como uma das mais belas da minha vida. Falámos não só de religião, mas também de muitos problemas vitais. A nossa confiança mútua cresceu. Entre outras coisas, disse-me que estava convencido de que o P. Finn tinha procurado persuadir-me, naquela tarde, com um zelo demasiado impetuoso. Depois, traçou diante de mim um esboço da vida de sacerdote, com os seus deveres, cuidados, esperanças e desejos. Não foi nenhuma dessas conversas vulgares, em que se mata o tempo com frases banais. O P. Whalen era versado em literatura. Com a mesma facilidade com que mencionava os Santos Padres citava também Browning, Tennyson e Whittier. Nem por um instante pude esquecer que ele era sacerdote; e, contudo, considerava-o também como um irmão. Não tocámos em nenhum problema em que ele não penetrasse.

Quando me despedi, — eram quase duas horas da manhã,— o P. Whalen estendeu-me a mão e disse: «Sr. Atkinson, desejaria ainda fazer-lhe uma pergunta absolutamente confidencial: Reza de vez em quando?» — «Rezar? — retorqui — há dez anos que não sei o que isso é».

http://www.obrascatolicas.com/

— «Então — continuou — posso pedir-lhe um favor, do mesmo modo que um cavalheiro se dirige a outro? Faça-me, então, o favor de rezar todas as noites, de joelhos, antes de se deitar, uma breve oração».

— «Mas, P. Whalen — objectei — isso seria uma hipocrisia da minha parte, porque, em primeiro lugar, não acredito que haja alguém que ouça as minhas orações, e, depois, não estou disposto a fazer uma promessa que poderia levar-me a um compromisso extravagante».

— «Meu caro amigo — atalhou o sacerdote — se Deus não existir, também isso em nada o prejudica. De qualquer maneira, pode fazer a experiência».

Hesitei um momento. «Do mesmo modo que um cavalheiro se dirige a outro», dissera o sacerdote... Mas não seria um contra-senso rezar, uma vez que Deus não existia?

— «E que quer que eu reze?»

— «Oh! — exclamou o P. Whalen — ajoelhe em frente da sua cama e, se não se lembrar de mais nada, diga só: Meu Deus, dai-me luz!»

Depois de regressar ao hotel, despi-me ràpidamente e saltei para a cama. Mal tinha acabado de me deitar, quando sùbitamente me acudiram de novo ao espírito as palavras: «Do mesmo modo que um cavalheiro se dirige a outro...» Eu era um cavalheiro e queria sê-lo. Tinha feito uma promessa, talvez infantil; mas, como cavalheiro, devia cumpri-la. Saltei, por isso, novamente da cama, ajoelhei, e disse, com as mãos postas, como para rezar: «Meu Deus, dai-me luz!» E então tornei a saltar para a cama, com a consciência de que, pelo menos, cumprira a minha promessa.

http://www.obrascatolicas.com/

Há homens que possuem o dom de impressionar até ao mais profundo da alma. Cristo deve ter lançado um grande olhar sobre o futuro, quando declarou ao pecador Pedro: «A partir de agora, serás pescador de homens». Um bom pescador disse um dia: «Deita o anzol e afasta-te». Quanto mais te afastares, tanto maiores serão as tuas probabilidades de êxito». O P. Whalen era um pescador de almas deste género. Afastava-se o mais possível. Não se meteu em argúcias e polémicas, nem fez a menor tentativa de me convencer com argumentos subtis, porque sabia que a fé é uma graça de Deus. S. Tomás de Aquino afirma: «A fé é um acto de entendimento, que, com o auxílio da vontade, movida por Deus, reconhece as verdades divinas». A fé é, portanto, um dom de Deus, uma graça que ilumina o entendimento para que ele conheça a verdade e leve a vontade a aceitar a verdade conhecida. Meu pai fez um dia afirmação idêntica. Poderia eu ler quanto quisesse, podia estudar a fundo as ideias dos meus vizinhos católicos para as julgar com justiça, mas não poderia acreditar nas verdades divinas, se a graça de Deus me não iluminasse. Muito tempo depois, soube que o P. Whalen visitara, na manhã seguinte, as pobres Clarissas, pedindo-lhas que rezassem pela salvação da minha alma.

Por esse tempo, andava eu certamente ainda muito afastado da Igreja. Cumprira, evidentemente, a promessa de rezar todos os dias, mas não notava nenhum resultado. Parecia-me até que a vida, com os seus problemas, se tornava, de dia para dia, mais obscura e enigmática. Isto não era, porém, uma contradição que Deus permitisse como agora me parece. Tivera recentemente uma conversa ocm

http://www.obrascatolicas.com/

um homem que negava os milagres de Cristo. Como prova, apresentava a cura do cego. Perguntava ele: «Porque é que Cristo não restituiu a vista ao cego por meio da palavra, mas primeiro cuspiu na terra e lhe esfregou os olhos com barro?» Depois da minha conversão, respondi que não era de admirar que Cristo, que era Deus, curasse com barro um olho cego, uma vez que o homem fora também formado em barro. Além disso, Cristo, que sabia que a maior parte dos cegos vê ainda certo brilho de luz, tinha querido certamente simbolizar, com o seu procedimento, a acção da luz sobrenatural da graça. Por isso, fez primeiro a escuridão ainda mais densa para que depois o esplendor da luz fosse maior.

Também eu me ia aproximando da luz; mas rodeava-me uma escuridão terrível. Procurando sair destas trevas, afastava-me cada vez mais de Deus. Voltaire tem, algures, esta afirmação: «Quanto mais lemos, mais sabemos; e, quanto mais estudámos, mais depressa podemos confirmar que nada sabemos». O que lia, causava-me, naturalmente, inquietações. Compreendi que as concepções protestantes de que na juventude me alimentara, não se estribavam na verdade. Reconheci que não há ninguém tão universal que seja capaz de tudo compreender, e que nenhum homem de ciência é competente fora da sua especialidade. O facto do sr. Olivério Lodge ser um grande cientista, não o tornava uma autoridade em matéria religiosa. Ciência e religião constituem, em muitos aspectos, dois campos separados. O verdadeiro homem de ciência não pode basear as suas provas em hipóteses: pelo contrário, tem de procurar factos apodícticos, e estes factos

http://www.obrascatolicas.com/

devem estribar-se na verdade. Por isso, também não pode haver nenhuma contradição entre uma religião verdadeira e uma ciência cujos resultados assentam na verdade. Como chegaria eu, porém, ao conhecimento da verdade? Certamente só pondo-me em contacto com Aquele que é a origem de toda a verdade. Um acontecimento de pouca importância ia, enfim, abrir-me os olhos.

Minha mulher e eu tínhamos plantado um jardim. Habitávamos na cidade, e era este o primeiro que plantávamos. Todo o trabalho era feito por nós: cavávamos, semeávamos e plantávamos. Comprávamos pequenas plantas para as tornarmos a plantar por nossas mãos. No Inverno, líamos diligentemente livros sobre jardinagem. E, ao chegar a Primavera, a nossa maior alegria era cultivar o jardim metòdicamente. Devo confessar que era minha mulher quem realizava o trabalho principal. Eu auxiliava-a nas minhas horas vagas. íamos muitas vezes ao jardim, para contemplarmos os primeiros rebentos delicados, e a vida não tardava a surgir por toda a parte! Mas um dia, quando todo o jardim estava cheio de plantas delicadas e tenras sobreveio uma violenta tempestade. Eu estava, então, no centro da cidade, e todos admiravam, boquiabertos, a chuva diluviana. Grande foi a minha inquietação ao pensar no nosso jardim. Uma chuva como aquela seria fatal para as pequeninas plantas. Logo que a tempestade passou, saltei para um automóvel e pus-me ràpidamente em casa. Minha mulher estava na jardim e, quando eu ia a entrar nele, exclamou:

— «Olha, foi uma tempestade espantosa, mas não cau-

http://www.obrascatolicas.com/

sou mal nenhum. Nem uma plantazinha se partiu e não há uma só folha caída».

Estas palavras paralizaram-me por um momento. Emudeci e rebentaram-me lágrimas nos olhos. Quando consegui dominar-me, exclamei: «Não será isto um milagre? A chuva devia ter destruído tudo. O facto de assim não ter acontecido mostra que uma força invisível tudo dispôs de outro modo. Por trás das leis da natureza, tem de haver um legislador. Há um ser supremo. Deus existe e eu creio nele. Meu Deus, ajudai a minha incredulidade!»

«Não é pelo poder, nem pela violência, mas pelo meu espírito que fala o Senhor» — lembrava o P. Whalen ao definir a fé como uma graça de Deus. E a graça da fé acabava de me ser concedida. Perante a sua luz, desapareceram imediatamente todas as outras dificuldades. Tudo quanto eu lera da única Igreja verdadeira encontrou a sua explicação. O plano divino da salvação tornou-se-me claro. Deus sacrificara o seu único Filho, para nos salvar. Por isso, não me deveria limitar, por mais tempo, a estudar a fé dos meus vizinhos católicos. Tinha que apropriar-me desta verdade, se queria salvar a minha alma.

A verdadeira causa da minha miséria espiritual durante os últimos meses apareceu-me com toda a sua evidência, graças ao acontecimento que acabo de referir. Caminhara através de uma grande escuridão. A ideia de ter atraiçoado a Cristo pesava fortemente sobre mim. Tinha fugido ao Senhor; mas o Filho de Deus seguira os meus passos e o Espirito Santo abrira a minha alma à verdade, por meio de diversos acontecimentos dos últimos tempos. Francisco Thompson descreveu magistralmente,

http://www.obrascatolicas.com/

na sua poesia: «The Hound of Heaven» (O Galgo do Céu) o espectáculo de uma alma afastada de Deus e perseguida por Ele:

«Fugi-Lhe pelos desfiladeiros dos dias e das noites;
Fugi-Lhe pelas arcarias dos anos;
Fugi-Lhe pelos caminhos labirínticos
Do meu próprio espírito; e entre a névoa das lágrimas
Escondi-me d'Ele e debaixo de risadas tumultuosas.

Apressei-me a abraçar esperanças que me sorriam
E lancei-me, precipitadamente,
Em titânicas trevas de abissais temores,
Fugindo àqueles firmes Pés que me vinham seguindo,
[seguindo sempre.

Mas, perseguindo-me sem pressa,
E a passo imperturbável,
Com ritmo pensado, com majestosa insistência

Eles ressoavam, — e uma voz soava
Com mais insistência ainda do que os passos:
«Todas as coisas te atraiçoam a ti que me atraiçoaste».

Por mais cerradas que estejam as portas do coração e do entendimento, não podemos fugir de Cristo, nem evitar o seu encontro. Apesar das dúvidas e negações, Ele não pára de procurar as almas dos homens. E porquê todo este amor? Também a mim poderia Ele ter dirigido estas palavras:

http://www.obrascatolicas.com/

«Ah! Tu não sabes
Quão pouco digno de qualquer amor tu és!
Quem acharás tu que te ame, a ti, desprezível,
A não ser Eu, a não ser apenas Eu?» (1).

Sim, é este o maior de todos os milagres. Não fui eu que mereci o seu amor. Ofendi-O tantas vezes, pequei contra Ele tantas vezes! Muitas outras O atraiçoei. Nunca o teria encontrado, se Ele não me tivesse procurado!...

Na minha cidade natal, Toronto (Canadá), fundara-se uma Associação de Convertidos, composta de igual número de convertidos e católicos. Nesta cidade, existem para cima de mil pessoas que se converteram. O objectivo da Associação é tirar aos convertidos a sensação de isolamento que os costuma invadir nos primeiros tempos da sua conversão. Na paróquia de Santa Clara, à qual pertenço, organizámos com bastante resultado, no Inverno passado, reuniões familitares, para as quais se convidavam convertidos e católicos em número igual. Em caso de matrimónio mixto, convida-se também o cônjuge não-católico. Assim se criou uma atmosfera de harmonia, e os não-católicos pediram quase sempre que se continuasse a fomentar a Associação. Não falávamos da fé. Eram apenas reuniões amigáveis, por meio das quais convertidos e não-católicos mùtuamente se aproximavam, e aos não-católicos se oferecia oportunidade para se informarem, com leigos, acerca da fé, de se dirigirem a um sacerdote, caso mostrassem

(1) Vertidos, como os anteriores, directamente do origina inglês. — (N. do T.).

http://www.obrascatolicas.com/

tal desejo. Os sacerdotes da freguesia assistiam também a estas reuniões, com o que desapareceram velhos preconceitos. E é de esperar que este empreendiemnto, iniciado com a maior simplicidade, contribua muito para criar entre heterodoxos uma opinião mais favorável ao Catolicismo.

Têm-me perguntado com frequência: «Que encontrou o senhor na Igreja Católica?» A seguinte parábola pode servir de resposta a essa pergunta: Estava doente uma criancinha; como se revolvia de um lado para o outro, atormentada pela febre, fazia-lhe a mãe tudo quanto era possível para a aliviar. Refrescava-lhe os lábios ardentes com uma bebida fresca, fazia-lhe mais fofas as almofadas, e manifestava-lhe o seu amor de mil outros modos, como só uma mãe sabe fazer. Mas tudo em vão. Por fim, quando já não sabia o que havia de fazer para a aliviar, tirou a criança da caminha e abrigou-a nos braços. Então, a criança soltou um suspiro de alívio e disse: «Mãezinha, assim é que se está bem».

Ao ver-me refugiado nos braços da Igreja, todos os meus desejos ficaram satisfeitos. Encontrei nela o que me faltava. A paz? Sim, mas ainda mais a verdade. A felicidade? Sim, mas ainda mais a verdadeira vida. A liberdade? Sim, mas ainda mais o espírito de renúncia, que dá maior valor à liberdade do próximo. A satisfação? Sim, mas através do sacrifício.

Na Igreja Católica, compreendi quão pequeno eu sou, e quão grande é o nosso Redentor.

http://www.obrascatolicas.com/

NA MÃO DE DEUS

Paulo Claudel
FRANÇA

Nasceu em Paris a 6 de Agosto de 1868. Depois de se ter licenciado em Direito e estudado na Escola de Ciencias Politicas de Paris, ingressou na carreira diplomática em 1890. Vice cônsul primeiro e depois cônsul, residiu em Nova Iorque, Boston, Changai, Fu-Cheu, Tient-Tsin, Praga, Francfort, Hamburgo e Roma. Mais tarde, foi nomeado ministro plenipotenciário no Rio de Janeiro, donde passou, com o mesmo cargo, a Copenhague. Em 1927, partiu como embaixador para os Estados Unidos, e já em 1921 o tinha sido em Tóquio. A sua carreira diplomática não impediu, mas facilitou até, a sua produção literária. Bem se pode dizer que, na sua obra, ao lado de um acento bíblico bem marcado, — que mostra o seu constante estudo da Sagrada Escritura — repercutem as mais fundas influências de toda a grande literatura universal. Entre as suas obras devem citar-se sobretudo: «Art Poétique», «Cinq grandes Odes», «Corona benignitatis anni Dei», «L'Annonce faite à Marie», «L'Otage», «Portage de midi». A sua obra-cume é, porém, «Le soulier de satin», mistério dramático que o próprio poeta sinteteza no provérbio português: «Deus escreve direito por linhas tortas». O grande crítico católico Charles du Bos chamou-lhe «o maior poeta da actualidade»; e, noutra parte, «o génio cristão mais representativo do ocidente latino, no nosso tempo».

Nasci a 6 de Agosto de 1868. A minha conversão realizou-se a 25 de Dezembro de 1886. Tinha, portanto,

http://www.obrascatolicas.com/

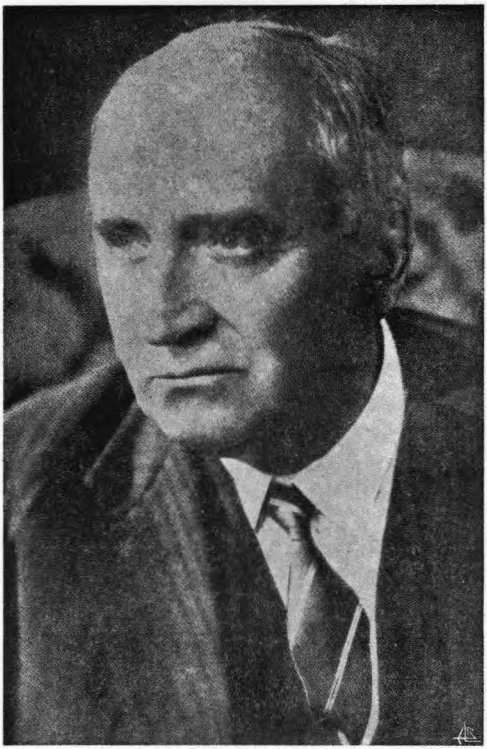
18 anos de idade. Mas, nesta altura, já a minha personalidade estava muito desenvolvida.

Ainda que os meus antepassados, em ambos os ramos, tinham sido crentes, dando à Igreja vários sacerdotes, os meus pais eram indiferentes em matéria religiosa. E, depois de termos mudado para Paris, afastaram-se completamente da fé. A minha primeira Comunhão, anterior à mudança, tinha sido boa. Mas foi, como para a maior parte da juventude, a coroação e, ao mesmo tempo, o termo da minha prática religiosa.

A princípio fui educado, ou antes, instruído, por um professor particular; depois, em escolas laicas da província, e, finalmente, no Liceu Luís-o-Grande. Com a entrada neste estabelecimento de ensino, acabei de perder a fé, que me parecia incompatível com a pluralidade dos mundos (!!!). A leitura da «Vida de Jesus», de Renan, forneceu-me novos pretextos para esta mudança de convicções, que, de resto, tudo quanto via à minha volta facilitava ou animava.

Recordemo-nos daqueles tristes anos à volta de 1880, quando estava em todo o apogeu a literatura naturalista. Jamais o jugo da matéria pareceu mais forte. Quem possuía um nome na arte, nas ciências ou na literatura, era descrente. Todos os pretensos homens eminentes daquele século que declinava, se distinguiram particularmente pela sua hostilidade contra a Igreja. Renan imperava. Na Na última distribuição de prémios a que assisti no Liceu Luís-o-Grande, ocupava ele a presidência, e creio que recebi o prémio das suas mãos. Vítor Hugo acabava de desaparecer numa auréola de glória.

http://www.obrascatolicas.com/



http://www.obrascatolicas.com/

http://www.obrascatolicas.com/

Aos 18 anos, acreditava eu naquilo em que a maior parte das chamadas pessoas cultas daquela época acreditava. O forte sentimento do individual e do concreto obscurecera-se em mim. Aceitei a hipótese monista e mecanista em toda a sua extensão. Acreditava que tudo estava subordinado a «leis», e que este mundo era um íntimo encadeamento de causas e efeitos, que a ciência não tardaria a esclarecer plenamente. Além disso, tudo isto me parecia cheio de tristeza e de tédio. A ideia kantiana do dever, tal como no-la expôs o sr. Burdeau, nosso professor de filosofia, nunca pude digeri-la.

Para mais, vivia sem o freio da moral e ia caindo, pouco a pouco, num estado de desespero. A morte de meu avô, cuja agonia durou meses inteiros, devida a um cancro no estômago, a que eu assisti, inspirara-me um pavor terrível, e a ideia da morte não me abandonou mais. Esquecera completamente a religião e, com respeito a ela, a minha ignorância era tão grande como a de um selvagem.

O primeiro brilho da verdade surgiu-me do encontro com os livros de um grande poeta, a quem devo eterna gratidão e que tomou parte preponderante na formação do meu pensamento: Artur Rimbaud. A leitura das «Illuminations» e, alguns meses depois, «Une saison en Enfer» é um dos acontecimentos capitais da minha vida. Estes livros rasgaram a primeira brecha no meu cárcere materialista, e deram-me uma impressão viva, quase física, do sobrenatural. Mas o meu estado habitual de ansiedade e desespero continuou a ser o mesmo.

Assim se passavam as coisas com aquele pobre rapaz que, no dia 25 de Dezembro de 1886, entrava na catedral

http://www.obrascatolicas.com/

de Notre-Dame de Paris, para ali assistir ao ofício divino do Natal. Começava eu então a escrever, e tive a impressão de que poderia, com superior diletantismo, encontrar nas cerimónias católicas, um meio adequado e matéria para alguns trabalhos. Nesta disposição de espírito, apertado e empurrado pela multidão, assisti à Missa cantada, com moderada alegria. Como nada mais interessante havia a fazer, voltei de novo à tarde para assistir às Vésperas. Os meninos do coro da catedral, de roquetes brancos, e os alunos do Seminário de S. Nicolau du Chardonnet, que os auxiliavam, tinham justamente começado a cantar qualquer coisa em que mais tarde reconheci o Magnificat. Eu estava de pé no meio da multidão, junto da segunda coluna, perto da entrada para o coro, à direita, do lado da sacristia.

E ali se deu o acontecimento que domina toda a minha vida. Num momento, o meu coração sentiu-se tocado, e *tive fé*. Tive fé com tal intensidade de adesão, com tal exaltação de todo o meu ser, com uma convicção tão poderosa, com tal segurança, que não ficava margem para nenhuma espécie de dúvida. E, desde então, todos os livros, todos os raciocínios, todas as eventualidades de uma vida agitada não conseguiram abalar a minha fé; mais do que isso, nem sequer conseguiram tocar-lhe. Sùbitamente, apoderou-se de mim o sentimento fremente da inocência, da perpétua filiação divina: uma revelação inefável. Quando tento reproduzir, como faço frequentemente, o decorrer dos minutos que se seguiram a este momento excepcional, encontro sempre os seguintes elementos que, todavia, representam um único raio, uma única arma,

http://www.obrascatolicas.com/

de que a Providência divina se serviu para alcançar e abrir o coração de um pobre filho desesperado: «Que felizes são, de facto, os que crêem! — E se fosse verdade? — É verdade! — Deus existe; está aqui presente! É alguém! É um ser tão pessoal como eu! — Ama-me! chama por mim!» Invadiram-me as lágrimas e os soluços e o cântico tão delicado do «Adeste» aumentou ainda a minha comoção.

Doce comoção, na qual, todavia, se misturava uma sensação de terror e quase de espanto! Porque as minhas ideias filosóficas mantinham-se intactas. Deus desprezara-as, deixando-as tal qual estavam, e eu não compreendia o que nelas deveria mudar. A religião católica continuava a surgir-me como um amontoado de anedotas disparatadas. Os seus sacerdotes e fiéis continuavam a inspirar-me a mesma antipatia, que ia até ao ódio e à náusea. O edifício das minhas opiniões e conhecimentos mantinha-se, e não via nele defeito nenhum; limitara-me, apenas, a sair dele. Tinha-me sido revelado um novo e terrível ser, com terríveis exigências para um jovem artista como eu, e não via maneira de o satisfazer com nada do que me rodeava. O estado de um homem, a quem de repente se arrancou da sua pele para o introduzir num corpo estranho, no meio de um mundo desconhecido, é a única comparação que posso encontrar para exprimir este estado de completa desordem. O que mais repugnava às minhas ideias e ao meu gosto, era o que precisamente se vinha a mostrar verdadeiro; e, a bem ou a mal, tinha de me acomodar a isso. Ah! Pelo menos não seria sem que eu procurasse opor a maior resistência possível.

http://www.obrascatolicas.com/

Esta resistência durou quatro anos. Ouso afirmar que foi uma defesa heróica. E a luta foi nobre e radical. Não omiti nada. Utilizei todos os meios possíveis de resistência. Uma após outra, tive que depor as armas. Foi grande a crise da minha existência, esta agonia do pensamento, da qual Artur Rimbaud escreveu: «A luta do espírito é tão brutal como as batalhas entre os homens. Oh! noite dura! O sangue derramado arde sobre o meu rosto!» A juventude que tão fàcilmente abandona a fé, não sabe que tormentos custa recuperá-la. A ideia do inferno, a própria ideia da beleza, todas as alegrias que, a meu ver, teria de sacrificar para regressar à verdade, retraiam-me de tudo. Finalmente, caiu-me nas mãos uma Bíblia protestante que certa amiga alemã oferecera uma vez a minha irmã Camila. Foi na noite daquele dia memorável de Notre-Dame, depois de ter voltado para casa, ao longo das ruas molhadas pela chuva, que então me pareciam tão estranhas. Pela primeira vez, ouvi ressoar no coração a voz tão suave, e, ao mesmo tempo, tão inflexível da Sagrada Escritura, que jamais se viria a extinguir. Apenas através de Renan conhecia eu a história de Jesus Cristo. E, fiando-me neste impostor, não sabia sequer que Ele se tinha proclamado o Filho de Deus. Cada palavra, cada linha, na sua majestosa simplicidade, revelava a mentira das afirmações descaradas daquele apóstata e abria-me os olhos. Como o centurião romano, reconheci verdadeiramente que Jesus é o Filho de Deus. A mim, Paulo, se dirigiu Ele, entre todos, e prometeu-me o Seu amor. Mas, ao mesmo tempo, não me deixou outra alternativa além da condenação, se o não seguisse. Ah!, Eu

http://www.obrascatolicas.com/

não precisava que me explicassem o que vinha a ser o inferno; já tinha passado nele a minha «temporada»! Aquelas poucas horas tinham chegado para me demonstrar que o inferno está em qualquer parte em que não esteja Cristo. E que me importava já a mim o resto do mundo, em face deste novo e maravilhoso ser que acabava de me ser revelado?

Assim falava em mim o homem novo. Mas o velho resistia com todas as forças e não queria entregar-se a esta nova vida que na sua frente se abria. Será preciso confessar que o sentimento que mais me impedia de manifestar a minha convicção era o respeito humano? A ideia de revelar a todos a minha conversão e de dizer aos meus pais que não comeria carne às sextas-feiras; o facto de ter de me afirmar como um dos católicos tão ridicularizados, causava-me suores frios. E, momentâneamente, revoltava-me até contra a violência que me tinha sido feita. Mas sentia sobre mim uma mão firme.

Não conhecia nenhum sacerdote. Não tinha um único amigo católico.

O estudo da religião passara a ser para mim o interesse dominante. Coisa curiosa! O despertar da alma e das qualidades poéticas deu-se em mim ao mesmo tempo, e desfez os meus preconceitos e os meus receios infantis. Por essa época, escrevi o primeiro esboço dos meus dramas: «Cabeça de oiro» e «A cidade». Embora andasse ainda afastado dos sacramentos, já tomava parte na vida da Igreja. Podia, enfim, respirar, e a vida penetrava-me por todos os poros. Os livros que mais me ajudaram, naquela época, foram, em primeiro lugar, os «Pensamentos»,

http://www.obrascatolicas.com/

de Pascal, obra inestimável para todos os que buscam a fé, muito embora a sua influência possa também às vezes ser perniciosa. Além disso, as «Investigações do espírito sobre os Mistérios» e as «Considerações sobre os Evangelhos», de Bossuet, bem como os seus restantes tratados filosóficos; a «Divina Comédia», de Dante; e, finalmente, as maravilhosas narrações de Catarina Emmerich. A Metafísica de Aristóteles purificou-me o espírito, e introduziu-me nos domínios da verdadeira inteligência. A «Imitação de Cristo» pertencia a uma esfera demasiado elevada para mim, e os seus dois primeiros livros pareceram-me de uma terrível dureza.

Mas o grande livro que se me abriu e no qual eu fiz os meus estudos, foi a Igreja. Louvada seja por toda a eternidade esta grande e majestosa Mãe, em cujos joelhos tudo aprendi! Os domingos passava-os em Notre-Dame, e, sempre que me era possível, ia também lá durante a semana. Era nessa altura tão ignorante na minha religião como o poderia ser em relação ao Budismo. E agora desenrolava-se, perante mim, o drama sagrado, com tal magnificência, que ultrapassava toda a força da minha imaginação. Ah! Esta já não era, certamente, a linguagem mesquinha dos «devocionários». Era a poesia mais profunda e gloriosa, eram as atitudes mais sublimes que jamais tinham sido concedidas a seres humanos. Nunca me conseguia saciar por completo com o espectáculo da Santa Missa, e cada movimento do sacerdote gravava-se profundamente no meu espírito e no meu coração. A leitura do ofício de Defuntos, da liturgia do Natal, o drama da Semana Santa, o cântico celeste do «Exultet», ao lado

http://www.obrascatolicas.com/

do qual as harmonias mais inebriantes de Píndaro e Sófocles me pareciam incolores, tudo isto me sufocava de alegria, gratidão, arrependimento e adoração! Pouco a pouco, lenta e penosamente, abriu caminho até ao meu coração o pensamento de que a arte e poesia são também coisas divinas. E o prazer da carne não é indispensável para elas, mas antes prejudicial. Como eu invejava os cristãos felizes que via comungar! Só me atrevia, porém, a misturar-me com aqueles que, em todas as sextas-feiras da Quaresma, vinham beijar reverentemente a coroa de espinhos.

Entretanto, passavam os anos e a minha situação tornava-se insuportável. Intimamente, dirigia-me a Deus com lágrimas; e, contudo, não me atrevia a abrir a boca. E, apesar disso, as minhas objecções tornavam-se cada vez mais fracas, e mais dura a exigência de Deus. Oh! que bem conheci este momento e com que firmeza me ficou gravado na alma! Mas como é que tive coragem para lhe resistir? Três anos depois, li as obras póstumas de Baudelaire. E vi que o poeta, que eu preferia a todos os poetas franceses, tinha reencontrado a fé nos últimos anos da vida, e se havia debatido com as mesmas angústias e com os mesmos remorsos que eu. Enchi-me de coragem, e, uma tardinha, aproximei-me do confessionário de S. Medardo, minha paróquia. Os minutos que esperei pelo sacerdote foram os mais amargos da minha vida. Encontrei-me com um ancião, que me pareceu muitíssimo pouco abalado com a história, que a mim, todavia, me parecia muito interessante. Falou (para meu grande aborrecimento) nas «recordações da minha primeira e santa comunhão». Orde-

http://www.obrascatolicas.com/

nou-me terminantemente que revelasse à família a minha conversão. E hoje não posso deixar de lhe dar razão. Humilhado e mal disposto, saí do «confessionário» e só lá voltei no ano seguinte. Agora, estava completamente vencido, submisso e extenuado. Ali, naquela mesma igreja de S. Medardo, encontrei um sacerdote novo, compassivo e fraternal, o P. Ménard, que me reconciliou com a Igreja. Mais tarde, conheci lá outro santo e venerando sacerdote, o P. Villaume. Tornou-se o meu director e meu querido Padre espiritual, cuja poderosa protecção, lá do céu, sinto agora contìnuamente. A segunda comunhão recebi-a, como a primeira, no dia de Natal, a 25 de Dezembro de 1890, em Notre-Dame.

http://www.obrascatolicas.com/

UMA AMIZADE DE POETAS E UM AUXÍLIO NA MISÉRIA ESPIRITUAL

Francisco Jammes
FRANÇA

Hasparren. Poeta da graça e da amabilidade humana. Os seus romances adquiriram grande voga na Alemanha. Devem citar-se, entre eles, «Le roman du lièvre» e os romances de raparigas: «Almaide» e «Marie». Jammes converteu-se em 1905.

«Eu sou aquele que concede ao homem a sabedoria, e que ilumina a inteligência dos pequenos, melhor do que os homens com a sua doutrina...

Eu sou aquele que num momento exalta a alma do humilde tão alto, que ela penetra mais profundamente na verdade eterna do que se tivesse estudado durante dez anos nas escolas. Eu ensino sem ruido de palavras, sem confusão de opiniões, sem ostentação, sem argumentos nem disputas...» (Imitação de Cristo, III, 43; 2,3).

A mais miserável, a mais obscura de todas as conversões é a minha. Não me aproximei do Senhor com flores de alegria nas mãos e cantos doces como o mel nos lábios. O meu caso pessoal foi o de uma criança sombria que sente uma vertigem, perde o equilíbrio e de repente vê o ramo que da margem se estende e se agarra a ele. Aquele

http://www.obrascatolicas.com/

ramo que a donzela estendeu à menina que estava prestes a afogar-se na torrente de Bétharram. — Tinha eu bebido de certas fontes e comido de certos frutos. Ultrapassei os limites que são impostos ao homem. Invadiu-me uma tristeza e uma espécie de noite pesava sobre mim, porque não compreendia que se pudesse, ao mesmo tempo, praticar o mal e pedir a Deus o bem inefável das suas contínuas graças.

Recordo-me bem como um dia me encontrava de cama, doente no corpo e na alma, humilhado, lamentàvelmente neurasténico. Quando, após vinte minutos, me levantei daquele abatimento, disse com voz sufocada pelas lágrimas: «Tem de ser verdadeira, ou então absolutamente nada é verdadeiro».

Quem é que «tinha de ser verdadeira»? A Igreja Católica, apostólica e romana. Paulo Claudel, o meu segundo anjo da guarda, tinha começado novamente, a despeito dos mares que nos separavam, a instruir-me sobre ela.

Naquele domingo, levantei-me para ir à Catedral de Bordéus, chorar durante a Missa. Mas, no mais profundo do meu ser, começou a levantar-se uma alegria. Seria possível que o homem se sentisse inundado de tal felicidade? Pela primeira vez notava eu, pagão como era, — como direi? — o movimento que Deus realizava no desterro do meu abismo. A Ti, ó Pai, Te conheci primeiramente!

Mas tinha de vir a prática, para que a luz celeste da graça penetrasse com o seu esplendor pelas gretas da massa de terra que eu sou. Assaltaram-me terríveis escrúpulos de consciência; tão grandes que cheguei a duvidar se a confissão e a comunhão me seriam possíveis.

http://www.obrascatolicas.com/

Mas, um dia, cheguei a esta conclusão: «É impossível que Deus impeça um homem, que por Ele anseia, de se unir a Ele!» E então decidi-me, depois de me ter aconselhado, a caminhar sobre espinhos e serpentes, e, como um peregrino angustiado, pedi a Nosso Senhor Jesus Cristo que me contasse como merecimentos aquelas provas espirituais, cujo aproveitamento impedem tantos sacerdotes ignorantes.

Estou ainda a ver o modesto aposento em que o P. Miguel ouviu a minha confissão e me deu a comunhão, a 7 de Julho de 1905. Claudel ajudou à Missa; o seu rosto iluminado inclinava-se sobre os vasos santos. Lembro-me da minha melancolia: uma pequena vinha com um pomar, uma planta odorífera.

Tu bem o sabes, querido pai espiritual, e tu também, irmão, que naqueles dias grandes e ardentes que precederam o Corpo de Deus, regressaste da China! Vós sabeis que me fortaleci. Vós sabeis que continuei a trabalhar sem perplexidades na minha tarefa, quando tanta fraqueza gritava sobre a minha humilhação. Vós sabeis que o Salvador, o das bodas de Caná, me abençoou; que levantei a minha tenda, que abri uma casa, que pus a minha morada à sombra de Deus, com quatro filhos, o último dos quais se chama Paulo, teu afilhado, Claudel!

http://www.obrascatolicas.com/

O SECRETÁRIO GERAL DOS COMUNISTAS ESPANHÓIS

Henrique Matorras
ESPANHA

Madrid. Antigo secretário geral da junta central das juventudes comunistas de Espanha. Regressou em 1934 ao seio da Igreja Católica. A seguir, publicou na imprensa uma retratação do comunismo e um apelo aos antigos camaradas para que lhe seguissem o exemplo.

Como filho da classe operária — meu pai era carteiro e minha mãe provinha do campo — fui, desde criança, obrigado a trabalhar. Ao abandonar o internato aos 11 anos, coloquei-me como vendedor de jornais e lotaria no Café Oriente em Atocha (Rua de Madrid). Ao iniciar a minha vida de trabalho, possuía eu uma cultura superior à da maioria dos filhos de trabalhadores da mesma idade. A minha educação, que devo aos Irmãos das Escolas Cristãs, tinha-me fornecido uma boa instrução elementar. Ao lado de uma boa orientação cristã, teria sido para mim uma verdadeira bênção. Quando ela me faltou, só serviu para aumentar o meu mal. O trabalho diário era duro. Desde as 8 da manhã até às 11 da noite via-me exposto

http://www.obrascatolicas.com/

às inclemências do tempo, e era obrigado a apregoar jornais e revistas.

Susceptível como era, isto despertou em mim um grande descontentamento. Comparava a minha vida com a de outros rapazes que via passar na minha frente, em direcção à Faculdade de Medicina próxima, e a minha razão revoltava-se e dizia-me que não era justo. Este sentimento despertou em mim o desejo de mais cultura, de mais ciência, de poder um dia seguir um curso como eles.

A partir daquele momento, entreguei-me intensamente à leitura. Lia tudo: jornais, romances, tudo quanto me vinha parar às mãos. Naturalmente, uma leitura assim não me fazia bem, e um dos seus primeiros efeitos foi o de fazer-me perder a fé que, segundo eu julgava, me tornava escravo da injustiça social.

Os anos decorreram entre contínuos esforços para tomar parte em conferências de todas as espécies e matizes, para devorar todos os livros possíveis e frequentar toda e qualquer reunião onde pudesse aprender qualquer coisa de novo. O resultado foi uma completa confusão do meu mundo de ideias. Ao mesmo tempo começava em Espanha a intranquilidade política que precedeu a queda do ditador Primo de Rivera, e este movimento aumentou mais ainda a minha inquietação. Nesta altura, ocupava vários cargos. Mas — a dizer a verdade — se bem que frequentasse uma escola para conseguir conhecimentos de guarda-livros e outras actividades comerciais, contudo, dedicava maior interesse à política do que ao meu trabalho. Quando finalmente, em Dezembro de 1930, rebentou a revolução, decidi-me a ingressar nas fileiras comunistas.

http://www.obrascatolicas.com/

Já no Outono anterior entrara em contacto com um grupo de revolucionários editores de uma revista intitulada «Rebelión». Esta revista, embora não declarasse abertamente o marxismo, representava, todavia, uma forte tendência materialista. Colaborava nela diligentemente, e fornecia principalmente artigos contra a Igreja e a religião.

O meu ingresso oficial no partido comunista realizou-se em Dezembro de 1930. Depois de ter sido, durante alguns dias, membro de uma «célula», fui nomeado, pela suprema junta directiva, membro do comité central da juventude comunista. Não é preciso dizer que, desde então, as minhas leituras favoritas eram as obras de Marx, Engels, Lenine, Bucharin, Estaline, etc. Dediquei-me com todas as forças ao trabalho da organização. Em Abril de 1931 proclamou-se a República, e, pouco depois publicou a organização da juventude a sua revista «Juventude Roja». Nomearam-me membro da redacção e administrador. Além disso, exercia, à cabeça do comité madrileno, uma viva actividade.

Não desejaria espraiar-me aqui sobre todos os actos revolucionários que naquela altura impulsionaram o comunismo espanhol. Durante uma das tais tentativas de formação de «células» — numa caserna — fui preso e levado a um tribunal militar. A detenção, que aproveitei como oportunidade para descansar, estudar e meditar, apenas serviu para fortalecer os meus propósitos revolucionários. A prisão serviu-me de casa, escola, santuário, de tudo. Tive de ficar ali seis meses. Ao ser posto em liberdade, publicava-se já o órgão central do partido, «Mundo Obrero». Fui nomeado redactor, cargo em que não fiquei

http://www.obrascatolicas.com/

muito tempo, porque, a 22 de Janeiro de 1932, o jornal foi proibido pelo governo, devido à sua propaganda revolucionária, e deixou de aparecer.

Por essa altura adoecera Etelvino Vega, até então secretário do comité central da juventude comunista. Para lhe evitar a detenção e, ao mesmo tempo, para restabelecer a saúde, enviaram-no para um sanatório da Rússia. Fui então nomeado secretário geral.

Posso dizer que, desde então, com a minha actividade à cabeça da organização nacional da juventude comunista de Espanha, tomei também a responsabilidade de todo o movimento. Mas, justamente na medida em que a minha actividade se tornava mais intensiva, começavam também as desilusões a deprimir-me o espírito. A vida privada dos funcionários, dos emissários da Internacional, dos altos meios comunistas, desiludiu-me. Pude verificar, com os meus próprios olhos, que pouco lhes interessava a libertação do proletariado e os direitos dos trabalhadores. O que sempre lhes merecia interesse eram as suas próprias vantagens. Mantive-me, porém, fiel à teoria, porque, dizia comigo mesmo, os erros e as fraquezas que via eram próprios da essência humana, mas a ideia, o marxismo em si, permanecia sempre puro e imaculado. Todavia, para dominar a minha desilusão, dediquei-me, mais do que nunca, à actividade da organização. Este zelo levou-me várias vezes à cadeia, e deu-me força para suportar todas as fadigas possíveis, não só fome mas também viagens por todos os caminhos de Espanha, de um extremo ao outro. Tudo suportei com entusiasmo e fé. Estava firmemente convencido da vitória do proletariado por meio da

http://www.obrascatolicas.com/

revolução, e de que então todos os males da sociedade se curariam. Trabalhava sem descanso. Não haveria, então, em toda a Espanha, nenhuma publicação comunista que não trouxesse o meu nome ao fundo de qualquer artigo. Nos comícios, os meus discursos impeliam vagalhões de ódio.

E, todavia, a minha alma, jovem e irrequieta, precisava de qualquer coisa de mais alto. Anciava por defender qualquer coisa de nobre, por lutar por um alto ideal. Mas tudo o que então a rodeava era demasiado baixo. E assim, brotou no meu coração uma crise moral que frequentemente me conduzia a um estado de completa melancolia. Procurei um narcótico onde esperava encontrá-lo: na mulher. Travei estreita amizade com uma camarada comunista e tive a grande felicidade de me fundir com ela numa harmonia espiritual. Tivemos uma filhita. E, contudo, também isso me não satisfazia. O meu coração doente queria outra coisa, mais espiritual, mais elevado que tudo aquilo.

Novamente caí na minha crise espiritual. E, com ela, naquele estado em que tudo me era indiferente. Sob o pretexto de me sentir cansado, afrouxei no meu ardor pelo comunismo. Buscava, agora, remédio nas diversões; a elas me entregava sem limite. O resultado era sempre o mesmo: cada vez mais deserto aquele íntimo vácuo, cada vez mais negra a noite da alma. Andava com receio de enlouquecer. O que eu amara na vida, o que me fora de impulso e incentivo, tudo, tudo absolutamente, fracassara.

Acalentara a esperança de que o materialismo histó-

http://www.obrascatolicas.com/

rico solucionaria a questão social. Via agora nìtidamente a sua impotência. O que se me deparava era uma sociedade arruinada, cheia de defeitos e vícios que eram justamente os que deveriam ser postos de parte. Via algumas camadas capitalistas que, cuidando apenas das suas vantagens se não interessavam, em nada, com a questão social e apenas concediam melhorias aos trabalhadores quando estes ameaçavam. Deparava-se-me um Estado que se julgava obrigado a servir incondicionalmente os interesses desta classe egoísta.

E nem o amor pela mulher e pela filha, no qual me precipitava qual oceano comprimido, por mais firme e puro que fosse, conseguia preencher o mais íntimo da minha alma. E embora esse amor fosse belo — persistia o vácuo tedioso do meu ser.

Havia momentos em que me parecia não valer a pena viver numa época tão vazia de sentido, e julgava preferível pôr fim a tudo e libertar-me das torturas que me dilaceravam.

Mas um dia, quando, em pensamentos absorto, caminhava sòzinho por um dos parques de Madrid, encontrei um velho conhecido, já não me lembro se do Internato se da venda de jornais. O certo é que, no decorrer da conversa, vim a saber que ele se tornara espirita, e fui convidado a tomar parte numa sessão. Devo confessar que o espiritismo me parecera sempre altamente ridículo, mas, para passar o tempo, aceitei o convite. Como era de esperar, não assisti a nada de surpreendente, mas apenas a coisas absolutamente grotescas, que serviram para me divertir; todavia, deram-me uma brochura de Allan

http://www.obrascatolicas.com/

Kardec, resumo da sua teoria, que já me era conhecida. Nela se falava de «Deus». Esta palavra despertou em mim inúmeras recordações... A escola, a igreja, as filas de alunos a irem ao domingo à missa da paróquia, — a primeira comunhão. Nestas evocações se passaram as últimas horas da noite, e a consequência foi o dirigir-me, na manhã seguinte, a um alfarrabista, em busca de uma Bíblia. para ler alguns passos. Para ser sincero, fi-lo mais por curiosidade do que por qualquer outro motivo. Nem por sombras pressentia que isso viria a ser o primeiro impulso para a minha conversão.

Comprei a Bíblia e comecei a lê-la. Não tardei a encontrar, entre os diversos passos do Evangelho, um relativo à justiça social. Li-o àvidamente, e quanto mais avançava na leitura tanto mais descobria horizontes até então desconhecidos. Continuei a investigar, e pensei então que talvez a religião cristã me pudesse dar a solução das minhas dificuldades, mas isso tornava-se para mim um grande problema. Encontrava-me ligado à minha companheira comunista, filha de um dos mais altos chefes do partido em toda a Espanha! E amava-a sinceramente. Para mais, tínhamos uma filhinha, que eu devia sustentar e educar. Tudo isso ocasionava dificuldades intransponíveis. Veio, então, uma ideia: aconselhar-me com um sacerdote. Mas com quem? Duvidava que me pudesse compreender. Receava que não quissessem saber de mim, e que respondessem às minhas perguntas com frases de carácter geral e não de modo concreto. Apesar de tudo, sempre me decidi. Lembrei-me de que na igreja paroquial de Santa Isabel e Santa Teresa, na qual eu recebera o

http://www.obrascatolicas.com/

baptismo e fizera a primeira comunhão, se encontrava ainda o mesmo sacerdote que me havia preparado para a comunhão, e fui procurá-lo.

Esta entrevista foi o princípio do fim. O sacerdote mostrou-me grande compreensão, prometeu dirigir-me na minha resolução e animou-me. Ele mesmo estava firmemente convencido de que as suas orações seriam ouvidas pelo Altíssimo. Demos, portanto, início ao seguinte plano: Todas as tardes eu comparecia, a uma hora determinada, na sacristia da nossa igreja paroquial, para conversar com ele, durante uma hora, sobre questões religiosas, e assim foram, pouco a pouco, postas de partes as minhas dúvidas acerca da Revelação. Teve tanto êxito a nossa discussão que, dentro de poucos dias, despertava já a fé no meu coração, e fiquei desde então firmemente convencido de que tudo se havia de arranjar. Esta evolução da minha alma, anteriormente tão fria e estéril, e agora, tão cheia de calor e fertilidade, enchia-me de júbilo.

O meu director espiritual aconselhou-me a que investigasse, prudentemente, as disposições da minha companheira, para conhecer a sua atitude. Além disso recomendou-me que rezasse a Jesus Crucificado, com todo o ardor do meu coração, para que solucionasse as minhas dificuldades. Assim fiz. E, poucos dias depois, conseguia já que a minha companheira fosse comigo à igreja a tomar parte na instrução religiosa.

O assunto que me ocupava continuava a progredir a tal ponto que agora, postos de parte todos os impedimentos, já o casamento religioso não ofereceu quaisquer dificuldades. Não deixei, todavia, de negar a minha aprovação

http://www.obrascatolicas.com/

à injustiça social, e busquei, por isso, uma solução compatível com a religião, que pudesse proteger o direito dos oprimidos contra a exploração dos poderosos. Confiei também estas dúvidas ao meu director espiritual, e também neste caso, obtive a devida solução. Encontrei, enfim, na doutrina social católica a fonte em que pude saciar a minha sede e o meu deesjo de libertação dos oprimidos. Via agora claramente que se continha nela a mais viva condenação e o mais terrível anátema contra a exploração do trabalhador.

Tudo agora decorria suavemente. Também a minha companheira se converteu e consentira no casamento. Casámos a 11 de Maio de 1934 e ,no mesmo dia, foi baptizada a nossa filhinha de 13 meses de idade.

Já estava arrumada a parte espiritual. Restava agora arranjar oportunidade de actuação para a minha ânsia de lutar activamente pelo novo ideal. Nas fileiras do sindicalismo católico encontrei satisfação para este impulso, e logo no dia 16 do citado mês de Maio publiquei na imprensa uma declaração, em que me retratava dos meus velhos erros e convidava os meus camaradas de outrora a seguir-me o exemplo. Ao mesmo tempo, anunciava a minha entrada nas fileiras do movimento católico dos trabalhadores. Assim procedi; e desde então, é cada vez maior o meu entusiasmo e a convicção de que é este o único caminho de salvação para a humanidade e para a classe operária.

Quando, hoje, evoco o meu passado inquieto, e penso nas massas operárias, afastadas da fonte da vida, e quando vejo as estradas da minha pátria tintas de sangue

http://www.obrascatolicas.com/

vermelho, por causa daquelas ideias que eu outrora também propaguei — sinto a compaixão e a tristeza a invadir-me o coração. Porque a maior parte destes trabalhadores, que o ódio marxista impele ao assassínio e à morte, encontra-se indubitàvelmente seduzida e iludida. No fundo, são bons. Além disso, as suas exigências são, em parte, fundamentadas na justiça social, e não é lícito olvidá-lo. A sua vida miserável, de que são culpadas as classes superiores, leva-os a actos de desespero cujas primeiras vítimas são eles mesmos. Em face desta trágica situação, desta comovente tragédia social, impõe-se perguntar se a maior responsabilidade não reside talvez nas camadas sociais de maior relevo, que não cumpriram o seu dever, que utilizaram a propriedade como instrumento absoluto, com o qual descarregaram os seus golpes para a sujeição dos fracos. — Esta é que é a verdade. E nós, católicos, devemos enfrentá-la de ânimo forte, e não evitar tìmidamente todo o combate com ela! Nós, que conhecemos a situação, temos também de lutar para dominarmos a vida; nós, que temos a dita de conhecer a integridade da mensagem de Cristo, devemos, também, sem temor de oposições, de preconceitos e, se necessário for, de perseguições, levantar a voz e condenar corajosamente a injustiça, exigindo respeito pela dignidade do trabalhador!

http://www.obrascatolicas.com/

RELIGIÃO — ATRAVÉS DO AMOR PÁTRIO [1]

Ramiro de Maeztu
ESPANHA

Madrid. Notável como ensaista, conta-se entre as maiores figuras da cultura espanhola. Foi colaborador activo de vários jornais ingleses e espanhóis, e de entre estes o «A. B. C.» (Madrid) e «Las Provincias» (Valência). Combateu a corrente liberal que pretendia europeizar a Espanha. Foi um dos fundadores, em 1932, da revista histórico-política e histórico-filosófica «Acción Española», da qual foi redactor. Dos seus livros devem mencionar-se «La Crisis del Humanismo» e «Hacia otra España». Durante a ditadura, Maeztu esteve na América do Sul como enviado especial do governo espanhol. Foi deputado e a alma da «Renovación Española» (partido para a renovação da Espanha», e também membro da Academia das Ciências, de Espanha. Morreu assassinado pelos vermelhos durante a guerra de Espanha.

Não creio que me possa chamar, rigorosamente, um convertido, porque nunca se romperam de todo os laços que me uniam à Igreja. Verdade é que, com os extravios

---

(1) A presente exposição é traduzida directamente do original espanhol. — (N. do T.).

http://www.obrascatolicas.com/

da adolescência, surgiram em mim as primeiras dúvidas, e que, durante muitos anos, não busquei quem mas esclarecesse. Perguntava a mim mesmo porque teria Deus criado o demónio, e não conseguia resposta satisfatória. Também é certo que na minha vida de escritor, consagrado quase exclusivamente ao problema da minha pátria espanhola, que foi grande e decaíu mais tarde, sem que até agora se hajam dilucidado claramente as razões da sua grandeza e da sua decadência, pensei, durante muitos anos, e penso-o ainda de certo modo, que os espanhóis dos séculos XVI e XVII sacrificaram à glória de Deus e da Igreja os interesses imediatos da pátria. Apesar deste começo de possível conflito entre a minha religião e o meu patriotismo, dificilmente se encontrará, entre milhares e milhares de artigos que durante quarenta anos dei à publicidade nos jornais, qualquer passo contrário às doutrinas da Igreja. Defendi até, pelo menos incidentalmente, as ideias e os sentimentos cristãos em todos os períodos da minha vida. Se lembro um artigo de 1901, é porque então o povo de Madrid se deixou acometer por um dos acessos de anti-clericalismo, dos quais teve de sofrer durante todo o século XIX. Vários acontecimentos concorreram para o êxito de um drama anti-religioso chamado «Electra», do nosso grande novelista Galdós. Fui um dos jovens escritores que irromperam pelo palco do Teatro Espanhol para aclamar o autor. Mas, para mostrar que tal atitude não nascia de anti-clericalismo, mas simplesmente do respeito literário por Galdós, escrevi e publiquei naquelas semanas o elogio das jovens que preferiam a vida do claustro à vida do século, tese antagónica da defendida em «Electra».

http://www.obrascatolicas.com/

Se não se romperam totalmente os laços que me uniam à Igreja, isso deve-se, em parte, à influência de três pessoas: a primeira o P.e Emetério de Abechuco, pároco da igreja de S. Miguel, em Vitória, onde fui baptizado, e que me preparou, de modo muito especial, para a primeira comunhão, fazendo-me ir a sua casa, à tarde, para me explicar, pormenorizadamente, os dogmas da Igreja. A lembrança do P.e Emetério, altíssimo e ascético, ossudo e grave, amigo dos livros e muito caritativo, fixou-se no espírito como modelo de rectidão e de bondade. A segunda pessoa foi uma criada de Guipúzcoa, Madalena Echevarría, que viveu em nossa casa quarenta anos; tratava-nos por tu a todos os pequenos, e era tratada na terceira pessoa por nós que a respeitávamos como a uma segunda mãe; porque, coisa curiosa, aquela mulher, sem ter aprendido a ler e escrever, nem sequer a falar bem o castelhano, era clarividente em questões de moral, desvelava-se pela nossa família, e se bem que só ùltimamente cheguei a compreender como o seu génio moral se devia à intensidade de vida religiosa, sempre a tivemos por santa ou pouco menos, e parecia-nos o protótipo da abnegação. A terceira, Manuel de Zurutuza, que foi meu amigo de infância e em quem admirava o penetrante juízo e o proceder de cavalheiro cristão, a primeira pessoa que me mostrou pràticamente a possibilidade de conciliar a inteligência com a fé. Deve aqui observar-se que, no último quartel do século passado, imperava, no norte de Espanha, o preconceito de que as pessoas inteligentes eram pouco piedosas, e as piedosas, pouco inteligentes. Creio que a lembrança destas três almas crentes e queridas teria bastado para me afastar

http://www.obrascatolicas.com/

da tentação materialista de negar a existência do espírito; mas permanecia afastado da Igreja, porque não descortinava quais os seus remédios para os males da minha pátria. É ainda muito provável que, se não tivesse iniciado o estudo da Filosofia, jamais houvesse perguntado, sèriamente, a mim mesmo, se era ou não católico, porque o jornalismo é dispersão de alma, e à força de me ocupar todos os dias com temas episódicos, ia passando o tempo sem que me fosse dado reflectir sobre os problemas capitais da vida. Foram-me necessários cerca de vinte anos para achar o caminho que Santo Agostinho percorreu num voo, em dez minutos.

A primeira filosofia que estudei foi a de Bento Croce. Foi em 1908. A sua Filosofia do Espírito afastou-me da fé. No sistema de Croce, todo o Universo é espírito, e o espírito não necessita mais que liberdade para passar da teoria à prática, e desta novamente à teoria; da estética à lógica e da economia à ética; e progredir contìnuamente e desenvolver-se até ao espírito. A conclusão prática que extraí de tudo isto foi que conservadores e reaccionários não são mais que a resistência da matéria à marcha do espírito. Mas, como Croce não me ensinava o que é a matéria, nem sequer admitia, salvo indirectamente, a sua existência, tive de procurar outro sistema capaz de me tirar da minha perplexidade; e assim se passaram alguns anos até verificar que, para «libertar» o espírito, se torna muito conveniente disciplinar a vida prática.

É estranho o facto, mas devo a Kant, cuja filosofia comecei a estudar na Alemanha, em 1911, o alicerce ina-

http://www.obrascatolicas.com/

balável do pensamento religioso. Sei que Kant inundou o mundo de cépticos, com a doutrina de que Deus, a imortalidade da alma e o livre arbítrio são postulados indemonstráveis da razão prática. Sei também que foi a lógica de Kant que criou no mundo a confusão entre espírito e não-espírito; mas o que a mim me ensinou precisamente foi que o espírito não pode proceder do não-espírito. O que me surpreendeu na sua filosofia não foi tanto a tese de que os juízos sintéticos *a priori* não poderiam ser válidos se não houvesse categorias de pensamento que são, ao mesmo tempo, categorias de ser; mas antes a própria existência de juízos sintéticos *a priori*, o facto de $2 + 2 = 4$ ser um juízo sintético *a priori*, isto é, o facto de que a matemática e a lógica não sejam, nem possam ser, reflexc da natureza material, mas sejam, e tenham de ser, criação do espírito. Ao certificar-me disso, tive de dizer-me a mim mesmo que o espírito é original, e não derivado da matéria. Assim me purifiquei, para sempre, de todos os restos de doutrinas darwinistas que em mim permaneciam, se bem que, a falar verdade, nunca tivesse estudado o darwinismo: havia-o como que respirado na atmosfera da época em que vivia. Tudo o mais que aprendi em Kant me pareceu trivial ao lado destas consequências decisivas: não sei, nem me importa, se o corpo do homem procede do macaco, mas tenho a certeza de que o espírito não pode provir senão do espírito. Esta verdade parecerá muito elementar a pessoas espirituais e habituadas à reflexão, mas estou certo de que se se repetisse e propagasse, suficientemente, não haveria tanto incrédulo entre as pessoas

http://www.obrascatolicas.com/

educadas dos países latinos, porque, entre nós, incredulidade e materialismo costumam ser uma e a mesma coisa.

A moral de Kant e o seu imperativo categórico: «Procede de tal maneira que a máxima do teu procedimento possa também valer como lei universal», não me seduziram, nem muito nem pouco. Em primeiro lugar, porque é evidente que nem todas as normas da natureza, por exemplo, que o peixe grande devora o pequeno, podem converter-se em máximas de moralidade; além disso, porque é corrente entre pessoas depravadas a tendência para inocular noutras as suas depravações, donde se vê que a universalidade não constitui, por si mesma, critério de bondade. Por outro lado, não podia contentar-me com a moral moderna dos homens, e dedicar-me, como os socialistas, a torná-los felizes num mundo melhor, sem cuidar de melhorá-los prèviamente. Porque é evidente, em primeiro lugar, que toda a melhoria permanente dos serviços públicos dependerá das virtudes cívicas dos funcionários que os administrem, em segundo lugar porque também a experiência histórica nos ensina que os homens tendem a piorar quando melhoram as condições de vida, a não ser que uma educação severa mantenha e reforce as suas virtudes, ou a própria disciplina social a isso os obrigue. É preciso dar de comer a quem tem fome. Não há dúvida; mas o mais importante não é melhorar o mundo, mas melhorar os homens, torná-los mais fortes, mais inteligentes e mais íntegros.

Ainda mais estranho é que eu deva a Nietzsche o meu afastamento dos utopistas e a convicção de que é preciso, para que os homens se aperfeiçoem, que se sintam

http://www.obrascatolicas.com/

de novo pecadores, como nos séculos de mais fé. Esta consequência das doutrinas de Nietzsche não despertou tanta atenção como o seu ódio ao Cristianismo e o seu conceito de super-homem, mas creio bem que, com o decorrer do tempo, Nietzsche há-de vir a ser considerado como um dos precursores de retorno dos intelectuais à Igreja. E merecerá, por certo, esta honra por ter sido o pensador moderno que com mais eloquência ensinou os homens a desconfiarem de si mesmos. Li Nietzsche por patriotismo. A depressão que senti em mim e em torno de mim durante os anos das guerras coloniais, terminadas em 1898 com a agressão dos Estados Unidos, que ao seu prestígio de potência invencível uniu a auréola de nação libertadora de povos oprimidos, fez-me sentir a necessidade que tínhamos de homens superiores. Homens superiores! O que a Espanha precisava era o que Nietzsche havia proclamado: «Eu aponto-vos o super-homem! O homem é qualquer coisa que deve ser superado. Que tendes vós feito para o superar?» E o que Nietzsche nos mostra é o mesmo que a Igreja nos vem dizendo desde sempre: «É preciso superar o homem, o pecador, em cada um de nós» (1). É verdade que Nietzsche acusa o Cristianismo de ter criado uma moral contra a natureza; mas, neste ponto, não me era possível seguir Zaratustra, pois tinha aprendido com Kant que os juízos sintéticos *a priori* não provêm da natureza mate-

(1) O autor concede uma interpretação católica aos duvidosos conceitos de Nietzsche, e atribui-lhes um sentido cristão que eles não contêm. Nietzsche é hoje, de novo, o adversário mais vivo do Cristianismo. (Nota da edição alemã).

http://www.obrascatolicas.com/

rial, porque não procedem da experiência, e daí concluí que o reino do espírito não é natureza, a natureza dos materialistas, mas super-natureza. Por outro lado, Zaratustra não me dizia o que era o super-homem, e tive de o procurar noutros modelos.

Os Evangelhos sempre me tinham dado a impressão de um livro aparte. Como nós, escritores, somos inclinados à vaidade, afigura-se-nos que nos nossos melhores momentos, seríamos capazes de escrever uma página como Platão, ou Shakespeare, ou Cervantes. O nível dos Evangelhos, porém, sempre me parecera inatingível. O que neles se diz é o que deveria dizer-se em cada instante, e o que nunca, afinal, me ocorreu. E, além disso, dizem-no exactamente como deve ser, porque o ideal literário não consiste em expor de modo complicado as coisas simples, mas em exprimir as coisas mais subtis com as mesmas palavras que os filhos ouvem dos lábios da mãe. Nosso Senhor fala aos homens como um pai a seus filhos, e refere-lhes as coisas mais profundas, as profecias mais remotas, as mais inesperadas revelações de seus pensamentos mais íntimos, já em conceitos directos como espadas, já em parábolas extraídas das ocupações quotidianas de um povo simples de lavradores. E nunca ninguém escreveu melhor do que os quatro discípulos ao registarem as palavras do Mestre. Mas a figura de Homem que nos apresentavam não é menos importante que o que nos dizem. E já nisso mesmo nos mostram o sábio e o profeta, o moralista e o vidente.

Nos seus actos, pelo contrário, revela-se-nos não só um poder muito superior ao nosso, mas também uma disciplina ou domínio daquele Poder, que fazem de Jesus o

http://www.obrascatolicas.com/

melhor «mestre de energia», como se dizia há trinta anos. Um gesto seu é suficiente para expulsar os vendilhões do templo, e a cada momento sentimos que, se quisesse, poderia acabar com Pilatos, Caifás e Herodes. Mas que se domina, porque não veio ao mundo para isso, mas para ensinar que Deus é amor. É o que impede que sintamos a cada momento aquela omnipotência que, com tão admirável perícia, Mestre Mateus soube exprimir no Pórtico da Glória da catedral de Santiago. Que melhor escola de energia do que essa constante contenção do poder?

Já convencido de que o tipo moral do homem devia buscar-se no Evangelho, passeava ociosamente pelas ruas de Londres quando, uma tarde, descobri na fachada de uma capela protestante, creio que baptista, uma inscrição que dizia: «All foreigners are welcome» (Todos os estrangeiros serão benvindos). Passaram-se vinte e cinco anos desde então. O abalo que essas palavras me causaram dura ainda. A ideia de ser estrangeiro numa casa de oração repugnou-me tanto que creio se tornou decisiva na minha vida. Já me dava conta de que o convite se inspirava no melhor dos propósitos. Provàvelmente tratava-se de uma pequena seita desejosa de aumentar; mas a um espanhol nunca ocorreria convidar estrangeiros, nem estranhos, a entrar num templo, porque não há estrangeiros para a catedral de Burgos. Anos mais tarde pude certificar-me de que a América foi descoberta porque os espanhóis julgavam que os habitantes das terras desconhecidas, cujos caminhos andávamos buscando, podiam converter-se e salvar-se do mesmo modo que nós. Se o Padre Francisco de Vitória criou o Direito internacional,

http://www.obrascatolicas.com/

foi também porque a sociabilidade universal dos homens era o fundamento de todo o seu sistema jurídico. Se o Padre Lainez, segundo geral dos jesuítas, conseguiu em Trento que fosse repelida a «justitia imputata» que propunha o agostinho Seripando, foi pela sua ardente convicção de que os meios de justificação que Nosso Senhor nos proporcionara eram suficientes para a salvação de todos os homens que os quisessem aproveitar. Todavia, ainda há alguns anos dizia o Padre González Arintero, o mais sábio dos nossos místicos, na sua obra fundamental: «Não há proposição teológica mais segura do que esta: a todos sem excepção se lhes concede — mais cedo ou mais tarde — graça suficiente para a salvação». Era, pois, toda a tradição do catolicismo espanhol que se revolvia dentro de mim mesmo contra a ideia de me considerar estrangeiro num templo. Nessa altura, ainda a não conhecia, mas a herança nacional fazia-ma sentir.

Por aqueles anos entrei em relações com uma série de homens preocupados com temas afins aos meus, os quais exerceram em mim considerável influência. T. H. Hulme, morto na guerra, havia-se dado a conhecer, sendo estudante, com uma conferência, em Cambridge, em que manteve a tese de que os românticos são pessoas que negam o pecado original e imaginam os homens quais reis encarcerados que receberão o trono logo que sejam postos em liberdade; sustentava que a arte e o pensamento se tinham esterilizado por causa do naturalismo e do subjectivismo. Projectava uma polémica de muitos anos, a fim de restaurar os princípios do classicismo cristão, em filosofia e na moral. Era grande entusiasta da doutrina ética de

http://www.obrascatolicas.com/

Mr. G. E. Moore, por este ter restaurado a crença na objectividade de Deus em face do relativismo dos modernos. Mas Hulme não influíu em mim apenas pelas suas ideias, mas também pelo seu proceder. Duas vezes voluntário de guerra, primeiramente ferido no campo de batalha, e depois morto, ensinou-me com o exemplo que a devoção cívica e o valor guerreiro são virtudes de caridade e de espírito, a sobreporem-se às fraquezas da carne.

O arquitecto Artur G. Penty, o homem, depois de Guilherme Morris, que mais tem feito por tornar simpáticas as coroações medievais e as ideias da Idade Média sobre o justo preço, ensinou-me a necessidade de restaurar a supremacia do espírito sobre o culto supersticioso da máquina, ao qual confia o homem moderno as esperanças de um mundo melhor. O barão von Hügel, que me levou a ingressar na Sociedade Londrina para o Estudo da Religião (London Society for the Study of Religion), mostrou-me a possibilidade de conciliar a mais absoluta tolerância, em todo aquele que sinceramente professa uma ideia, com a piedade mais exaltada. A Sociedade reunia-se uma vez por mês para discutir algum tema teológico do ponto de vista da religião de cada uma das pessoas reunidas (cerca de quarenta, entre católicos, anglicanos, dissidentes e judeus, dos quais metade frequentava as reuniões). Era costume o barão tomar a palavra, depois de cada conferente, para expor as suas ideias. Em todas as ocasiões em que pude ouvi-lo, adoptava von Hügel o ponto de vista do conferente e defendia-o com calor, para mostrar em seguida a necessidade de um critério complementar contrário e explicar como na religião católica se harmoni-

http://www.obrascatolicas.com/

zavam um e outro num ponto de vista superior. Dava-me a impressão de uma inesgotável fonte de sabedoria, liberdade de espírito, caridade intelectual e fé viva.

Naqueles anos procurava eu explicar a mim mesmo os dogmas fundamentais da nossa religião, não com a pretensão ridícula de esclarecer os mistérios, mas com aquela outra, razoável e recomendada por Pascal, de que com esses mistérios se esclareceria o meu conceito do mundo. Ao estudar, por exemplo, os métodos da filosofia e da economia, deparou-se-me que os autores se debatiam sobre a maior ou menor excelência do teórico (dedutivo), do histórico ou genético e do axiológico ou valorativo; e cheguei à conclusão de que todos três eram necessários e inseparáveis, se bem que distinguíveis. Com efeito a economia ou a filosofia estudam-se pelo valor que têm para o homem; mas, para poder avaliá-las, é necessário distinguí-las de outras ciências, e tanto os motivos que nos levam a estudá-las, como os problemas dessas ciências, se põem de um modo histórico. Tornou-se-me, então, evidente que o ser histórico das coisas do espírito se une inseparàvelmente à sua essência e à sua valoração. Foi esta a minha primeira aproximação do mistério da Santíssima Trindade. A segunda foi mais directa. Ao dar um pouco de ordem ao seu sistema de valores, verifiquei que todos os que o homem estima em alguma coisa podem classificar-se em três grupos fundamentais: o poder, o saber e o amor, porque neste se incluem todos os chamados valores estéticos. A análise destes três grupos de valores mostrou-me também que, se são fàcilmente distinguíveis, são, em rigor, inseparáveis. O poder, por exemplo, além de

http://www.obrascatolicas.com/

poder há-de ser poder de saber e poder de amor, porque, quando se converte em poder de ignorância ou de ódio, destrói-se a si mesmo. Outro tanto se diga do saber e do amor. Mas Deus, o Bem, é a unidade absoluta do poder, do saber e do amor. Sobre a porta do inferno lera Dante:

> Fecemi la suprema potestade,
> La somma sapienza, il primo amore.

E assim, quando Arintero me ensinou que o Pai é a personificação da fortaleza, o Filho da verdade e o Espírito Santo do amor, e que os pecados de fraqueza se dirigem directamente contra o Pai, os de ignorância contra o Filho e os de maldade contra o Espírito Santo, verifiquei que as minhas próprias especulações me tinham levado à mesma doutrina.

Ao culto da Virgem não me impeliram razões intelectuais, mas exigências do coração. Sempre me pareceu lógico que a Encarnação preparasse o seu advento purificando o caminho e escolhendo para isso uma mulher imaculada e livre do pecado original. Porém, a necessidade de Lhe dirigir as minhas orações não brotou deste pensamento, mas das chamas e do rescaldo das minhas próprias paixões. Quando delas se recolhe, como é inevitável, a amargura de um grande desengano, torna-se necessário algum estímulo ou consolação que nos faça esquecer da queda, sob pena de degradação definitiva. Nada há comparável ao influxo que em tais casos pode exercer em nós uma sombra branca, uma beleza moral pura que nos redima, ao recordar-nos que também somos seus, que não nos deixe cair sem nos repreender e nos envergonhar da

http://www.obrascatolicas.com/

nossa queda, e que conserve em nós o respeito pelo ideal, até que venha finalmente, na hora da morte, cerrar-nos os olhos. Quando se pensa no que significa, na hora da desolação, uma figura que encarna a pureza, compreende-se melhor o que representava, para homens vigorosos, como os soldados e marinheiros da Espanha de outrora, o culto da Virgem; escudo que os protegia contra a degradação da voluptuosidade, porque nela o espírito se consagra a idealizar os prazeres mais baixos. Contra esta degradação se compôs há mil anos, em Espanha a Salve Rainha, a oração mais doce que pode sair dos lábios dos homens.

A questão dos milagres nunca me preocupou grande coisa, porque vivi numa época que tinha deixado de acreditar no fatal determinismo das leis naturais. Para os espíritos reflexivos pode dizer-se que a região do milagre se estende a quase todo o Universo. A vida é um milagre; a alma, outro; a verdade, outro maior. Que nós, homens, comuniquemos uns aos outros os nossos pensamentos, que destes sinais, traçados sobre um papel, deduzam outros os mesmos conceitos, é coisa que, parecendo natural, é absolutamente misteriosa. E desde que se tenha compreendido a evidência quotidiana desta acção inexplicável do espírito sobre a vida e sobre a matéria, desaparece, em grande parte, a dificuldade em aceitar que Deus tenha querido mostrar sinais especiais da sua acção no mundo a almas escolhidas, para que dela dêem testemunhos. O outro dos assuntos que mais poderosamente me despertaram a atenção foi o do acerto, da segurança da Igreja em questões de doutrina moral, mesmo quaido dirigida por homens sujeitos a desenfreadas paixões. O Padre Arintero, na sua

http://www.obrascatolicas.com/

obra clássica «Desenvolvimento e vitalidade da Igreja», mostrou que tal acerto só é explicável por magistério infalível do Espírito Santo, que vai inspirando aos vários órgãos da Igreja o conhecimento proporcionado às exigências dos tempos e circunstâncias. Testemunho do mundo sobrenatural e guardião dos bons costumes na terra, permanente vigia do reino do espírito, a Igreja é, ao mesmo tempo, a melhor sentinela da tranquilidade, felicidade e progresso dos estados temporais, porque é ela que faz com que em todas as classes e regiões impere a ideia do direito. Ela consagra os reis e recorda-lhes o dever de protecção aos desvalidos, comunicando ao poder público simultâneamente uma força que modera os seus excessos e uma auréola carismática que contribui para o tornar respeitado. Não se limita a velar pela ordem, reprimindo as tendências depravadas do homem; também estimula todo o progresso ao fomentar as suas tendências superiores, e ao prender, com os laços do amor, as relações de governantes e governados, criando na sociedade e no Estado uma unidade harmónica, que constitui o segredo da sua força e da sua estabilidade. Pode haver outras religiões que sirvam o Estado tanto como a Igreja; mas ela é a única que não serve os Estados sem os sujeitar a um ideal superior ao seu próprio egoismo nacional. Por isso nenhum governo encontrou tão bons servidores como a antiga monarquia espanhola enquanto se manteve fiel ao seu ideal missionário. Mas quando se começou a pensar que a Espanha se tinha sacrificado excessivamente pela Igreja, apareceram ao mesmo tempo os espanhois que julgaram haver trabalhado demasiadamente pela Monarquia e pela Espanha.

http://www.obrascatolicas.com/

Assim, voltamos outra vez a Espanha, nosso ponto de partida. No fim de tudo verifico que a minha pátria perdeu o caminho quando começou a afastar-se da Igreja, e não conseguirá encontrá-lo enquanto se não decidir de novo a identificar-se com ela na medida do possível. É muito verdade que nos séculos da Contra-Reforma sacrificou as forças à Igreja, mas esta é a sua glória e não a sua decadência. Deus retribui cem por um a quem o serve. Já nos havia dado, por o termos servido, o mais dilatado império da terra, e se o perdemos, após cinquenta anos de abandono aos ideais da Enciclopédia, devemos induzir que a verdadeira causa dessa perda foi o termos deixado de ser, de facto e de verdade, uma monarquia católica, para passarmos a um Estado territorial e secular como outros Estados europeus. Algumas vezes, no decorrer da minha vida, sobretudo nos anos em que residi no estrangeiro, assaltou-me o escrúpulo de não estar a fazer pela Espanha tudo quanto me era possível, e foi esta observação que me fez voltar à pátria quando tinha adquirido certo nome além fronteiras. Agora sinto a miúde o remorso de não dedicar à religião grande parte de tempo e de pensamento que dedico à pátria. O que me consola é ter verificado a profunda coincidência que une a causa de Espanha e a Religião católica. Foi o amor a Espanha e a constante obsessão do problema da sua decadência que me levaram a buscar, na sua fé religiosa, as raízes da sua pretérita grandeza. E, por sua vez, o reconhecimento de que essa fé era razoável e aceitável, e, não só compatível com a cultura e o progresso senão também sua condição e estímulo; o que me tornou mais católico e me deu novo impulso para melhor servir a minha pátria.

http://www.obrascatolicas.com/

QUANDO TEMOS DE DEIXAR AQUILO QUE MAIS AMAMOS

Prof. Dr. Everardo Backheuser
BRASIL

Rio de Janeiro. Professor de mineralogia e geologia na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, e Engenheiro-Chefe das Obras Públicas. É autor de várias obras sobre técnica, geologia e geografia, e membro da Academia das Ciências do Brasil.

Educado numa família de Catolicismo tíbio, não cheguei a receber, como os outros, a primeira comunhão, enquanto criança. Só cinquenta anos mais tarde comunguei pela primeira vez.

Todavia, na minha meninice era temente a Deus, como poderia demonstrar com muitos exemplos, e continuei a sê-lo até entrar na escola superior. Até à idade de 12 anos nunca me dirigia à Escola, sem primeiro rezar na igreja mais próxima. Não era simples hábito, mas sincera e singela religiosidade.

Havia de ser, porém, precisamente o Liceu, cujo limiar passei com os olhos em Deus, que me viria a roubar a fé.

Frequentei-o pouco depois da proclamação da República (1890-1896), numa má época de expansão da incre-

http://www.obrascatolicas.com/

dulidade, em que era moda exibirem-se os professores como ateus e ridicularizarem o Catolicismo. A teoria Kant-Laplace, tendenciosamente exposta na aula de geografia a crianças ainda em formação, trouxe-me a primeira dúvida sobre a origem divina do universo. Os princípios da física e da química, explicados segundo o espírito de Augusto Comte, certas hipóteses que o filósofo de Monpellier chama «causas primeiras», (vibrações do éter, existência do átomo, etc.) e as doutrinas lamarckistas e darwinianas, em zoologia e botânica, acabaram a obra destruidora que o professor de geografia tinha começado. Perdi a fé por completo. Quando adquiri o grau de bacharel, era materialista.

O curso superior de matemática e técnica reforçou o meu materialismo e, consequentemente, o meu ateísmo.

★

Levei este materialismo e ateísmo para a cadeira de mineralogia e geologia, que mais tarde ocupei na Escola Politécnica. Mais ainda: espalhei esta semente durante as minhas aulas, semeei-a nos meus alunos durante as prelecções, nos trabalhos práticos e no trato pessoal. Todo o mal, que os meus professores me tinham causado com as suas teorias, transmiti diabòlicamente aos outros, como que inebriado pelo prazer de inocular em outros o veneno.

Permaneci total e completamente materialista, até que uma reflexão mais atenta sobre as cadeiras de que me ocupava — física e ciências naturais — me fez duvidar do valor do materialismo. As explicações puramente ma-

http://www.obrascatolicas.com/

terialistas não satisfaziam a minha inteligência, visto se apresentarem defeituosas e cheias de lacunas. Apesar da manifesta insuficiência da filosofia ateia, repeli, contudo, quaisquer soluções que partissem da existência de Deus, e afastava-as de mim aprioristicamente, sem nada querer saber a seu respeito.

A esta época de dúvida, que se manteve durante algum tempo, seguiu-se a do desejo da fé: senti a necessidade da fé, quando descobri como eram felizes aqueles, que, à minha volta, acreditavam em Deus, e que nada sabiam das dúvidas que me torturavam. Todos os problemas sociais ou científicos se me convertiam em enigmas, cuja solução apenas se poderia encontrar numa causa final. Com os crentes já as coisas se não passavam assim, porque conheciam essa causa final. E enquanto me debatia deste modo com os meus pensamentos, o seu curso terminava numa incógnita, ao passo que os cientistas crentes possuíam um sólido ponto de apoio na «causa causarum», em Deus.

A despeito dos meus grandes desejos, a crença não chegava até mim. Continuava descrente.

Um dia, contudo, comecei de repente a acreditar.

Como? Ao contemplar uma paisagem que se oferecia ao meu olhar havia mais de quatro decénios: a da baía de Guanabara (isto é, do porto do Rio de Janeiro).

Logo depois da grande guerra andávamos, o P.e Pedro Sinzig O. F. M. e eu a preparar uma exposição de arte alemã. Embora, em matéria de fé, tivéssemos modos de ver completamente diferentes, ligava-nos, contudo, uma amizade mútua, porque ambos procurávamos acreditar

http://www.obrascatolicas.com/

a Alemanha aos olhos dos brasileiros, naqueles tristes tempos para a grande nação alemã. Um dia referi-lhe, a caminho da exposição, (a qual, diga-se de passagem, era dedicada à arte religiosa) que me era impossível acreditar em Deus, por mais ardentemente que o desejasse.

— «E tudo isto que vemos diante de nós — retorquiu-me apontando para a majestosa baía — quem é que realmente lhe deu o ser?»

Este argumento que com tanta frequência me tinha sido até então apresentado, e que eu sempre repelira, abriu-me finalmente os olhos. Observei a baía que tantas vezes, indiferentemente contemplara: as tranquilas e azuladas águas, os contornos das portentosas e imponentes colinas, os barcos velozes deslizando em todas as direcções, os grandes transatlânticos que plàcidamente procuravam saída, tudo isso me impressionou profundamente naquela hora e... reconheci a Deus. Não sei se O reconheci precisamente naquele momento, mas descobri-O pelo menos, senti-O e compreendi-O e, em breve, O reconheci também.

*

Como foi simples compreender a Deus! E, contudo, o princípio, tinha-me custado.

Num momento, abriram-se-me as pálpebras dos olhos do espírito, e desapareceu-me a cegueira. Mas tinha-me sido tão difícil começar a ver!...

Hoje, depois de muito caminhar pelas veredas da fé, compreendo como isso foi. Foi a graça de Deus que desceu a mim, porque já de há muito que procurava, ansiosamente!

http://www.obrascatolicas.com/

Uma palavra, simples e única, de um apóstolo guiado por Deus, e tudo se torna claro.

*

Todavia, encontrava-me longe da fé. Compreendia a existência de Deus. Quase podia dizer que compreendia a Deus filosòficamente. Confiança nEle, não a tinha. Não O amava.

A grande transformação só havia de vir muito mais tarde, após cinco anos, em 1928.

Porém, já desde aquela época (1923), cessara nas minhas prelecções e nas minhas aulas a negação de Deus. Deixei de me divertir como até aí, a propósito do Supremo Artífice.

Numa ocasião solene (1924), confessei abertamente perante numeroso auditório, que acreditava em Deus, e pronunciei sinceramente o início do Credo: «Creio em Deus Padre Todo Poderoso!» Não passei daí, porque a sinceridade não mo permitia. Encontrava-me ainda muito afastado da fé, que a graça divina finalmente me concedeu numa hora excessivamente amarga da minha vida.

Esta hora trouxe consigo a decisão, mas nenhum mérito da minha parte posso exibir, em face da dádiva da graça divina. Não foi por súplica minha que Deus se inclinou para mim. Não fui eu, repito, que abri o manancial da graça para que se derramasse sobre a minha cabeça: foi antes a súplica da que no mundo foi minha esposa, quando passou à contemplação divina ,precisamente no dia da sua morte, em Dresda, a 3 de Junho de 1928.

http://www.obrascatolicas.com/

Devo observar que minha mulher, Ricarda Restier Backeuser, possuia uma fé viva e ardente. A profunda e penetrante dor da sua vida era a minha descrença, que a princípio era agressiva e intolerante, mas depois se tornou, pouco a pouco, mais compreensiva, na nossa sala de jantar, do quadro da Ceia. Grande foi a alegria de Ricarda quando viu o ateu acreditar em Deus, mas teve, dentro em pouco, de verificar, com tristeza, que a minha religião não passava deste primeiro passo. Embora ela duplicasse, a partir de então, os seus rogos, as suas orações e promessas a Deus, opus-me conscientemente, porque apenas desejava acreditar em Deus, e nada mais. Julgava com isso haver já adiantado, sabe-se lá até que ponto, e mantinha-me na antipatia pelos sacerdotes e pelas práticas religiosas da Igreja Católica, cujos mistérios nunca ninguém me tinha explicado. Só desejava acreditar em Deus, — e não passar daí.

*

Todavia, devo referir, para melhor compreensão, que, por ocasião da minha última visita à Alemanha, verificara como a família sofria ali graves prejuízos em consequência do número sempre crescente de divórcios, que se davam com a maior facilidade e sob os mais variados pretextos. Lares desfeitos e novamente edificados, noivados que degeneravam ilegalmente em relações matrimoniais, tudo isso era excessivamente frequente e causava uma impressão desoladora. Tal estado de coisas confrangeu-me, e declarei a minha mulher, cheia de alegria ao escutar a

http://www.obrascatolicas.com/

minha palavra, que, logo que regressasse ao Brasil, não só falaria e escreveria contra o divórcio, como também militaria a favor da instrução religiosa nas escolas, que me parecia imprescindível para o fortalecimento dos alicerces morais da sociedade humana.

*

Tal era o estado das minhas ideias religiosas, quando me surpreendeu a inesperada morte de minha mulher.

Esta morte foi acompanhada de circunstâncias tão extraordinárias que nela diviso a mão de Deus, a conduzir de tal modo os acontecimentos, que a salvação da minha alma não embateu com qualquer resistência da minha parte.

Passaram-se as coisas da seguinte maneira: ao dirigirmo-nos para o teatro, e em consequência de um passo em falso, foi minha mulher atropelada por uma bicicleta e atirada ao chão, resultando uma fractura da tíbia e do peróneo. Conservo ainda na memória o grito que soltou. Mas a este grito aflitivo seguiu-se uma atitude tão submissa e tão sublime, que não só aceitou voluntàriamente o doloroso tormento, como também pretendeu levar aos lábios a mão do jovem causador do desastre, a quem o povo tinha agarrado. Seguiram-se depois longos dias num hospital para curar a fractura, suportando todas as dores, com terna submissão à vontade de Deus.

Presa ao leito, o seu maior sofrimento era nunca ter podido receber os santos sacramentos desde a sua chegada à Alemanha. Um dia, porém, quando a fui visitar

http://www.obrascatolicas.com/

ao hospital, comunicou-me, toda contente, que ia comungar. Ela, que mal compreenderia uma palavra de alemão, conseguira fazer-se compreender por uma Irmã de caridade, chamada Hedviges, que casualmente tinha chegado naquele dia à clínica do Dr..... Foi ela que conseguiu arranjar-lhe um sacerdote católico, coisa que naquela região protestante da Alemanha não era nada fácil e, coisa ainda mais rara — um sacerdote que falava francês. Assim pôde Ricarda, a despeito do seu desconhecimento da língua alemã, confessar-se no dia seguinte. Comungou e pediu-me prèviamente que assistisse de joelhos ao acto sagrado. Fi-lo, pela primeira vez na minha vida, depois de mais de quarenta anos de descrença. Ajoelhei-me perante o Salvador presente na hóstia sagrada.

Dois dias mais tarde, um ataque cardíaco pôs termo à existência da fiel companheira da minha vida conjugal, que, durante tantos anos, me mostrara incompatível dedicação. Morreu inesperadamente. A morte súbita, que nos pode surpreender em estado de pecado mortal, é por isso mesmo, receada pelos católicos. Desta vez, porém, nada continha de terrível, porque surgiu, quando a doente, devido a uma extraordinária ligação de circunstâncias, se encontrava na posse plena da graça santificante.

*

Agora a parte maravilhosa.

Conservámos o corpo embalsamado no cemitério de Dresda, até o podermos transportar para o Brasil. O enterro, que se verificou de noite, sob uma chuva torrencial

http://www.obrascatolicas.com/

e por maus caminhos, foi qualquer coisa de opressivo Os cuidados pelas coisas materiais, a acescentarem-se à dor interna, de tal modo me fatigaram, que caí num sono profundo, com o coração cheio de melancolia e o cérebro vazio. Dormi.

No dia seguinte aconteceu uma coisa curiosa no mesmo quarto de hotel, de onde ela saíra no dia do desastre. Era de manhã, num dia claro. Despertei e comecei a falar com o meu filho, de 24 anos de idade. Naturalmente, conversámos sobre aquilo que nos ocupava o espírito: sobre a morte de Ricarda e sua trasladação para o Rio de Janeiro.

De súbito, vejo no canto superior do quarto, batido pelo sol de Verão, formar-se, em contornos nìtidamente delineados, um grupo de nuvens, do qual surgia, sorridente, o busto de Ricarda. Sobre o seu ombro repousava o braço do Eterno Pai, conforme as Bíblias Escolares o costumam representar, como homem de aspecto sério, de longa barba branca. Senti-me arrebatado. Ricarda sorria contente e satisfeita, sob a mão do Senhor. Quantos minutos durou esta aparição, não sei; sei apenas que interrompi a conversação com meu filho, e petrificado, mudo, extasiado, contemplava a minha Nênê (nome familiar), tão alegre e sorridente.

Meu filho considerou-me mentalmente perturbado e exclamou: «Que é isso, Pai, que tens?» Impus-lhe silêncio com a mão e disse-lhe que estava «a contemplar a sua mãe junto a Deus».

Foram momentos de infinda alegria, de que me recordo perfeitamente, porque nunca até hoje se me varreu da memória aquele quadro; fosse eu pintor e seria capaz

http://www.obrascatolicas.com/

de o desenhar. Hoje representa uma recordação. Nessa altura, contemplei-o com os meus próprios olhos. E via-o tão exactamente como todos os objectos que me rodeavam: o leito, a porta, as coisas em cima da mesa. Encontrava-me em estado normal, absolutamente desperto e ocupado na conversação, e não tonto de sono ou a sonhar.

Esta aparição sacudiu todo o meu íntimo com a rapidez de um raio. Naquela mesma hora senti o desejo de ter fé. E comecei a crer. Senti o desejo ardente de confessar os meus pecados, de me humilhar, eu que era sempre tão orgulhoso! E fi-lo sem demora, naquele mesmo dia.

★

A este primeiro momento seguiram-se outros, em Hamburgo, onde esperava o vapor, e depois durante doze dias no próprio vapor, portanto cerca de duas semanas, durante as quais todas as dúvidas do meu meio século materialista se precipitaram, de novo, sobre mim. Foram semanas de contínua luta, frente a frente, com o inimigo do género humano.

Se bem que me invadisse sincero desejo de acreditar em todas as prescrições da Igreja Católica, duvidava de tudo, e não compreendia coisa nenhuma. Nada repelia, é verdade, mas também não conseguia aceitar nada. E assim recomeçou, de novo, a luta.

★

Aceitaria, por fim, o Catolicismo? Comungaria? Entraria definitivamente na Igreja militante? As duas

http://www.obrascatolicas.com/

semanas que decorreram entre a morte de Ricarda e a chegada ao Rio foram de luta angustiosa.

Sentia necessidade de conversar com alguém; com um sacerdote ilustrado que fosse capaz de esclarecer as minhas dúvidas; e desejava fazê-lo antes ainda que o corpo de Ricarda fosse sepultado. Mas quem havia de ser esse sacerdote? Como o poderia encontrar, logo que chegasse à terra brasileira? O P.e Pedro que me havia feito acreditar em Deus, estava ausente. Quem havia de ser?

Logo à minha chegada ao Rio, falei, a propósito das minhas lutas espirituais, com dois bons amigos, católicos de gema, que me vieram procurar a bordo. Indicaram-me o P.e Franca, que eu, no dia seguinte, deveria procurar no seu colégio.

Já me preparava para o fazer quando um novo acontecimento impressionante me obrigou a dar o passo decisivo.

A minha Ricarda teve, durante largo tempo, como confessor, um sacerdote extremamente bondoso, inteligente e culto, o P.e Gastão da Veiga. Dizia-me, contìnuamente, nas suas tentativas por me converter, que eu devia falar com o P.e Veiga para ter alguém que me explicasse a doutrina católica. Repeli tal proposta, e ela replicava brincando: Verás como há-de ser ao P.e Veiga que te hás-de confessar.

Pois bem. Precisamente no momento em que eu, de chapéu na mão, me afastava do cadáver amortalhado para ir ter com o P.e Franca, jesuíta notável pelo talento, sabedoria e piedade, alguém entrou no aposento onde estava exposto o cadáver. Quem era? Nem mais nem menos que

http://www.obrascatolicas.com/

o P.e Veiga, que eu julgava longe, em S. Paulo, mas que se encontrava há alguns dias em Niterói, e vinha fazer-me uma visita de pêsames.

Decidi-me ràpidamente. Não hesitei um momento. Num outro aposento, a que o conduzi, expus-lhe pormenorizadamente o que se passava na minha alma, as dúvidas, incertezas, hesitações, tudo o que o meu entendimento não compreendia e também tudo quanto me chamava para Deus e para a Igreja: a aparição, a beleza moral dos crentes, a sua capacidade de sofrimento, tudo, tudo. Fi-lo com grande humildade, arrependido.

Na tarde do mesmo dia, levou-me o P.e Veiga ao confessionário. No dia seguinte recebi, pela primeira vez a sagrada comunhão junto do cadáver daquela que me redimira da descrença com as suas directas orações ao Senhor. Era a 26 de Julho de 1928. Tinha então 49 anos.

*

Ter-se-ia realizado a minha conversão?

Deus correspondera aos meus desejos e acedera aos meus humildes rogos. As verdades da fé foram reconhecidas, pouco a pouco, por mim, quase, diria até, devido a mim mesmo, se hoje não soubesse que foi a graça divina que mas revelou. Cheguei a compreendê-las, a justificá-las, a fundamentá-las racionalmente aos meus próprios olhos, admirado por durante tanto tempo não ter conseguido compreender coisas tão simples. A infalibilidade do Papa, a virgindade de Maria, a Eucaristia, a veneração

http://www.obrascatolicas.com/

dos santos, tudo penetrou grandemente no meu entendimento, como se me encontrasse sob uma torrente de graça.

Pelo que me diz respeito, cooperei apenas com boa vontade, com propícia disposição de ânimo e com o desejo de crer. Tudo me foi revelado como se, diante dos olhos se rasgasse e deixasse a descoberto um novo mundo. Repito que não estudei quaisquer obras apologéticas nem a Sagrada Escritura. Não li, nem queria ler. Excepto num último caso — o da divindade de Cristo sobre o qual voltei a ter mais tarde certas dúvidas — tão pouco pedi a alguém esclarecimentos ou explicações. Tudo veio como que naturalmente, nas largas horas da solidão, durante as quais me procurava a mim mesmo. Pedia e rogava a Deus que me iluminasse, e de repente, quando menos o esperava, compreendia claramente as coisas da fé.

★

A minha evolução espiritual pode repartir-se pelas seguintes fases:

1.ª — Até aos 13 anos: sincera fé em Deus e nos santos, embora sem qualquer comparticipação religiosa especial.

2.ª — Dos 13 aos 43: materialismo. Aumentando a princípio, e depois substituído pela dúvida e pelo desejo de crer.

3.ª — Aos 44 anos, nova aceitação da existência de Deus como «causa causarum» de todos os fenómenos naturais e sociais.

4.ª — Aos 49 anos, sincera e convicta entrada na reli-

http://www.obrascatolicas.com/

gião católica, devido à graça divina, que literalmente se derramou sobre mim, mercê não só da imediata intervenção de minha mulher no dia da sua morte, como também em atenção às minhas humildes súplicas.

A oração humilde e sincera aos pés de Deus parece-me constituir o melhor meio de tudo se conseguir.

Desde então, tenho obtido tudo quanto razoàvelmente tenho desejado, quer para mim, quer para os que me são queridos. Não por meio da oração de fórmulas convencionais, mas abrindo o meu próprio peito e apresentando o meu coração ao Senhor.

http://www.obrascatolicas.com/

ISOLAMENTO E LEITURA DA BÍBLIA

Ema Dessewffy
HUNGRIA

Budapest. Conhecida em toda a Hungria pela sua actividade social e caritativa. É uma das poucas mulheres agraciadas com a Cruz de Santa Isabel, de primeira classe.

Meus pais eram crentes e sacrificados. Meu pai, Dionísio Dessewffy de Csernek e Tarkeõ, foi um dos heróis mais notáveis da guerra da independência húngara de 1848-49. Chegou mesmo a ser enforcado «in effigie», pelos seus adversários, mas conseguiu, com a ajuda de Deus, fugir para a Suíça, onde mais tarde casou com minha mãe, Adélia Jourdan. Os antepassados de minha mãe eram também emigrados e provinham de uma antiga família de huguenotes.

Nasci em 1858, em Genebra, terceiro fruto do matrimónio de meus pais. Alguns anos mais tarde, em 1863, foi meu pai abrangido numa amnistia e regressou com toda a família à Hungria. Quando cheguei aos catorze anos, minha mãe confiou a minha educação à nossa avó, motivo porque me enviaram, de novo, para a Suíça. Sob orientação de minha avó, que era muito culta e religiosa, adquiri um novo conceito de vida e comecei a dedicar-me

http://www.obrascatolicas.com/

a trabalhos sociais e de caridade — para o que, de resto, já desde os primeiros anos, mostrara inclinação. Estudei com grande interesse os Santos Evangelhos, e procurei viver segundo os seus mandamentos e prescrições. Li também muitos livros acerca de outras religiões para ampliar os meus conhecimentos. Só pela Igreja Católica não sentia qualquer interesse, tão fortes eram os preconceitos que me tinham inculcado. Esta Igreja, dizia-se, fora inventada pelos homens, e estava repleta de superstição e idolatria. Por três vezes que eu tivera ensejo de me convencer do contrário, mas repelira, altivamente, esta graça divina.

Como todos os homens sobre a terra, também tive de passar por grandes sofrimentos, dores e tentações. Por esta altura, morreu-me a minha querida mãe. Fiquei em Genebra até aos 21 anos, e só regressei à Hungria quando um irmão mais velho enviuvou, de súbito, após dez anos felizes de vida matrimonial, ficando seus filhinhos necessitados de auxílio e cuidado. Tive assim ensejo, embora solteira, de exercer serviços de mãe com estas crianças. Dediquei-me totalmente a elas, e quando já eram um pouco mais crescidas, procurei tornar-me útil ao bem comum, mesmo fora do círculo familiar. Ocupei-me muitíssimo com problemas sociais, e foi devido a mim que surgiram diversas e importantes fundações de Estado e os actuais patronatos de combate à prostituição.

Meu irmão não voltou a casar. Continuámos a viver juntos até à sua morte, ocorrida em 1922, e até aos meus 64 anos foi-me outorgada a vida mais feliz que Deus pode conceder a uma pessoa. Então, porém, tudo se desmoronou

http://www.obrascatolicas.com/

em mim e à minha volta. Deram-se as revoltas comunistas, a morte de meu irmão e dos meus melhores amigos,— entre os quais o conde e a condessa Tisza e outras altas personalidades. Tudo isto me abalou, física e moralmente, a ponto de me forçar a retirar-me por completo das actividades exercidas até então.

Profundamente abalada no espírito, e inteiramente isolada, não sabia que resolução tomar, até que, depois de muito meditar, e pela terceira vez na minha vida, encontrei novamente consolação e refrigério na Bíblia. Duramente provada por sofrimentos e dores, encontrei nela magníficas respostas tranquilizadoras das minhas dúvidas. A Escritura Sagrada, com os seus tesouros escondidos, apresentou-se ao meu olhar como uma grande maravilha. De súbito, também se me tornou igualmente clara, ao ler os livros sagrados, a origem das cerimónias católicas, e nunca mais duvidei que todas estas prescrições fossem inventadas pelos homens, mas sim ordenadas por Deus. E cheguei à epístola de Santiago, no Novo Testamento, que contém doutrinas repelidas pelos protestantes, como por exemplo, a necessidade de boas obras, a confissão, os santos óleos — e a invocação de S. Pedro no evangelho de S. Mateus. Cristo concedeu ao seu apóstolo mais notável a suprema direcção da Igreja, nomeou-o seu representante na terra, e fundou assim a Santa Sé Apostólica.

Uma luta se desencadeou na minha alma. E então vieram em meu auxílio duas amigas que me apresentaram ao seu confessor, um padre franciscano, cheio de dotes e muito virtuoso, que foi, durante anos, o meu director espiritual e me guiou à Igreja. Auxiliou-me com suas apostó-

http://www.obrascatolicas.com/

licas cartas, pôs à minha disposição magníficos livros católicos, e explicou-me tudo o que eu não compreendia. Assim expôs-me e tornou-me compreensível, a mim protestante, o mais difícil e mais sublime ponto de fé, o da transubstanciação do pão e do vinho durante a santa missa. Com toda a humildade inclinei a cabeça, e, a 20 de Janeiro de 1928, roguei me fosse concedida a entrada na Igreja Católica; com profunda convicção fiz profissão da Fé que Nosso Senhor Jesus Cristo ensinou.

Santo Agostinho, numa magnífica imagem, compara a alma com uma pomba, que não queria regressar à torre que tinha abandonado, até que um poderoso falcão a obrigou a regressar, à força. Também eu me sinto como pomba que, pela força do Espírito Santo, fosse impelida para a verdadeira Igreja e conduzida aos pés de Cristo na Eucaristia.

http://www.obrascatolicas.com/

O MAU FIM DA IGREJA ESTADUAL

Prof. Dr. Ivan Puzyna
RÚSSIA

Estudou em S. Petesburgo e em Roma. Publicou numerosos trabalhos em russo, alemão, inglês, francês e sérvio. Em alemão: «Die russisch-orthodoxe Kirche und die Unionsfrage» (A Igreja russa-ortodoxa e o problema da união), «Die Kultur der Renaissance in Italien und in Russland» (A Cultura da Renascença na Itália e na Rússia), «Dostojewsky un das Evangelium Aeternum» (Dostoiewsky e o Evangelho Eterno). Em francês: «Le bolchévisme et le monde catholique» (O Bolchevismo e o mundo católico). Em inglês: «Is Russia the Key to the Reunion of Eastern Orthodoxy?» (É a Rússia a chave para a união com a ortodoxia oriental?), etc.

É coisa extremamente difícil descrever a própria conversão à Igreja Católica. Em primeiro lugar porque ela é sempre obra da graça divina e, em segundo, porque é muito difícil revestir o sobrenatural das roupagens da linguagem humana. Além disso, uma conversão religiosa representa o ponto culminante da evolução espiritual de um homem. Por este motivo, a tentativa de explicar, em meia dúzia de páginas, o curso da minha evolução espiri-

http://www.obrascatolicas.com/

tual e religiosa, parece-me empreendimento irrealizável. Não obstante, de bom grado farei a tentativa, para benefício dos meus semelhantes.

Começo pela minha infância. Meus pais eram crentes e piedosos, em especial minha mãe. Todas as noites eu era testemunha de como ela rezava durante horas e horas. Por vezes levava-me ao cemitério, onde se encontrava a sepultura de uma das minhas irmãs, chamada Tanja. Tanja morrera com 16 anos. Foi uma boa e agradável rapariga. Meus pais não podiam consolar-se da sua perda e só na fé em Cristo encontravam a energia necessária para suportar a sua desdita. Tinha eu apenas seis anos quando Tanja morreu, mas minha irmã permaneceu sempre a meu lado com todo o seu afecto, e frequentemente, em provas difíceis, senti a sua ajuda, às vezes até quando já nem era legítimo contar com nenhum auxílio.

Foi num dia de Outono que pela primeira vez vislumbrei a verdade católica da unidade da Igreja. Tinha cerca de 12 anos e assistia ao serviço religioso. Estava um dia esplêndido, a luz do sol precipitava-se pela igreja dentro. O sacerdote recitava a oração: «Oremos pela união de todos». Esta oração, que eu conhecia muito bem, desta vez tocou-me o coração de modo particular. Passaram-se, todavia, largos anos até eu seguir esta indicação do céu.

Em 1913 fiz, na Universidade de S. Petesburgo, o exame de Estado. Como aluno da Faculdade histórico-filosófica, sentia particular inclinação para a história da Idade Média e do Renascimento. Em trabalho de seminário, procurámos, sob a orientação de um professor, penetrar nas obras e concepções de pensadores medievais.

http://www.obrascatolicas.com/

Causaram-me grande impressão as confissões de Santo Agostinho e as suas exposições em «De civitate Dei» (A cidade de Deus). Li também, com particular interesse, o livro de Paulo Sabatier sobre S. Francisco, que se tornou, em breve, o santo da minha maior devoção. E a esta minha primeira devoção católica me mantive fiel até ao dia de hoje.

Como era costume, entre nós, na Rússia, fui enviado pela Universidade ao estrangeiro durante dois anos, para completar os meus conhecimentos e preparar a tese de doutoramento. Escolhi Roma para local de trabalho e residência, o que, de facto, não era muito apropriado, porque o meu trabalho dizia respeito à época dos Médicis. Mas um irresistível desejo me impelia para Roma. Cheguei ali em princípios de 1914. Como descrever as impressões que a Cidade Eterna me causou? Fascinado, vagueei pela cidade cheia de ruínas veneráveis, que me faziam recordar a glória da velha Roma. Mas ainda maior impressão me causaram as relíquias dos primeiros séculos do Cristianismo. O sangue dos mártires parecia-me mais precioso que o brilho dos Césares. Por toda a parte e a cada passo se me deparava a vitória da Cruz. Roma trazia o selo dos séculos, mas era sempre a fé cristã que criava obras de inexplicável beleza: igrejas e palácios, quadros e obras de arte, preciosas colecções de livros, etc. Na verdade, uma cidade de Cristo, pensava eu, em piedosa emoção, uma cidade predestinada para anunciar ao mundo a glória de Cristo. Causou-me profunda impressão o altar do Foro Romano, dedicado ao «Deo ignoto», ao Deus desconhecido. Este Deus desconhecido dos piedosos pagãos era o nosso

http://www.obrascatolicas.com/

Deus e Rei Jesus Cristo, e Roma era a capital do seu reino na terra. — Seria isto já um pensamento católico? — Em breve me familiarizaria ainda mais com a ideologia católica.

Vivia em Roma o meu compatriota Vladimiro Zabughin. Eu não o conhecia da Rússia, embora os nossos pais se conhecessem. Ambos, porém, nos dedicávamos à mesma especialidade: a história da Renascença italiana. Zabughin era o primeiro russo católico, isto é, católico de rito oriental, que eu conhecia. Dávamos frequentemente excursões em comum aos arredores de Roma, e visitávamos, então, o mosteiro de Grotta-Ferrata, que conservou o rito oriental com a linguagem greco-litúrgica. O serviço divino em Grotta-Ferrata durante a semana santa de 1914, foi para mim um grande acontecimento. Também visitava, com frequência, a capela russo-católica de S. Lourenço onde Zabughin oficiava de diácono todos os domingos. A rica biblioteca de Zabughin, repleta de obras de pensadores católicos, estava sempre à minha disposição. Li, nesta altura, com particular agrado, as obras do grande filósofo russo-católico, Vladimiro Solovjev.

As boas impressões que recebi do catolicismo de Vladimiro Zabughin, diminuiram um pouco quando travei conhecimento com um sacerdote russo-católico que então se encontrava em Roma. Observei neste sacerdote bastantes qualidades negativas, que produzira em mim impressão desfavorável. Na verdade, estas más impressões não foram o único motivo porque me não tornei católico em 1914, mas antes a convicção de que eu, como ortodoxo, é que pertencia à verdadeira Igreja de Cristo. Na realidade, a

http://www.obrascatolicas.com/

organização exterior da Igreja em que me encontrava, parecia-me mais imperfeita do que a da Católica-Romana; mas, não obstante, era ela que mostrava, segundo eu julgava, os sinais da verdadeira Igreja de Cristo, visto possuir todos os sacramentos da Igreja-Mãe e não ensinar erro nenhum. Parecia-me, por conseguinte, possível a salvação dentro dela. Mas ainda um segundo pensamento me ocupava então. Se a organização exterior da Igreja ortodoxa (pensava eu comigo mesmo) é deficiente, a minha missão pessoal é tratar da eliminação deste mal, ou, por outras palavras, trabalhar pela união das Igrejas.

A erupção da Grande Guerra e os problemas nela originados removeram do meu espírito, por largo tempo, a ideia da união. Mais tarde, os horrores e cuidados da guerra civil e da revolução bolchevista, deixaram-me pouco tempo para interesses e problemas ideais. Isso não significa que a revolução e o bolchevismo tenham enfraquecido as minhas inclinações religiosas. Pelo contrário. Frequentava as igrejas com mais assiduidade do que nunca, e a minha fé coisa alguma abalou. Vi, porém, as coisas mais simples: o bolchevismo era o inimigo; a sofredora Igreja russa, a obra de Deus.

Pelos fins de 1919 tinha-se a situação agravado a tal ponto que eu já não via possibilidade de permanecer mais tempo sob o governo soviético. Por isso, convenci os outros membros da família a fugir, mas passaram-se longas e ansiosas semanas até se oferecer oportunidade para a fuga. Não vou relatar todos os pormenores desta aventura, mas alguma coisa referirei. A nossa família dividiu-se em dois grupos. Meu imão e eu juntámo-nos a quatro contraban-

http://www.obrascatolicas.com/

distas finlandeses, fugidos de uma cadeia bolchevista, que pretendiam voltar, a pé, à sua pátria, atravessando o gelado golfo da Finlândia. Minha mulher, meu cunhado e minha cunhada seguir-nos-iam mais tarde num trenó. Um dos contrabandistas iria buscá-los, e receberia em troca avultada quantia, toda a nossa fortuna.

A fuga para a Finlândia, que se efectuou na noite de 12 para 13 de Fevereiro de 1920, representou para mim, que não sou nenhum desportista, um esforço excessivo. As inúmeras quedas, na superfície gelada, tornavam-se-me extremamente dolorosas. Escorregava quase a cada passo. Mas tinha de andar para a frente, porque a vida dos que me pertenciam dependia do bom êxito desta fuga. E continuei. Por vezes, éramos obrigados a correr, ao passar pelos postos bolchevistas. Nas horas de maior sofrimento passou-se qualquer coisa de maravilhoso. Observei, de súbito, à minha direita, duas figuras claras, que caminhavam, ou melhor, deslizavam a meu lado. A sua presença representava para mim um apoio e consolação, no meio dos sofrimentos. Mas quem eram elas? Fiz esta pergunta a meu irmão, que caminhava à minha esquerda. Mas ele não descobria ninguém, a não ser os quatro contrabandistas que iam à nossa frente. Eu, pelo contrário, via bem as duas figuras que foram a meu lado ainda durante largo tempo. Mas ainda se deu outro facto inexplicável durante a nossa fuga. Meu irmão caía menos vezes do que eu. Mas, uma vez, bateu com a cabeça no gelo com tanta força que perdeu os sentidos. Pedi por isso ao chefe dos contrabandistas que esperasse um pouco. Mas ele retorquiu que aquele lugar era particularmente perigoso:

http://www.obrascatolicas.com/

não era lugar de esperar, mas sim de correr. Como ele e os seus companheiros se afastaram ràpidamente, não tive mais remédio senão pegar em meu irmão às costas e seguir os contrabandistas. E que aconteceu? Deixei de cair. Durante uma hora inteira — tanto durou a minha pesada marcha, — não caí uma única vez. Não cabe aqui relatar todos os acontecimentos da fuga, nem as coisas extraordinárias passadas mais tarde na fuga dos outros membros da família igualmente bem sucedida. A aventura, porém, constituiu, a meus olhos, um verdadeiro milagre de Deus, e com ardentes acções de graças louvei a Sua bondade que nos salvou.

O ponto de reunião de todos os fugitivos russos, que passavam a fronteira finlandesa, era em Terrijoki. Também fiquei, a princípio, em Terrijoki, com minha mulher, e vivi durante algum tempo em casa do pároco, com o qual contraí estreita amizade. Foi ele que no Conselho Municipal defendeu e conseguiu a minha candidatura para director da real Escola Comunal. Dediquei-me, de corpo e alma, à minha profissão, e consagrei à Escola muito tempo e esforço no interesse da educação ético-religiosa dos meus numerosos alunos. O ano e meio que passei em Terrijoki foi cheio de trabalho tanto no campo intelectual como no religioso. Interessava-me, então, de modo muito particular, a história da primitiva Igreja e a vida de Jesus Cristo. Em Terrijoki tive também oportunidade de ler os «Escritos Menores», de Harnack, acabados de aparecer, bem como as obras de outros autores protestantes. Forneciam-me uma quantidade de minudências, embora na sua concepção de Igreja parecessem falsas e prejudiciais.

http://www.obrascatolicas.com/

Nas conversas travadas com o pároco, não deixei de lhe expor as minhas ideias em questões religiosas e o meu ideal de união das Igrejas. O pároco era bastante culto, mas de problemas relativos à Igreja Católica sabia pouco. Como resposta às minhas exposições, recomendou-me um livro da sua biblioteca. Era um panfleto contra a Igreja Católica, cujo autor me causou a pior impressão, pela sua grosseira argumentação.

Quando em 1922 vim para a Alemanha, as questões que me despertaram maior interesse foram, além dos problemas relacionados com a minha especialização científica, as questões religiosas. Exerceram em mim grande influência numerosos autores protestantes e, muito especialmente a última grande obra de Harnack, sobre a doutrina de Marcião. Nesta doutrina encontrei a explicação para o acontecimento histórico de que eu era testemunha ocular. Via, após esta leitura, que o bolchevismo, era obra de Satanás, e todo o resto do mundo que celebrava pactos e tratados com o bolchevismo, não era melhor do que ele. Marcião afirmava: «Todo o mundo é obra de um ser cruel; só o mundo de Cristo é que é diferente». Abismei-me, então, cada vez mais na mística, e li com vivo interesse tudo quanto sobre mística cristã, maometana, budista e antiga se me deparou. Deste modo, o meu conceito de religião tornou-se, por um lado, individualista, e por outro universal. Individualista, porque concebia a religião à minha maneira, e universal porque a mística apresentava algumas características gerais que eram comuns a todas as religiões. A este tempo corresponde o meu trabalho sobre a filosofia religiosa do florentino Marsilio Ficino.

http://www.obrascatolicas.com/

Em breve, porém, divisei o perigo a que me levava este modo de pensar; porque a concepção subjectiva do fenómeno religioso ameaçava excluir da minha vida tudo o que fosse eclesiástico. Não fora esse o pecado da Reforma, o espírito da nova teologia protestante, que também me influenciava? Para compreender melhor a essência e o espírito da Reforma, comecei a estudar a fundo a vida de Lutero, e em breve reconheci que Eck valia mais do que Lutero. Assim, indirectamente, me aproximava, cada vez mais, do conceito católico de Igreja.

Em 1923 chegaram a Berlim novos fugitivos russos, professores expulsos pelo governo bolchevista, pelo facto de não terem as mesmas concepções de vida do ucranismo. Entre eles encontrava-se um católico russo, chamado Kusmin Karawayew. Lembrava-me muito bem de um estudante da Universidade de S. Petesburgo, com o mesmo nome, conhecido como bolchevista convicto. Tanto maior foi, por isso a minha surpresa ao saber que Kusmin Karawayew tinha voltado as costas ao partido bolchevista, e se passara ao Catolicismo, chegando mesmo a sofrer, nos cárceres bolchevistas, por causa da Fé. Em breve, Kusmin Karawayew e eu nos tornámos bons amigos. A ideia da união das Igrejas encontrou também a sua plena concordância, e ambos fundámos uma sociedade para fomentar o pensamento unionista, com o objectivo de reunir numa Igreja só católicos e ortodoxos.

Infelizmente, os nossos caminhos separaram-se alguns meses mais tarde. O bispo Tychon, chefe da comunidade ortodoxa de Berlim, a quem eu comunicara as minhas tendências católicas, não foi capaz de idealizar melhor

http://www.obrascatolicas.com/

solução do que exigir-me a promessa de não abandonar a Igreja ortodoxa antes de três anos. Esta promessa, que fiz também ao meu confessor, mantive-a. Os meus argumentos a favor da Igreja Católica estribavam-se nos Evangelhos, na doutrina da unidade da Igreja de Cristo e na doutrina da supremacia do sucessor de S. Pedro. Além disso, na História: no facto da ligação da primitiva Igreja russo-ortodoxa com a Igreja universal e a ulterior separação desta, não *de jure*, mas *de facto*.

Na Primavera de 1924 cheguei mesmo, em obediência ao bispo Tychon, a tomar parte numa discussão pública como adversário de Kusmin Karawayew, que, perante numeroso auditório, defendia a unidade da Igreja de Cristo. Contra ele desenvolvi o ponto de vista de que a ortodoxia significava a «roupagem espiritual» do povo russo. A minha réplica hábil suscitou fervorosos aplausos dos ouvintes. Mas eu mesmo senti repugnância da minha própria dialéctica, e abandonei a sala, melancòlicamente, sem esperar a réplica de Kusmin Karawayew. Eu sabia, no íntimo da minha alma, que quem tinha razão era ele e não eu, — a despeito dos aplausos dos espectadores.

Os três anos subsequentes foram para mim bastante desoladores. No fundo, pertencia já à Igreja Católica, embora a minha promessa me mantivesse longe dela. O resultado foi uma reacção contra todos os assuntos religiosos de um modo geral, durante três anos. Visto encontrar-me impedido de seguir a voz da minha consciência, como desejava, nada queria saber de coisas de religião. Mas nem mesmo nesta época triste, a Providência divina me abandonou. Por intermédio de minha irmã fiquei a

http://www.obrascatolicas.com/

conhecer o senhor Professor Dr. Berg, sacerdote católico dos russos de Berlim. O Professor Berg auxiliava, com prontidão sempre igual, os meus compatriotas em todas as necessidades. Este espírito de sacrifício, mesmo em favor dos ortodoxos, causou-me profunda impressão. A grandiosa obra caritativa dos católicos alemães em auxílio dos ortodoxos, mostrou-me o sagrado campo de actividade da Igreja Católica, que anda pelo mundo sofrendo e amando, lutando e triunfando. Mas quanto tempo estaria ainda afastado da Igreja? Não sabia. O último e imediato impulso para o passo decisivo deve-se a circunstâncias externas.

No Outono de 1927 publicou o bispo Sérgio, representante do Patriarca da Igreja russo-ortodoxa, uma proclamação, na qual declarou a causa do bolchevismo como causa da Igreja russo-ortodoxa. Isso era simplesmente terrível. Os bolchevistas combatiam a Igreja de Cristo — o ateísmo faz parte da essência do bolchevismo. Que fazer? Muitos russos ortodoxos romperam com a Igreja patriarcal e formaram comunidades independentes (autocéfalas). Os outros procuraram interpretar a proclamação do metropolita Sérgio como imposta. Ambas as coisas me pareciam, todavia, inaceitáveis; porque não havia dúvida nenhuma que Sérgio era o chefe legítimo da Igreja russo-ortodoxa, e que nenhuma imposição pode dominar a Igreja, especialmente aquela Igreja a quem foi feita a promessa de que as portas do inferno jamais prevalecerão contra ela. Comecei, pois, a procurar a verdadeira Igreja invencível, de que fala o Evangelho. A minha decisão pouco tempo levou a tomar. Numa tarde de

http://www.obrascatolicas.com/

Outono li o texto da proclamação do metropolita Sérgio, e na manhã seguinte declarei a minha mulher que ia abandonar a Igreja ortodoxa, e fazer-me católico. A decisão foi fácil, mas a noite seguinte foi de insónia. Era-me extraordinàriamente difícil separar-me de uma Igreja, a que me prendiam tão belas recordações.

Algumas longas semanas se passaram ainda após a decisão, antes de ser admitido no seio da Igreja Católica. Foi um tempo particularmente doloroso. Todavia, o Todo-Poderoso enviou-me uma consoladora celestial, que me socorreu. Um dia, descobrimos entre as coisas que minha mulher trouxe das compras, um velho jornal que fora utilizado como papel de embrulho, e cairam-me casualmente os olhos sobre um artigo que tratava de Teresa Neumann. Era a primeira vez que lia alguma coisa sobre ela. Entre outros assuntos, despertou-me interesse especial a indicação das leituras favoritas de Teresa Neumann, entre as quais a vida de Santa Teresinha do Menino Jesus, cujo nome lia também pela primeira vez. Ainda na mesma tarde pedi a Vida de Santa Teresinha do Menino Jesus a um sacerdote que me prometeu arranjá-la. Estávamos a folhear um livro da biblioteca desse sacerdote, e, com grande admiração, vimos cair dele uma imagem de Santa Teresinha. No dia seguinte já eu tinha nas mãos o desejado livro. Passei os dias seguintes a invocá-la na oração e nunca mais, desde então, ela abandonou o meu coração e a minha casa.

A 1 de Outubro de 1927, no dia da grande Santa Teresa, de Espanha, ingressei no Catolicismo, conservando, porém, o rito russo-oriental.

http://www.obrascatolicas.com/

Creio bem que é excepção rara o facto de um convertido adulto, que primitivamente pertencia à Igreja russo-ortodoxa, renunciar ao belo rito oriental, às maravilhosas orações e ao peculiar espírito piedoso do Oriente cristão para se adaptar ao do Ocidente latino. Pelo que me diz respeito, mantenho-me, quanto ao rito, oriental convicto, e a minha fé católica não é nenhuma maldição sobre o meu passado ortodoxo, mas antes um complemento e uma correcção do anterior.

Onde se encontra, pois, o valor e o sentido da minha conversão? Diz o Evangelho de S. Lucas (IV,4) que o homem se pode nutrir de toda a palavra divina. Ouvi o verbo de Deus sobre a unidade da Igreja, e segui-o. Creio, porém, que o crente, que receba na realidade uma palavra de Deus e a siga, há-de reconhecer irresistìvelmente também outros preceitos divinos e satisfazê-los com sagrada obediência. E assim, na minha vida espiritual, a conversão não foi o último passo, mas antes o primeiro, na direcção do objectivo mais alto de todos os esforços humanos, no sentido da salvação eterna.

http://www.obrascatolicas.com/

A HISTÓRIA DA IGREJA NACIONAL

Príncipe Dimitri Galitzin
RÚSSIA

Muitos russos me perguntam a razão por que me passei para o Catolicismo e, consequentemente, fui infiel à religião de meus pais e antepassados. Dizem eles: É uma vergonha para um Galitzin proceder desse modo, quando os seus antepassados fugiram para a Rússia por não quererem permanecer num país onde a influência de Roma dominava.

A história diz-nos que o príncipe Patrikei de Zwenigorod, meu antepassado directo, entrou, em 1408, com seus filhos ao serviço do grão-duque de Moscovo. De facto, é verdade que o príncipe Patrikei preferiu o serviço em Moscovo, a fim de manter, para si e para os filhos, a fé ortodoxa.

Eu próprio nasci na Igreja russo-ortodoxa, e, até certa idade, não mostrei qualquer interesse pelas diferentes existentes entre as várias religiões, embora desde a meninice fosse religioso. Mais tarde, porém, quando estudei a história do meu país, e particularmente a de minha família, e fui levado muita vez a verificar que numerosos parentes meus se tinham passado para a verdadeira religião, comecei a prestar atenção a esse facto. E cheguei às seguintes conclusões:

http://www.obrascatolicas.com/

A Rússia tornou-se uma potência ortodoxa, e tanto mais poderosa quanto mais a ideia de autocracia nela se desenvolveu. As obras de Zabujni, do príncipe Augusto Galitzin, do professor barão de Taube e outros mostram como a ortodoxia gradualmente se desenvolveu no nosso país. Desejaria, porém, aqui apenas tratar do comportamento dos russos em face da Igreja Católica, comportamento que documenta singularmente o despotismo russo.

Na biografia do príncipe Dimitri Agostinho Galitzin (Padre Smith), missionário católico na América do Norte, escrita pelo príncipe Gagarine, encontram-se as seguintes significativas palavras: «O príncipe nasceu e foi educado no cisma grego, e herdou os curiosos preconceitos de então contra a Igreja Católica, tal como os russos ainda hoje os possuem, originados pelo orgulho e ignorância e mantidos pela força do hábito que permitiu ao despotismo ocupar o lugar de Deus e do Seu representante...» Este espírito de despotismo e absolutismo é uma das características da história russa.

Os czares Miguel Feodorovitch e Aleixo Mikailovitch estavam cheios de preconceitos contra Roma. Mantinha-se ainda fresca na sua memória a tentativa dos mais notáveis da aristocracia russa, de mãos dadas com o metropolita Filrete, para elevar ao trono da Rússia o pai do primeiro monarca da casa dos Romanoffs, o príncipe católico polaco Wladislau. Este «período inquieto» da nossa história não fora ainda esquecido.

Então, surgiu o reinado da czarina Sofia. Ensinaram-nos que ela fora uma mulher altiva, egoísta, que, contra todas as leis, impedira o legítimo herdeiro do trono, Pedro,

http://www.obrascatolicas.com/

Dionisio Galiciano

http://www.obrascatolicas.com/

do governar sòzinho a Rússia. Na realidade, porém, a czarina era muito diferente. Temos de deitar mão aos primitivos documentos históricos, se quisermos possuir uma imagem verdadeira desta regente. Vê-se claramente, nessas obras tão tendenciosas, que a czarina Sofia era uma mulher nobre e muito culta. Com o seu conselheiro, o príncipe Wassilij Galitzin, procurou levar a cabo o plano da europeização tranquila da Rússia, buscando para tal o auxílio da aristocracia, e não, como mais tarde aconteceu, com a colaboração de aventureiros estrangeiros e por intermédio do chicote e da destruição da aristocracia.

A czarina Sofia e o príncipe Galitzin planearam também o restabelecimento da união em matéria de fé. O Papa enviou ao príncipe o jesuíta Vota para entrar em negociações, acerca da Liga Sagrada contra os turcos. É possível que o problema da união das Igrejas, que mais tarde voltou a debater-se sob o reinado dos Romanoffs, tivesse encontrado solução feliz se a circunspecta regente houvesse conservado nas mãos, durante mais tempo, as rédeas do governo.

Pedro o Grande, que, diga-se de passagem, era absolutamente descrente, acalentava certas esperanças, devido a considerações de ordem dinástica, numa união das Igrejas. A obra do P.e Pierling, em vários volumes, «O Sacratíssimo Trono da Rússia», forneceu-nos sobre o caso valiosos esclarecimentos. Pedro o Grande, opressor da Igreja, criou a instituição mais ilegal que se pode imaginar. Diz uma ordem sua de 11 de Maio de 1772: «Procure-se no Sínodo um oficial dócil, que seja valente e

http://www.obrascatolicas.com/

conheça a administração, para nós o nomearmos representante do Estado junto ao Sínodo».

Sob o domínio de Pedro II ter-se-ia, por certo, realizado a desejada união, se o czar não morresse tão cedo. Dos manuscritos recolhidos pelo príncipe Gagarine, que se encontram na biblioteca eslava de Paris, verifica-se que a princesa Irene Dolgorouky, filha do príncipe Pedro Galitzin, antigo embaixador russo em Viena, realizara negociações com os representantes do Papa acerca da unidade religiosa. Ela mesma se passou, em 1727, em Utreque, para o Catolicismo, e regressou, sob o domínio de Pedro II, à Rússia, com uma proposta concreta relativa aos problemas da unificação. Um Dolgorouyk — então os Dougoroukys encontravam-se no poder — seria escolhido para patriarca da Rússia e, ao mesmo tempo, para representante do Santo Padre na Igreja russa. A morte prematura do monarca frustrou estes planos.

Conhece-se da história o que aconteceu à família dos Dolgoroukys. Subiu ao trono a imperatriz Ana Joannovna, terrível perseguidora da Igreja Católica. O ódio desta governante não conhecia limites. Já o facto de a imperatriz obrigar à força o príncipe convertido Miguel Galitzin (Kwssnik) a desempenhar o papel de bobo da corte, trai o seu ódio ao Catolicismo. Conhecemos do romance «Casa de Gelo», de Lajetchnikoff, os tratos infligidos a este verdadeiro mártir da fé, que, apesar disso, jamais se afastou da Igreja Católica. Diz-se que a última oração do príncipe antes de morrer foi a seguinte: «Meu Deus! concedei-me, como última graça, nunca cessem na nossa família as

http://www.obrascatolicas.com/

conversões à verdadeira fé». Deus escutou verdadeiramente a oração deste mártir.

As boas relações do czar Paulo com o Catolicismo são dignas de elogio. Ele compreendeu que o absolutismo não poderia trazer quaisquer bênçãos ao país, e reconheceu também a maldição que significava a sujeição da ortodoxia e como se tornava necessária uma reorganização da Igreja. Chegou mesmo a convidar para S. Petesburgo o Papa Pio VII, perseguido por Napoleão. Encontrava-se à frente da Ordem católica dos Cavaleiros de Malta, e planeava espalhá-los na Rússia. A boa vontade do czar para com a Ordem dos Jesuítas, vê-se das suas palavras ao P.e Gruber, que as reproduz na sua correspondência com o arcebispo Marotti, de 23 de Novembro de 1800, cujo original se encontra no Vaticano: «Não diviso nenhum outro meio de opor um dique, no meu país, à torrente de incredulidade, iluminismo e jacobinismo, senão confiando aos jesuítas a educação da juventude. Deve começar-se pela infância a construir-se o edifício sobre os alicerces, de contrário tudo ruirá: a fé, — e também o governo». Bem podemos considerar estas palavras como proféticas se lançarmos um olhar retrospectivo a tudo quanto na nossa pátria se tem passado. Já agora citemos, a propósito, um interessante episódio de tempos recentes. O notável historiador A. von Baumgarten recebeu de um dos membros da família Lvow, que deixara Moscovo dominado pelos bolchevistas, uma esmeralda que continha um espinho da coroa de Cristo. Esta esmeralda, trouxera-a sempre o czar Paulo, a quem ela competia como Grão-Mestre da Ordem de Malta.

Quando o Baumgarten chegou a Roma, comunicou-lhe

http://www.obrascatolicas.com/

o Papa Bento XV, por ocasião de uma audiência, que se sentia satisfeito por verificar, com documentos do arquivo do Vaticano, que o czar Paulo I se passara, ainda antes da morte, para a Igreja Católica («Revue de l'Histoire Moderne», Maio-Junho, 1930). Se o czar Paulo não fosse assassinado pelos conjurados, por trás dos quais se encontrava uma grande potência, então teria a Rússia, certamente, efectivado nesta altura a sua separação do cisma grego.

O czar Alexandre I receava, após o assassínio de Kotzebue, o avanço das ideias revolucionárias, pelas quais ele mesmo se deixara entusiasmar durante certo tempo, como se verifica nas «Memórias» recentemente publicadas, da condessa Lebzeltern, esposa do embaixador austríaco na corte russa nos inícios do séc. XIX. Resolveu, por conseguinte, orientar novamente a nau do Estado para águas tranquilas. Viu, na união das Igrejas, a protecção mais forte contra todas as forças revolucionárias. Por intermédio do seu embaixador junto da Santa Sé, Italinsk, fez chegar ao Papa Pio VII uma proposta para se promover, na cidade neutral de Veneza, uma reunião de hierarquia latina e russa. Numa comunicação a Italinski, escreve o czar que considera uma honra para si o facto de ser ele o autor deste plano, cita as vantagens que a unificação traria para o Estado e chega mesmo a falar da intenção de se dirigir ele próprio a Roma. Infelizmente, este empreendimento não teve qualquer êxito, porque os conselheiros da corte influenciaram o czar noutro sentido.

A que conduziu este despotismo nas coisas religiosas? O czarismo sossobrou e a Igreja russa também.

http://www.obrascatolicas.com/

Mesmo no período mais suave da revolução, encontrava-se a Igreja fora de combate e desamparada, porque fora, durante demasiado tempo, colocada sob a dependência do Estado pelos comissários nacionais junto dos Sínodos, tais como Protassof, Tschebischew, Tolstoi, Pobedonostzeff e outros. O protector, o Estado todo-poderoso veio a terra, e com ele a entidade protegida. De modo muito diverso se passaram as coisas, a despeito das perseguições, na Espanha e no México. Não posso descer aqui a pormenores. Dei apenas um reflexo da história russa, para demonstrar que o absolutismo do Estado constituiu o permanente obstáculo à unificação religiosa.

Os motivos da minha conversão andam ligados intimamente a estas considerações sobre a história russa, porquanto o Catolicismo na Rússia andou também sempre ligado a representantes da minha família.

Porque é que os meus antepassados aderiram à Igreja Católica? Reconheceram a causa do cisma grego, viram, como eu, que a verdade se encontrava, única e exclusivamente, no Catolicismo. Apenas o absolutismo do Estado, cujas raízes são orgulho e tirania, fez com que a Rússia se mantivesse no cisma.

Não proscrevera Wassilij, o Sombrio, o metropolita Isidoro, por este ter assinado em Florença os documentos da unificação, e Wassilij recear, nesse facto, uma diminuição do seu poder? Não pôs de parte Pedro, o Grande, os conselhos de Jorge I de Inglaterra, por julgar que o seu domínio absoluto poderia sofrer uma limitação? Não é o ódio de Ana Jovannovna ao Catolicismo uma prova de que a unificação religiosa era possível? O destino da unificação

http://www.obrascatolicas.com/

religiosa estava, aliás, nas mãos de comissários do Estado para com a Igreja, os quais buscavam, àvidamente, conservar o poder.

Deus, contudo, dispôs as coisas de outro modo. Aqueles que receavam perder uma parte do poderio, perderam-no todo. O absolutismo do Estado cavou a própria ruína. Os russos mantiveram-se afastados da verdadeira Igreja por desconhecimento e ignorância da situação religiosa, e também, por indiferença e receio de perseguições no caso de se converterem.

Depois de meditar nestes factos, e de reconhecer que a Igreja grega se não encontra cimentada no direito, foi a circunstância de muitos dos meus antepassados e parentes terem servido o Catolicismo com todas as suas forças que me levou a desejar ser católico também.

http://www.obrascatolicas.com/

CONVERTIDO DO RELATIVISMO, PELA VIDA

Prof. Dr. Paulo Tokaro Tanaka
JAPÃO

Professor de ciências jurídicas na Universidade Imperial, de Tóquio. Depois da segunda Guerra Mundial, foi ministro da Instrução, e é actualmente Ministro dos Cultos.

Os protestantes gostam de falar nas suas vivências pessoais, e pouco depois da minha conversão à Igreja Católica também eu frequentemente falava sobre aquilo que em mim se passava, como se fosse assim uma coisa tão importante. Encontro-me, agora com outra disposição de espírito, e já não dou tanto valor como dantes às próprias experiências.

Aquilo que de mim teria a relatar, seria talvez, apenas que me fiz católico há oito anos, com a graça de Deus, e que, embora o objectivo da religião não consista na tranquilidade do espírito e na vida feliz ,vivo agora, todavia, muito mais tranquilo e feliz do que antes da minha conversão. Cheio de gratidão, verifico que, hoje, me sinto como se tivesse recebido o baptismo, não já com 35 anos, mas criança ainda. Deus atinge-nos de vários modos e torna-nos seus servos. Utiliza, para isso, casos do dia

http://www.obrascatolicas.com/

a dia, mesmo desagradáveis; e até os sucessos infelizes da nossa vida, que, para outros, podem carecer de significado, servem os seus desígnios. Deus prendeu-me com firmeza e eu também a ele me segurei cada vez mais firmemente. E eis pròpriamente tudo quanto tenho a dizer.

Ao lançar à minha vida um olhar retrospectivo, assalta-me, primeiro que tudo, um sentimento de confusão por me ter sido dado conhecer e converter em propriedade particular a inesgotável riqueza das verdades católicas. Estas verdades subsistem independentes, como o sol, quer eu as reconheça quer não. Reflectem-se ainda no infinitamente «pequeno», do mesmo modo como uma gota de água espelha toda a figura do sol poderoso.

Antes da minha conversão tinha em alto conceito as minhas ideias morais, e apenas prestava vassalagem, na esteira de Kant, à minha consciência, como se se tratara de infalível padrão. Desprezava não só um conceito de vida orientado por considerações utilitárias, como também as «boas-obras». Especialmente, tudo quanto se passasse sem íntimo impulso moral, trabalhos e acções que não fossem acompanhadas pela minha convicção pessoal, ou não brotassem de qualquer entusiasmo de ordem ética, desprezava-as como infidelidade: Tal como o sacerdote que aos domingos faz a sua prática sem convicção, o artista que cria sem entusiasmo, os crentes que só compelidos vão ao serviço divino, os benfeitores que apenas buscam o elogio dos homens.

Era segundo este padrão ,na sua quase totalidade kantiana, que eu julgava as acções próprias e alheias, o que me tornava insatisfeito com o conceito exterior de

http://www.obrascatolicas.com/

moralidade, entre nós reinante, degenerescência da doutrina de Confúcio. Eu considerava a vida, que actua sem coacção externa, só por impulso íntimo, como a única valiosa; e neste sentido, parecia-me que o modo de viver de um grande artista seria o mais nobre de todos, porque é impelido por irresistível entusiasmo enquanto cria. — Relativamente à moral do êxito, que quase só busca o comportamento exterior, parecia-me que a única relação verdadeira dos homens uns com os outros seria o contacto pessoal e íntimo — ideias de Tolstoi — esquecendo que uma tal atitude seria impossível, tanto pela manifestação sem reservas dos nossos estados de alma, como também pela sua ocultação, o que apenas conduziria ao agravamento das relações mútuas. Procura-se fugir à hipocrisia e cai-se no defeito contrário, a falta de respeito. Despeja-se a criança ao despejar-se a água do banho. Poucos me ajudaram, para solução desta dificuldade, as ideias e concepção de vida da maior parte dos protestantes, membros de muitas seitas de origem americana, porque não tinham revolvido este problema até aos seus fundamentos, e por conseguinte assinavam compromissos com a vida.

Quem se confessa cristão tem de reconhecer um inevitável núcleo objectivo da doutrina cristã como ponto central da sua fé. Procurei-o na Sagrada Escritura; na Sagrada Escritura, liberta de toda a tradição, de teologia e explicações eclesiásticas, purificada de todas as interpretações positivas da Bíblia e da chamada crítica bíblica superior, que rebaixa os Livros Santos a objecto de investigação das ciências da antiguidade e da história. Livre do padrão objectivo da autoridade eclesástica e de

http://www.obrascatolicas.com/

toda a ciência positiva, caí necessàriamente no perigo de proceder, na interpretação da Escritura Sagrada conforme ao próprio capricho, e de amoldar o seu conteúdo às minhas necessidades pessoais. O resultado tinha que ser a anarquia moral. Pior ainda: um homem como eu, um de tantos, carregado de inclinações naturais e paixões, fraco e imperfeito, assumia para si o papel de Papa. Semelhante orgulho teria fatalmente de dar em terra quando se tratasse de responder e solucionar problemas de ordem moral da vida diária. Tomei, então, consciência do descalabro da minha vida espiritual. Faltava-me um padrão objectivo que rectificasse o meu pensamento moral. Precisava de uma autoridade que me prescrevesse leis determinadas.

Além disso, havia ainda outra coisa. Eu pertencia a um grupo de jovens que buscavam a verdade, e que o Dr. Uchimura, magnífica personalidade e homem de profética fortaleza de ânimo, reunira à sua volta. O Mestre e os jovens conduzidos por ele, mostravam-se insatisfeitos com as seitas protestantes existentes e repeliam inexoràvelmente qualquer Igreja. Uchimura, discípulo e admirador do jovem Lutero, afirmava a salvação só pela fé — e dava ao seu grupo a designação de «evangélico». Exigia uma interpretação literal e livre da Sagrada Escritura. Repelia baptismo e sacramentos, mas firme e inabalàvelmente acreditava na divindade e nos milagres de Cristo, tal como se encontram na Sagrada Escritura, em vivo contraste com a maior parte dos protestantes japoneses. A experiência ensinava-me que tal separação entre obras e fé apenas serve para justificação da própria imperfei-

http://www.obrascatolicas.com/

ção. É uma maneira optimista de consolar-se, pensando que venceremos o pecado por meio da fé, sem qualquer esforço particular e que a vida melhorará por si mesma. Mas a desilusão chegará. Querer ser cristão sem fazer o sacrifício necessário, sem tomar a cruz sobre os ombros, é cair numa lamentável auto-suficiência. Nós, subjectivistas religiosos, só poderíamos aspirar ao objectivo, queríamos a Escritura como norma objectiva. Mas, visto sermos nós mesmos a interpretá-la, cada um a seu modo, em breve desapareceu no grupo a unidade da fé. Surgiam opiniões díspares e sempre novas. A discussão tornava-se mais azeda e insuportável, sempre que se tratava de tomar posição perante problemas práticos. E aí se mostrava impotente a nossa concepção de vida. O feliz reverso deste egocentrismo havia de mo mostrar a Igreja Católica.

E ainda mais uma coisa: Como jovem jurista, desenvolvera-me no ambiente do positivismo do direito. Insatisfeito com ele, dediquei-me à filosofia dos neo-kantianos, que, durante uma temporada, imperou entre nós no mundo culto. Seduzido por estas ideias, tornava-se-me difícil reconhecer nas múltiplas formas do Direito e da Moral, no passado e no presente, a existência de uma lei ética natural, de origem divina. O direito natural é ainda hoje nos nossos meios desprezada como heresia. Tal era o ambiente em que me encontrava. Mesmo depois de convertido ao Catolicismo, não me foi fácil alterar o ponto de vista científico seguido até então. Mas, por fim, compreendi que o neo-kantismo, em consequência da sua carência de conteúdo, não se encontrava em condições de solucionar os problemas vitais do Estado e da sociedade.

http://www.obrascatolicas.com/

A sua rígida separação entre Valor e Realidade, entre Norma e Lei, entre Ciência jurídica, Ética e Sociologia, em suma, o seu alheamento perante o mundo, já não podia, por mais tempo servir-me de critério.

A filosofia social do Catolicismo, pelo contrário, especialmente a sua teoria do direito natural, tal como nos foi legada por Aristóteles através da Escolástica, até à actualidade, ajudou-me a libertar finalmente da prisão do subjectivismo neo-kantiano e do seu formalismo. Ao mesmo tempo, desapareceu em mim a aversão a um direito natural, de conteúdo definido. Curei-me da ilusão de julgar-me obrigado a negar a metafísica por motivos de consciência. Deixei de separar o agir e o conhecer. As concepções relativistas estavam ultrapassadas.

Assim, renunciei, como católico, na minha vida pessoal, à presunção ética, e abandonei, na ciência o relativismo impotente. Em lugar da autonomia da própria vontade surgiu a autoridade da Igreja que procede da vontade divina. Por sobre a falência do formalismo surgiu-me a realidade de uma lei moral objectiva. Nós, católicos de todo o mundo, sem exceptuar os mortos e os vindouros, encontramo-nos unidos na livre sujeição a uma autoridade de valor universal, e no trabalho para a realização do reino de Deus sobre a terra. Apenas a ideia de comunidade no catolicismo e a alegria que caracteriza a sua acção, podem eliminar a miséria da humanidade actual, na família e no Estado, tanto entre nós como em todo o mundo. Na realização deste ideal renovar-se-á também o muito que de bom existe na nossa moral japonesa tradi-

http://www.obrascatolicas.com/

cional que desabrochará, mercê da intercessão do sobrenatural, no sentido de uma vida mais elevada.

A vida e a ciência não são inimigas. A fé e o entendimento apoiam-se mùtuamente. Assim, é-me possível viver e trabalhar cheio de esperança, e não tenho que recear que o homem e o investigador entrem em conflito na minha alma.

http://www.obrascatolicas.com/

MODELO DE AUTO-DOMÍNIO

Contra-almirante S. Shinjiro Yamamoto
JAPÃO

Tomou parte em três guerras. Pela primeira vez na história do Japão, foi encarregado de uma embaixada junto do Santo Padre.

Toda a graça vem de Deus. Aprendemo-lo no catecismo, e é essa também a nossa mais íntima convicção. Se toda a conversão manifesta a visível acção da bondade divina, tenho de confessar, ao lançar um olhar pela minha vida, que assim foi especialmente o meu caso.

Nasci em 22 de Dezembro de 1877 e frequentei a escola primária de Katase, residência da minha família, a uma boa hora de comboio de Tóquio. Quando fiz 13 anos, pensei cá para comigo: Meu pai tem dinheiro e manda-me estudar para Tóquio. Quem sabe se não chegarei a ministro ou a general? Animava-me a mesma ambição que movia a juventude nos inícios da época de Meiji (1868), quando o mundo pertencia aos valentes.

Nessas disposições, insisti com meu pai e pedi-lhe que me enviasse para Tóquio. Mas ele nem queria que lhe falassem nisso. Eu não passava de um atrevidote que se envaidecia com o prestígio de seu pai entre os habitantes da aldeia, para dele tirar mau partido. Os meus compa-

http://www.obrascatolicas.com/

nheiros de brinquedos passavam maus bocados comigo. Muitas lágrimas se derramaram por minha causa. Fazia partidas aos vizinhos, até que um dia conseguiram deitar-me a mão e levar-me a meu pai. Em vez de ir para a escola, preferia andar pelas florestas e matagais. Advertências paternas de pouco valiam. O desfecho de tudo isto foi meu pai pegar numa vara de bambu e restabelecer a harmonia perturbada. Não é, pois, de estranhar que ainda me não considerasse apto para a vida académica em Tóquio. E o que destruía por completo a minha ansiada esperança da ida para Tóquio foi que meu irmão mais velho tinha-se ali comportado de modo pouco honroso para meu pai; e a desilusão motivada por esse facto mantinha-se ainda fresca.

Por esta altura — era nos princípios do Verão — veio de Tóquio à nossa casa de Katase um europeu à procura de alojamento para o Verão. Era director de uma escola média. Alugou-se-lhe uma casa e, chegado o Verão, voltou, mas desta vez com cerca de outros doze europeus, todos vestidos por igual, de fato preto e gravata preta. Eram irmãos Maristas. Meu pai perguntou-lhes logo qual era a sua profissão. Responderam: Educamos a juventude. E com muito rigor. Quem entra no colégio tem de observar, nos mínimos pormenores, a ordem do dia; só pode sair de casa a certas horas e deve estar de volta com toda a pontualidade. Três dias por semana fala-se francês, e outros três, inglês».

Meu pai ficou admirado. Mas o que mais lhe agradara era a severa disciplina escolar e a aprendizagem das línguas estrangeiras. Para mim, aquelas férias foram

http://www.obrascatolicas.com/

http://www.obrascatolicas.com/

esplêndidas. Os professores eram todos novos, vivos e extremamente alegres. íamos juntos ver o mar, nadávamos ou andávamos de barco. Pescávamos nos rios, subíamos aos montes, apanhávamos borboletas nos campos de arroz e vivíamos como se fôssemos verdadeiros camaradas. Quando chegou Setembro, os Maristas retiraram-se. Meu pai, que ficara a ter neles muita confiança, levou-me para Tóquio e entregou-me aos seus cuidados para que me educassem. Assim entrei na então pequena (hoje grande e célebre) escola média Gyosei, isto é, Estrela Matutina.

Os alunos eram, ao contrário dos de hoje, muito mais velhos. Provinham, na maioria, de famílias com exaltado sentimento patriótico, cheias ainda de preconceitos contra a odiada doutrina de Yaso, o Cristianismo. Eu era como eles. Esta doutrina de Yaso era-me antipática no mais fundo da minha alma. Assim se originaram alguns choques com os meus professores, a quem eu provocava, mas, como não possuía cultura religiosa nenhuma, nada podia contra eles, o que me obrigou por fim a respeitá-los. Pouco a pouco fiquei a conhecer melhor a sua vida privada; verifiquei como cada um deles obedecia incondicionalmente ao superior, muito embora pátria, idade e cultura fossem diferentes; como nos amavam mais que a si mesmos; como se subordinavam a uma regra severa, e como tinham feito votos e os observavam realmente. A explicação para tudo isto apenas podia encontrar-se na religião. Quando tal se me revelou, compreendi firmemente que o fazer-me católico não era coisa para se desprezar. Eu queria servir a Deus e à pátria fielmente, e assim merecer a felicidade.

http://www.obrascatolicas.com/

Deus encaminhou-me os passos para que eu chegasse a esta decisão e a pudesse realizar.

Não era fácil levá-la a efeito. Meu pai era conselheiro num célebre templo budista. Tínhamos em casa, um Kamidana, altar sintoísta, e um Butsudan, ou camarim budista. Todas as manhãs eram ambos venerados segundo remotíssima tradição. Por isso, era muito natural que eu hesitasse em revelar a meu pai o meu desejo. Mas, por fim, sempre me atrevi. Escrevi-lhe uma carta, pedindo-lhe autorização para me instruir na religião católica. Quando ele a recebeu, ficou tão irritado e perturbado que se dirigiu imediatamente a Tóquio e me fez saber, com palavras duras, que tinha de pôr de parte semelhantes pensamentos. A doutrina de Yaso era perigosa para o Estado; eu não devia comprometer, de antemão, todo o meu futuro, mas dirigir o barco da vida directamente contra este escolho. Por mais que insistisse, ele manteve a sua recusa; ao ver que não conseguia fazer valer o meu desejo e que me faltava coragem para impor a minha vontade, deitei-me desolado naquele dia e chorei toda a noite. Foi na Primavera de 1893.

Mas Deus não me abandonou. Nas férias grandes, em casa, junto a meus pais, voltei mais uma vez à carga. Meu pai, porém, resistiu inabalável. Então, tentei-o por meio da oratória. E o Espírito Santo deve ter, por certo, soltado a língua deste não baptisado. Falei do seguinte modo: «Já estou crescido e é tempo de pensar no futuro. Não sei, porém, se não virei, alguma vez, a entrar por maus caminhos, e se não serei ainda motivo de vergonha para o pai. Estou, todavia, firmemente convencido de que

http://www.obrascatolicas.com/

apenas o conseguirei evitar fazendo-me católico. Por isso lhe pedi que me permitisse estudar a religião católica. O pai recusou-mo, mas, por outro lado, estima a honra acima de tudo. Se depois disto as minhas acções não forem dignas, declino daí toda a responsabilidade.» A isto replicou meu pai: «Pois bem. Dou-te autorização. Podes escrever imediatamente ao director».

Logo depois das férias, em Setembro, comecei a receber a devida instrução. Na noite de Natal do mesmo ano, antes da missa do galo, recebi o baptismo na capela do colégio «Estrela Matutina». Fui a primeira pessoa a ser ali baptizada, e o primeiro japonês que o meu professor baptizou. Não preciso de dizer que, exteriormente, não houve em mim alteração nenhuma; apenas a vontade divina se realizou em mim.

Desde aquela noite de Natal, passaram já quarenta anos, com tempestades de Primavera e aguaceiros de Outono. Ainda muito jovem, entrei para a Marinha, tomei parte em três guerras e, mais do que uma vez, salvei-me como por milagre. Fui — pela primeira vez na história do Japão — encarregado pelo governo de uma embaixada ao Santo Padre. Foi-me dado ensejo de acompanhar o primeiro herdeiro, o nosso actual imperador, na sua viagem à Europa. E como maior honra da minha vida, foi-me concedido passar os restantes anos junto da pessoa do meu imperador.

Cerca de 25 anos, vivi-os em feliz vida conjugal. Deus presenteou-nos com vários filhos. Deste modo, a bondade divina abençoou amplamente a minha vida, e não prestou atenção aos meus defeitos e fraquezas.

http://www.obrascatolicas.com/

ATRAÍDA PELA ASSISTÊNCIA AOS LEPROSOS

Uma rapariga japonesa
JAPÃO

Após a sua conversão, todos os restantes membros da família entraram ua Igreja Católica.

Tinha eu 17 anos e frequentava o quarto ano da Escola Superior Feminina em K., no Japão meridional, quando, pela primeira vez, ouvi falar na ordem das Trapistas em Hokkaido, ao norte do Japão, e na vida cheia de sacrifícios destas Irmãs que tratavam dos leprosos. A vida de semelhantes pessoas, inteiramente dedicadas a Deus, parecia-me extremamente elevada, e produziu em mim uma profunda e inolvidável impressão.

Foi então que li também pela primeira vez, alguma coisa sobre Cristo. Por certo que este não se apresentava nesse livro como um Deus, mas sim como uma personalidade de extraordinária nobreza. E eu nunca lera nada mais sublime como o sermão da montanha.

Até esta altura eu sofrera sempre muito por causa da superficialidade da instrução que, sobre coisas de moral, nos era dada na escola. Agora, porém, o caminho de Cristo parecia-me o único caminho legítimo que todos os homens

http://www.obrascatolicas.com/

deviam seguir. O desejo de me sacrificar por completo a Deus e ao serviço dos homens, não mais me abandonou.

Por esta ocasião, aconselharam-me meus pais e professores que ingressasse no Seminário Superior de Professoras de Tóquio, depois de concluídos os estudos na Escola Feminina. Mas não acabava por decidir-me a tal.

Quando, aos 18 anos, saí da Escola Feminina, pareciam-me, de facto, invejáveis, as que entravam para as escolas superiores; mas a minha decisão era firme. Quis seguir o caminho do sacrifício, levar uma vida humilde, renunciar às alegrias do mundo e consagrar-me a Deus. Ainda não sabia como encontrar este caminho para Deus, mas confiava firmemente em que havia de o encontrar.

Quando meu pai me ofereceu, então, um Novo Testamento, pensei: eis o caminho de Deus. Todos os dias o lia, e tudo desejara cumprir com exactidão. Mas em breve notei que não podia proceder como queria, antes, que praticava justamente o contrário daquilo que desejava. Além disso, havia muita coisa que não compreendia ou compreendia a meias.

Considerava-me uma pecadora incorrigível, e sentia-me, por isso, muito triste; mas Cristo envolveu-me com as palavras: «Pedi e recebereis». Profunda impressão me causou a parábola do filho pródigo, assim como a da conversão de Madalena.

Num novo impulso, decidi, de acordo com as palavras de Cristo, abandonar tudo, tomar sobre mim a minha cruz e segui-Lo. Esta máxima apresentava-se à minha alma como um último mandamento, mas eu não sabia como pô-la em prática. Então, lembrei-me novamente das Trapistas,

http://www.obrascatolicas.com/

de quem, todavia, nada mais sabia além de que o seu convento se encontrava em Hokkaido. Nada ouvira ainda sobre a Igreja de Cristo, e também não conhecia a diferença entre católicos e protestantes. Quis primeiro descobrir o local do convento, mas não o consegui.

Um dia, porém, li num jornal qualquer coisa sobre uma igreja protestante e o seu pastor. Na suposição de que protestantes e trapistas eram a mesma coisa, escrevi imediatamente a este pastor, comunicando o meu desejo de entrar nas Trapistas. Ele, porém, respondeu-me que era melhor servir a Deus no mundo, e que, antes de mais nada, me deveria primeiro fazer cristã.

Foi, para mim, a princípio, uma grande alegria ouvir coisas mais cconcretas sobre a doutrina de Cristo. O pastor veio de bom grado a nossa casa; compreendi, então, que os nossos pecados eram perdoados por intermédio da morte redentora de Cristo. Quando, porém, novamente manifestei o desejo de entrar nas Trapistas, explicou-me o pastor que isso já nada tinha que ver com o baptismo cristão. Procurou insistentemente convencer-me a casar em breve, o que muito me afligiu. Pela leitura da Sagrada Escritura tinha eu já compreendido e apreciado o alto valor da virgindade e considerava este género de vida mais como um mandamento divino do que como um desejo próprio.

A 19 de Março fui baptizada na Igreja protestante, mas em breve me surgiram grandes dúvidas sobre se os meus pecados me foram na verdade perdoados. Acrescia ainda a questão do casamento, e, quando eu falava nas Trapistas, era censurada pelo pastor. Fiquei muito triste, e chorava muito. Ninguém me prestava auxílio, mas eu

http://www.obrascatolicas.com/

tinha apenas um desejo: Oferecer-me em sacrifício a Cristo.

Neste desamparo decidi-me, por último, a procurar outro pastor noutra cidade, que me solucionasse as minhas dúvidas. Também não encontrei consolação, mas sim uma desilusão ainda maior. De qualquer modo, este passo devia conduzir-me à felicidade, porque, quando caminhava pela cidade, li, sobre um portal, a inscrição: «Igreja Católica». Na realidade, nada pensei, então de especial sobre isso — quando muito que seria uma das muitas seitas cristãs que há no Japão. Comprei ainda um livro sobre a vida de S. Francisco, bem como a «História de Cristo» de Papini. Foram duas grandes graças que então recebi de Deus.

Regressando a casa, dirigi-me, como de costume, à igreja protestante; cada vez, porém, me sentia menos atraída para ela, e a inquietação do meu espírito aumentava de dia para dia. O meu desejo, entretanto, de me entregar por completo a Cristo tornava-se cada vez mais forte, em especial por causa da impressão que em mim deixara a vida de S. Francisco que tinha renunciado a si mesmo de modo tão completo para ùnicamente viver para Cristo. Por intermédio de S. Francisco compreendi muito melhor Cristo e o Seu amor infinito. Comecei, pouco a pouco, a entrever como na realidade era o próprio Cristo que vivia em S. Francisco.

Por esta altura fiquei a saber que também havia cristãos no Japão que viviam integrados no espírito da Igreja antiga; que todos os santos pertenciam a esta Igreja, que esta Igreja honrava também muitíssimo a virgindade, e

http://www.obrascatolicas.com/

que aqueles que nos conventos se consagram completamente a Deus, a ela pertenciam. Ah! que alegria foi para mim esta descoberta. Portanto, também as Trapistas faziam parte desta Igreja.

A minha resolução ficou imediatamente assente. Por certo que o pastor, com o qual conversava sobre a Igreja Católica, me disse que esta Igreja era falsa e que também S. Francisco acabara por afastar-se dela. Mas eu continuei a rezar a S. Francisco e a Santa Clara para que me ajudassem. Depois escrevi uma carta à Igreja Católica da cidade vizinha rogando o seu auxílio para poder entrar no convento das Trapistas.

O missionário respondeu-me que primeiro era necessário converter-me ao Catolicismo, e que, mesmo então, não poderia entrar logo a seguir. Concordei plenamente, e particularmente me alegrei por, sem qualquer dúvida, ter finalmente encontrado a verdadeira Igreja.

Passei algum tempo no edifício da missão e ali recebia todos os dias a instrução conveniente. Grande alegria me proporcionava, principalmente, a doutrina sobre a Sagrada Eucaristia e sobre a virgindade da Mãe de Deus.

Pouco tempo depois fui admitida na Igreja Católica. Não cabia em mim de contente. Voltei a orar fervorosamente oferecendo-me em sacrifício a Cristo, mas queria permanecer humilde e possuir um coração cheio de ternura como S. Francisco.

Regressei a casa, depois do Natal, mas primeiro mandei perguntar às Trapistas se seria possível a minha entrada no convento. Responderam-me que teria de esperar pelo menos quatro a cinco anos.

http://www.obrascatolicas.com/

Mas também o missionário me dizia que talvez eu não fosse muito apta para as Trapistas. Quis fazer-me então, enfermeira, mas meu pai não o permitiu. Então ouvi pela primeira vez que a ordem de S. Francisco também exercia a sua actividade no Japão, e logo brotou em mim o desejo de me ligar a ela e de me tornar filha de S. Francisco, visto ter tanto a agradecer a este Santo. Possa ele auxiliar-me ainda a atingir um dia este ansiado objectivo!

http://www.obrascatolicas.com/

POR AMOR DE UM FIM SEGURO

Coronel Chang P'ei Fu
CHINA

Eis, nas suas linhas gerais, o caminho que segui até ingressar na Igreja Católica. Nasci na província de Hopei, distrito de An Ts'e, e tenho agora 42 anos. Chamo-me Chang P'ei Fu e fui mais tarde baptizado com o nome de José. No quinto ano da República Chinesa (1916) fiz o meu exame como oficial de artilharia na Escola de Guerra. Cheguei, depois, até chefe de divisão. Mais tarde desempenhei vários cargos no Estado-Maior. Quando, na Manchúria, se chegou mais tarde a complicações militares com os japoneses, encontrava-me no Nordeste, desenvolvendo a minha actividade na província de Hei-Lung-Tsiang, onde organizei e chefiei a resistência nacional. Por causa dos nossos insucessos militares refugiei-me na Rússia, e viajei depois pela Alemanha e Itália. Regressando à pátria, fui chamado a Pequim como conselheiro na comissão militar. Ao mesmo tempo desempenhava na Universidade «Tung--Pei» (=Nordeste) a função de professor de ciências militares. Pouco depois, recebi o santo baptismo e assim me tornei cristão e católico.

Já durante o meu tempo de estudante, quando no ano IV da República (1915) surgiram em Tientsin certas

http://www.obrascatolicas.com/

dificuldades entre a China e a França, fiquei com uma boa impressão da religião católica. Por ocasião dessas dificuldades, foi o sacerdote católico Lei-Ming-Yuan (o missionário belga P.e Lebbe) quem primeiro lutou pùblicamente pela humanidade e pela justiça. O motivo mais profundo por que ele exigira tão decididamente justiça e se sacrificara pela verdade deve procurar-se no seu amor ao próximo, que brotava do seu amor para com Deus. Ele amava todos os homens, e por isso também o povo chinês. A religião católica luta, como eu aqui pude verificar na realidade, pela verdade e pela justiça e ensina um vivo amor ao próximo, que se manifesta na prática.

Quando se examinam as causas da guerra civil na China e as complicações na Manchúria, reconhece-se que elas se ligam à carência de fortes e unificadoras energias, como também à ausência de uma segura orientação espiritual entre os homens. Se se quiser chegar a uma maior sociabilidade, firmeza de carácter e pureza de costumes, torna-se indispensável o auxílio da religião. Entre todas as religiões, porém, só a Católica possui alicerces e objectivos reais e seguros. Apenas ela se mantém inabalàvelmente firme através de todos os tempos. Apenas ela possui uma ininterrupta tradição e uma resposta a todas as exigências da natureza humana.

A fé católica está, além disso, de acordo com a razão e livre de todas as doutrinas erróneas. Quando se investiga a causa última do mundo, chega-se sempre a um Criador pessoal. Se não houvesse um espírito Todo-Poderoso, omnisciente, puro, qual seria então a origem de um mundo tão vasto e tão variado? Embora as ciências modernas

http://www.obrascatolicas.com/

façam progressos de dia para dia, apenas conseguem produzir objectos de consumo, mas nunca seres viventes. Se não há, pois, um Deus Criador, quem seria o autor da vida? No livro Ta Ya (= Grandes Hinos — excerpto do clássico e velho livro dos hinos) lê-se: «O céu divino sustenta o mundo, sem que dele se possa ouvir seja o que for». E Ch'eng-Tse afirma: «Quando se pretende indicar a sua essência, dá-se-lhe a designação de «céu». Mas se se pretender exprimir o seu domínio, dá-se-lhe o nome de «imperador» (= dominador do mundo)». Dos velhos eruditos e sábios não havia nenhum que não venerasse Deus. Porque não havia eu de fazê-lo também?

http://www.obrascatolicas.com/

POR SOBRE O RACIONALISMO PARA O CONCEITO DO INFINITO

L. M. Balasubrahmaniam, S. I.
ÍNDIA

Pouco depois de escrever este relato da sua conversão foi chamado para a Universidade Pontifícia (Gregoriana) de Roma.

«Bem-aventurados aqueles...»

Uma conversão é como a ascensão de um monte. Através das massas de neblina que pairam sobre o vale, vai-se subindo até ao pico mais alto. Nem sempre o nevoeiro impede a vista. Há cumes de montes menores, dos quais se olha para baixo, para contemplar o difícil caminho já vencido. Relatarei a minha subida, tal como a contemplo de semelhantes miradoiros.

«... que têm fome e sede de justiça...»

Nem sempre a minha alma sentiu fome e sede da justiça de Deus. Houve um tempo em que o hinduísmo ortodoxo e popular e uma dose acidental de panteísmo védico me satisfaziam plenamente quando se me deparavam dúvidas sobre a minha concepção do Universo. Era obrigado a venerar, de acordo com o tradicional costume, uma abigarrada multidão de pequenos deuses, que não se encontravam muito acima da moral dos homens, ao contrá-

http://www.obrascatolicas.com/

rio, por vezes muito abaixo até, nas suas fraquezas. Seleccionar as divindades não seria de molde a inspirar grandes esperanças. Todos eram despóticos, todos covardes, todos tiranos, todos aduladores. Todos tinham as suas fraquezas, todos os seus deslizes, todos as suas histórias escandalosas. Abstraindo das suas diversas façanhas, boas ou más, distinguiam-se uns dos outros apenas pela sua própria condição anatómica, e, além disso, pelo número de suas mulheres. Assim, por exemplo, o deus cuja dádiva eu presuntivamente representava, tinha duas mulheres, uma dúzia de braços e meia dúzia de cabeças. Tais eram os deuses que eu devia temer, aplacar e amar. Temor e oração propiciatória ante semelhantes divindades, ou melhor, monstruosidades, eram, em princípio, fáceis. Mas amor?

Por certo, eu conhecia o significado das representações simbólicas. Os deuses, em si, eram diferentes do modo como os representavam. Através da representação simbólica, através dos inúmeros olhos, membros, etc., pretendia o artista exprimir que os deuses eram seres poderosos. Método infantil, de resto, e, ao mesmo tempo, uma defesa ingénua; porque, afinal, o que importava eram as divindades e não os ídolos. E depois, porque é que o artista limitava o número a quatro, seis ou meia dúzia? «Diana» de Éfeso era venerada como a magna Mater, e a sua imagem não deixava quaisquer dúvidas em relação à grandeza da sua maternidade. Uma simbólica semelhante não era desconhecida dos hindus. «A Purusa sukta» (Rg. Veda X. 90) começa assim: «Sahasva sivsã Purusah. Sahasvãksa sahasvapãd» (Purusa possui mil cabeças, mil olhos e mil pés), pretendendo-se com isso significar que

http://www.obrascatolicas.com/

Purusa é omnisciente e omnipotente. Mas da Purusa da Rg. Veda até aos pequenos ídolos do hinduísmo popular vai um largo caminho. E fica ainda por refutar a principal objecção: a de que no panteão dos hindus, por exemplo, o número dos braços de um deus não se encontrava em nenhuma relação com a sua grandeza. Portanto, esta simbólica parecia-me uma apologia pouco feliz do hinduísmo.

Os deuses dos gregos não eram bons, mas possuiam ao menos uma forma bela, visto serem representados sob figura humana, e era possível gostarmos deles se quisésemos. Os deuses dos hindus, pelo contrário, apenas conseguiam inspirar receio e tornar-se perigosos, e isto supondo-se que inspiravam fé. Às vezes, parecia-me um tanto duvidosa a existência destes deuses. Muitos possuíam um significado local, e a maior parte era desconhecida antes da época Puranic. Esta crença nos deuses continha em si qualquer coisa de problemático. Comecei a cogitar. Veio-me, então, em auxílio o panteísmo védico, cuja principal doutrina se funda na máxima de que não há qualquer pluralidade. Por conseguinte, todos os membros são um único, todos os olhos um, todas as mulheres uma, todos os deuses um, todos os mundos um, tu e eu somos um. Porque nos devíamos, pois, perturbar quando podíamos viver em ditosa paz? Alcancei esta despreocupação e nela permaneci largo tempo.

Estava convencido de que a minha atitude espiritual que, certamente, pressupunha determinada dose de habilidade dialéctica, não poderia ser abalada por quaisquer controvérsias. Eu distinguia perfeitamente entre verdade relativa e absoluta, entre uma maneira de pensar mais

http://www.obrascatolicas.com/

subtil e outra mais grosseira, entre o misticismo e o realismo ocidental, etc. Em suma cheguei pouco a pouco a adoptar o modo de pensar dos neo-hindus, cujos livros eu lia, e que deviam ter razão precisamente por serem hindus.

«Cumula de bens aos que têm fome», eis a doutrina da Mãe. E a palavra do Filho anuncia: «Bem-aventurados os que têm fome e sede porque serão saciados». Eis a característica de qualquer conversão. Primeiro, o tempo dos jejuns, mais ou menos rigorosos, mais ou menos dolorosos, durante mais ou menos tempo, e logo um grande banquete, que jamais, nem sequer no céu, terminará. Quem, pois, se encontra farto não será saciado. Mas o que sente fome, verá a sua fome mitigada. Eu, porém, já me encontrava saciado. Não sentia fome, e todavia ela havia de surgir de qualquer modo, antes que o Cristianismo pudesse penetrar em mim. Estava reservado ao racionalismo o operar essa mudança, e bem sucedido foi.

Foi por uma casualidade que travei conhecimento com o racionalismo. Quando comecei, porém, a ler os livros dos racionalistas, o seu método causou-me profunda impressão. Em breve compreendi que os homens se ligavam a uma religião, ou por um instinto cego, ou por interesse transcendental, mas raras vezes em consequência de uma reflexão puramente intelectual. A religião — dizia-se — toca o homem no que ele tem de mais profundo. Apesar disso, mal lhe chega a tocar a razão, que, todavia, constitui a parte essencial do homem. Mas, mesmo quando entra em contacto com a razão, não mostra nenhum fundamento firme, e antes sobrenada à superfície como uma ilusão. Enquanto analisava a minha própria religião, fiz a terrível

http://www.obrascatolicas.com/

descoberta de que o dogma principal do panteísmo hindu — «todos os seres são apenas um ser» — continha uma contradição flagrante. Este reconhecimento liquidou em mim o hinduísmo como irracional: «Despede os ricos de mãos vazias». Eu, homem rico, convertera-me num pobre Lázaro.

«Porque eles serão saciados...»

Os racionalistas eram bastante limitados no seu modo de ser. Gostavam de estabelecimentos pequenos, de medidas pequenas, de proporções pequenas. Em suma: o seu entendimento era notàvelmente pequeno. Possuíam um metro bastante curto, com o qual mediam a sua mercadoria. Por um centavo, estavam prontos a medir tudo o que se quisesse com o seu metro, inclusive o sistema solar e o universo, se fosse preciso; porque, afirmavam, também o universo era mensurável. Até aqui tinham razão. Mas na sua negação do incomensurável descobri eu a deficiência do seu sistema. Diziam: o que não é mensurável não pode existir. Compreendi que o meu espírito, na sua limitação, aspirava ao ilimitado, ao infinito. Este infinito não podia ser o indefinido; porque o indefinido nada mais é, em última análise, que o definido pensado na sua indefinidade. O meu espírito mostrava-me a absoluta necessidade de uma realidade infinita, cuja existência fosse tão real como o meu espírito e o impulso do meu espírito para o infinito. Os racionalistas negaram a existência de Deus como a realidade infinita. Também eu negava Deus, isto é, o Deus das religiões. Mas o Deus infinito, não o podia negar. Contìnuamente formulava a mim mesmo a pergunta dos racionalistas: Como pode ser que o meu espírito, atenta a

http://www.obrascatolicas.com/

sua limitação, consiga abarcar, pensando, o infinito? Mas não achava qualquer resposta.

Por esta altura eu estudava num liceu católico. Procurei o meu professor de física, um jesuíta, e pedi-lhe que me explicasse o conceito de finito e infinito. Introduziu-me na sublime ciência da *Philosophia perennis,* cuja grandeza e significado só mais tarde, depois de longo tempo, vim a reconhecer. Um tinteiro é uma coisa finita. Pode receber determinada quantidade de tinta, possìvelmente até todo um universo de tinta, mas nunca conter o conceito universal «tinta» ,que ultrapassa a sua compreensão. Os conceitos universais não são coisas, ao passo que um tinteiro é uma coisa, é material. O espírito humano trabalha com conceitos universais e, por isso, é qualquer coisa de imaterial, de espiritual, mas alguma coisa de real, de verdadeiro. Os conceitos universais estão para além das coisas. Do mesmo modo como o espírito está acima da matéria, assim o infinito sobre o finito. O espírito humano nunca poderá alcançar, por completo, o infinito. E isso levou-nos à questão da causa e efeito. Depois de me terem sido explicados os conceitos de matéria, espírito, especificação, transcendência, necessidade e relatividade, já não tinha quaisquer dúvidas quanto à existência do infinito.

Deus existia. Mas quem era Ele? Que era Ele? Era um espírito, visto que eu possuía um espírito. Era a bondade para comigo. Toda uma série de propriedades se poderia enumerar. Mas o problema não era, em última análise, como é que Deus se me mostrava, mas o que era Ele em si. O sacerdote dizia: «Deus é, e por isso o Seu ser

http://www.obrascatolicas.com/

não pode consistir num ser que não seja necessàriamente». Esta resposta era negativa, mas reconheci que era a resposta exacta. Uma aspiração positiva significaria o mesmo que uma limitação positiva, e uma limitação positiva do infinito não passaria de jogo de palavras sem sentido. Mas eu ouvia como o panteísmo védico me agradava ao ouvido: «Tudo isto tenho eu também no meu Upanisad». Eu já conhecia as passagens «Neti, Neti» do «Brhad Aranyaka Upanisad» IV. 11. 4. etc. Mas estas apenas ensinavam meias verdades, e meias verdades na filosofia são piores que erros completos.

Até agora eu pairara nas altas regiões da filosofia, mas mesmo esta filosofia, para ser frutuosa, tinha de aprofundar as suas raízes no reino da terra. Assim, desci das alturas, coloquei-me com os pés sobre a terra e pus-me à procura de uma religião cujo Deus fosse concorde com o Deus de uma filosofia comprovada. Os deuses dos hindus não eram, evidentemente, Deus. O Deus obscuro dos Upanisads era o único ser, mas eu possuía também um ser real, portanto ele e eu éramos idênticos, — mentira manifesta, e a maior mentira. Não admira, pois, que este deus não formasse o centro de uma religião autêntica. O deus dos muçulmanos era um tirano benevolente, mas, em todo o caso, um tirano; o deus dos teósofos era uma habilidade de malabarista, e os budistas vangloriavam-se de não possuírem qualquer deus. Por conseguinte nada mais me restava que o Deus dos cristãos. Chamavam-lhe pai. Parecia-me ser isto o que mais se aproximava do conceito de Deus que nessa altura possuía.

Agradava-me a ideia de um deus considerado como

http://www.obrascatolicas.com/

pai. Mas eu não sabia que o Pai era Deus, porque não sabia ainda que o Filho era Deus. Ignorava igualmente que havia também um Espírito Santo. Só muito mais tarde o vim a saber. Fiquei a conhecer Deus-Filho como tinha conhecido Deus, isto é, por intermédio dos racionalistas.

Era ainda racionalista, mas já não confiava no racionalismo. Media com o metro que me haviam posto nas mãos, e verifiquei que eles não conheciam bem o seu emprego. Não desejava ser escravo do seu espírito mesquinho. De perto os tinha conhecido. Podiam ser extremamente amáveis, perfeitamente imparciais e objectivamente críticos nas suas explanações sobre os diferentes sistemas religiosos. Mas essa objectividade desaparecia quando começavam a falar sobre o Cristianismo. O Cristianismo parecia desorientá-los sempre que dele se ocupavam: desaparecia todo o seu bom senso, mesmo o seu bom tom doutras ocasiões e, sobretudo, desaparecia a sua objectividade. De quando em quando ficavam furiosos, e a linguagem, de que então se serviam, já não era uma linguagem selecta. Deu-me isso que pensar. Nada de nos deixarmos assaltar pelo nervoso enquanto tivermos na mão um trunfo para jogar. Estes homens, de resto tão respeitáveis, perdiam por completo o seu auto-domínio. O bom-senso da religião cristã e o fraco do racionalismo perante ela eram evidentes. O reconhecimento deste facto não me levou, porém, imediatamente à pia baptismal. Muito tinha ainda de correr a água pelo rio antes de poder correr por sobre a minha cabeça. Cristo é a Igreja, e a Igreja é Cristo. Puro pensamento paulista. Pode ser. Era a teologia mística de um S. Bernardo. Muito bem. Eram criações de alguns

http://www.obrascatolicas.com/

apologetas católicos contemporâneos, de vistas largas que estavam influenciados pelo panteísmo do Oriente. Vejam, vejam! Não me senti inclinado a estudar a religião cristã sob a orientação de cristãos que se serviam de tais argumentos dos racionalistas. O que, todavia, me deixou admirado foi o descobrir que os próprios racionalistas acreditavam completamente nesta doutrina. Eles combatiam a Igreja com todos os meios lícitos e ilícitos, porque estavam convencidos de que ela era o Cristo que sobreviveria. «Écrasez l'Infâme». Eu conhecia a Igreja pelo trabalho que ela realizava à minha volta. Era a mãe solícita das donzelas e viúvas, dos oprimidos e abandonados, dos pobres e dos párias. E em tudo isto nada havia a censurar.

Os racionalistas diziam-me que a Igreja tinha o seu passado. Li a sua história e o seu passado longo e honroso. Mas ainda descobri outra coisa. Ao estudar a história da Igreja, tropecei com a história das Igrejas. Verificação extremamente interessante, de facto. Era um agradável jogo intelectual o meditar sobre as imprevistas possibilidades de desdobramento das Igrejas: uma Igreja blavatsky, uma Igreja hindu, uma Igreja hotentote, uma Igreja maometana, etc. As Igrejas afirmavam que a Igreja consistia numa comunhão religiosa. Em que consistia, porém, essa comunhão religiosa, não o diziam. Tinham-se esquecido de considerar a essência da religião. Eu não o esquecera. A Igreja não o esquecera. Jamais cessara de anunciar que havia apenas uma vida e uma verdade, assim havia também apenas um caminho: Cristo sobrevivo. Ela era o caminho, o único caminho. Ela era Cristo, e Cristo era a Igreja. Portanto, os racionalistas sempre tinham

http://www.obrascatolicas.com/

razão. O extremo do caminho estava agora quase atingido. Seguiu-se ainda a costumada instrução do catolicismo. Apesar disso, não teria dado o derradeiro e decisivo passo se um convertido, que muito sofria por causa da sua conversão, me não infundisse coragem. A 17 de Junho de 1919 fui baptizado no sangue de Cristo e recebi o Corpo do Senhor a 19 de Junho do mesmo ano. Era apenas o início do «ser-saciado». Tenho esperança de que não acabará nunca.

http://www.obrascatolicas.com/

SUPERSTIÇÃO HINDU OU CULTO DE HOMEM DEUS?

Brahmchari Rewachand Animanande
ÍNDIA

Descende de uma casta guerreira da Índia, e foi adepto da religião de Sikh, cujo fundador, Guru Nanak, viveu como um santo, advogando o mais puro teísmo. Animananda, nome que recebeu no baptismo, é tradução de Paulo.

Quando eu era ainda criança, minha avó acostumou-me a dizer sempre a verdade e a amar a Deus. Em troca, dizia ela, seria recompensado com a contemplação divina. Uma noite vi em sonhos o deus hindu Sree Krishna com uma magnífica coroa na cabeça. Senti grande alegria e considerei-me feliz. Mais tarde fui visitar um hindu sannyasi (monje) e pedi-lhe que me deixasse servi-lo como brahmchari (discípulo); mas meu avô repreendeu-me por isso e trouxe-me novamente para casa, o que me pareceu estranho, pois não consegui compreender por que motivo haveria de ser castigado, uma vez que praticara uma boa acção. Surpresas semelhantes experimentei também, mais tarde, na escola. Por dizer a verdade, recebi uma vez, de um colega, um bom par de açoites. Fiquei pensativo. Frequentemente me interrogava: «Para que me criou

http://www.obrascatolicas.com/

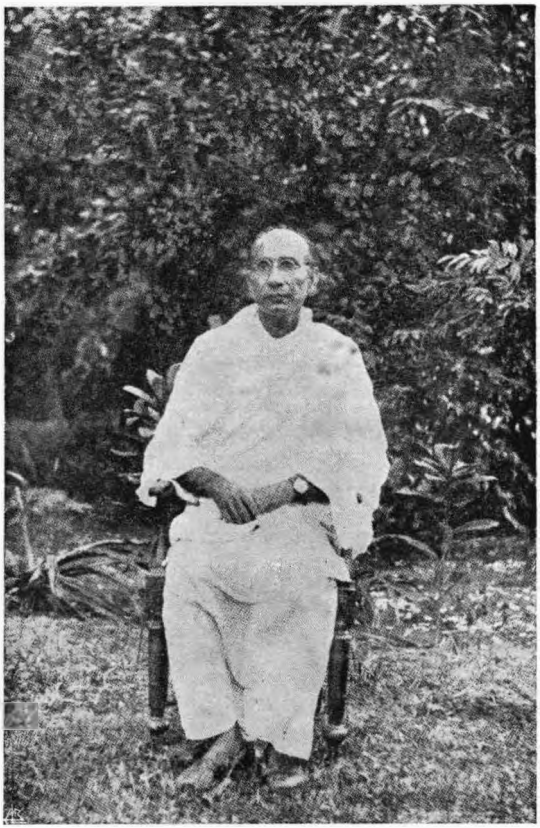
Deus? Que ganhei eu com isso?» Também o problema da dor era para mim um enigma. Os meus amigos costumavam dizer que os sofrimentos na vida eram a consequência de pecados pessoais cometidos em outra vida anterior (1).

Mas esta resposta não me satisfazia. De novo me interrogava a mim mesmo: «Porque é que Deus me criou afinal? Não teria sido melhor não me ter chamado à vida?» Agora que sou católico, compreendo, à luz da fé, alguma coisa do mistério que envolvia a criação, mistério que só nos será revelado quando a luz gloriosa da eternidade nos iluminar os olhos.

À medida que os anos decorriam, começou a minha fé na religião hindu a vacilar pouco a pouco. Em parte por causa da superstição do povo, em parte também por causa da vida nada piedosa dos sannyasis e sacerdotes hindus. Por ocasião de uma solenidade religiosa deram-me, como aos outros visitantes, um bocado de barro, com a recomendação de o conservar cuidadosamente, porquanto, dentro de um ano, se transformaria em ouro. Sempre que me dirigia ao templo Sikh, em busca da sagrada e preciosa oferta, a que nós chamávamos Kanah Prasad, correspondia a quantidade de Prasad à soma de dinheiro que se sacrificava perante o bava Sikh (chefe mor de um templo). O mesmo amor pelo dinheiro mostravam os brâmanes que oficiavam em bodas ou funerais. Foi este o motivo porque perdi a fé no hinduísmo, se bem que a mi-

(1) Os índios acreditam na metempsicose. A alma, segundo eles, passa por diversos corpos e tem de expiar pecados que cometeu quando integrada num corpo anterior.

http://www.obrascatolicas.com/



B. Animanandh.

http://www.obrascatolicas.com/

nha fé em Deus e no fundador do Sikhismo se mantivesse inabalável.

Terminada a escola primária, frequentei a C. M. S. High School (liceu protestante), onde estudei durante seis anos. Costumáva-mos nós, jovens, rezar na nossa língua materna o «Pai nosso» cuja primeira parte o missionário rezava. Com este motivo injuriava muitas vezes o nome de Deus, ao substituir, como igualmente outros alunos, a palavra pai pela palavra vitelo, pois ambas as palavras têm uma pronúncia muito semelhante na língua hindu. Depois de ter frequentado este Colégio durante quatro anos, matriculei-me nos cursos bíblicos dominicais. Foi numa destas aulas sobre a Bíblia que Mr. Rodman nos contou a história dos três jovens que se recusaram a adorar os ídolos por ordem do rei e foram lançados numa fornalha ardente sem que lhes chamuscasse um cabelo. A convicção e o calor com que o missionário relatava o acontecimento bíblico constituía para mim uma prova da autenticidade do milagre, e fiquei ìntimamente convencido da verdade do Cristianismo. Dois anos se passaram, e chegámos à história dos apóstolos. A conversão de S. Paulo produziu na minha alma uma impressão tão profunda, que já não podia duvidar mais da origem divina do Cristianismo. Lembro-me de ter declarado a um dos meus amigos, durante um passeio, que o meu caminho terminaria por me conduzir ao Cristianismo. Quando um conhecido meu soube da evolução que se operava na minha atitude religiosa, pediu-me que lesse o livro de Keshub Chundra Sen, «Asia's Message to Europe» (mensagem da Ásia à Europa): mas a leitura deste livro fortaleceu a minha posição nas ideias

http://www.obrascatolicas.com/

recem-adquiridas. E disse para comigo mesmo: «Prefiro pertencer antes à religião do rei dos profetas que à religião de Keshud Chundra Sen».

Apesar de tudo, o dia do meu baptismo estava ainda distante. As dificuldades morais e espirituais que se levantavam à minha conversão eram demasiado grandes. Também não era nenhuma bagatela o rebater os argumentos dos racionalistas contra o Cristianismo, e era impossível defender a tese protestante de que todos os neo-cristãos seriam condenados ao inferno. Além disso o pequeno número de índios convertidos ao protestantismo, com os quais entrei em contacto, dependia por completo do missionário, e o seu modo de vida, se não era inferior, também não era superior à dos não-cristãos. A ideia de ter de viver com eles, como convertido, não era animadora.

Quando, porém, tomei conhecimento de que um brâmane da casta superior de Bengali, chamado Upadhyay Brahmbandhav, sacrificara prestígio e posição, e por amor de Cristo provara amarga pobreza, amadureceu em mim a decisão de me baptizar. Disse para mim mesmo que, depois de sair da casa paterna, poderia ser feliz na companhia deste homem. Na sexta-feira santa, a 26 de Fevereiro de 1891, depois do seu baptismo, numa reunião que organizara, fez um penetrante discurso sobre a divindade de Jesus Cristo. As suas palavras impressionaram-me tão poderosamente que logo resolvi renunciar ao mundo para me fazer missionário.

Realizei mais tarde uma conferência sobre o valor moral da fidelidade às convicções, sob a presidência de Upadhayay Brahmbandhav. No decorrer da conferência

http://www.obrascatolicas.com/

aconselhei a seguirem o grande reformador Martinho Lutero, a quem apresentei como brilhante modelo dessa fidelidade às próprias convicções. Brahmbandhav nada disse prudentemente a esta minha declaração, mas o seu amigo Permanand Mewaram comunicou-me depois, a sós, que Lutero não era o herói que eu julgava. Recebi esta afirmação em silêncio. Quando, porém, fiquei a saber que Brahmbandhav se inclinava para a Igreja Católica, não pude deixar de lhe chamar louco, pois abandonara a idolatria hindu para se dedicar à idolatria católica. Acrescentei ainda que Guru Nanak, fundador do Sikhismo, era muito mais santo que a Virgem Maria, porque chegara a ser alguma coisa mercê do seu mérito pessoal, enquanto esta não exibia quaisquer méritos pessoais e apenas tinha sido a Mãe de Jesus. Que Maria era a única criatura concebida sem pecado, que ela é, em verdade, a rainha das virgens e que toda a sua vida fora um martírio incruento, ignorava-o então.

O sr. Permanand, actual editor da revista católica «Lux», emprestou-me um livro da autoria do bispo Spalding. Nele se demonstrava claramente que Lutero não fora nenhum reformador, mas um rebelde contra a autoridade divina da Igreja, e que as suas doutrinas não eram cristãs nem estavam de acordo com a Bíblia. E os escritos do bispo de Bombaim, Dr. Meurin, ensinaram-me que a veneração das imagens na Igreja Católica era coisa totalmente diferente da idolatria.

Levado pelo protestantismo a uma certa desconfiança das coisas católicas perguntei ao director anglo-indiano da High School se as censuras dos católicos contra Lutero

http://www.obrascatolicas.com/

se estribavam na verdade. Retorquiu-me que havia de escrever para a Alemanha a informar-se. Ao mesmo tempo exprimiu o seu pesar por eu ter chegado já àquele ponto. «Porque é que leu esses livros romanos?» Respondi que fora apenas para verificar as afirmações sobre Lutero. A isto replicou que a conversa se tinha desenrolado à volta de Cristo e não de Lutero. Esta reservada atitude de um protestante em relação a Lutero dispôs-me favoràvelmente a respeito da Igreja Católica. Tratei de conseguir o Manual da Religião Cristã, de Wilmer, e estudei-o cuidadosamente. As doutrinas cristãs encontram-se neste livro expostas de modo tão exemplar e inteligente que tive de me convencer da origem divina da Igreja Católica.

Enquanto estive sob a influência do protestantismo, era a maravilhosa personalidade de Cristo que me atraía. Mas parece-me que não chegaria a ser totalmente cristão se a infinita misericórdia de Deus me não tivesse mostrado a Igreja Católica. Porque não poderia ter superado por meio do protestantismo as dificuldades intelectuais causadas pelo racionalismo. Com alegria e gratidão relembro o P.e Patholf, S. I., da arquidiocese de Bombaim, que resolveu as minhas dificuldades e me fortaleceu na minha convicção. Apesar disso, o dia do baptismo ainda se encontrava muito distante. As dificuldades intelectuais tinham sido vencidas, de facto, mas não as de ordem moral. Não podia separar-me daqueles com os quais estava ligado pelos laços do sangue e do amor.

Entretanto falava francamente com os meus amigos sobre a verdade da religião católica, sobre a santidade e unidade da sua doutrina, sobre a sublimidade e unicidade

http://www.obrascatolicas.com/

da vida virginal, tal como se pratica na Igreja Católica. A vida heróica dos santos forneceu-me ao mesmo tempo uma compreensão mais profunda da pessoa divina de Jesus Cristo. Mais; as imagens dos santos eram para mim dignas de veneração, e um aposento com a imagem de S. Luís parecia-me santificado por ele. Foi por esta altura que falei com um dos meus alunos sobre as verdades da Igreja Católica. Mas ele escreveu-me a seguir uma carta com o pedido de não voltar a ter com ele conversas sobre religião enquanto eu mesmo não tivesse ofertado a Cristo o coração. É que, digo-o com sinceridade, não tinha eu ainda entregado o coração a Cristo, e assim resolvi-me finalmente a fazer aquilo que pregava para os outros. Animado pelo exemplo de um compatriota e guiado pela graça de Deus, recebi o baptismo cerca de oito meses mais tarde, administrado pelo P.e Salinger, S. I., na festa da Santíssima Trindade, no mês de Maio de 1893, em Hyderabad (Sind).

http://www.obrascatolicas.com/

UM MEMBRO SEPARADO DEIXA DE TER VIDA...

J. Estêvão Narayan
CEILÃO

Uma vez aceite o Cristianismo, foi clérigo anglicano. Depois de ter reconhecido o erro do anglicanismo, entrou na Igreja Católica. Narayan é actualmente professor em St. Joseph's College, em Trincomalee, Ceilão, e secretário do «Catholic Press Committee».

A minha conversão à Igreja Católica não foi a consequência de uma decisão súbita, mas sim o resultado de um processo de longos anos. Por isso os meus leitores compreenderão, sem dúvida, que me reporte à minha meninice.

Durante os meus primeiros 14 anos fui educado na minha terra natal, na Índia, como jovem crente hindu, como competia ao filho de um brâmane. A minha nobre mãe, a quem me sentia preso pelo amor mais terno que é possível existir na terra, preservou-me do mal com a sua sábia e severa disciplina e mercê do seu compreensivo e ardente amor por mim. Desde a meninice que era obrigado a recitar diàriamente esta oração: «Ó Deus, concede-me o verdadeiro conhecimento!»; e a história da

http://www.obrascatolicas.com/

minha vida, que reproduzo aqui em breves palavras, é a resposta a esta oração.

A partir dos meus 14 anos, começou o Cristianismo a exercer grande influência no meu coração e no meu entendimento. Em consequência das aulas sobre a Bíblia, a que obrigatòriamente assistiamos numa escola protestante e devido ao conhecimento directo com um professor da escola, invadiu-me uma veneração e amor sempre crescente por Cristo, e fui, por último, ,em 1916, depois de ter completado os meus 18 anos, levado ao baptismo.

Isto significava, devido às rígidas disposições sobre castas, em vigor entre os hindus e ortodoxos, um corte completo com a minha pátria e minha mãe. Seguindo as minhas ideias de então, liguei-me à corrente protestante extrema da Igreja inglesa. Como guia e autoridade em todas as questões de moral e religião reconhecia, única e simplesmente, a Bíblia. Cada palavra bíblica era como se fora inspirada pelo Espírito Santo; mas tinham-me ensinado que eu as podia interpretar segundo o próprio parecer.

Em breve, contudo, dei pela falta, na religião e religiosidade dos protestantes, do sentido de sacrifício, da mortificação e profunda piedade, que possuem os hindus crentes. Surgiu em mim a dúvida de se haveria talvez outras formas mais perfeitas de Cristianismo. Com o decorrer do tempo, descobri, em viagens por várias regiões da Índia, e mercê do meu contacto com missionários que se encontravam ligados à Igreja anglicana, outra espécie de Cristianismo. Em consequência disso, modificava-se continuamente a minha concepção de Igreja e sacramentos.

http://www.obrascatolicas.com/

Entretanto, falecera minha mãe, que me havia seguido no protestantismo. A sua morte levou-me a estudar o problema da alma na vida futura, e a este respeito muito me agradava a doutrina católica do purgatório e das orações pelos mortos.

Em 1920 entrei no Colégio teológico em Bangalore, com a intenção de licenciar-me em Teologia e me preparar para o ministério eclesiástico na Igreja anglicana. O espírito do colégio era absolutamente protestante. Visto os anglicanos afirmarem que o Cristianismo dos primeiros séculos é que era o mais puro, estava ansioso por conhecer os escritos dos primeiros cristãos. Qual não seria, pois, o meu espanto ao não encontrar estes escritos na biblioteca do Colégio! Por sorte, conheci em Bangalore o Dr. H. C. E. Zacarias que, como anglicano, pertencia àquela corrente religiosa que aceitara a doutrina e costumes católicos e se dava a si mesmo a designação de « Anglo - Católico ». O Dr. Zacarias exerceu, desde então, grande influência sobre mim, mercê da sua amizade e das cartas que regularmente me enviava, bem como por intermédio dos numerosos livros anglicanos e católicos que fez chegar às minhas mãos.

Passado um ano, abandonei Bangalore e dirigi-me a Calcutá para continuar os meus estudos na Universidade Teológica, no Bishop's College, da província anglicana da Índia. Ali entrei em contacto com os padres da Oxford Mission Brotherhood, que faziam parte de uma ordem religiosa anglicana, exerciam a sua actividade sobretudo entre os estudantes universitários e, em questões de fé e usos religiosos, eram decididamente «Anglo-Católicos».

http://www.obrascatolicas.com/

Sob a sua influência, habituei-me igualmente à confissão. Embora a estas confissões, devido à falta de verdadeiro sacerdócio, não estivesse ligada qualquer eficácia objectiva, não posso negar o grande estímulo subjectivo que, por seu intermédio, experimentava na vida espiritual. Além disso, tive, no decorrer dos estudos teológicos nesta universidade, a felicidade de poder estudar as obras dos Santos Padres da Igreja primitiva. Através destas leituras e devido aos membros da Oxford Mission, fiquei a conhecer também muitas doutrinas e usos católicos e procurei a sua ligação com os «Anglo-Católicos». Estes consideravam a Igreja anglicana, grega e romana como partes integrantes de uma Igreja católica, e esperavam saudosamente pelo dia em que desaparecesse o lamentável cisma, e todas voltassem a reencontrar-se, inclusive exteriormente, numa comunidade só. Eu tinha lido e ouvido igualmente falar nas conversações religiosas que se tinham efectuado em Malinas entre membros da Igreja anglicana e católica, e esperava em silêncio uma rápida unificação das Igrejas.

Por fins de 1924 recebi a consagração de diaconado, para, com outro grupo de religiosos anglicanos — Cowley Fathers — trabalhar em Poona. O Dr. Zacarias, que entretanto se trasladara a Poona, costumava passar comigo as tardes do sábado e, naturalmente, os problemas religiosos constituíam o ponto central das nossas conversações. O Dr. Zacarias apresentou-me a um jesuíta irlandês, o P.e Lander, cujo modo amável e compreensivo me atraíu muito para a Igreja Católica.

Três acontecimentos em 1926 fizeram com que a minha

http://www.obrascatolicas.com/

fé na Igreja anglicana ficasse abalada para sempre. Em primeiro lugar, foi o Dr. Zacarias que ingressou na Igreja Católica, depois de abrir o caminho através de muitas dúvidas intelectuais sobre as quais, na sua maioria, ambos tínhamos discutido juntos. Em segundo lugar, eu, que entretanto contraíra matrimónio, tivera uma conversa com minha mulher, durante a qual lhe expus o anglo-catolicismo. A isso ela replicou como é que era possível que as três Igrejas parciais — Roma, Constantinopla e Cantuária — que entre si não mantinham quaisquer relações — fossem, não obstante, ramificações vivas de uma Igreja Católica. Não pude responder a esta pergunta, o que tanto mais preocupou o meu espírito, quanto que a conversão recente do Dr. Zacarias estava ainda viva na minha memória. Em terceiro lugar, o P.e Lander, no decorrer de uma conversa, demonstrou-me que as ordenações sacerdotais anglicanas eram nulas por falta de intenção. Eu tinha recebido já o sacerdócio anglicano, e estudara também este problema da validez das ordenações do ponto de vista anglicano, quando a observação do P.e Lander fez surgir este problema ao meu espírito já inquieto, sob uma luz totalmente diversa. Li alguns livros da biblioteca dos Cowley Fathers, que tratavam deste tema. Apesar de tudo, não consegui libertar-me da minha inquietação relativamente às ordens anglicanas, até que, por último, procurei a tranquilidade numa palavra do meu confessor anglicano, o qual me disse que semelhantes dúvidas eram, na sua maioria, obra de Satanás.

Em 1927 mandaram-me para Batticaloa como sacerdote auxiliar e director de uma escola. Esta nomeação foi

http://www.obrascatolicas.com/

para mim de grande alegria, porque esperava esquecer as minhas dificuldades religiosas no novo ambiente. Mas a vontade de Deus determinou as coisas noutro sentido. A igreja de Batticaloa estava inspirada na «Low Church», e encontrei ali muita coisa diferente dos Anglo-Católicos» de Poona, episcopais e ritualistas. Como consequência, surgiram numerosas discussões, na sua maioria de natureza teológica, entre mim e o meu colega. Quando este verificou que eu acreditava na transubstanciação, proibiu-me que ensinasse estas doutrinas aos meus alunos, embora *privativo* pudesse acreditar no que me apetecesse. Estas discrepâncias criaram em mim o sentimento do mais completo isolamento, e ansiava pela unidade da fé.

Certos acontecimentos, passados na Igreja anglicana de Inglaterra, aumentaram, além disso, as minhas dúvidas. O facto de o bispo Barnes ter defendido pùblicamente a limitação de nascimentos e qualificado de magia o Santíssimo Sacramento; a impotência dos outros bispos anglicanos em face de Barnes; o facto de na «House of Commons», até ateus e não-cristãos darem conselhos sobre a liturgia da Igreja anglicana, e a «House of Bishops» determinar que o Santíssimo Sacramento fosse conservado na sacristia dentro de um armário ,em vez de se lhe tributarem a adoração e as honras devidas a Nosso Senhor, tudo isso abalou cada vez mais a minha fé na Igreja anglicana.

Por outra parte, o meu recente conhecimento com o P.e Boutry, S. I., director do colégio católico em Batticaloa, fez com que ressurgissem todas as minhas velhas recordações e dificuldades teológicas da época da minha estadia em Poona. As conversações religiosas de Malinas não

http://www.obrascatolicas.com/

tinham conduzido a nenhum resultado e assim enterrava a minha esperança da unificação com Roma. Quando li a nova encíclica papal sobre a unificação, fiquei cheio de admiração pelo espírito de Roma. Nesse documento, deparou-se-me a firmeza e decisão com que a primitiva Igreja velava pela pureza da doutrina. Não obstante, eu acreditava, ou antes obrigava-me a acreditar, que a Igreja de Inglaterra possuía ordens e sacramentos válidos, e que eu me encontrava no seio da Igreja Católica.

A grande reviravolta da minha vida, porém, operou-se quando, certa manhã, li uma prática de Santo Agostinho, o grande bispo de Hipona, e esbarrei num passo muito curioso. Embora o tivesse lido já mais vezes, nunca me senti tão impressionado como naquela manhã. Era como se uma nova luz de aí brotasse ao meu encontro. Eis o passo:

«O que a alma é para o corpo, assim é o Espírito Santo para o corpo de Cristo, a Igreja. Aquilo que a alma causa num único corpo, o Espírito Santo o causa em toda a Igreja. Mas acautelai-vos com o que deveis evitar, fazer e temer. Às vezes acontece que um membro — uma mão, um dedo, um pé — é separado do corpo humano. Segue a alma o membro separado? Em ligação com o corpo, ele vivia; após a separação, a vida abandonou-o. Assim também se passa com um cristão. Enquanto permanecer membro da Igreja, tem vida em si; é católico. Mas se se separa, é herético. O espírito vital não segue a um membro separado...» (Sermão 247).

Quando Santo Agostinho pronunciou estas palavras, pensava nos donatistas, que se tinham separado da Igreja

http://www.obrascatolicas.com/

e possuíam ordens e sacramentos válidos. Mas não só Santo Agostinho como toda a Igreja Católica de então considerava os donatistas como fora da comunidade católica. Para os «Anglo-Católicos», a Igreja dos Santos Padres é infalível. Ora, esta mesma Igreja afirmava que não bastam as ordens e os sacramentos válidos para formar parte da Igreja Católica. Compreendi então que, mesmo admitindo a hipótese da validez das ordens e sacramentos anglicanos, isso de modo algum seria suficiente para que fossem considerados parte integrante da Igreja Católica. Para ser católico, é necessário pertencer à Igreja Católica, em tudo.

Já anteriormente eu possuira a convicção de que a Igreja de Roma tinha maiores razões para se considerar como a verdadeira Igreja de Cristo do que a anglicana. Até agora, porém, não me parecia necessário mudar de religião, visto supor a Igreja anglicana na posse de ordens e sacramentos válidos, e considerá-la um ramo vivo da Igreja Católica. As palavras de Santo Agostinho destruíram-me esta ideia. A partir daquele dia deixei de ser anglicano. Mas, apesar disso, não conseguia decidir-me à obediência a Roma; porque, se bem que estivesse convencido de que Roma possuía todos os dogmas e o espírito da Igreja primitiva, parecia-me também que ao antigo depósito da fé tinha acrescentado novos dogmas. Esta opinião errónea foi, por fim, devidamente corrigida pela leitura da grande obra do cardeal Newmann: «A evolução dos dogmas católicos». O cardeal demonstra, no seu livro, que a Igreja é um organismo vivo, cujo princípio vital e guia é o Espírito Santo. Partindo desta concepção da

http://www.obrascatolicas.com/

Igreja, o meu espírito percorreu a história eclesiástica e verificou que a Igreja Católica de hoje, na sua fé, no seu culto, na sua organização, é a continuação lógica da Igreja primitiva.

Diante desta conclusão, renunciei ao meu cargo em Batticaloa, separei-me da Igreja anglicana e dirigi-me para Trincomalee, onde, após uns exercícios prévios e uma instrução final, minha mulher e eu fomos recebidos no seio da Igreja Católica, na véspera do domingo de Ramos de 1928.

http://www.obrascatolicas.com/

NÃO IGREJAS, MAS IGREJA...

Rodolfo A. Mndaweni
ÁFRICA

Foi algum tempo segundo redactor de um jornal que se publicava na lingua do seu país. Escreveu também um esplêndido livro, na língua zulu, sobre os caracteres da verdadeira Igreja e a necessidade de ingressar nela. Como professor e catequista desenvolve agora viva actividade, tendo em alguns anos reconduzido 160 protestantes à verdadeira fé.

Embora não escreva nenhuma autobiografia, há coisas, na minha vida, que não posso deixar de referir sem prejudicar o relato da minha conversão.

Nascido no protestantismo (Wesleyan Church), correspondiam os meus conhecimentos de Deus e dos seus mandamentos aos de um protestante. Antes de frequentar, com 17 anos, o Ginásio (College), não sabia sequer que existiam outras comunidades religiosas. Planeava fazer-me um pregador, e muitas vezes rezava, em segredo, neste sentido. Procurara admissão num Ginásio protestante, mas mudei, depois, de resolução, e, com um amigo, que não fora admitido nele, ingressei no católico. Foi aqui, no «Mrianihill Training College», de Natal (África do Sul), que entrei pela primeira vez em contacto com o Catolicismo.

Repeli, imediatamente, a doutrina católica e os costu-

http://www.obrascatolicas.com/

mes católicos. Como toda a gente com preconceitos, atribuía aos católicos certas coisas que careciam de todo e qualquer fundamento. Mais; devo confessar que, durante os primeiros anos do Ginásio, a minha disposição de espírito era absolutamente anti-católica, devido, sem dúvida, como mais tarde o notei, à minha ignorância da doutrina católica.

Com o decorrer do tempo, tornaram-se-me mais familiares os usos litúrgicos católicos. Também fui ampliando os meus conhecimentos sobre a Reforma, com as suas desagradáveis consequências. Não me preocupava pouco o saber porque é que tantas seitas tinham abandonado a Igreja Católica, e busquei, por isso, diligentemente, a verdade sobre esta questão.

Por outro lado, reconfortava-me com a ideia de que as outras igrejas, embora tivessem abandonado a primitiva Igreja, podiam ser igualmente igrejas de Cristo. Em vez, porém, da desejada consolação, ouvia de outros estudantes, não raras vezes, palavras desanimadoras sobre a Igreja protestante.

Ao pensar nas numerosas igrejas do mundo, todas com a pretensão de serem a verdadeira Igreja de Deus, caí numa grande confusão espiritual. Em consequência da minha convicção da prioridade da Igreja Católica, começou a vacilar a minha fé na capacidade salvadora da Igreja protestante. Não acabava de ver a necessidade de tal pluralidade de igrejas. Iso levou-me a estudar a doutrina católica de modo mais minucioso, e, após algum tempo, já eu era mais católico que protestante. Convenci-me de que Jesus Cristo não queria, com toda a certeza,

http://www.obrascatolicas.com/

ser adorado de modos assim tão diferentes; quando Ele disse a Pedro: «Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja», não falou em «igrejas», mas sim em «Igreja».

Comuniquei a intenção de me fazer católico aos directores da escola, embora sentisse ainda algumas hesitações; não sabia até que ponto me seria possível prosseguir o caminho iniciado, porque na Igreja ainda existiam muitas coisas que me eram pouco claras. Mas, protestante é que já não podia ser. Depois de estudar a fundo a religião católica fiquei mesmo a sentir aversão aos costumes protestantes. Isto é digno de nota, porque eu, primitivamente, em discussões com estudantes católicos, chegava quase a actos violentos, quando os meus argumentos se não faziam valer. Essa atitude derivava provàvelmente do facto de gostar mais de ser vencedor do que vencido. Decorridos três anos, abandonei o Ginásio, com a firme decisão de me fazer católico.

Depois de ter feito as minhas despedidas, entrei em contacto com protestantes convictos e ultra-zelosos, que me puseram à prova: mas venci-a e mantive-me na minha decisão. Felizmente, os meus pais davam-me plena liberdade. Vários condiscípulos protestantes seguiram o meu exemplo. Fui o primeiro, na grande missão protestante, que se fez católico. Não me era fácil, como catecúmeno, confessar a religião católica no meio de fortes e subtis adversários, mas, contudo, fiz todo o possível para me manter fiel à nova religião. Rezei sempre fervorosamente e pedi a Nosso Senhor que me mostrasse o caminho melhor para O servir, e, na hipótese de a Igreja Católica ser a

http://www.obrascatolicas.com/

verdadeira, me desse forças para enfrentar valorosamente as dificuldades maldosas que se pudessem seguir à minha conversão, como de facto seguiram. Todo o mal que se atribuía à minha conversão, era para mim um estímulo para a defender, coisa que agora podia fazer com sucesso.

Um ano depois de terminar os meus estudos, encontrei colocação, como ajudante de escritório, numa localidade situada a três milhas de uma missão católica. Era para mim essa colocação extremamente benvinda, porque facilitava palpàvelmente a possibilidade da conversão. Senti-me ditosíssimo quando, decorrido um ano, me ofereceram o cargo de professor naquela missão dirigida por Beneditinos. Foi aqui que o meu entendimento e o meu coração se convenceram plenamente de que a Igreja Católica era o único caminho de salvação dado aos homens por Cristo. Consequentemente, segui com grande ardor a instrução religiosa, e a minha resolução mais santa era tornar-me um bom católico.

Os belos dias em que recebi os Santos Sacramentos da verdadeira Igreja, e em que dos meus olhos se afastou o véu da ignorância, jamais os esquecerei. A 16 de Abril de 1927 foi a minha primeira confissão; a 24 de Abril de 1927 a minha primeira sagrada comunhão; e a 5 de Junho de 1927 o dia da confirmação. É-me impossível descrever a alegria que me invadiu nestes dias transcendentais.

Desde então, sinto que, na verdade, recebi uma nova vida, uma vida superior. A satisfação e a tranquilidade albergaram-se na minha alma. Como jovem convertido, era tão grande o meu entusiasmo que nada conseguia idealizar de mais sublime do que, como católico, poder traba-

http://www.obrascatolicas.com/

lhar para Deus. O conhecimento da infalibilidade, pureza e santidade da Igreja Católica, dá à minha vida uma orientação superior, um profundo sentido e uma segurança para toda a vida.

Agora sou catequista e professor, e há já cerca de quatro anos que desempenho este difícil cargo. Cheguei aqui, como humilde soldado de Cristo, e o meu trabalho foi abençoado com o êxito. A princípio não havia neste lugar um único católico, e agora já surgiu uma comunidade sempre crescente, que promete muito boas e fecundas esperanças.

http://www.obrascatolicas.com/

DO CRIACIONISMO À FÉ

Leonardo Coimbra [1]
PORTUGAL

Lixa — Felgueiras. Seguiu, ao princípio, a carreira da Armada de que desistiu no posto de guarda-marinha. Ministro da Instrução Pública, por duas vezes, em 1919 e 1922, fundou a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, da qual foi professor no grupo de Filosofia. Publicou: «O Criacionismo» (1912), «A Morte» (1913), «O Pensamento Criacionista» (1915), «A Alegria, a Dor e a Graça» (1916), «A Luta pela Imortalidade» (1918), «Camões e a Fisionomia Espiritual da Pátria» (1920), «A Questão Universitária» (1921), «Adoração» (1921), «O Pensamento Filosófico de Antero de Quental» (1921), «Do Amor e da Morte» (1922), «A Razão Experimental» (1923), «Jesus» (1923), «Guerra Junqueiro» (1923). «O Problema da Educação Nacional» (1926), «S. Francisco de Assis, visão franciscana da vida» (1927), «Notas sobre a abstracção científica e o silogismo» (1927), «A Filosofia de Henri Bergson» (1924), «A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre» (1935). Fundou e dirigiu a «Renascença Portuguesa» tendo sido director e colaborador de «A Águia», órgão do mesmo grupo. Além de escritor, foi orador de arrebatadora eloquência.

— Pode dizer-me como acompanhou a evolução religiosa de seu pai?

---

(1) Leonardo Coimbra não nos legou a história da sua conversão religiosa. Só a podemos entrever, fugidiamente, através das páginas das suas obras. Outro recurso se apresentava: ouvir o filho do malogrado pensador. Leonardo Coimbra, que herdou do pai a

http://www.obrascatolicas.com/

— Sem sentido crítico. Como sabe, eu estava ainda por baptizar.

— Seu pai falou-me, em 1934, a seu respeito. Disse-me que, no Leonardo Augusto, também estava a dar-se uma interessante evolução religiosa.

— Talvez. Contudo, encontrava-me ainda muito distante.

— Mas conversava com seu pai sobre o Catolicismo?...

— No convívio com ele mantinha-me sempre em posição de respeito.

— Que, certamente, o não impedia de conversar.

— Sim. Até muitas vezes, ainda em Matosinhos, quer ao jantar quer à noite, para não ficarmos calados, eu atirava perguntas de tema religioso. E começava o tiroteio. Eu, em hostilidade declarada à religião católica. Tinha lido Dostoievsky. Fazia minhas as suas opiniões de ser o Papa o Anticristo. Meu pai tomava invariàvelmente a defensiva. Ainda me recordo, por exemplo, da sua jus-

---

inteligência solicitada por superiores problemas filosóficos e religiosos, é também um convertido. Médico distinto, não se confina ao mundo intelectual, que a sua profissão impõe. Vive, quanto pode, em atmosfera ampla de ideias universais e procura pensar a sua fé, na altura concordante de um homem culto. O livro que escreveu, a propósito da discutida conversão de seu pai, confirma claramente estas palavras. Supúnhamos, no entanto, que ainda mais nos poderia dizer. Não nos enganámos. Embora o filho do grande orador expansivo seja naturalmente reservado, de boa vontade acedeu ao convite de responder a algumas perguntas sobre a canversão do pai e, incidentalmente, quase sem dar por isso, sobre a sua própria conversão.

António Pereira Dias de Magalhães, S. I.

http://www.obrascatolicas.com/

Leonardo Coimbra

tificação do esplendor humano do Pontificado. Bastantes vezes tocava nas questões vulgares, digamos, de plano imediato, como a Inquisição. Meu pai conservava uma atitude sacerdotal de orientação.

— Parece-lhe, portanto, que seu pai há muito aderira à Fé Católica?

— Pelo menos dois anos antes de se abeirar dos sacramentos.

— Eu julgo que até há mais tempo.

— Talvez. Mas não quero exorbitar do que presenciei. Pretendo dar-lhe apenas o meu testemunho directo.

— Tem razão, Leonardo. Foi o que lhe pedi e é o que tem mais valor. Perdoe-me agora uma pergunta. Não estava no programa, mas não resisto a fazer-lha. Vejo, pelo que me diz, que seu pai influiu na sua conversão, ao menos esclarecendo-lhe dúvidas.

— E, directamente, pouco mais. Nunca me falou em conversão. Só teria contribuído outro costume querido de meu pai. Ele gostava muito de ler em voz alta, e, também ainda em Matosinhos, nas tardes de domingo, lia comigo, comentando-o, o Novo Testamento.

— De modo que assim, juntamente, se foram aproximando de Jesus Cristo?

— Engana-se. Não fomos juntos.

— Interrompeu-se o diálogo?!

— A minha doença é que me distanciou ou aproximou de meu pai.

— Como?

— Obrigou-me a ir para Pascoais, e foi aí, nos últi-

http://www.obrascatolicas.com/

mos dois meses que precederam a morte de meu pai, que se deu, na realidade, a minha conversão.

— É curioso! Em Pascoais! E o dono da casa não teve a intuição do que lhe ia na alma? Ele andaria, então, com S. Jerónimo.

— Também S. Jerónimo me fez companhia. Li-lhe a biografia e as Cartas, li S.to Agostinho e o Novo Testamento. Foram dois meses de quase retiro espiritual. Quando meu pai aparecia, em Amarante, propunha-lhe as minhas dificuldades. Durante este tempo falei com ele quase sempre e só de religião. Uma vez, por exemplo, surgiu-me um dúvida: se Cristo possuía personalidade antes da Incarnação; e logo meu pai me respondeu com as palavras do mesmo Cristo no Evangelho: «Antes de Abraão ser, eu era». Ao deixar a casa de Pascoais, vinha cristão de desejo.

— Comunicou a seu pai esse estado de espírito?

— Comuniquei. Disse-me que ia chamar o santo Doutor Cruz para se confessar, e que, nessa altura, eu receberia o baptismo. Como vê, deu-se pura coincidência nos nossos caminhos para Jesus Cristo.

— Imagino a sua alegria em recebê-lo nesse momento.

— Ainda lembrado das cebolas do Egipto, eu não queria baptizar-me imediatamente. Queria — talvez fosse uma ilusão — preparar-me com demora. Mas, chegou o Doutor Cruz. Meu pai falou-lhe da minha indecisão e fui tangido violentamente.

— Suave violência. Julga que seu pai teria de fazer algum sacrifício intelectual nesta altura?

http://www.obrascatolicas.com/

— Não. A sua inteligência já há muito, repito, aceitara plenamente a Fé.

— Por que diferira tanto os Sacramentos?

— Não me pergunte a razão do mistério da graça. Só lhe digo que, muito antes, numa noite de Verão, foi comigo, no automóvel de um discípulo, a casa de um sacerdote. Meu pai entrou e nós ficamos no carro. Veio diferente. Calado. Mais tarde me disse alguém que meu pai saíra de casa com a resolução de confessar-se.

— Seu pai manifestou-lhe alguma vez como esperava reagissem perante a conversão?

— Tenho vaga reminiscência de que estava convencido de lhe acarretar situação precária, num meio hostil.

— Não esperaria que os católicos o recebessem de braços abertos?

— Jesus Cristo, sim, que o levou para o Céu. Vejo, na sua conversão e na sua morte, a mão de Deus a preparar-lhe a maneira melhor de entrar na Eternidade. Poupou-o à conspiração do silêncio e do desinteresse.

— E da má língua. Infelizmente, havia católicos, que não acreditavam na sua sinceridade. Ou melhor, não acreditavam na omnipotência da graça divina.

— Meu pai tinha a sensação de passar de zona quente para zona fria. Humanamente falando, a sua conversão constituía sacrifício sem recompensa.

— Teria seu pai algum projecto novo?

— Meu pai continuaria a missão doutrinária que estava realizando. Plano concreto, especial, apenas conheço um. No mesmo dia em que recebeu a Jesus, sentou-se na

http://www.obrascatolicas.com/

minha cama de doente e disse-me que ia escrever um livro sobre Jesus, depois de ir comigo à Terra Santa.

— E foi à *Terra Santa*...

— Mas não me levou consigo.

— Talvez para que o filho escrevesse o livro que o pai teria escrito.

Depois destas palavras, vamos colher alguns passos das obras de Leonardo Coimbra, que nos indiquem a trajectória do seu espírito até ao momento da conversão total.

Já em O Criacionismo *há muitas páginas em que estremece religiosamente a alma do autor, embora o Deus e a religião, que se apresentam, surjam contaminados dos erros do sistema.*

Em A Alegria, a Dor e a Graça, *ainda Leonardo Coimbra se encontra distante da visão católica da vida. No entanto, aparecem já, nítidas, algumas constantes do seu pensamento, que, nas obras futuras, serão renovadamente tratadas, com clarificação progressiva, à medida que a vida e a inteligência do filósofo forem tomando maior contacto, em fidelidade crescente, com a doutrina católica.*

Damos, sem comentário, alguns passos densos e significativos:

«Se, com D. Quixote, corremos a aventura do Espírito, andamos pelo mundo a proteger os órfãos, a estremecer os humildes, a endireitar as veredas da justiça, a levantar os corações descrentes, sabemos donde vem o vento do Mistério, que ocultos segredos murmura ou sibila de encontro à nossa fronte.

http://www.obrascatolicas.com/

E se, conscientes Quixotes, subimos a montanha desolada da dúvida, o vento, que lá em cima perpassa em heróicas rajadas sobre as nossas frontes pensativas, grita e clama, aos nossos ouvidos, entusiásticos triunfos, latejantes *péans* de glória.

.....

É que mergulhamos no ilimitado oceano do ser, que nos toma e electriza e impele.

.....

Se o homem se põe a escutar o coração que alimenta os mundos, a propulsão do seu sangue arremessa a própria vida no ritmo da vida universal.

O homem atravessa a vida, numa tensão de heroísmo, de vontade de alma significativa e real.

O mundo é opaco para a luz que vai espalhando; e o homem sofre, teima, vê-se isolado e possìvelmente iludido.

Cavaleiro de triste figura vai, na humildade do planeta, afirmando o absoluto da consciência, da lealdade, da conservação espiritual; e, num dado momento, repara que a sua luz persiste, sem que as trevas do Espaço a possam estrangular.

Donde vem o alimento da sua luz?

.....

É o *ser*, que o embebe e penetra; e, como as linhas de força que obrigam a agulha têm a directriz polar, o ser que o enche, a opulência do ser, que o inebria e engrandece, marca a presença duma consciência tão alta que nem uma suspensão carece para nos exaltar e subir permanentemente.

Não estamos nós a ver, para além do D. Quichote, a

http://www.obrascatolicas.com/

alma humana, louca de ideal, faminta de substância eterna, impelindo-o constantemente?

.....

Essa fonte inesgotável de heroísmo moral, essa continuidada de sempre excedidas acções meritórias *é a resposta do Ser à nossa atitude quixotesca dentro da vida.*

.....

A dúvida e a obstinação, apesar de tudo, são o mais seguro caminho da esperança.

.....

«Il faut parier...» por Deus ou contra Deus, pelo significado ou pela insensatez do mundo. A tremenda disjunção, que Pascal põe diante do homem planetário, é, com efeito, a mais profunda, bela e dolorosa manifestação da tragédia da consciência.

Parece que, ao erguer-se das profundidades da alma o formidável dilema, o Invisível nos dirige, de frente, uma brusca e terrível intimação.

Homem, decide-te; é a ti, ao teu obstinado proselitismo, que, porventura, cumpre dar valor ao Universo.

.....

Apostamos; e de toda a força do desejo, de todo o impulso da vontade, trabalhamos por *ganhar* a aposta.

Afirmamos; e, dobrados num heróico esforço criador, dentro de nós ressoa e palpita a plenitude do *ser* moral, que nos invade e exalta.

E temos, então, a volúpia da dor; mergulhadores do sofrimento sabemos quanto valem as pérolas do Abismo.

A todo o prumo da angústia, da miséria, da desolação e desgraça, queremos precipitar a vontade do nosso amor.

http://www.obrascatolicas.com/

Ébrios de heroísmo queremos ser o astro precipitado, que, atravessando todas as opacidades, as deixe, em chamas, iluminando o Espaço.

O clarão imenso, que, no meio da Noite, toma e incendeia todo o céu, seja o nosso coração ardente!

Quixotes, abrasados de sonho, o mal, a dor e a morte são o nosso alimento, os ingredientes com que a nossa alquimia fabrica o amor, a esperança e a vida.

.....

Na fácil abstracção duma vida sem arestas não há que *apostar*, é mesmo o tédio, insignificância da própria vida, que se encarrega de escolher, sem que a melhor parte da alma seja chamada à luta, à essência viva do drama.

.....

Por mim, nunca tive tanta vontade de afirmação espiritual, nunca de tão fremente impulso tendi para um consciente e obstinado quixotismo, como depois que um filho me adoece e morre, quando ergo, no primeiro livro, a melancólica afirmação do meu optimismo.

.....

A Dor leva ao maior conhecimento, porque obriga a uma indagação em todas as direcções e sem repouso, porque torna sensíveis os mínimos laços, porque é a penetração da alma através do cosmos, como raízes famintas estalando os penedos, que, de boa e desejada terra, as estão separando.

.....a Dor é comovida e transcendente: é um amoroso recurso às profundidades do abismo, um inclinar de atenção para todas as forças ocultas, um paroxismo de metafísico amparo.....

http://www.obrascatolicas.com/

.....

Nunca uma grande alma se sentiu desgraçada no meio da Dor.

.....

Há quem, com o pretexto de amar a vida, dê ao paganismo a superioridade da Alegria sobre o cristianismo como religião de Dor.

Nem é outro o motivo das teorias de Nietzsche. Sim; o cristianismo é a grande religião da Dor.

.....

Se o paganismo vibra de infantil Alegria naturalista, o Cristianismo é a Alegria reconquistada, o sol depois da tempestade, a dignidade e certeza da vida, de olhos abertos e atentos na face da morte.

A Dor é o caminho da redenção.

.....

Eu também acredito que Jesus veio em testemunho de Deus, e, por isso mesmo sofreu como ninguém, sondou a Dor até àquele ponto onde ela se transfigura em imortal Alegria.

.....

O que há de mais sublime na vida de Cristo é a nova harmonia, que realiza dentro da Dor.

Antes dele houve uma vida ideal de proporção e harmonia, mas dentro da clara alegria de viver.

Só ele conseguiu a tranquilidade na Dor, a beleza na tragédia; fundir o sublime na harmonia do belo.

Percorreu todo o ciclo da Dor, mas com tanta liberdade que os seus gemidos caminham a sorrir para as nossas almas .....

http://www.obrascatolicas.com/

.....o seu passo é seguro desde o princípio, ele leva, em si, a frescura da fonte original.

O nosso quixotismo é heróico, sobressaltado. Jesus é sereno, porque o seu heroísmo leva desde o início a certeza da vitória.

.....

Uma vida houve... que resumiu, em si, toda a beleza do Universo, todo o significado transcendente da quantidade, do movimento e do Ser, todo o heroísmo e astral pensamento da alma, toda a comunicabilidade espontânea e todo o amor atento.

Foi Cristo.

.....

A harmonia, a proporção, o ajustamento natural, vivo e flexível das intenções e dos actos...; a continuidade duma vida abraçando todas as pequenas vidas; a perfeita humildade, compreendendo o nada das ambições e vaidades terrenas, essa ordem transcendente e livre só pode provir duma Unidade plena, duma alma colocada no foco da Realidade, ali, onde os raios do Amor, unam todos os seres.

Essa unidade é a consciência de Cristo.

.....

A distância entre o real e o ideal... não existe para um ideal que é a própria consciência da mais absoluta realidade, da completa penetração, da inteira compreensão do Universo. Isto é já muito para indicar que a essência do Cristianismo é a própria alma da existência cósmica; é terminante para mostrar a impossibilidade literária da figura de Cristo como ideal concebido a que se ajustasse a realidade vivida.

http://www.obrascatolicas.com/

Depois, a vida de Cristo é absolutamente cheia de imprevistos nos mais ocultos detalhes, repassada de acontecimentos da aparente fraqueza, que o papel heróico de personagem concebido como Deus não comportava. Como das mais altas montanhas, surge o sol, ainda mais alto, a reverberar-se na neve, que as cobre, dos evangelhos levanta-se um vulto, que os excede, e, de cuja luz, as suas páginas refulgem.

É a figura de Cristo.

.....

A personalidade de Cristo revela a sua essência naquele ponto central da sua vida e do seu pensamento, em que através do finito e do temporal transparece o infinito e o eterno.

.....

Cristo é o novo vidente que olhou o infinito através da alma do homem.

Até aí, aqueles, que, para além dum feliz equilíbrio entre a alma e o mundo exterior, tinham tentado o abismo, foram mergulhadores perdidos no insondável.

Voltavam de olhos desorbitados, em paroxismos esquilianos.

Jesus não é o mergulhador lançado ao abismo; olha e a madrugada do seu olhar clareia a alma em suave, enternecido e ilimitado azul.

.....

É a única alma dada ao nosso conhecimento, que não esmaga o homem com o mundo, nem suprime o mundo pela aparição do homem.

http://www.obrascatolicas.com/

.....alma e... mundo não são inimigos, não se combatem.

São a liberdade na comunicação, isto é, o esforço activo, o mérito, o drama existencial.

.....

Cristo é, pois, a verdadeira fonte da civilização... a espiritualização do planeta pelas obras do nosso amor».

Assim pensava Leonardo Coimbra em 1916. É já muito o que nos diz de Cristo, mas quando pensássemos que o reconhecia como Deus pessoal, enganar-nos-íamos. O Cristo de Leonardo não se distingue ainda do Cristo criacionista.

«É divino?» — *pergunta. E a sua própria resposta exprime-se em nova interrogação, que supõe, por isso mesmo, talvez já dubitativamente, a concepção do seu sistema filosófico.* — «Pois não o somos todos no momento em que palpitamos o ritmo universal, em que temos a clara consciência da unidade dramática, em que estamos em religioso acordo com o sentido do Universo?»

No dia de Páscoa de 1923, publicou «O Primeiro de Janeiro» um longo artigo de Leonardo Coimbra, intitulado Jesus, *impresso em volume poucos dias depois. Leonardo tinha caminhado muito. Este livro é o poema da sua alegria no reencontro da sua fé em Cristo. Canta a criação e a queda. Acompanha o homem na* Saudade do Exílio *e extasia-se perante a* Vinda de Cristo, *meditando a* Verdade, *a* Beleza *e a* Bondade *do Verbo feito carne.*

Retornam muitas ideias de A Alegria, a Dor e a

http://www.obrascatolicas.com/

Graça, *em maior aprofundamento e acordo com a Verdade Católica. O pensamento não se enevoa já em indecisões tacteantes, por vezes, confrangedoras. Mas a Igreja ainda não aparece. Nem a Igreja nem a Eucaristia. Quando, falando da Bondade de Cristo, se refere ou se devia esperar que se referisse ao Sacramento do Amor, com magoado espanto, lemos apenas estas contidas palavras:*

«Acabada a Ceia, tomando em seu peito, aberto em imensa chaga piedosa, todo o sofrimento humano, carregando em seus ombros o peso de todo o opróbrio e vergonha das almas, enegrecendo a sua alma da noite de todos os desafectos, abandonos e solidões, vai à herdade de Getsemani dar-se ao mais formidável Vendaval de Dor, que jamais açoitou um coração.

Numa só alma o Oceano das almas e, nesse mar, o Vento de todas as dores erguendo o amargo tumultuar das ondas.

É o mais alto momento da sua humanidade, é em Getsemani que todas as trevas refluem ao seu amor para se iluminarem.

Da Terra ao Céu abre-se um branco caminho de luar dorido...

Como que ouvimos o cair das trevas no abismo da sua alma, como que vemos uma ardente fornalha de amor cujo fogo estremece à nortada, ao granizo de todas as tempestades.

.....

.....Nessas humanas lágrimas dum Deus se vai diluir a Dor, as tempestades vão acalmar e, num grande

http://www.obrascatolicas.com/

arco de Glória, sobre as nossas cabeças, vai sorrir a Esperança...

A Terra e o Céu são as duas margens dum grande Oceano de Luz...

Ela vem, a Dádiva suprema; Ele passará pela Morte para a requeimar de vez ao sabor do seu coração infinito.

Sob o Gólgota, e, com palavras de paz e perdão estende seus braços aos extremos do Espaço, deixando correr um invisível sangue de amor, que vivifica tudo que a morte tinha tocado.

Expira, dando um grande brado, rasgando as trevas dos mundos e das almas, esfarrapando o véu do Templo, e pondo a arder, nas chamas do seu amor, os mais íntimos arcanos de tudo quanto existe e sofre».

Se, neste livro, Leonardo Coimbra nem sequer uma referência faz à Igreja Católica, em obra saída no mesmo ano, na qual recolhe quanto sobre Guerra Junqueiro escreveu, logo após a morte do Poeta, já se revela sincera compreensão do Catolicismo.

Neste mesmo livro se anuncia uma obra em preparação, que, infelizmente, Leonardo Coimbra não chegou a publicar: — Para os braços de Jesus? *O título, porém, elucida-nos suficientemente sobre o estado de espírito do filósofo nesse momento.*

Foi também em 1923 que Leonardo Coimbra concedeu a «O Primeiro de Janeiro» uma entrevista a que Bernardo de Vasconcelos alude na sua conferência «Do ideal cristão», *citando as próprias palavras do entrevistado:* — «Assim Leonardo Coimbra reconhecerá «que lhe resta apenas ven-

http://www.obrascatolicas.com/

cer o orgulho e fazer o seu último acto de consciência — o último e decisivo exame ao misto de trevas e luz que vive dentro de si.

Esse exame será o livro que vai escrever sobre a «Filosofia da Religião», livro que terá como último acto, ou a simples vida dum livre cristianismo sem fórmulas e sem regras (o que já lhe parece bem magra abstracção!) — ou a fé implícita, humildemente confessada aos pés dum padre...»

Também o livro aqui anunciado não chegou a ver a luz da publicidade. Creio, no entanto, que esboços ou excertos desta obra se podem considerar alguns dos seus artigos de A Águia.

Em Dezembro de 1922, houve um acto político de Leonardo Coimbra, nessa altura Ministro da Instrução Pública, que reflecte a evolução da sua consciência religiosa e não deixou de repercutir-se na própria vida íntima do pensador. O Ministro pretendia «que ao abrigo dos n.os 6, 7 e 10 do Art.º 3.º da Constituição fosse livre o ensino religioso nas escolas particulares fiscalizadas pelo Estado». *Opôs-se a maioria do parlamento. Leonardo Coimbra deixou nobremente a pasta ministerial. Quem lhe ouviu, poucos dias depois, a oração eloquentíssima, proferida nos doutoramentos* honoris causa *de Gago Coutinho e Sacadura Cabral pela Universidade do Porto, não podia deixar de perceber, sob o elogio da verdadeira ciência e dos heróicos aviadores, o irresistível desabafo do ministro cessante, fulminando o materialismo científico, na presença do seu próprio sucessor no Ministério, o biólogo Augusto Nobre,*

http://www.obrascatolicas.com/

que, na qualidade de Reitor e já Ministro, presidia à cerimónia. Contudo, ainda seria longo o caminho da conversão total de Leonardo Coimbra. A clarificação intelectual era quase perfeita. Mas o homem não é pura inteligência. Mais do que em nenhum acto humano, convergem na conversão religiosa todas as faculdades e, mais do que as faculdades, intervém a raiz do ser misteriosamente actuada pela graça divina. Na alma de Leonardo Coimbra continuou o drama. Alguns até julgariam que afrouxara, mas os íntimos sabiam que assim não era. Quem pudesse interpretar o silêncio, o próprio silêncio seria revelador. E nem tudo era silêncio. O livro publicado em 1927 — S. Francisco de Assis (Visão franciscana da Vida) *testemunha as constantes preocupações espirituais do autor cada vez mais iluminadas pelo pensamento católico. Finalmente, quando em 1934, Teixeira de Pascoais publica o «S. Paulo», Leonardo Coimbra consagra-lhe um estudo notabilíssimo, que é simultâneamente uma profunda crítica do pensamento do Poeta e, para quem souber ler e conhecer o parentesco espiritual destas duas almas, uma quase biografia espiritual do próprio Leonardo.*

Leonardo está presente como homem ao escrever:

«.....o livro é pão assimilado, é vida penetrada de infinito e não saciada precisamente porque aquele pão não foi ainda o pão eucarístico».

.....

Ao dom do seu magnífico estro está Deus exigindo superação — mais que os seus versos quer a sua alma.

E eis que o poeta se sente convidado a abrir em humildade as portas do seu castelo interior.

http://www.obrascatolicas.com/

Trabalho doloroso para todos e talvez mais para aqueles cujo castelo é maravilhosamente cercado de altas muralhas, em cujas pedras todas as flores da terra se enraízaram segurando o orvalho onde as estrelas do céu dardejam a aliciação do seu misterioso silêncio».

Leonardo tinha já avançado muito. Romeiro da Saudade, como Pascoais, pôde escrever:

«Mas esta saudade revela também o *temperamento* católico da sua mentalidade profunda, pois que o catolicismo é, já em S. Paulo e mais ainda no quarto Evangelho, a unificação da alma e do corpo, do Espírito e da matéria, desde o homem às cousas e aos mundos.

O sacramentalismo católico é a afirmação da docilidade da matéria à inteira penetração espiritualizante.

.....

A salvação da vida só pode vir da Fonte da vida, e, se esta se afastou voluntàriamente da fonte, só lhe será socorro a fonte que a envolver na névoa das suas águas e a chame até ao ponto em que a boca do manancial encontre a boca sequiosa do peregrino.»

Leonardo Coimbra encontrou por fim a Fonte da vida. Menos de um ano antes de falecer, o último livro por ele publicado, A Rússia de hoje, o Homem de Sempre *patenteia a perfeita visão católica do destino. Sobretudo no capítulo «O humanismo cristão» surgem-nos renovadas, corrigidas e ampliadas, muitas páginas de* A Alegria, a Dor e a Graça. *Depois duma significativa e aprofundante alu-*

http://www.obrascatolicas.com/

são ao quixotismo unamuniano, aproveitado já em 1916, Leonardo Coimbra aflora, mais uma vez, em mais elevado plano o problema da liberdade, do mal e da dor, para concluir, expostos vários motivos de credibilidade, pela opção pascaliana.

«A opção dará o afastamento ou a aproximação de Deus, essa última determinação de todo o seu ser inclinando-se, ao sopro da Graça, em franca abertura da alma, é a marcha, em fé e esperança, de toda a vida dada à Caridade e em seu devotado serviço.

Livremente as almas se inclinam e, como caravelas animadas de força íntima e própria, vão de velas pandas no largo mar da vida, cheias de Graça, demandando o porto e abrigo seguro, o verdadeiro oceano sem limites de praias, de altura ou profundidade — o mar da vida eterna e infinita.»

Para a total reconciliação com Deus, só lhe faltava ajoelhar-se humildemente aos pés de um Padre. No Natal de 1935, confessou-se ao Dr. Cruz, e santificou pelo sacramento do Matrimónio a união com aquela Senhora, mãe do filho muito querido, que, nesse dia, pelo baptismo, também se tornou filho de Deus. Jesus saciou esta família com o pão eucarístico. Na casa de Leonardo Coimbra entrou a salvação — a alegria e a graça. A dor não o abandonou de todo, porque o filho se encontrava gravemente enfermo. Oito dias depois, vítima de um desastre de automóvel, Leonardo partiu para a eternidade. Toldou-se no lar a alegria e a graça, mas das trevas da morte

http://www.obrascatolicas.com/

irrompeu um grande clarão de esperança e a alegria e a graça foram renascendo na certaza de vogar, no mar da vida eterna e infinita, o espírito que tão funda e dolorosamente tinha vivido, na sua inteligência e na sua sensibilidade, o problema do destino humano.

Bem se lhe podem aplicar as palavras, que ele escreveu sobre Junqueiro, no próprio momento de receber a notícia da morte do poeta:

«A Portugal deixou a beleza da sua obra, a que o tempo há-de desgastar as arestas de episódio inferior para que apenas fique o brilho sereno da sua intelignêcia de universal interesse e o calor da sua grande simpatia humana.»

http://www.obrascatolicas.com/

EPÍLOGO

É ocioso acrescentar, aos testemunhos precedentes, que poderiam multiplicar-se por milhares e milhares, um longo epílogo. Fique, porém, isto bem assente: Não há nenhuma religião que possa apresentar tão numerosos e tão notáveis convertidos como a religião católica. Acrescente-se ainda a multidão inumerável dos seus mártires. A estes mártires, que selaram a sua fé com o sangue, deve o mundo reconhecimento eterno porque «morrer pela verdade — é morrer não pela pátria, mas pelo mundo» (João Paulo, «Hesperus», 1759, vol. IV). Uma Igreja, que apresenta tantos mártires e confessores, e que, volvidos mil e novecentos anos, exerce ainda tão poderosa força atractiva, tem de ser alguma coisa mais que simples obra humana. Comparticipar da sua fé é enriquecer a própria vida, é tomar parte na sua imortalidade.

Por certo, nem a Igreja vive da boa opinião do mundo, nem perece pelo ódio do mundo. Contudo, é pena que nem todos encontrem o caminho que conduz a Ela, Mãe de todos os homens: para que Ela os leve à pátria das almas: Deus.

Por isso, a conhecida poetisa, igualmente convertida,

http://www.obrascatolicas.com/

Gertrudes von Le Fort, põe, nos seus magníficos «Hinos à Igreja» (Kösel-Pustet, ed. popular, p. 19), na boca da Santa Madre Igreja as seguintes palavras, que servirão também de encerramento a este livro:

Que me lanças em rosto, ó Mundo? Que devo ser grande como meu Pai celestial?
Olha: em mim se ajoelham povos já de há muito desaparecidos, e com a luz da minha alma glorificam ao Eterno muitos pagãos.

Eu estava secretamente nos templos de seus deuses; eu estava ocultamente nas sentenças de todos os seus sábios.
Eu estava nas torres dos seus astrólogos; e nas mulheres solitárias sobre as quais descia o Espírito.
Eu era a saudade de todos os tempos; eu era a luz de todos os tempos; eu era e sou a plenitude dos tempos.
Eu sou a sua grande confluência; eu sou a sua concordância eterna.
Eu sou o caminho de todos os seus caminhos; por mim os milénios se dirigem a DEUS.

FIM

http://www.obrascatolicas.com/

ÍNDICE

Introdução 5
Autoridade contra subjectivismo
Dr. Expedito Schmidt, o. f. m. (Alemanha) 21
Rationabile obsequium
Dr. Carlos Thieme (Alemanha) 27
Uma fé em desarmonia consigo mesma
Prof. Ernesto Roloff (Alemanha) 47
Ciência e sociedade sem fé
Dr.ª Fany Imle (Alemanha) 63
Através da história das Ordens Religiosas
Hans Carl Wendlandt (Alemanha) 73
Pelo wandervogel e as ciências da natureza
Médico Eduardo Schaeffer (Alemanha) 79
Konnersreuth
Dr. Bento Karpeles (Áustria) 93
Ditoso amor!
Irma di Lena (Suíça) 99
Como comunista perante o tribunal militar, e...
Francisca van Leer (Holanda) 105
Mação convertido
Cônsul Einar Berrum (Noruega) 117
Com a ajuda de Santa Teresinha
Leitora Antónia Tiberg (Noruega) 127
Bocácio como inspirador da fé
Nils E. Santesson (Suécia) 139
Do Homem ideal, Cristo, ao Homem-Deus
Sigrid Swanbom (Suécia) 145

http://www.obrascatolicas.com/

O sudário de Turim
P.e Jacob Olrik (Dinamarca) 149
Pobreza e caridade fraterna dos Franciscanos
Baronesa Érica Rosenörn-Lehn (Dinamarca) 155
O que pròpriamente me deveria ter afastado
Gilberto Keith Chersterton (Inglaterra) 161
Fracasso prático do anglicanismo
Rev. Owen Francis Dudley (Inglaterra) 171
O caminho dos «anglo-católicos»
A. R. Burges-Bayly (Inglaterra) 191
Desejo do verdadeiro sacrifício da Missa
Mac Farlane-Barbow (Escócia) 201
O beco sem saída da incredulidade
Professor Dr. W. P. Stockley (Irlanda) 209
O encontro com a liturgia
João Moody (Estados Unidos) 217
Da sinagoga ao verdadeiro Messias
Rosália Mari. Levy (Estados Unidos) 223
«Anshin Ritsumei» a perfeita harmonia da alma
Takizaki San (Estados Unidos) 231
Um negro campeão
Raúl H. Metcalfe (Estados Unidos) 235
...E um profissional de futebol
Knute Rochne (Estados Unidos) 239
Do racionalismo à fé dos milagres
Dr. Sam Atkinson (Canadá) 241
Na mão de Deus
Paulo Claudel (França) 253
Uma amizade de poetas e um auxílio na miséria espiritual
Francisco Jammes (França) 263
O secretário geral dos comunistas espanhóis
Henrique Matorras (Espanha) 267
Religião — através do amor pátrio
Ramiro de Maetzu (Espanha) 277
Quando temos de deixar aquilo que mais amamos
Prof. Dr. Everardo Backeuser (Brasil) 293

http://www.obrascatolicas.com/

Isolamento e leitura da Bíblia
Ema Dessewffy (Hungria) 307
O mau fim da Igreja estadual
Prof. Dr. Ivan Puzyna (Rússia) 311
A história da Igreja nacional
Príncipe Dimitri Galitzin (Rússia). 325
Convertido do relativismo, pela vida
Professor Dr. Paulo Tokaro Tanaka (Japão) 333
Modelo de auto-domínio
Contra-almirante S. Shinjiro Yamamoto (Japão) . . . 341
Atraída pela assistência aos leprosos
Uma rapariga japonesa (Japão) 347
Por amor de um fim seguro
Coronel Chang P'ei Fu (China) 353
Por sobre o racionalismo para o conceito do infinito
L. M. Balasubrahmaniam, S. I. (Índia) 357
Superstição hindu ou culto de Homem-Deus?
Brahmchari Rewachand Animananda (Índia) 367
Um membro separado deixa de ter vida
J. Estêvão Narayan (Ceilão) 375
Não Igrejas, mas Igreja
Rodolfo A. Mndaweni (África) 385
Do criacionismo à fé
Leonardo Coimbra (Portugal) 391
Epílogo 411

http://www.obrascatolicas.com/

Rui Pinto da Silva Sieczkowski

16. O Mandamento difícil
por *C.C. Martindale, S. J.*
106 págs. — 12$50

17. A Propósito do Evangelho
por *G. Hoornaert, S.J.*
551 págs. — 35$00

18. Três homens para a nossa época
por *Félix Chiappini*
349 págs. — 25$00

19. Em face do dever
por *G. Hoornaert, S. J.*
560 págs. — 35$00

20 Nó de víboras
por *F. Mauriac*
258 págs. — 20$00

21. Santo Agostinho
por *Giovanni Papini*
326 págs. — 25$00

22. Richelieu
por *Hilário Belloc*
400 págs. — 30$00

23. As grandes teses da Filosofia Tomista
por *A.-D. Sertillanges*
343 págs. — 30$00

24/25. Deontologia Médica
por *F. Peiró, S. J.*
472 págs. — 40$00

26. Essência do Corporativismo em Portugal
por *Henrique Marques*
(2.ª edição)
342 págs. — 30$00

27. O Valor teológico da Liturgia
por *Manuel Pinto, S. J.*

A publicar:

Juventude de hoje e Castidade
por *G. Kelly, S. J.*

Em face do dever
II Volume
por *G. Hoornaert, S. J.*

Homens ao encontro de Cristo
por *Don Giovanni Rossi*

http://www.obrascatolicas.com/

COLECÇÃO «CRITÉRIO»

Ut Luceant

Preço: 35$00

LIVRARIA CRUZ

http://www.obrascatolicas.com/